O EVANGELHO DE FILIPE, O DIÁCONO

Frederick Bligh Bond

Pela mão de Hester Dowden

Tradução: Amadeu António

Frederick Bligh Bond [1864-1945]

Afirmando ser uma reconstrução do documento original queimado em Atenas por volta da época da missão de Filipe (cerca do ano 36-40 d.C.), através da evocação das Memórias Espirituais do Passado que sempre persistem, e estão disponíveis à simpatia mental.

Recebido por
Frederick Bligh Bond pela mão de HESTER DOWDEN
[1868-1949]

PRIMEIRA EDIÇÃO COMPLETA

Incluindo o relato da Sagrada Natividade, da Constelação Messiânica, da Paixão e da Ressurreição de Cristo, dos Dons Pentecostais e da história do Sangreal, a única Relíquia pessoal do Mestre ainda existente na Terra.

Com Nove Apêndices

Duas pessoas deste lado do véu, e mais seis nas esferas de personalidade libertada, ajudaram, juntamente com Filipe, a formar um grupo de nove associados na transmissão.

INTRODUÇÃO

Esta obra é apresentada ao público leitor puramente como literatura, confiando inteiramente nos seus méritos intrínsecos enquanto narrativa e probabilidade enquanto relato, dado com grande detalhe, do nascimento, missão e morte do grande Profeta da Cristandade, Jesus de Nazaré, o Messias predito nas escrituras sagradas de Israel. O conteúdo doutrinal que contém fornecerá ao estudante um critério adicional da sua fiabilidade.

O leitor é livre de ignorar, se assim preferir, qualquer reivindicação prévia de autenticidade que o próprio documento possa sugerir, sendo preferível que forme, neste respeito, uma opinião completamente imparcial. Assim, poderá considerar se a natureza do conteúdo e o seu tratamento não constituirão, por si só, uma prova de que a obra encerra de facto as verdadeiras memórias e impressões de alguém que viveu no tempo de Jesus e testemunhou muito do que Ele ensinou e fez.

A obra não é uma tradução, como a sua leitura facilmente demonstrará. É uma adaptação em inglês corrente, com certa tonalidade ‘bíblica’, de uma narrativa que pretende vir diretamente da fonte original; obtida por um método de recuperação que, embora ainda pouco familiar à maioria dos estudiosos, está agora a ganhar crescente atenção em círculos dedicados à investigação psicológica. É, de facto, o fruto de uma experiência sustentada e séria de

evocação de memórias passadas através dos canais subconscientes da mente do vivo, e pelo uso involuntário da mão.

De onde, então, vem o inglês bíblico em que o Evangelho de Filipe está redigido? Não podemos responder com certeza: pois o escriba é anónimo e apenas nos é conhecido como um dos membros de um grupo encarregado de traduzir tais documentos para a nossa língua materna, num enquadramento de palavras considerado adequado à natureza do assunto, realçando o seu carácter especial enquanto registo de um evangelista cristão. Supondo que os factos apresentados são verdadeiros, pareceria ser obra de alguém que viveu há cerca de dois séculos; mas há uma fusão de influências no carácter literário e parece-nos detetar a mão de mais de um intermediário na interpretação e expressão do pensamento de Filipe.

A obra é recebida em manuscrito claro e legível, sendo sempre necessária a presença de duas pessoas, uma delas o verdadeiro amanuense, para a realização da tarefa. Desde a primeira transcrição, passando por três fases sucessivas de revisão, a obra demorou pouco mais de dois anos e meio a evoluir até ao estado de relativa perfeição como narrativa em prosa harmoniosa que agora apresenta. Não é perfeita: pois as condições da sua transmissão tornam impraticável qualquer aproximação à perfeição final; mas é, pelo menos, uma tentativa honesta e conscienciosa de trazer à luz a melhor versão possível da mente e intenção de Filipe, que, no nosso estado atual de conhecimento e prática, é exequível para os envolvidos na tarefa.

O Evangelho de Filipe é aqui publicado na sua totalidade pela primeira vez. Uma pequena parte (abrangendo as Secções I, IV e V) foi publicada em forma de série numa revista semanal inglesa, tendo sido depois reimpressa numa edição limitada e distribuída a um pequeno grupo de interessados. A obra chegou às mãos de um eminente estudioso, o Rev. W. O. E. Oesterley, D.D., capelão examinador do Bispo de Londres, que a comentou favoravelmente. Foi também objeto de uma interessante crítica pelo principal jornal da Igreja inglesa, o ‘Guardian’, cujo crítico, escrevendo na edição de 24 de Dezembro de 1925, sob o título ‘Tradição Subconsciente’, diz:

“Numa breve introdução, afirma-se que este escrito pretende ser um registo da ‘Árvore da Memória’, que perdura apesar da destruição do registo material. Afirma ser inspirado pelo próprio Filipe (isto é, Filipe o Diácono de Atos vi. 5.) e transmitido através de intermediários, escribas ou registadores, cuja tarefa é traduzir os pensamentos e imagens mentais de Filipe em ideias e termos familiares à mente inglesa moderna e, por isso, acessíveis para nós...

Entre os vivos existe por vezes uma misteriosa intercomunicação entre mentes sintonizadas entre si: e se acreditarmos na vida para além da morte e na continuação da identidade pessoal como independente do tempo e do espaço, não parece haver necessariamente qualquer razão prévia para que tal

intercomunicação não ocorra simplesmente porque uma das duas mentes sintonizadas deixou de estar presa à carne. Por isso, lemos este livro com uma mente aberta e sem preconceitos... O primeiro aspeto que nos impressiona é o espírito de reverência e fé sincera que percorre toda a obra. Apesar de haver passagens ambíguas, há uma forte ênfase em alguns dos fundamentos da fé cristã: a singularidade do modo do nascimento de Cristo, a sua dupla natureza, a Santíssima Trindade. O seu carácter é, portanto, totalmente diferente do que teria de ser o Evangelho gnóstico 'forjado em nome de Filipe, o santo apóstolo', mencionado e citado por Epifânio (Haer. xxvi 13.)

"Também nos chama a atenção a ausência de extravagâncias que abundam nos evangelhos apócrifos existentes. Até onde pudemos verificar, não existem quaisquer paralelos entre estes e o livro em questão... Há muito no livro que nos impressiona; outras coisas suscitam o nosso ceticismo; a forma, por exemplo, como a doutrina da Trindade é tratada, é muito difícil de conciliar com um documento primitivo*. O livro apresenta, sem dúvida, um fenómeno interessante; pois, seja o que afirma ser, seja a sua origem outra, é uma produção notável – reverente, ortodoxa, edificante e decididamente instrutiva; ainda assim, nem sempre convincente."

Esta crítica é muito razoavelmente respondida pela certeza de que, no período apostólico, a doutrina da Santíssima Trindade nunca era explicada ao catecúmeno ou novo convertido, mas era reservada, juntamente com outros mistérios da Fé, para a instrução oral do discípulo avançado.

A opinião do crítico do Guardian parece, sem dúvida, justificar um espírito confiante, pelo menos na apresentação das partes da obra que analisou, não só para o leitor comum, que poderá sentir que há algo na obra que merecerá a sua atenção, mas também para o vasto conjunto de homens e mulheres pertencentes às várias denominações religiosas que procuram sinceramente esclarecimento sobre problemas bíblicos e interpretações mais amplas de assuntos ignorados ou apenas superficialmente abordados nos quatro evangelhos canónicos.

Quer tais leitores aceitem ou não o relato de Filipe sobre a Natividade, os Milagres, a natureza do Messias, a Paixão ou a Ressurreição de Cristo, com o seu relato extraordinário das atividades de Jesus após a ressurreição, no corpo subtil ou 'espiritual', ficarão pelo menos impressionados com a vitalidade e coerência de toda a narrativa e o seu valor na reconciliação de muitas das nossas dificuldades intelectuais atuais com as crenças tradicionais do Cristianismo.

Há elementos novos e surpreendentes no relato e, entre eles, talvez o mais espantoso, e certamente um dos mais belos, é o entrelaçar da lenda do Sangreal com o esquema da revelação cristã. Este tema foi objeto de um Apêndice especial e, por isso, não será aqui desenvolvido.

Algumas palavras sobre a génese do Evangelho na forma em que agora é apresentado talvez não sejam despropositadas. Estava longe do pensamento de qualquer das pessoas envolvidas procurar a restauração deste registo perdido. Na verdade, desconheciam até que tal relato alguma vez existira. A evocação do Evangelho foi oferecida, de forma totalmente inesperada, no decurso de uma série de sessões experimentais destinadas à recuperação de dados históricos sobre a primeira missão cristã à Bretanha nos tempos apostólicos.

Estas, por sua vez, sucederam-se a outras em que se narrava a história posterior da igreja-mãe do povo de língua inglesa em Glastonbury. Os primeiros destes escritos estavam mais diretamente ligados a certas memórias das glórias esquecidas dos edifícios monásticos há muito perdidos e mergulhados no esquecimento.

As primeiras memórias evocadas foram as do século XVI. Foram oferecidos detalhes da localização, dimensões e carácter arquitetónico de duas capelas desaparecidas e, para espanto dos antiquários, os alicerces de ambas foram descobertos por escavação, provando que os escritos eram verídicos nos pormenores e que as memórias se revelavam de uma precisão surpreendente.* Seguiu-se, por outra mão, uma segunda série de revelações relativas às obras do século XII.

Estas, novamente, conduziram a descobertas arqueológicas.** Tendo assim fornecido, por assim dizer, uma prova material suficiente da sua exatidão, as comunicações passaram a assumir uma forma em parte histórica e em parte filosófica. Estudos biográficos sobre grandes figuras da Igreja inglesa são apresentados numa forma literária muito perfeita. Daí, as comunicações recuam ainda mais alguns séculos, até essas épocas obscuras em que faltam registos históricos, iluminadas apenas pela ténue luz da lenda e da tradição. E finalmente emergimos de novo para a aurora dessa grande era de atividade apostólica e subapostólica que lançou os alicerces da nossa civilização ocidental, levando a luz acesa na Palestina até aos confins do Ocidente.

Ver ‘The Gate of Remembrance’, de F. Bligh Bond-Blackwell Oxford.
‘The Company of Avalon’, do mesmo autor.

Ao longo destes escritos sempre existiu um plano, agora evidente, mas que só lentamente se revelou, de nos transmitir a verdade de que, no grande Desígnio subjacente à revelação cristã, a Luz deveria viajar do Oriente para o Ocidente, e que, nos últimos dias, o grande foco evangelizador se encontraria numa nação ou grupo de nações situadas na orla noroeste do mundo conhecido. E o Evangelho de Filipe proclama-se, na sua forma restaurada e adaptada, como uma mensagem para o povo de língua inglesa, numa época de perplexidade espiritual.

Capítulo I

O HOMEM NUNCA LEU o meu relato sobre o meu Mestre mais sagrado. O manuscrito em que a minha história foi escrita foi queimado em Atenas; mas posso restaurá-lo e fá-lo-ei de boa vontade. Muito me alegrarei por enviar o relato ao mundo. Sei que chegou o momento de restaurar aqueles que duvidam. Então, com prazer, vos darei tudo o que sei: mas primeiro, a minha história deve ser contada.

Filho de um homem muito letrado na lei era eu: muito ricos os meus pais; e vivi uma vida que mais tarde aprendi a considerar com horror. Nos meus dias de juventude, era vão e ocioso; um rapaz que mal conseguia apreender os ensinamentos; e era indolente—amante da comida e do vinho, e de uma vida mole e farta. Digo isto para que possam compreender e perceber o que depois foi operado em mim. Nos meus anos tenros, era caprichoso e não ligava aos ensinamentos do meu pai; nem gostava de rezar.

Fiquei verdadeiramente desgostoso quando fui levado ao Templo. Não sentia necessidade de Deus nem dos meus bons mestres; e só me importava com jogos e tolices. Assim eram os meus primeiros dias.

Quando atingi aquela idade em que os jovens costumam procurar o amor de uma mulher, um dia fui ao mercado. Entre o povo, vagueei de um lado para o outro, observando os seus modos e fala, e ria-me por simples tolice e pelo gosto de fazer piadas fúteis.

E eis que! diante de mim apareceu Alguém que nunca antes vira: um homem alto e imponente, vestido com uma túnica pobre; e na mão trazia um chicote de cordas: duras e bem apertadas. Era moreno, alto e vigoroso: como um grande rei, mantinha a cabeça orgulhosamente erguida. No rosto não trazia sorriso: pois estava cheio de indignação.

Seguia-o uma multidão de homens: pobres eram eles;—andrajosas as suas vestes. Não me lançou sequer um olhar, mas falou alto para todo o mercado:

"ESTA É UMA GERAÇÃO", disse Ele, "DE MALDADE. O CÂNTICO DO SENHOR MORREU NOS LÁBIOS DO SEU POVO E, EM SEU LUGAR, PALAVRAS VIS E PENSAMENTOS MAIS VIS AINDA ESCURECEM TODAS AS MENTES DESTA MINHA TERRA. DESPERTAI-VOS!", disse Ele, "ERGUEI-VOS E OUVI A MINHA VOZ, POIS ENVIAREI UM SOM POR TODA ESTA TERRA COMO NUNCA OUTRO FOI OUVIDO."

Perguntei: 'Quem era este homem que falava com tanta ousadia e autoridade?' Disseram-me que era Jesus, o filho de Maria de Belém, e que se apresentava como o profeta do Deus Altíssimo. Este foi, assim, o meu primeiro encontro com o meu Mestre.

Perguntei onde habitava: não tinha casa. Disseram-me que vagueava sem lar nem local fixo, pedindo caminho e alimento. Era um homem assinalado pelos homens de autoridade, que receavam que Ele viesse a causar distúrbios nas mentes dos habitantes da Judeia. Diziam que caminhava, de sandálias nos pés, ajudando os pobres e os doentes, e pregando ao povo. E, por vezes, era perseguido; e, por vezes, ficava sem ser visto durante muitos dias.

Os seus seguidores não eram homens instruídos. Eram gente humilde, vinda dos mais baixos estratos do povo. Estes nunca sabiam para onde Ele ia; pois Ele desaparecia da sua companhia durante vários dias e, de repente, voltava a aparecer: e nunca permitia que lhe fosse feita qualquer pergunta.

Falei já do tempo em que vi este homem expulsar do mercado os que ali vendiam e compravam. Quando os meus olhos pousaram sobre Ele, estava irado, e o medo quase me dominou. Agora vos contarei aquele estranho sentimento que primeiro me atraiu até Ele.

Já vos falei da minha vida antes desse momento e sabeis que eu era como os outros homens: gostava dos prazeres que dão alegria à juventude. Não temia a morte, como alguns temem, pois assim não são os da minha terra. Mas sobre a vida depois da morte, nunca pensei; nem temia o Deus de que se falava na Judeia – o Jeová do povo judeu.

A visão do Cristo foi, para mim, como uma vida nova que surgia, de repente, na antiga. Todos os pensamentos, crenças e prazeres daquela vida que precedeu o meu encontro com Ele tornaram-se, para mim, meras sombras perante a substância da Vida que veio depois. O Cristo, ainda que não chamasse ninguém senão com um gesto ou uma palavra, chamava, ainda assim, todos aqueles que cruzavam o seu caminho com outros significados. A voz de Jesus era como um sino, de tom profundo e claro; e nenhuma palavra proferia sem que carregasse um significado pleno.

Pensais n'Ele como alguém tão terno como uma mulher. Pensais bem; mas deveis também saber que falava a todos com autoridade, sendo familiar com nenhum, nem mesmo com João, o seu discípulo mais querido. Não era com palavras que Ele chamava aqueles que o seguiam em multidão. Mas chamava com o seu todo: com o corpo, que era o de um rei ou conquistador; com a alma, que era doce e terna como só uma mulher pode ser, mas que possuía, ainda assim, uma força nunca antes vista numa alma; e por fim, era sobretudo pelo Espírito que Ele chamava mais intensamente.

O Espírito falava através de Jesus e obrigava aqueles que se aproximavam a vê-lo através d'Ele. Podeis considerar estranhas estas minhas palavras, mas assim vos falo porque de ninguém recebestes verdadeiro conhecimento do Cristo como Ele de facto era; e quero que compreendais bem isto antes de prosseguir.

Fiquei no mercado a observar este homem que, ainda que cheio de ira, não proferia palavra má contra quem o rodeava. Fiquei a olhar para Ele, sabendo que era de facto o profeta de quem se dizia que continuava a obra de João. Sabeis que, depois de João ter sido morto, havia na Judeia um sentimento de que tal servisse de aviso a outros e de que nenhum profeta que surgisse em seu lugar conseguiria manter-se junto ao povo. Recordai que o Cristo pregava na Galileia, terra onde pouco se vigiava os que quebravam as leis, e onde podia circular com segurança: e os que o seguiam, embora não fossem apenas pobres e necessitados, mas também alguns abastados, podiam segui-lo livremente.

Mas em Jerusalém não era assim. Aqui, qualquer um que causasse perturbação ou alvoroço entre o povo era vigiado. Não abertamente, mas em segredo eram marcados pelos servidores dos governantes. Assim, era perigoso para Jesus entrar abertamente no Templo e expulsar aqueles que não eram impedidos pelo governo do país.

Eu, ao ver o Cristo e conhecendo bem a sua fama, não estaria disposto a juntar-me facilmente às suas ações, como podeis supor. Mas, ao vê-lo e ao olhar para o seu rosto, que me chamava das profundezas do seu ser, virei-me, deixei aqueles que estavam comigo e segui atrás d'Ele, juntando-me à multidão que o acompanhava. Digo-te, meu Irmão, que, então, desde o início, segui Jesus como quem sonha: e não voltando à minha casa ou aos meus, fui com aqueles que já corajosamente se declaravam seus discípulos.

Falarei agora, brevemente, do tempo depois que o meu Mestre morreu na cruz. Estive com os que o seguiam quando entregou o espírito a Deus. Demasiado doloroso era para mim, demasiado fraco o meu espírito, para permanecer sob aquela cruz ou assistir ao seu sofrimento. Mas, depois, quando todos aqueles dias terríveis terminaram e Ele repousava no túmulo do meu bom mestre José, eu estava com os discípulos.

Após isso, vieram dias difíceis. Fugimos perante as hostes dos nossos inimigos; eu fui para Samaria, onde comecei a pregar a palavra de Deus aos homens daquela terra, que estavam mais preparados para receber as minhas notícias do que os da minha própria terra. Ali fiquei muitos meses, seguindo os passos do meu Mestre. Pedi pão e dormi no chão, ajudando, fraco como era, os doentes e os desesperados. Assim passei o meu tempo.

Sabia que me tinha sido dado escrever sobre o que ouvira e vira: e assim escrevi. Sabia que, se muito tempo passasse, a Imagem do meu Mestre se desvaneceria da minha memória. Por isso, nas noites quentes e calmas, escrevia eu. Assim foi que a história do Santíssimo Filho de Deus pela minha humilde mão foi transmitida aos homens: pois, quando os dias são secos e sem chuva, as noites em Samaria brilham com uma luz que nunca traz escuridão total, e quem é jovem e tem olhos sãos pode ler ou escrever até

tarde. Assim, com a luz que nunca abandonava o céu naquela época do ano, a minha mão escrevia tudo quanto recordava do meu Mestre.

O relato que vos trago foi como o ouvi dos discípulos, e como o conheci. Tudo isto escrevi para que os homens soubessem qual era o mandamento do Mestre e quem Ele era—como foi visto por mim. Só podíamos ver o homem exterior e seguir como o homem interior nos pudesse guiar.

A CONSTELAÇÃO DO MESSIAS

Conforme indicado no “Evangelho de Filipe”

Esta conjunção da Lua, Marte e Vénus no signo do Caranguejo foi identificada por um eminente astrónomo como tendo ocorrido a 27 de Setembro do ano 6-7 a.C., apontando assim essa data como a provável da Sagrada Natividade. Salienta ainda que haverá novamente uma conjunção muito próxima destes três planetas a 28 de Agosto de 1932, mas, naturalmente, sem a presença do Cometa.

Capítulo II

Filipe fala sobre a natureza e o significado da Messianidade de Jesus e quer explicar-nos como devemos conceber a Santíssima Trindade.

QUERO QUE PRIMEIRO SAIBAIS o significado do Cristo, que não foi revelado no Seu tempo nem sequer na época em que foram escritos aqueles Evangelhos sobre os quais edificastes a fé que chamais cristã. Não compreendestes porquê, nem de que modo aconteceu que Jesus foi enviado ao mundo, onde permaneceu apenas por breve tempo, como uma estrela que cai dos céus e desaparece num instante. A estrela que observais deixa atrás de si nenhum vestígio duradouro na sua queda; mas a vida do Cristo na terra deixou atrás de si não apenas um rasto, mas uma Luz grande e poderosa que encheu toda a terra com um esplendor nunca antes conhecido.

Quero primeiro tentar tornar-vos claros os assuntos do Espírito, ainda que não seja fácil explicar-vos estas coisas enquanto ainda estais no corpo. Estas, então, são todas Espírito: o PAI, que criou Tudo o que Existe; o FILHO, Aquele que Era o Espírito, infundido no corpo de um homem; e depois destes, o ESPÍRITO SANTO, que é novamente o Espírito, enviado ao mundo, invisível aos homens mas todo-poderoso.

Agora vou revelar-vos este mistério: Os Três são Um; e, ainda assim, Três, como são as três partes do próprio Homem: o Corpo, a Alma e o Espírito. E destes Três, o Corpo é o símbolo do Cristo, enviado ao mundo cheio do Espírito que é Deus.

Aquilo a que chamais o Espírito Santo – que desceu e repousou sobre os homens como se fossem línguas de fogo – não é de facto o Cristo, mas sim esse Espírito, enviado ao mundo: não como a pessoa de um homem, mas difundido entre as mentes dos homens, para que entre eles possa surgir um maior crescimento e santidade.

Mas o Cristo veio de facto como homem revestido de carne: e era verdadeiramente homem no Seu nascimento e morte. Contudo, não era em tudo como um homem, pois era verdadeiramente parte de Deus, o grande Jeová.

Falarei mais profundamente destes assuntos quando vos contar das iniciações a que o Cristo se submeteu nos dias que antecederam a Sua missão. Quero usar esta palavra, porque não eram provações como o seriam para outro, mas em cada uma delas se estabelecia um contacto mais íntimo com o Espírito pela superação da carne.

Quero que compreendais totalmente este grande mistério quando vos digo que AQUILO a que chamais o Espírito Santo não era aquela parte de Deus que deu a Maria o poder de conceber um filho sem homem algum; mas sobre isto vos falarei mais adiante. AQUILO que está acima de Tudo tinha enviado um propósito, esse Propósito sendo que o Espírito deveria entrar nas almas dos homens pelo ensinamento de um Homem. Mas aquilo a que chamais o Espírito Santo estava nas alturas, juntamente com Deus, que é todos estes Três.

Quando o Cristo terminou o Propósito para o qual tinha sido enviado, então deveria ser dada aos homens outra Forma do Espírito, para que AQUILO que lhes tinha chegado através do Cristo não desaparecesse e se perdesse como folha no Outono, mas vivesse e crescesse até à plenitude. Assim foi o Espírito Santo, invisível aos homens: como um Fogo que, ardendo nos corações dos homens, nutre, como o sol, a semente ali lançada.

Aqueles que escreveram os Evangelhos disseram que o Cristo veio à carne pelo Espírito Santo: e isto é verdade porque os Três são Um e o Um é Três; mas deveis compreender que não foi apenas do Espírito Santo que Ele foi concebido, mas do poderoso Espírito por detrás, a quem chamais Deus; e assim era verdadeiramente o Filho de Deus e parte d'Ele. Sobre isto ainda vos falarei mais adiante, pois aqui tem havido um grande mal-entendido.

O Espírito está por detrás de todo o Ser: é a Grande Força que cria Tudo o que é: e do Seu mistério ninguém sabe.

PURIFICAÇÃO PELO FOGO E PELA ÁGUA

Eu, Filipe, que vos escrevo, sou ignorante Daquilo que é Deus: pois sou ignorante do que é a Vida. Mas fui ensinado que a poderosa Força que lança toda a Vida pode lançar ao mundo vasos bons e maus que podem ser usados, e também vasos que sejam danificados e não sirvam para nada; e por vezes, quando esta Grande Força esgotou o Seu esforço criador, segue-se uma pausa; e depois da pausa, um Fogo purificador que deve ser enviado ao mundo para consumir o que é impuro: sim, pode ser enviada uma peste, uma fome, ou uma guerra; pois tais são os fogos purificadores de Deus.

Pois há grandes revoluções na roda da Criação. Quando tais purificações ocorrem, então deve ser destruído todo o ciclo de uma revolução da roda, para que essa matéria, sendo de novo retomada, o oleiro possa moldar formas mais belas a partir dela na sua roda. Assim tem sido desde o princípio do mundo.

Mas se lerdes a história de todas as fés que precederam a fé de Cristo, vereis que, quando o mundo precisa de purificação, esta pode ser feita através da ÁGUA que lava e purifica, bem como pela destruição. Aquilo que é destruído é-o pelo Sacrifício, e aquilo que é limpo é-o pela Água, que significa o Espírito. Assim, todos os que são enviados como profetas ao vosso mundo devem sofrer e ensinar o sofrimento para a destruição do mal, e também devem purificar através do Espírito que neles habita.

Esta purificação, este sacrifício, deve aumentar à medida que o mundo envelhece e se tornou mais repleto do Espírito. O Cristo não foi o único a sofrer, mas muitos dos que O seguiram também; e isto não só após a Sua morte na Árvore, mas durante os séculos vindouros. Assim, os que sofreram depois do Cristo fizeram parte desse sacrifício necessário. Mas sendo homens comuns, não provocaram tão grande impacto no universo como Aquele que veio ser Sinal e Revelação para os homens.

Irmão, quero que compreendas a natureza daquilo a que chamas um símbolo. Por detrás de todos eles está o Pensamento que criou todas as coisas. Quando é necessária uma revelação, então deve ser enviado ao mundo um símbolo que possa ser visto e tocado pelos homens: pois só por esses meios e dessa forma podem acreditar enquanto estão ainda na carne. O Cristo veio como símbolo: pois era, de facto, o Pensamento do Criador. Contudo, Homem na carne era Ele, na medida em que estava diante dos olhos dos que viveram no Seu tempo, tal como qualquer outro deles. Falais d'Ele como aquilo a que chamais Divino. E assim era: pois foi enviado para um grande Propósito* diretamente da Vida Daquele que cria. Mas Homem também era, na carne.

**Megales boules aggelos (Isaías ix, 6.)*

Vós chamais-Lhe o Filho de Deus: sois todos filhos d'Ele. Tudo quanto vedes, ouvis e tocais é d'Ele: até o ar que respirais é da Sua Única Criação. Do

mesmo modo, foi enviado por Ele o Cristo: Ele era um Propósito, enviado com o aspeto de Homem sobre a terra, e não sem as dores que afligem os homens. Lestes em todos os Evangelhos acerca dos Seus grandes sofrimentos: deveis lembrar-vos de que o Homem teve dores a suportar, tal como vós. E também muitos outros, depois d'Ele ter sofrido, passaram por tal; mas por detrás do Homem estava Aquele que cria, o Propósito que Ele era; e este determinou a Sua dor: nem poderia Ele deixar o mundo até que esse Propósito estivesse cumprido.

Não penseis que eu, Filipe, desvalorizo o meu Mestre. Conheço a razão que O enviou até vós: e também sei as dores que suportou para deixar para trás aquilo que a carne deseja. Mas também vos posso dizer isto: que Ele sabia, já nos últimos tempos do Seu ministério, o que Lhe estava destinado, e não procurou fugir à dor, mas preferiu seguir o Seu caminho, sabendo que era um símbolo e escolhido para a obra desejada por essa grande Força que estava muito além do Seu ser. Esse conhecimento foi-Lhe dado através das iniciações, enquanto ainda era jovem.

Capítulo III

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA NATIVIDADE DO SENHOR JESUS-CRISTO

AGORA VOS CONTAREI a vida do Mestre e isto será uma luz para aqueles que se cansam com as dúvidas acerca do Cristo. Primeiro escreverei para vós aquilo que ouvi de outros como relato; e depois darei o conhecimento que eu próprio tive enquanto estive na companhia do Mestre.

Para este Evangelho chamarei um escriba especial, que vos transmitirá na vossa própria língua aquilo que eu quero contar, com o cuidado que a tarefa merece. Não me deveis apressar neste trabalho; pois é de grande importância para vós e para a obra a realizar. Apenas vos darei o que é verdadeiro. Em certos pontos, causarei dificuldades àqueles que acreditam em coisas que foram construídas sobre a verdade—mas construídas na ignorância do que era verdadeiro. Mas isso não será para o mal, mas sim para o bem. Pois o que é construído sobre falsidade é como veneno nas mentes dos homens: não traz saúde no fim, mas antes conduz ao ódio e à discórdia na comunidade.

Este meu Evangelho será escrito de forma tão simples que as crianças podem compreender as palavras que digo. Mas aqui vos darei apenas o que é verdadeiro; pois muito foi construído sobre a verdade; e agora chegou o tempo em que aquilo que aconteceu pode ser dado ao mundo tal como foi, sem nada de acrescentado para reforçar a fé. E tudo isto que escrevi gostaria que me fosse lido*, pois vejo claramente que se não o lerdes de modo que o meu

entendimento possa receber o que foi escrito e esclarecer o que é difícil, poderão surgir novos mal-entendidos.

*NOTA. Do escrito original é feita uma transcrição direta. Nela há alguma repetição e muito em forma de pergunta e resposta. Por vezes, a redação é ambígua ou o significado imperfeitamente transmitido. Tudo é depois coligido e redigido em forma consecutiva numa segunda transcrição, dividida em capítulos. Esta segunda transcrição é lida em voz alta a Filipe pelo transcritor, que é uma das duas pessoas envolvidas no trabalho de recordar as palavras de Filipe.

Durante a leitura, toca no braço da escritora do manuscrito por quem o texto é transmitido. A sua mão direita segura a caneta e, à medida que a leitura avança, Filipe faz comentários e correções. Estes são incluídos numa terceira transcrição e todo o texto é finalmente sujeito a uma quarta revisão, sendo a versão presente o resultado. Considera-se agora que o texto é tão puro quanto possível no processo invulgar de transmissão. Filipe declara-se satisfeito.

Gostaria de vos poder explicar a causa dos erros que se infiltram na minha escrita. Estes provêm de várias causas. Se pudessem ouvir as palavras que falo, passariam pela mente de seis outros que também as pronunciam. E deveis saber que também é difícil para nós usarmos as vossas mentes se elas estiverem cheias de tolices, que são como um entupimento no caminho pelo qual ouvis as palavras.

Depois de eu falar, em forma de relato, da vida precoce do Mestre, ouvireis então alguns dos seus milagres e compreendereis como eles se operavam. Depois falarei dos ensinamentos do Cristo e explicarei muitas coisas que vos podem parecer estranhas. Depois vos contarei a história da perseguição do Cristo, da Sua noite no Monte das Oliveiras, e daquele tempo antes de partir e ser suspenso na cruz; e tentarei mostrar-vos o significado disto.

Depois falarei do tempo após a Sua ressurreição e de como apareceu a alguns dos que acreditaram; e depois da Sua ascensão aos céus. Não vos darei tanto das coisas que já estão escritas, mas sim daquelas que agora não podeis compreender. E tendes a minha promessa de que ouvireis tudo o que ouvi do meu Mestre; pois é para isso que procurei trazer de novo as minhas memórias.

Capítulo IV

Dos Sinais nos céus que anunciaram a Vinda do Messias e do cometa que anunciou os Sinais: Profecias de um Nascimento Virginal: Cautela dos sacerdotes ao proclamar isto. De Maria e do seu poder para conceber como

vaso escolhido do Espírito. Ela é incompreendida e sofre às mãos do seu mestre.

QUANDO CHEGOU O TEMPO em que o Cristo—Aquele que era um Propósito da Grande Vida por detrás d'Ele—deveria vir ao mundo, Ele não veio como o Filho de Deus, mas como um homem que se juntava aos seus semelhantes. Mas aos sacerdotes tinha sido revelado que, nessa época, um Sinal apareceria nos Céus: e nessa estação nasceria um Homem, que seria o Messias.

Durante muito tempo, estavam certos desta Vinda; medindo os céus para que as estrelas se encontrassem numa certa ordem nessa estação. Pois tinha sido revelado que, quando uma Criança viesse ao mundo sob tal constelação como lhes fora dito, então Ele não viria como o homem vem ao mundo, mas como o Espírito revestido de carne: uma parte do grande Criador, que habita nos céus como Deus.

Ora, os que profetizavam falavam do Menino como filho de uma virgem pura* (*ver Isaías vii, 14); pois assim foi em todas as fés que antecederam, e por isso os sacerdotes e os que estavam dedicados a ler as estrelas oravam para que tal fosse de novo possível e que aí se verificasse um milagre.

Quando se aproximou o tempo em que a constelação estaria no seu auge e a Criança fosse escolhida, houve muita discussão entre os sacerdotes no Templo. 'Pois', diziam eles, 'se anunciarmos que uma criança nasceu no tempo devido, sob esta constelação, e que tal criança veio diretamente de Jeová, como foi profetizado, não seria nem conveniente nem sensato proclamar a criança como nascida de uma virgem; pois tal talvez nem sequer se encontre.' Assim era, como me foi dito: pois ninguém acreditava que fosse possível. Contudo, havia então no Templo registos de tal nascimento ter ocorrido.

Por isso, disse aquele que era o Sumo Sacerdote: "Guardaremos todas as notícias do nascimento aqui dentro do Templo; e, se neste tempo se encontrar uma mulher que tenha sido vigiada desde o seu nascimento e mantida na sua casa, e se tal mulher der à luz e ninguém possa dizer que ela pecou, então poderemos contar o milagre ao povo.

"Mas se tal mulher não for encontrada, e se aquela que der à luz for casada e tiver consigo um homem como os outros, então também guardaremos este nosso conhecimento dentro do Templo. Pois chegou o tempo certo para a vinda do Messias, e se tal não puder ser mostrado ao povo, a sua fé enfraquecerá."

Quero que saibais que estes sacerdotes não eram tão traiçoeiros como poderíeis pensar: pois na verdade não acreditavam que o Nascimento pudesse vir de uma virgem pura que nunca conhecera homem. Mas, meu irmão, bem

conheceis o povo e quão difícil é dar-lhes mesmo um pequeno grão de fé. É isto que faz com que aqueles que têm autoridade sejam mais cuidadosos com as suas palavras. Mesmo na nossa boa Casa* tínhamos cuidado em não destruir aquilo que já tinha criado raízes.

*A primeira Comunidade Cristã na Bretanha.

Ora, o povo judeu era instruído pelos seus profetas, como sabeis: mas este ensinamento vinha através do sacerdócio. E, com o passar do tempo, muito foi anunciado que diferia daquilo que tinha sido escrito nos Livros guardados no Templo. Pois deveis saber que onde há sacerdócio, muito cresce após serem dadas as primeiras doutrinas; e não só isso, mas, tal como as primeiras folhas caem da planta, assim também muita coisa é deixada de lado do ensinamento, quando se torna difícil de explicar àqueles que não usam a pena e não sabem ler os textos.

Assim era na nossa terra: e os que chamais saduceus eram de facto os líderes do povo, embora mais na ordenação da vida diária do que nos assuntos em que o sacerdócio era instruído: pois eram tanto sacerdotes como também aquilo a que chamais homens de leis. Assim podeis compreender que, quando um milagre era anunciado, deveria estar sobre um fundamento seguro: pois se falhasse, então o povo poderia não acreditar e poderiam afastar do seu meio aqueles que eram os seus instrutores no Templo.

A Virgem era um sinal em todas as fés anteriores: e agora, quando o Messias deveria vir ao mundo, os sacerdotes oravam para que Aquele que era o Filho de Deus viesse como vieram todos os anteriores, nascido de uma virgem. Mas, sendo sábios, sabiam que tal não podia acontecer, salvo por milagre. Assim vigiavam. E a Constelação aproximava-se do seu auge.

Mas, nessa estação, antes ainda de chegar ao seu auge, apareceu uma grande Estrela nos céus, nova e nunca antes vista. Sabeis que de tempos a tempos surgem tais estrelas nos céus e que os tolos as tomam como sinais de guerra e fome. Mas tais estrelas, embora brilhantes, não passam de luzes errantes que se movem nos céus sem significado. Chamais-lhes cometas: e assustam os tímidos; mas não afetam a vida dos homens, nem são enviadas como sinais. Pois os Sinais estão escritos nos céus em Constelações de estrelas, que são duradouras e permanentes.

Ora, quando os sacerdotes observaram a poderosa estrela nos céus, naquela estação em que os sinais anunciavam o nascimento do Menino, disseram entre si: “Aqui está uma oportunidade favorável para nós: pois esta estrela, de tão grande magnitude, ajudará quando o Menino aparecer. Por isso a anunciaremos a todos antes do Nascimento como uma mensageira do grande Jeová.”

Tendes lido a história de como a poderosa estrela se deteve sobre Belém e de como, nesse tempo, Maria, a Virgem, que ali estava grávida, deu à luz enquanto estava com ela um homem que não era o pai da criança. Agora devo contar-vos a verdadeira história da Vinda, e porque é que Maria, escolhida como Mãe da Criança, foi tida depois dos acontecimentos por virgem, embora tal não fosse pensado ao início da vinda do Cristo. Quero esclarecer isto, pois o que vos vou contar não é como ouvistes, mas é, na verdade, a verdade.

MARIA, aquela que foi escolhida para trazer o Cristo no seu ventre, era apenas uma mulher pobre, serva na casa de um rico mercador na cidade de Jerusalém. Os seus parentes eram de Belém e de Nazaré. Quereis saber por que razão foi ela escolhida para tal serviço. Isto aconteceu porque havia em Maria o poder de permitir que aquilo que é Espírito tomasse carne. Preciso tornar isto mais claro para o vosso entendimento; pois há muitos que não conseguem compreender o que nunca viram. Mas sabeis, por muitos sinais que vistes*, que há quem possa dar à luz Aquilo que não tem pais; isto é possível devido a um poder dentro dessas pessoas para permitir que o Espírito tome forma a partir da matéria dos seus corpos.

*Dirigido ao registo do escrito.

Assim foi com a Mãe de Cristo. Foi-lhe dado o poder de dar substância e visibilidade ao espírito e vesti-lo de carne como aquela com que o homem é revestido: e assim, era verdadeira a história que dizia que Cristo veio ao mundo sem pai, como todos os que nascem no mundo sem um Propósito da Vida por detrás cuja força possa forçar esse Propósito a manifestar-se.

Esta Maria era cheia de virtude, meiga e gentil e sempre fiel aos que lhe pediam serviço; contudo, como Mãe do Cristo, não possuía dons além dos comuns a outras mulheres do seu país. Esta Maria não tinha intimidade com o seu senhor, que era parente afastado do seu pai e cuja família vivia em Belém*: mas era desejada e pedida em casamento por um homem do seu próprio nível, tão humilde como ela e da sua idade, sendo da geração de Maria, embora mais velho três ou quatro anos.

**Ver Apêndice.*

Ibidem. João afirma que Filipe adotou a tradição errada, e que a idade de José excedia a de Maria em cerca de dezasseis anos.

Ora, José era um que desejava Maria apenas como esposa para cuidar das suas necessidades. Sabeis como ela foi encontrada grávida; e isto foi uma grande vergonha para ela, pois todos em redor acreditavam que, tendo convivido com o seu senhor, fora por ele desonrada. E José, que a queria por esposa, acreditou nisso, como também todos os outros. Assim, ficou ele irado com Maria e, a princípio, não quis recebê-la em sua casa.

Assim aconteceu com Maria — que nem ela própria sabia de que natureza era aquela criança que lhe chegara sem que tivesse estado com homem algum. Ficou triste por tal vergonha ter recaído sobre si não só aos olhos do seu senhor e daquele que a queria em casamento, mas também perante os seus parentes tanto em Belém como em Nazaré.

Ora, Maria era uma mulher da cidade de Nazaré: pois ali nasceu e ali tinha alguns familiares. Mas tinha ido a Jerusalém servir aquele homem de grandes posses e foi lá que ficou prometida a José, homem do seu próprio país. Mas também em Belém tinha Maria parentes, pois o mercador para quem servia era, como sabeis, parente afastado do seu pai. Alguns da sua família moravam em Belém e foi por isso que José a levou para esse lugar quando se enfureceu contra o seu senhor.*

> *Esta passagem é incorporada a partir de notas suplementares sobre a história de Maria, dadas por João para Filipe, que não as pode fornecer ele próprio (ver Apêndice).

Ora, José era um homem da Galileia, sendo da vizinhança de Nazaré. Assim conhecera ele a família de Maria e assim se dera o noivado. Não quero que confundais isto, pois a história da vinda do Messias teria sido diferente se não fosse conhecida em Jerusalém a história de Maria ter tido um filho do seu senhor. É necessário que compreendais que esta história não foi tida por conveniente para os Evangelhos: nem eu a teria escrito no meu tempo. Mas pedistes-me que explicasse o assunto e assim vo-lo contei.

E agora, Maria foi lançada ao mundo sem proteção. Pois, de início, não havia quem estivesse disposto a cuidar dela ou da criança que trazia no ventre. Neste ponto, foi seu senhor particularmente severo no trato que lhe deu; pois, sentindo que a vergonha lhe adviera por causa desta mulher, expulsou-a sem qualquer preocupação pelo que lhe pudesse acontecer.

E então, na sua necessidade, José, aquele que desejava casar-se com ela, aproximou-se de Maria. Foi-me dito que estava irado com ela e queria que ela fosse levada para os seus em Belém, para que depois, quando viesse a casar-se com ela como era seu desejo, todos soubessem que ele dissera a verdade. Pois José era um homem íntegro e cumpridor dos costumes da sua religião com grande firmeza e severidade. Assim levou Maria até aos seus em Belém com honrosa intenção de casar com ela após o nascimento da criança, mas desejando que soubessem que não falara mal dela sem razão.

Capítulo V

Da Anunciação a Maria: da viagem a Belém e do Nascimento de Cristo sob a Constelação prevista. O Menino nasce numa manjedoura. Uma grande multidão louva Deus.

Antes de José ter voltado a tomar Maria para si após o nascimento do menino, veio um sonho a Maria. Nesse sonho, uma Voz falou-lhe dizendo: "MARIA, FOSTE ESCOLHIDA PARA UM PROPÓSITO QUE NENHUMA OUTRA MULHER ALGUMA VEZ REALIZOU. NÃO TEMAS, POIS ESTA CRIANÇA QUE AGORA TRAZES EM TI É, DE FACTO, PARTE DE MIM, ENVIADA COMO UM SINAL AO MUNDO. NÃO TEMAS, MAS LEVANTA-TE: POIS VIRÁ A TI ALGUÉM QUE TE AJUDARÁ E CONFORTARÁ, E SERÁ UM MARIDO E UM PAI PARA AQUELES FILHOS QUE VIRÃO DEPOIS DESTE."

E eis que, terminadas estas palavras, no seu sonho Maria teve uma visão, e nessa visão viu o seu lado trespassado, como por uma espada, de tal modo que a dor a fez gritar em voz alta. E assim a espada trespassou também o menino no seu ventre. Então, enquanto gritava, Maria voltou a ouvir a Voz dizer:

"MARIA, ESTA É A TUA DOR: POIS TERÁS DE SOFRER DOR: MAS VOLTARÁ A ALEGRIA DEPOIS DA DOR. POIS VIRÁS A SABER DEPOIS, QUANDO O TEU FILHO SUBIR AO CÉU, QUE ELE É O PROMETIDO AO MUNDO: ELE QUE É CHAMADO O MESSIAS.

E TU, DE FACTO, SERÁS CHAMADA A SANTA, A MÃE QUE HÁ-DE SOFRER E ALEGRAR-SE: POIS VÊ! VIRÁ SOBRE TI UMA GRANDE TRISTEZA QUE TE HÁ-DE PERCUTIR O CORAÇÃO COMO ESTA ESPADA TE TRESPASSOU O LADO: E TAMBÉM HÁ-DE TRESPASSAR O MENINO QUE TRAZES EM TI, QUE NASCE COM DOR NA RAIZ E ALEGRIA NA FLOR, DEPOIS DE VOLTAR PARA O PAI." O NOIVADO DE MARIA

E Maria, acordando do sonho, ficou consolada e já não sentia aquela desolação que oprimia a sua alma. Assim, quando José, que a procurava para esposa, lhe pediu com tristeza (mas já não com a cólera que o dominara no início) que fosse com ele à cidade de Belém, para junto dos seus, ela acedeu com alegria, estando já próxima do tempo em que havia de dar à luz a criança.

Então José falou-lhe, dizendo: "Maria, sabes que muitos dirão que foste envergonhada perante o mundo, pois concebeste sem que nenhum homem estivesse contigo, exceto o senhor da casa onde servias. E os teus também podem desprezar-te se eu não lhes der a promessa de que te tomarei por esposa e não te culparei pelo que aconteceu. Mas, como foste expulsa e não há quem cuide de ti, venho oferecer-te a minha proteção depois do nascimento do menino." Disse isto porque Maria estava de facto rejeitada; pois, na terra da

Judeia, nenhum pecado era mais severamente desprezado do que dar à luz um filho fora do casamento.

E José disse ainda a Maria: "Agora, pois, virás comigo a Belém, para junto dos teus, para que a criança que vai nascer não venha ao mundo em segredo. Pois é melhor que eu diga aos teus que não te desprezo. Assim, não te rejeitarão completamente. E quero que todos os teus saibam que te recebo em minha casa apesar do que é tido como grave pecado diante de todos.

Portanto, apressa-te, Maria, pois falta pouco tempo para o nascimento deste menino. E depois de teres dado à luz, e todos os teus saberem o que se passou, então poderás vir para mim e eu te receberei como esposa. Isto te prometo em memória do amor que sempre te tive e como sinal de que não te considero culpada." Disse isto querendo dizer "Não me lembrarei do teu pecado, o qual te perdoei." Pois José acreditava que Maria tinha pecado, mas mesmo assim estava disposto a recebê-la como esposa.

E Maria, ouvindo José, falou e disse: "Pode ser que aos teus olhos tenha pecado: mas aos olhos d'Ele, o grande Jeová, que está acima de todos, não pequei. Pois eis que, deitada na minha cama, uma visão veio a mim. E eis que uma espada me trespassou o lado e também o menino que está em mim; e uma Voz falou-me, dizendo que fui escolhida como Mãe d'Aquele que é chamado o MESSIAS. E, não tendo eu conhecido homem algum, sou injustiçada por ti e por todos os que me rodeiam; pois sou inocente de pecado e alegro-me por ter sido escolhida. E estou pronta para aceitar a dor juntamente com a alegria que me é enviada pelo grande Jeová que está acima de tudo."

E eis que chegara o tempo em que as estrelas, tendo alcançado aquela constelação* de que falei, os sacerdotes aguardavam o advento do Messias. E eis que, naquele dia em que José e Maria haviam iniciado a sua viagem para Belém, foi vista nos céus, junto dessa constelação, aquela grande Estrela, que era um sinal passageiro.

*A palavra "constelação" aqui refere-se a um agrupamento especial de certos planetas num dos signos do zodíaco (ver Apêndice para a configuração apresentada).

Assim, o sacerdócio estava em grande perplexidade quanto ao significado a atribuir a esta estrela: pois observou-se que estes dois, a Constelação do Messias e aquela grande Estrela que era apenas um viajante dos céus, haviam ficado acima da cidade de Belém. Por isso, era agora aqui que se esperava o nascimento d'Aquele que era o Messias.

No decorrer da viagem, Maria estava inquieta, pois sentia que Aquele que trazia em si estava prestes a vir ao mundo. Contudo, não estava aflita, pois

mantinha-se fiel ao que tinha visto e às palavras que lhe haviam sido ditas no sonho.

Ao chegarem à cidade, tudo ali estava em agitação; pois fora anunciado que ali, à hora que corresponde às quatro horas* para vós, a constelação estaria no ponto em que o nascimento deveria ocorrer. E agora, todos os que tinham ouvido as notícias vigiavam e festejavam. Alguns tinham vindo de longe e, por isso, não havia lugar para ficar à chegada de José e Maria àquela pequena localidade.

E Maria, estando já muito próxima do seu tempo, não encontrou alojamento ou lugar para passar a noite, nem qualquer acolhimento junto daqueles com quem poderia ter ficado: assim, procurando um estábulo, ali tiveram de repousar durante a noite; e é verdadeiramente dito que o Senhor, que é Cristo, viu o mundo primeiro numa manjedoura. Pois este estábulo, onde nenhum animal tinha abrigo, foi o único lugar onde estes viajantes, que tão desesperadamente necessitavam de repouso, puderam encontrar guarida.

*A configuração planetária está no signo de Caranguejo (Caranguejo/Câncer) e apresenta a forma de uma Cruz de tipo latino, cujo braço esquerdo ou meridional termina no aglomerado de pequenas estrelas conhecido como Praesepe (A Manjedoura). À direita deste estão as pequenas estrelas gémeas conhecidas pelos Romanos como Aselli ou pequenos burros. Este facto pode explicar a antiga tradição, seguida pelos primeiros pintores de cenas da Natividade, em que os animais olham para a manjedoura do exterior.

A conjunção planetária é assim apresentada: na cabeça da Cruz, a Lua; no coração, Marte; no pé, Vénus. Sobre tudo, e alinhado com o eixo da cruz, está o Cometa. (Ver Frontispício). Para mais detalhes, ver Apêndice.

E ali, como ouvistes, Cristo nasceu nessas horas em que a aurora começa a dar luz ao céu. E lá estava a grande Estrela. Alta no céu se encontrava e desvanecia-se com a chegada da manhã. E para alguns parecia ser uma Vigia do Nascimento: pois houve quem pensasse que era aquela constelação. Mas assim não era, como sabeis. Assim, naquela hora, Maria deu à luz o Menino, e não com as dores que as mulheres sofrem nesses momentos, mas com uma doçura e um êxtase como nunca antes houvera.

Isto foi divulgado; pois no momento do nascimento estavam presentes muitos, pois correra a notícia de que ali, numa hora em que as estrelas deveriam parar os seus percursos nos céus — como os sacerdotes tinham dito — nasceria um filho de uma mulher que, com o seu marido, se alojava numa manjedoura. Assim, muitos vieram de longe para ver este Menino nascer — não como os outros, na tranquilidade de um leito, mas alojado como os animais sobre um leito de palha.

E, ao olhar para o Menino, quando José declarou que era um filho varão, toda a multidão caiu de joelhos, adorando Aquele que era o Messias. E alguns, olhando para fora do estábulo e vendo a grande estrela errante, gritaram em louvor ao grande Jeová.

Capítulo VI

O sacerdócio ouve a história da vergonha de Maria e encontra-se em dúvida e perplexidade. Enviam mensageiros para avisar os Reis. Os Magos do Oriente vêm adorar. Herodes também envia os seus emissários. O Sacerdócio decide finalmente não aceitar o nascimento como sendo o do Messias. Os sacerdotes-astrólogos são expulsos do serviço do Templo por consequência desta decisão.

CHEGOU A MANHÃ e com ela as notícias foram enviadas a Jerusalém. Mas quando os sacerdotes no Templo ouviram falar do nascimento do Menino, houve entre eles grande discussão sobre como a vinda do Messias deveria ser divulgada. Tinham aguardado um milagre, mas não como ele se realizara através de Cristo. Procuravam um monarca e teriam criado um tal, como desejavam, a partir deste Menino que deveria nascer sob a Constelação: sim, ainda que nascesse como os outros. Pretendiam colocá-lo no templo, para que fosse Sacerdote e Rei. E, na verdade, esperavam que o menino nascesse como os outros; isto é, em legítimo casamento.

Ora, o sacerdócio tinha decidido enviar três mensageiros ao Menino quando nascesse: e também o governante da Judeia enviaria três. Estes homens deveriam averiguar o nascimento e trazer notícias sobre se este era realmente o Messias ou não. Mas deveis saber como, passado algum tempo, esse grande sacerdócio do Templo em Jerusalém deixou claro que este nascimento não era, para eles, a Vinda do Messias. Pois os seus mensageiros, depois de interrogarem Maria e José, depressa ouviram a história da vergonha de Maria e do nascimento do filho que não era filho de José.

Por isso, deliberaram entre si; e, ponderando muito sobre o nascimento, encontravam-se em grande conflito de espírito quanto ao melhor a fazer no que tocava à divulgação deste nascimento como sendo perfeito segundo a leitura das estrelas. Pois não sabiam se um filho nascido de uma mulher que pecara poderia ser considerado vindo do grande Jeová. Assim, houve grande dissensão no seio do sacerdócio.

Pois alguns entre eles afirmavam que, sob esta constelação, o Messias viria ao mundo: estes eram aqueles que, tendo estudado profundamente os astros e acreditando firmemente que, sob tal constelação, o Messias haveria de aparecer, não queriam que este menino fosse negado, mesmo que a mãe tivesse sido desonrada. Pois diziam: “Isto está escrito nos Céus, e os Céus não

obedecem a outra regra senão à que vem do grande Jeová; tal regra deve ser cumprida. E a falta da mulher não deve anular a herança do Menino. Além disso, grande desgraça cairá sobre o sacerdócio se este Menino for negado."

Entretanto, havia grande agitação em Belém em torno de Maria e do seu Menino, que ali era tido como sendo o verdadeiro Messias. A notícia da Sua vinda tinha-se espalhado ao longe, e de boca em boca se transmitia. E a criança continuava a dormir na manjedoura, sobre o seu leito de palha; pois ninguém queria que Ele fosse removido daquele lugar que se tornara tão sagrado aos seus olhos por estar sob a Estrela.

Ouvistes nos Evangelhos como pastores vieram das montanhas ao redor de Belém para adorar o Menino. Estes tinham visto aquele grande Sinal nos céus e, de facto, vieram ver o Menino, sem saberem que Ele era realmente o Messias. Alguns destes falaram de uma visão de anjos; contudo, não foi toda a companhia que os viu, mas apenas alguns, e assim ficou preservada essa história.

Ouvistes também como reis de terras distantes da Judeia trouxeram presentes ao Cristo e também O adoraram. Quero aqui que saibais a verdade, pois muito vos foi dito que era e que não era; e desejo dizer-vos apenas o que é verdadeiro. Esses reis eram governantes de terras em redor da Judeia; e prepararam-se para vir a Belém. A sua vinda, após o Nascimento, já estava planeada, tal como a aparição da Estrela como Sinal de Jeová. E a notícia tinha-se espalhado por toda a parte.

Mas, antes de começarem as peregrinações, os sacerdotes, tendo sabido do pecado de Maria e estando convencidos do que lhes fora contado, chegaram à conclusão de que o filho da sua vergonha não podia ser proclamado como o novo monarca e sacerdote, o verdadeiro Messias, o que havia de Vir. Nem podiam receber no seu Templo e na sua Ordem alguém que nascera de uma mãe que não estava casada com o seu marido.

Ora, a notícia causara grande alvoroço na cidade de Jerusalém e, assim, o sacerdócio viu-se numa situação difícil. Pois se admitissem que aquela criança era de facto o Messias, então a lei que trazia vergonha sobre uma mulher apanhada em pecado seria posta de lado. E se negassem o que os astros diziam, então a palavra saída do Templo de nada valeria.

Assim, quando chegou a notícia de que estes reis estavam prontos para fazer peregrinação até Belém, trazendo presentes para o Menino, o sacerdócio cessou de discutir; pois sabiam que era chegada a hora de fazer uma declaração a todos os homens sobre se esta criança era, ou não, o verdadeiro Messias. Enviaram, então, mensageiros a esses reis dizendo "que um tal como ele, nascido na vergonha por causa do pecado da mãe, não era Aquele que deveria vir como Monarca e Sacerdote, mas era como qualquer outro. Assim, os reis deveriam desistir da sua intenção."

Ora, estes reis estavam de acordo com o povo, crendo que, tendo a Estrela assinalado o lugar, o Menino nascido ali só podia ser o Messias: e tudo estando pronto, estavam de facto a preparar-se para partir quando o Sumo Sacerdote lhes enviou dizer: “que, se fizessem aquela viagem até à cidade de Belém e adorassem no berço do menino, então o mandato do sacerdócio seria anulado por esses reis e tornar-se-iam prisioneiros do Templo, tendo pecado contra as leis da religião.”

Mas quereis saber desses Magos de que fala Mateus. Não eram esses os reis. Vieram da Pérsia, sendo dos que adoram o Espírito como uma Chama. Estes também esperavam a vinda de um Profeta e tinham ouvido falar do nascimento do Cristo e da constelação de que sabeis. E deliberaram entre si, dizendo: “Nós que temos sabedoria e esperamos um profeta, devemos ver este prodígio de que se fala na terra da Judeia e nas terras vizinhas. Mas isto devemos fazer em segredo; pois os seguidores do Fogo Sagrado não podem vir abertamente adorar este menino.”

Assim, decidiram que três do seu grupo fariam a viagem até Belém para ver o que tinha acontecido. Assim vieram estes Magos com o propósito de ver a criança: e, tendo conhecimento das coisas que estão para além do mundo, sabiam, ao ver o menino, que Ele era uma das Manifestações dos Regentes dos Céus — Ele, de facto, que deveria assumir carne para que os vivos vissem o Espírito.

Depois de terem visto e adorado o Menino, regressaram à sua terra e ali divulgaram que um Profeta viera de novo ao mundo. Mas, como ouvistes, não adoraram publicamente em Belém. Informai-vos, contudo, e vereis que os que naquela terra adoravam a Chama eram favoráveis à religião do Cristo.

Agora percebeis que Mateus vos contou uma história feita de duas realidades distintas. Pois, tendo dito pouco do tempo após o nascimento de Cristo, limitou-se a relatar aquilo que era tido por verdadeiro no seu tempo. Mas no seu relato há tanto verdade como erro.

Ora, Herodes, antes de ordenar a morte de tais crianças como pudessem ser reconhecidas como Messias, enviara a Belém certos homens tidos por sábios na sua corte. Estes foram enviados como mensageiros do Tetrarca, em obediência a uma decisão tomada no Templo que determinava que tanto o Templo como o Governador da Judeia enviassem os seus mensageiros quando o Menino nascesse sob a constelação. O Templo deveria decidir tudo: e Herodes temia os magos e astrólogos do sacerdócio; por isso, o que viesse do Templo devia ser aceite.

Esses mensageiros do Tetrarca não eram capazes de ler os astros, mas sim pessoas versadas nas artes mágicas. Herodes enviou-os a Belém por crer que, por meio da sua sabedoria, poderiam descobrir se o Menino era de facto o

Messias. Trouxeram de Herodes certos presentes de ouro e prata que seriam oferecidos se assim fosse. Por isso, os presentes deviam estar preparados.

Agora, estes Magos de Herodes eram inimigos dos que estavam no Templo; mas tinham de obedecer ao que fora decidido pelo sacerdócio. Seguiram secretamente os mensageiros do Templo, de modo que todos chegaram a Belém na mesma hora, indo primeiro os sacerdotes ao estábulo e eles a seguir.

Nesse tempo, multidões acorriam a Jerusalém para ver a criança nascida sob a estrela, o que trouxe grande receio a Herodes, de que alguém pudesse proclamar-se Rei da Judeia se fosse recebido pelo sacerdócio. Por isso, Herodes queria descobrir por si próprio a natureza daquela Criança. Sabeis que o Cristo não foi aceite pelo sacerdócio como Messias; e a visita desses homens não teve grande importância: pois regressaram a Herodes dizendo que aquela criança era como as outras; contudo, aconselharam que todos os meninos que pudessem ser reivindicados como tendo nascido sob a Estrela deveriam morrer pela espada.

Assim, ficou decidido pelo sacerdócio que deviam dizer ao povo que aqui houvera grande erro na leitura dos astros. Foram obrigados a declarar isto. E, depois disto, os astrólogos do Templo ficaram muito irados. E houve desavenças entre o sacerdócio e o Sumo Sacerdote. E então houve uma grande rutura no sacerdócio; pois os que eram escolhidos para a leitura dos astros eram tidos como estando apenas abaixo do Conselho interno: e, por não terem lido corretamente — (pois deveriam ser tidos como tendo indicado o momento errado para o nascimento) — tinham de ser expulsos do santuário por serem considerados indignos do cargo, tido como o mais sagrado logo a seguir ao do próprio Sumo Sacerdote.

E um grande clamor foi lançado por todo o país, dizendo que esta criança não era o Messias, mas sim o filho de uma mulher desonrada, e que, não tendo a leitura dos astros sido feita no momento em que apontavam diretamente para a terra mas sim mais tarde, esses sacerdotes que assim interpretaram mal deviam ser expulsos do santuário por este grande pecado. Assim foram expulsos do seu cargo no Templo.

Em Belém havia muito murmúrio entre o povo, pois muitos acreditavam por causa da estrela errante que se tinha mostrado nos céus. Este sinal, sendo estranho, fora por eles tomado como vindo diretamente de Jeová. Mas José, não tendo fé em Maria, declarou que o menino não era, de facto, o Messias. Assim, com o passar dos dias, também se apagou a fé, que se acende lentamente e se apaga mais depressa do que o fogo que arde na lareira.

Por isso, passado pouco tempo, cada um voltou ao seu trabalho: e José, porque amava aquela mulher e porque ela sofrera muito — sendo envergonhada diante de toda a Judeia — casou com ela. E assim, levando

consigo o Menino para sua casa, depressa foi esquecida a Estrela. Assim, logo no seu nascimento, começou o Senhor a sofrer.

PARTE III
A PRIMEIRA INFÂNCIA DE JESUS

Capítulo VII

Filipe fala da vida doméstica e dos primeiros dias de Jesus — da sua solidão de espírito e alma, e do seu silêncio. O seu conhecimento espiritual afasta-O dos homens.

AGORA DEVO CONTAR-VOS dos primeiros dias de Jesus Cristo depois de ter sido levado para a casa de José. Quero que recordeis que, no meu tempo, só podia conhecer esses primeiros dias por ouvir dizer. Aqueles dois, José e Maria, sua mulher, viviam afastados dos outros; ela, envergonhada, sem compreender tudo quanto lhe acontecera, apesar do que lhe fora revelado no sonho, de que fora escolhida para ser a Mãe do Messias.

Maria estava perplexa e não podia estar com as outras mulheres; pois estas não a olhavam com piedade, mas com desprezo, por causa do seu filho. Assim vivia ela em casa, cuidando do menino e também do marido, José. Mais tarde, foi mãe de outros cinco filhos, que lhe vieram como vêm os filhos às mulheres; mas a nenhum deles conseguiu nunca amar como amou Jesus: isto por causa da sua visão.

Os que se recordavam d'Ele em criança diziam que Jesus, quando menino, não tolerava os carinhos da mãe, mostrando-se orgulhoso e distante; nem brincava com as outras crianças. Mas sabeis que isto é apenas ouvir dizer.

José, depois de lhe nascerem filhos seus, não prestava atenção ao filho de Maria. Não era um homem duro, mas, como disse, severo na educação; e, por pensar muito no bem que fizera a Maria ao acolhê-la com o seu filho, não se preocupava com este menino como se preocupava com os que eram do seu próprio sangue. Maria, sobrecarregada de cuidados, tinha a alma inquieta por causa deste mistério que lhe acontecera; e entristecia-se porque este menino, embora meigo e obediente, não queria dar-lhe o carinho e ternura que ela desejava. Assim, Jesus era como um estranho entre os seus, mesmo dentro da casa da mãe.

Das viagens que Maria e José teriam feito ao Egipto falarei numa próxima vez. Agora quero dizer-vos o que ouvi acerca do Cristo enquanto era criança, pois desejo que saibais de que era feito e em que era diferente dos outros filhos da casa; por isso peço que me deixe falar d'Ele tal como era até ao tempo em que se revelou como profeta. Sabeis que pouco vos é dito destes dias de Cristo em qualquer dos Evangelhos que tendes diante de vós. Vou dizer-vos tudo o que

puder, para que possais formar um juízo mais atento sobre o seu carácter: pois disso nada sabeis.

Lestes nesses Evangelhos que Cristo foi encontrado por José e Maria a falar com os sacerdotes no Templo, ainda em criança. Não foi assim, pois nesse tempo era já um jovem que muito estudara. Isto aconteceu depois de ter entrado na Ordem de que falarei. É verdade que alguns do meu tempo pensavam que Cristo era ainda um menino de doze anos quando falou no Templo; mas o que vos digo foi o que se dizia no Templo.

Cristo era um homem que, ao contrário do que pensais, não convivia com os outros, mas vivia apartado; não porque o desejasse, mas porque assim estava traçado para o seu destino e porque tudo o que Lhe estava reservado já Lhe ocupava o espírito desde o princípio. Sim, Ele sentiu aquela espada trespassá-l'O ainda no ventre.

Foi-vos dito que Maria tinha conhecimento dos sofrimentos que Lhe estavam destinados. Irmão, não foi assim: mas ela, apesar de não ter esse conhecimento, guardava ainda a recordação daquela Visão, e isso nunca lhe perturbou a mente. Mas não era conhecimento. Tal conhecimento estava só na mente do próprio Cristo, Ele sendo parte daquela Grande Vida que O enviou ao mundo como a chama se ergue.

E no seu íntimo, embora velado ao seu saber exterior, havia sempre a certeza da sua missão; e é verdade também que sentiu medo como os outros homens, e que desejou que esse sofrimento Lhe fosse retirado. Mas esse medo era só do corpo, e não do Espírito. Pois a Mente do Cristo era desde o princípio parte d'Aquele a quem chamamos Jeová: e d'Ele mesmo nós, que aqui estamos desde há tanto, nada podemos dizer. Porque isto não é permitido, sendo o Mistério da Vida que os vivos não podem conhecer.

Deveis saber que o menino Jesus era um mistério para a mãe e para José. Pois ficava horas a meditar, e José dizia que era uma criança sem o juízo que uma criança deve ter. Ora, José estava seguro na crença de que Jesus era, como supunham, filho do senhor de Maria: não podia acreditar de outro modo. Mas depois de casar com ela e de lhe nascerem filhos, ouvia pacientemente o relato de Maria e não a censurava como teria feito no princípio. No entanto, não podia suportar que Maria considerasse Jesus diferente dos outros filhos que dela nasceram.

Mas Maria, não tendo conhecimento interior do mistério, mas acreditando na Visão que recebera, considerava que Jesus lhe fora enviado de modo diferente dos outros filhos. Não penseis que Maria era diferente das outras mulheres, exceto por dentro dela haver uma grande calma que tornara possível o milagre que nela se operou. Maria tinha fé, e a fé, meu Irmão, é a raiz do Milagre. E tendo esta fé e essa calma interior, ficou ela preparada como o vaso destinado a trazer Cristo ao mundo.

Tudo isto vos digo para que saibais de que material era feita a casa onde Cristo passou os seus primeiros anos de vida; pois isto não vos foi contado. Do que foi dito, muito é verdade, mas parte não está fielmente registada. Mas o que não foi contado é o que agora me compete dar-vos.

Capítulo VIII

Do nascimento de João Baptista, o filho de Isabel, parenta de Maria. Dos seus dons de profecia. Da matança dos meninos ordenada por Herodes e da fuga de José e Maria.

ORA, MARIA, que foi Mãe do Cristo, tinha uma parenta que também dera à luz um filho, este sendo aquele de quem ouviste nos Evangelhos que era chamado o Baptista. Ouvistes também que este João era filho de Isabel já na velhice. Isto é verdade e não é: pois esta mulher não tinha tido filhos até então e só então se encontrou grávida; mas não como milagre, como vos foi contado, mas como uma mulher pode conceber na meia-idade, antes do tempo lhe faltar completamente.

João nasceu antes do Cristo e estava longe de Belém nesse tempo, e nunca em criança o Cristo pôs os olhos nele. Por isso, aquele que foi chamado o Baptista não conheceu o seu parente Jesus. E aquilo que viera a João do Espírito não lhe foi ensinado, mas estava dentro dele. Sabeis que tinha o dom de profecia, como tantos antes dele: e podeis compreender o que isso significa.

Esta Profecia é um ver interior, que pode atravessar aquilo que aos homens parece o presente: e quanto mais clara a visão do profeta, mais longe pode penetrar no futuro. Quero ainda que saibais que a João foi dada esta visão interior para que cumprisse parte daquele grande Desígnio de que vos falei: assim era ele como um instrumento que ajuda a esculpir uma imagem. Assim era João, e em criança teve muitos sonhos e visões que não eram como os que vêm normalmente às crianças.

João não era como o Cristo: era um homem como outros, salvo o facto de ver e saber mais do que os demais. A tais chamais profetas, e chamais também Cristo profeta: mas quero que entendais que eram diferentes. O Cristo era um Desígnio, foi enviado pelo DEUS que está por trás de Tudo.

Mas deveis saber agora que desses grandes Desígnios havia três. E em cada um desses três havia três Pessoas. Da Trindade que veio primeiro, foi Moisés o primeiro dos três: depois Elias: e João o terceiro dos mensageiros, que trouxe a notícia da Segunda Trindade do Espírito.

Agora quereis saber se é verdade que Herodes, por conselho dos seus sábios, ordenou a matança dos meninos na Judeia e como o Cristo escapou a esse massacre. Neste assunto houve confusão: pois vedes que alguns que

escreveram sobre o Cristo falam dessa matança e outros não. Isto posso explicar: pois parte é verdade e parte não está relatada fielmente.

Depois daquela grande comoção no Templo e enquanto o Cristo era ainda um infante, os que esperavam um Messias discutiam entre si se tal já viera ou estava ainda para vir. Isto chegou aos ouvidos de Herodes — aquele que era odiado no país — e encheu o seu coração de medo. Por isso consultou os seus, e falou com certos magos que, como sabeis, já antes enviara a Belém para lhe trazerem notícias.

Estes decidiram entre si que deveria ser anunciado que, havendo tanta confusão sobre quem seria esse Messias ou Rei esperado na terra, deveriam ser mortos todos os que se apresentassem como tal rei. Assim ficou Maria muito assustada pelo seu jovem filho; e assim suplicou ao marido José que por um tempo fugissem para terra distante. Sabeis que nesses dias viajar era difícil, e ir para o Egipto seria quase impossível para gente pobre e necessitada.

Assim, refugiaram-se nas montanhas à volta de Nazaré, escondendo-se por algum tempo, até que o sacerdócio, sabendo das intenções de Herodes (que já matara vários meninos para servir de aviso a outros), fez saber que os astros não prometiam a vinda de outro Messias, pelo que tal não era de esperar naquele tempo. Assim voltou a paz, e Maria e José, com o menino, fixaram-se em Nazaré.

Quero ainda contar o que ouvi de outros sobre a juventude do menino Jesus. Sabeis que José, sendo apenas um homem pobre, carpinteiro de ofício, levava vida modesta: pois à medida que os anos passavam, cada ano lhe trazia um filho, até serem, com Jesus, seis ao todo. Assim era pobre aquela casa: e José, embora não fosse pai duro ou cruel, fazia sempre diferença entre os filhos que eram seus e aquele que Maria já trouxera.

Por isso, Jesus, sendo uma criança estranha, de poucas palavras e sem pedir carinho aos que o rodeavam, e não tendo necessidade da companhia das outras crianças, andava longe de casa durante dias, guardando ovelhas nas colinas perto de Nazaré, junto dos pastores.

E, depois de chegar à idade em que podia sair pelo mundo, sendo já rapaz em idade de trabalhar, despediu-se da mãe, prometendo que voltaria de vez em quando, e pedindo que lhe desse o dinheiro necessário para ir à cidade de Jerusalém aprender um ofício.

Capítulo IX

Jesus vai para o deserto e é ensinado por uma Irmandade que vive em retiro. Passa pela tentação em preparação para o seu ministério e é enviado ao Egipto para aprender a sabedoria dessa terra.

MAS POUCO PUDE SABER do Cristo e do que lhe aconteceu durante esses anos antes da sua missão: pois tudo isto era mistério para muitos e, como vedes, os que escreveram sobre Ele nada puderam contar do tempo antes de aparecer como profeta. Mas isto posso dizer. Depois de partir primeiro de Nazaré, deixando a casa da mãe, não foi a Jerusalém como pretendia, para aprender um ofício: pois no seu íntimo veio a saber que tal não lhe convinha, não sendo adequado ao seu ministério.

Crê-se que, nas suas andanças pelas montanhas, encontrou alguém de uma irmandade ou ordem dedicada ao estudo da Sabedoria e do Conhecimento recolhidos das religiões anteriores ao seu tempo. Essa Irmandade vivia em lugares desertos, sem morada fixa, mudando de sítio conforme o Espírito os orientava. Eram homens instruídos, vindos não do povo simples, mas daqueles que tinham posses; tinham partido em busca de conhecimento do que chamais filosofia.

Dessa Ordem pouco se sabia no meu tempo, salvo que alguns eram noviços e outros, já muito viajados e conhecedores da Grécia, do Egipto e de outras crenças, eram os mestres. À medida que os noviços cresciam em sabedoria, eram enviados a viajar para outras terras. Desses era Jesus. Isto é certo e verdadeiro: pois Ele tinha um saber interior e uma sabedoria que outros não possuíam; e tinha ainda conhecimento de tudo quanto era possível saber no nosso tempo. Desses dias de juventude falou pouco, mas em tudo o que dizia havia conhecimento de tudo o que se podia conhecer.

Esta Ordem era de estudo e contemplação. Os irmãos falavam pouco entre si, salvo o necessário ao ensino. Viviam como os anacoretas de tempos posteriores, jejuando e orando muito. As suas orações não eram dirigidas a Jeová da Judeia, mas ao Deus que criou toda a Criação — todas as religiões, o mundo e tudo o que nele há. Rezavam por mais conhecimento. Olhavam a morte como recompensa do esforço, e aqueles que morriam entre eles eram tidos por bem-aventurados por terem alcançado uma sabedoria que os preparava para ir mais longe, rumo a um saber ainda mais pleno.

Não deveis confundir estes irmãos com qualquer credo. Eles apenas tinham fé na aprendizagem e na busca, através da sabedoria do mundo, pela verdade que nela se encontrava.

O Cristo regressava da solidão à casa da mãe, e sendo interrogado por José acerca das suas andanças e do seu ofício, nada respondia. A Maria, que em ternura Lhe fazia perguntas, Jesus também não respondia, dizendo-lhe que

Lhe fora dado o Seu trabalho e que cumpriria o que Lhe estava destinado. E ela, acreditando no sonho que sempre voltava a si, e sabendo também que ninguém podia explicar o mistério do Seu nascimento, amava-O e temia-O ao mesmo tempo.

O silêncio de Jesus não era por falta de bondade: mas nunca poderia ter aqueles laços que outros teriam. Era sempre amável com a mãe e cuidava dela, nunca permitindo que um dos outros filhos de José a tratasse com dureza. Mas nunca consentia carícias físicas, nem permitia que Lhe perguntassem para onde ia ou de onde vinha.

Ouvi de alguns que O viram em jovem que cresceu alto e forte: moreno de rosto e de constituição robusta; e em tudo não era como os outros homens à sua volta. Gentil nos modos para os irmãos e para a mãe, mas sempre mantendo-se à parte destes; e, à medida que o tempo passava, tornava-se mais silencioso e mais distante, tendo uma sabedoria diferente da deles e sabendo desde sempre que o sofrimento seria o seu destino — sim, tanto o esforço como a dor.

Pois não procurou tornar-se membro da Ordem, isto é, como irmão vinculado para sempre como anacoreta. Dizia-se que se manteve fora da Irmandade, estando assim separado até mesmo destes, para poder encontrar Aquilo que estava dentro de Si e utilizar isso para o Seu próprio propósito. Em tudo isto vedes que Jesus, embora homem de corpo, não era como os outros de espírito, mas foi colocado no mundo com tudo aquilo que Lhe veio, para além da Sua própria vontade.

Lestes nos Evangelhos sobre a tentação que veio a Jesus e que é chamada de “Tentação do diabo”. Isto deveis compreender apenas como símbolo da verdade: pois esta tentação vem a todos os que entram no mundo. Aquilo a que chamais tentação veio a Jesus como foi contado, enquanto ainda estava no deserto; e isso era apenas a tentação do desejo e da paixão que vem com a juventude.

Compreendei que Jesus foi levado a lugares altos e Lhe foram mostradas as riquezas do mundo, oferecendo-Lhe estas se renunciasse à sua missão. Isto, num sentido, é verdade: pois naquela Ordem era claramente ensinado que, se alguém queria atingir o conhecimento, deveria sacrificar tudo o que o mundo lhe pudesse dar. Primeiro eram instruídos sobre as riquezas do mundo, e depois eram avisados sobre os desejos e prazeres que o mundo contém, e mostravam-lhes o que poderia ser gozado noutras terras se trocassem o conhecimento por tais coisas. Assim acontecia a todos os irmãos, e assim foi também com Jesus.

Mas Ele, vivendo afastado destes, habitou no deserto e não foi visto por ninguém durante mais de um ano: isto quando a sua juventude estava no auge. E depois, quando venceu o que os homens chamam de diabo, nunca mais teve

desejo nem pediu ao dia seguinte o que pudesse vir, mas inclinava a cabeça perante aquilo que vinha de dentro, a direção segura do Seu propósito.

A TENTAÇÃO DE JESUS

Jesus ficou com os irmãos até estar perto dos vinte anos; depois disso foi enviado para outros países, onde deveria aprender tudo quanto era possível saber no seu tempo. Já vos disse que foi tentado pelo diabo antes de deixar o deserto: e por isso sabei que, quando chegou o tempo de conhecer tudo o que um homem deve saber no seu caminho, esse conhecimento também Lhe foi dado.

Perguntais da Sua iniciação. Ora, meu Irmão, ela não era dada aos membros da Ordem antes de terem viajado pelo mundo: pois fazia parte do ensino que não só deviam aprender de boca daqueles que viajaram e tinham experiência, mas, depois disso, tinham eles próprios de passar por essas experiências, antes de serem iniciados.

Lestes que, depois de Jesus ser tentado pelo diabo, anjos vieram servi-Lo. Isto, meu Irmão, é apenas um modo de dizer que Ele, como os outros, foi instruído enquanto estava no deserto. Depois dessa preparação, viajou por muitas terras, aprendendo por experiência o que significava essa tentação. E depois, quando voltou de novo ao deserto, foi recebido pelos irmãos como alguém preparado para a iniciação na ordem. Mas antes da iniciação, teve de ir novamente ao deserto, levando apenas pão e água, e ali meditar sobre o que teria de renunciar antes de ser iniciado.

Agora vos falarei das viagens do Cristo, tanto quanto ouvi daqueles que, já idosos no meu tempo, ainda se lembravam do que outros haviam contado, eles que tinham sido recebidos na Ordem. Deveis saber que os que O rodeavam não podiam falar dessas viagens, pois Cristo nunca lhes contou o que Lhe acontecera antes do início da Sua missão. Apareceu de repente: e depois de ter sido batizado no Jordão e João O ter proclamado como Messias, foi pregar abertamente nas sinagogas e nas ruas, e ninguém sabia de onde viera, salvo os que diziam que era filho de José, simples carpinteiro de Nazaré.

Por isso só posso dizer-vos o que era comum entre os que eram recebidos na Ordem. Quero que saibais que primeiro enviavam os irmãos para o Egipto, pois ali podiam aprender as raízes de muitas coisas. Depois de Jesus ter atingido os vinte anos ou menos, foi assim enviado, como os outros, para a terra do Egipto.

Capítulo X

Das viagens de Jesus no Egipto e da sabedoria que ali adquiriu. Da doutrina da Trindade tal como era antigamente e da sua nova interpretação pelo Cristo. Jesus deixa o Egipto e viaja para a Grécia. Do crescimento de uma religião sobre outra.

ORA, NO EGIPTO, não era possível a quem estivesse fora da fé daquele país entrar nos serviços internos dos templos: nem era permitido compreender plenamente os mistérios dessa religião. Mas quem quisesse aprender e assistir podia entrar nos templos e, através do sacerdócio, receber instrução sobre a sua fé — mas não sobre os mistérios internos dos seus sinais mágicos.

Na época de Cristo, acontecia que a fé do Egipto estava a decair. A grande religião daquela terra fora mais forte no princípio, quando adoravam apenas um deus. Mas ali, como em toda a parte, com o tempo os deuses multiplicaram-se, e assim existia uma trindade na fé egípcia, como em outras crenças. Vós que conheceis o significado dos Números deveis considerar atentamente a interpretação do número Três. E se investigardes e atentardes também ao significado dos astros, vereis que aí reside um grande mistério: pois o número Três está na raiz de todas as religiões; e mesmo que uma fé comece com um só deus, acabará por incluir outros dois.

Aqui está um significado que não pode ser negado. O significado da Trindade é um símbolo da Vida. É o pai de todos os outros significados, sendo símbolo do Pai, da Mãe e do Filho. E assim acontece em todas as religiões, salvo apenas naquela que veio com o Cristo. Mas Cristo, pela primeira vez, fez desse número Três um símbolo do Espírito. O PAI, que é DEUS; a MÃE, que se reveste da Carne; e o ESPÍRITO que procede, o que chamais o ESPÍRITO SANTO. Este parte com uma nova missão nascido do PAI e da MÃE.

Ora, assim como o Cristo — Ele que aqui representa a MÃE — tomou sobre Si a Imagem de Homem; também, na fé que ensinou, esse símbolo já não traz consigo a imagem da geração humana, mas assume o significado do Espírito.

Todos os que estudavam na terra do Egipto eram ensinados sobre o Mistério da Morte e o julgamento da Alma antes de passar novamente para a Vida após a sua purificação. E eram também instruídos nos motivos pelos quais o corpo era embalsamado. Aqui podeis ver a raiz daquela crença que surgiu após Cristo estar na cruz — aquilo a que chamais a Ressurreição do Corpo. Isto, tanto quanto sei, não foi ensinado por Cristo aos seus discípulos. O que Ele aprendeu no Egipto, isso não ensinou. Esta crença, portanto, é apenas o resquício de uma fé que não era da terra da Judeia, mas que veio depois do tempo de Cristo, a partir do conhecimento que se ensinava no Egipto.

Aqueles que eram enviados para o Egipto recebiam instrução de que deviam aprender, e também escutar: mas que quanto às suas opiniões sobre o que

tinham aprendido, deviam guardá-las para si, mesmo de si próprios. Pois ali estavam apenas no início desses anos de caminho — quase dez anos ao todo.

Não quero que creiais que eu, Filipe, vos possa relatar as mudanças no espírito de Jesus à medida que avançava nas suas viagens. Sobre isso ninguém pode falar. Mas digo-vos: todos os que entravam na Ordem aprendiam do mesmo modo: e conheci alguns que me falaram de outros que tinham deixado a ordem antes de receberem a iniciação.

Depois de ter estado no Egipto, Cristo tinha de ir para a terra da Grécia. Mas antes devia passar um ano no deserto do Egipto. Pois ali já moravam anacoretas quando o Cristo chegou. Essa permanência era ordenada para meditação. E depois disto, deviam voltar às cidades do Egipto, ver o que havia de prazeres terrenos, para que a sua experiência se completasse e assim não tomassem votos ao regressar à Judeia sem terem conhecido, senão de ouvir dizer, tudo quanto o mundo lhes poderia oferecer. Assim se fundou a fé de Jesus sobre duas coisas: primeiro, no que aprendeu pelo conhecimento das religiões e dos prazeres do mundo; e segundo, naquilo que lhe vinha do seu próprio saber interior da sua missão.

E agora Jesus, tendo aprendido no Egipto acerca da Raiz, viajou para a Grécia, onde encontrou muito que Lhe ajudou na Sua missão. No Egipto encontrou um sacerdócio poderoso: mas ali a fé estava a definhar. Pois sabeis que, tal como o verão passa dando lugar ao outono e depois ao inverno, assim as crenças das nações florescem e depois murcham.

E ainda vereis a fé que chamais Cristã decair: pois já serviu um grande tempo e um grande propósito, e é chegada a hora de, desta fé, surgir outra — um novo Desígnio vindo da Vida por trás de tudo, que não destruirá a fé antiga, mas dela nascerá mais poderosa, como aquela que preparou o terreno para a sua vinda. Admirar-vos-íeis se vissem como uma fé cresce sobre outra. Mas assim tem sido sempre e assim será de novo. Pois a fé que há de vir será retirada da fé cristã, como Eva saiu do lado de Adão. Mas não deveis pensar que uma destrói a outra a que sucede: pois o crescimento de uma fé é como o das plantas na terra, que crescem até à plenitude e depois decaem para que outra cresça em seu lugar.

Capítulo XI

Daquilo que Jesus aprendeu na Grécia.

DA GRÉCIA, Cristo não trouxe fé, mas razão: pois na Grécia — que é, de facto, a minha própria terra — havia menos fé do que no Egipto. Mas maior razão tinham eles. As suas mentes não conseguiam alcançar o Espírito, a não ser pelo que viam. Sabeis que a beleza das coisas exteriores era para eles o que o Espírito é para nós que seguimos o Cristo. Mas posso dizer-vos — que

na minha terra, a Grécia, a fé era mais pura que no Egipto, onde estava misturada com magia de natureza má. Os gregos adoravam Deus pelo olhar, não pelo ouvido; enquanto os egípcios O adoravam pelo ouvido. Nós que estávamos na Judeia adorávamo-Lo pelo Seu poder.

Aqui, na Grécia, Jesus aprendeu muito do que encontrareis nas Suas palavras tal como são repetidas pelos que O seguiam. Encontrareis beleza nas palavras do Cristo. Essa beleza trouxe-a Ele da Grécia. Mas não deveis pensar que essa Beleza não estava também dentro d'Ele desde o princípio. Pois aquilo que está fora só pode despertar o que está dentro. Portanto, deveis voltar ao pensamento daqueles que viveram na Grécia se quiserem compreender plenamente as palavras do Cristo.

Aqui também ouviu o Cristo muito que cheirava a razão. Mas o que aprendeu com os olhos ensinou-Lhe mais do que as palavras dos sábios gregos. Se lerdes de novo o que Ele disse, vereis que tirou quase tudo o que os gregos aprenderam pela razão e a isso juntou o que Lhe vinha de dentro, o Espírito. Destes dois teceu Ele aquilo que tem sido auxílio e conforto para toda a humanidade.

Quero que saibais que, aqui, o Cristo era como os outros no sentido em que se sentava aos pés daqueles que tinham autoridade sobre Ele. Mas, se voltardes às páginas dos Evangelhos, vereis que sempre, dentro de Si, havia aquilo que para os outros soava como a voz de Alguém a quem fora dada uma sabedoria mais profunda do que a deles. Digo-vos isto para que entendais que Ele foi enviado ao mundo sem saber, na mente exterior, que era um Desígnio. No entanto, na Mente interior, sabia que não era como os outros. Pois tinha na sua alma tudo o que podia ser conhecido desde o princípio: mas esse Conhecimento teria de ser despertado n'Ele por outros.

Na Grécia, entrou nos templos como os demais: mas nenhum deleite Lhe veio da religião da minha pátria. Pois ali não havia fé nem esperança plantadas no coração dos homens, mas apenas aquela Beleza que se vê e assim entra na alma. A isto se juntava também o entrelaçar de ideias, que é o poder do homem de usar aquilo a que se chama razão. Por isso, a religião desta terra nada era para o Cristo: só os ensinamentos ligados à sua filosofia.

Gostaria que pudésseis compreender a lenta e certa abertura do Espírito dentro do Cristo. Isto aconteceu como uma flor que brota da terra. Primeiro, a planta nasce sem saber que dentro dela está a flor que um dia há de abrir no verão. Mais tarde, vem o botão que há de desabrochar plenamente. Assim era a Mente de Jesus. Pois, passo a passo, à medida que seguia a sua jornada — da qual só posso contar os resultados — tornava-se cada vez mais consciente d'Aquilo que trazia dentro de Si, que haveria de vir à luz, tal como a flor, quando chegasse a hora da missão.

Não vos posso dar pequenas histórias das Suas andanças. Só posso mostrar-vos que cada passo O aproximava mais daquela Certeza que O levou a sair ao mundo para pregar aquilo que trazia na alma. Ouvi-O dizer que lera tudo o que os Magos tinham escrito em grego e que, ao princípio, foi verdadeiro crente na sua ciência: mas descobriu que aquilo que dá vida tanto aqui como além tinha sido esquecido. E escutou a Voz interior, e ensinou-nos que a Beleza do mundo é apenas um eco da Beleza que está para além — e que ela nos dá apenas um símbolo, ou, por assim dizer, apenas a cor daquilo que além reside: o Amor.

Capítulo XII

De João Baptista: a sua natureza e dons, e da sua pregação sobre a Vinda do Messias. Do batismo de Cristo por João. Da prisão e morte de João.

AGORA VOS FALAREI DAQUELE que precedeu o Cristo como arauto ou mensageiro, aquele que deveria anunciar a Sua vinda. Lestes acerca do nascimento deste João e como foi anunciado ao pai que, duvidando que tal fosse possível, ficou mudo e sem palavras. Tudo isto é verdade, pelo que me foi contado. Nenhuma outra criança tinha nascido aos pais de João, e ele era considerado como vindo ao mundo de modo diferente dos outros meninos: — mas não como o Cristo, como sabeis. Quero que repareis nisto: muitos pensaram que ambos nasceram por milagre. Mas isto só era verdade para Jesus, não para João.

Este foi ele, o terceiro dos primeiros três mensageiros; mas não nasceu como o Cristo: pois esta primeira Trindade era o Corpo das três trindades que devem vir antes de o mundo passar. E destes mensageiros, Moisés foi o primeiro, Elias o segundo, e João o terceiro. Nenhum deles nasceu como o Cristo (que era o Espírito feito carne), mas vieram ao mundo como os outros homens. Contudo, cada um deles tinha o seu Contraponto por detrás, nos arcanjos. Anotai estas palavras aqui: pois convém dizê-lo, para que o entendimento do resto fique enraizado na mente dos que leem.

Nunca vi João. Mas os que o conheceram disseram-me que era uma criança estranha. Não era como o Cristo, mas era apaixonado; feroz no amor e no ódio; sempre pronto a repreender quem não agisse como ele achava devido. Já disse que João só se encontrou com Jesus quando o Cristo iniciou a sua missão. Nessa altura, João já tinha causado grande agitação na Judeia. Fora como os outros homens, vivendo de um ofício até chegar à maturidade; depois deixou tudo o que tinha, nada levando consigo; e viveu, como se conta, no deserto durante muitos anos antes de começar a sua missão.

Aquele que nas Escrituras é chamado profeta era de facto profeta; mas apenas porque conhecia o que estava consigo, que era o seu propósito. Deveis

compreender que, se alguém vem ao mundo do seu Contraponto que está por detrás, então tem o conhecimento dos desígnios desse Contraponto: e o que está destinado para ele, isso tem o homem de cumprir.

Ora, como vos disse, João era alguém em quem a força da fé e do desejo era muito grande. Tinha mais do que se chama “o homem” do que Cristo: e no rejeitar de tudo o que pertence à carne sofreu mais. Nascido no mundo com fortes desejos, tinha de os usar: não como fariam outros, mas como fogo ardente que o levava a proclamar aquilo que sabia ser o que lhe estava destinado. Mas, juntamente com este fogo interior, João tinha também fé perfeita, de modo que, quando viu pela primeira vez o Cristo ao início da Sua missão, reconheceu-O pelo que Ele era.

Não há registo dos anos que João passou no deserto. Não viajou, como Jesus, para fora da sua terra, nem aprendeu as religiões e filosofias de outras nações. Permaneceu na Judeia, e foi do deserto que retirou o que sustentou a sua missão. Este João era realmente um homem selvagem, não vivendo em irmandade, mas em solidão: meditando nas coisas que oprimiam o seu país.

Deveis saber que ele condenava aqueles que tinham autoridade sobre ele — porque, sendo de gente humilde, odiava os que viviam no luxo acima dele. Por isso, quando chegou o tempo de pregar ao povo, levou consigo muitos que, como ele, pensavam que os ricos eram colocados em altos cargos para oprimi-los.

João acreditava na religião dos judeus. Esperava o Messias como os do Templo em Jerusalém. Desde cedo ardeu nele a missão que acreditava ser pregar a Vinda do Messias, que derrubaria os poderosos e exaltaria os humildes. Viu o Cristo como o Messias dos judeus e, ao início, não sabia que Ele era profeta trazendo uma nova fé ao mundo. Mas depois que o Cristo veio a ele junto ao Jordão, então soube disso.

Saiu como ouvistes, apenas coberto à cintura; não cortando nem aparando o cabelo como outros homens, mas deixando crescer longas madeixas sobre os ombros. Não penseis que João era o único a ir para o deserto em meditação. Outros também o fizeram, e estes não pertenciam à ordem em que Cristo viveu, mas ficavam sozinhos, vivendo como ouvistes do que apanhavam. Homens assim raramente iam às cidades pregar. Passavam a vida em solidão, rezando e ganhando o sustento vendendo a peregrinos mel e ervas medicinais. Nestes saberes eram muito entendidos.

Mas João não era como esses. Trazia consigo um séquito porque vinha do deserto, tinha aspeto singular e porque continuava a falar-lhes do Messias depois de já terem perdido a esperança da Sua vinda. A esses, João dizia que viera preparar o caminho para o Escolhido, e que os que fossem batizados no rio seriam o povo que reconheceria o Messias.

Perguntais-me por que razão João foi escolhido para batizar o Cristo. Isto, meu Irmão, aconteceu porque, como já disse, ele era o Mensageiro que devia preceder Jesus para preparar o caminho dos Seus ensinamentos. João pregava aos seus discípulos que Aquele que viria como Messias não surgiria das altas esferas, mas apareceria como um homem vindo do povo e sendo um deles. Não seria como os escribas e fariseus — não viria do Templo — mas deveria ser procurado vindo do deserto, sendo completamente desconhecido antes da Sua vinda.

Agora podeis compreender que, quando o Cristo, estando preparado, veio cumprir a obra para a qual esperava o tempo certo, João, vendo Este Homem que vinha com poucos à sua volta, e que era alguém que trazia a sabedoria de outras terras — alguém estranho e distante no seu modo de ser — reconheceu n'Ele Aquele que havia de vir, o Rei e o Filho de Deus: isto após o Seu batismo no Jordão.

O batismo de Jesus sucedeu assim. João estava a batizar nesse rio, e muitos vinham ter com ele; pois, durante anos, liderara os homens. Por vezes saía a pregar a Vinda; e por vezes regressava ao deserto por causa de Herodes, que receava que alguém se levantasse acima dele como governante e por isso odiava João, pois agitava o povo.

Este encontro de João com Jesus estava destinado desde a vinda do Cristo, embora parecesse acaso. João abriu o caminho e Jesus seguiu-o. Mas isto não durou muito, pois, como lestes, João, suspeito para Herodes (o marido de Herodias), temia ser preso. E, pouco depois de batizar Jesus, tendo cumprido a sua missão ao anunciar o Messias, João, esquecendo a prudência que até aí praticara, declarou abertamente que ali estava o Rei de Judá. Assim foi preso e, como ouvistes, morreu na prisão.

No dia em que Jesus foi batizado no Jordão, reuniu-se uma grande multidão, e todos sabiam, quando Este Homem entrou no rio, que João clamou em alta voz que este era Aquele que viria depois dele. Perguntais porque era necessário que Jesus recebesse o batismo de João. Esse batismo não era necessário a Jesus. Para Ele nada era necessário, pois vinha já com o seu propósito traçado. Mas era parte da preparação que viesse a João, o terceiro dos mensageiros, e que esse João, que já havia criado fé no povo, transmitisse também essa fé no Cristo que viria depois dele.

Lestes que uma Voz do Céu se fez ouvir e falou do Filho de Deus. Assim foi como está escrito: pois aqui havia um mistério, e ainda assim nenhum mistério. João dava o batismo ao povo como símbolo da purificação dos pecados. Jesus, ao entrar na água, apresentava-se também como quem desejava tal purificação. João, ouvindo a Voz interior, exclamou ao povo essa mensagem que lestes. Assim colocou mais uma pedra naquele edifício cujo alicerce já preparara, para que o Cristo cumprisse a obra e assentasse a pedra angular. O

batismo de Jesus foi, pois, apenas um sinal; e como tal foi dado a João: pois agora via em Jesus o Messias.

Agora vos direi o que ouvi acerca da morte de João que, tendo sido preso, continuava a anunciar a Vinda a todos os que o guardavam deixavam ver — pois o guarda facilmente permitia a entrada a quem lhe desse dinheiro, e muitos eram curiosos para ver aquele homem estranho e selvagem. E a filha de Herodias pôs os olhos nele.

Ora, Herodes deu um banquete em honra de Herodias e foi uma celebração solene. Essa Herodias era mulher cheia de desejo pelo marido e, tendo ao seu redor muitos inimigos que pretendiam pôr outras mulheres mais belas em seu lugar, quis mostrar o seu poder naquela festa dada em sua honra. E pensou num pedido que poderia fazer a Herodes. E pediu-lhe a morte de João.

Herodes, não querendo matar João por temer o povo, não quis conceder a Herodias o que ela pedia. Mas, sendo ela ciumenta, procurou arranjar maneira de acabar com João. Assim enviou a filha, Salomé, à prisão e esta, tentando João, perguntou-lhe se, caso fosse libertado, renunciaria à sua missão. João, enfurecido, respondeu com grande veemência à filha de Herodias e aos que estavam com ela. Assim, Herodes, para manter a paz em casa e também com receio de João, deu ordem apressada para que lhe cortassem a cabeça. E depois disso, Herodes arrependeu-se e temeu uma revolta entre os seguidores de João que se juntavam em multidão junto à prisão, desejando ouvir as suas palavras.

Capítulo XIII

Jesus inicia a Sua missão na Galileia.

DEPOIS DE JOÃO ter sido levado para a prisão, Jesus foi colocado como Mestre em seu lugar. Mas não era visto como João, e sim como o Messias esperado. Também não foi saudado como alguém vindo do deserto: pois ninguém sabia de onde viera. Isto sucedia porque Jesus, durante muitos anos, vivera em segredo com a Ordem de que vos falei, e, mesmo assim, não era conhecido como filho de José, o carpinteiro. Assim, Jesus saiu a pregar com ousadia, entrando nas sinagogas da Galileia, sem temer ninguém, pois ali não havia perigo de que O rejeitassem.

JESUS NA GALILEIA

Na Galileia, portanto, Cristo podia entrar livremente e sem temor nas sinagogas, trazendo consigo mulheres e crianças, bem como os discípulos que começavam a segui-Lo. Os povos da Galileia não eram como os judeus de

Jerusalém, mas gente simples do campo, pronta a acreditar, não tendo os ensinamentos do sacerdócio como os que viviam nas grandes cidades.

No entanto, como lestes no evangelho de Lucas, quando, na sinagoga de Nazaré, Ele ensinou acerca das profecias de Isaías, o povo enfureceu-se com as Suas palavras, e levantaram-se, expulsando-O da cidade e querendo lançá-l'O do alto do monte, mas Ele, passando pelo meio deles, escapou e desceu até Cafarnaum.

Posso explicar isto: pois, se no início ninguém perturbava o Cristo, com o tempo em que Se aproximava o Seu sofrimento, muitos foram incitados contra os Seus ensinamentos, mesmo na Galileia. Foram enviados para lá pelo sacerdócio, que então decidira que o Cristo deveria ser entregue aos Romanos, caso se encontrasse algum motivo de acusação contra Ele.

Nesse dia, realizou um milagre: pois os que O ouviram estavam muito divididos, uns a favor, outros contra. E isto gerou muita discórdia entre eles. E, enquanto os Seus inimigos O empurravam para o rochedo de onde queriam lançá-l'O, Ele passou por entre eles e ninguém O viu, pois desapareceu do meio deles, como muitas vezes já desaparecera da nossa companhia.

PARTE IV
OS MILAGRES DE CRISTO

CAPÍTULO XIV

Do Poder de Cura do Espírito.

FALEI-VOS daquele tempo em que João batizava no Jordão, e como, depois de ser preso e morto, o Cristo começou a Sua missão na Galileia. Disse-vos que o Cristo falou nas sinagogas da Galileia e que muitos O seguiram; e que não foi então perseguido nesse país, mas pôde pregar em paz; e muitos vieram ter com Ele, tornando a Sua vida livre de preocupações, para assim poderem aprender a Sua mensagem.

Sabeis como André e Simão, chamado Pedro, e também João e Tiago — filhos de Zebedeu — O seguiram desde o início. Estes sabiam bem, no íntimo, que ali estava um profeta que era de facto o Messias: pois na Galileia já muito se contava acerca do nascimento em Belém, sob a grande estrela, depois de o Cristo ter começado a pregar.

Agora quero falar-vos do Seu poder de cura; pois este foi o primeiro dos milagres que operou. Este poder existe em todo o homem, mas o Cristo possuía-o de forma a poder usá-lo para o bem de todos à sua volta. Primeiro devo dizer-vos que, sendo profeta na Judeia, era conhecido primeiro como tal, pregando o que estava para vir. Mas logo começaram a procurar-Lhe ajuda e conselho os que sofriam de espírito ou corpo: e, depois destes, muitos doentes

vieram até Ele, e o Cristo curava-os com as mãos; não como os médicos faziam, mas tocando os enfermos e curando-os pelo Seu toque.

Quero que compreendais que tal poder existe em todo o homem, mas não pode ser usado porque ele não tem dentro de si a Vida pela qual possa manifestar-se. Este poder vem de dentro daquele que cura; é uma força enviada, tocando o espírito doente e curando esse espírito, e, por esse meio, curando também o corpo.

Assim era com o Cristo. A fé que havia n'Ele era tão forte que Lhe dava poder para enviar a mensagem à alma dos enfermos, dizendo-lhe que a concha exterior estava doente e que era preciso curar o corpo para que a mente interior se mantivesse sã.

O Cristo, tendo conhecimento da Sua missão, sabia que Lhe estava destinado curar os doentes do espírito e do corpo: e também Lhe foi dada a sabedoria interior de que, se quisesse fazer algo, tal poder Lhe seria concedido pela fé que tinha dentro de Si. Por isso, deveis saber que aquilo a que chamais "milagres" não o são realmente, mas vêm de uma força que pode ser dirigida para tornar possível o que parece impossível. Vós, que não tendes o dom de usar essa força que está em vós, só podeis maravilhar-vos ao ver o que julgais impossível acontecer. Mas, se soubésseis como usar essa força e se vos fosse dado o querer usá-la, então poderíeis realizar milagres de facto.

O Cristo, tendo o Seu propósito determinado, podia usar o que estava n'Ele, primeiro para curar os doentes e expulsar o que então se chamavam "demónios". Depois, operou milagres de ressuscitar mortos, transformar água em vinho, como ouvistes, e multiplicar os pães e peixes. Tudo isto foi feito pela fé, por essa certeza de que o poder é dado a quem crê verdadeiramente.

Se soubésseis o que há em vós, veríeis que, se quisésseis verdadeiramente que os mortos ressuscitassem, sabendo interiormente que tal é propósito vindo da Vida que é Deus, então poderia acontecer. Mas não tendes fé, geração de homens fracos! Estais demasiado afastados daquilo que gera a fé, para conhecerdes o que há em vós ou com que humildade de espírito deveis abordar a obra a que vos propusestes.

Digo-vos que os seguidores de Cristo, depois de Ele ter partido, ainda conseguiam fazer milagres: mas esse poder morreu à medida que a fé se foi perdendo, e agora a fé tornou-se tão débil que algum novo milagre será preciso para trazer de novo a Vida e a certeza d'Aquilo que está por trás de tudo.

Quero falar-vos primeiro da expulsão de demónios, que era tida por grande maravilha no tempo da missão de Cristo. Era, como lestes, a expulsão de espíritos malignos para uma vara de porcos, ou para os vastos ares e terras. Destes milagres posso falar-vos, pois vi-os e conheci-os.

Há entre os homens aqueles que são como casas onde o mal do mundo pode entrar e encontrar morada. Estes são os que, por fraqueza, abrem a alma como morada para os pensamentos errantes que vagueiam à procura de um lugar onde habitar. Mas há também os de mente perturbada, nos quais o espírito não pode falar, estando a mente e a alma fora da sua ordem e propósito. A expulsão de demónios pelo Cristo era feita sobre aqueles de temperamento desordenado, propensos à violência, e que eram tidos por possuídos de demónios.

O Cristo, vendo a casa cheia desses servos impuros, podia condená-los a procurar outra habitação. E podia também falar aos que tinham um distúrbio do espírito e da alma, aquilo a que chamais loucura. Esta expulsão de demónios era um sinal útil para a Sua missão, pois mostrava n'Ele o poder de operar uma mudança em todo o homem, expulsando o mal para onde Ele determinasse.

A cura da alma era outra coisa: a esses Ele falava diretamente ao espírito, sem expulsar nada, mas enviando a mensagem ao espírito, que apressava-se a curar as outras partes desordenadas, de modo que o homem sofria do que chamais loucura.

Queria que, ao lerdes os evangelhos, entendêsseis pelo que vos digo, que há muitos tipos de milagres, mas nenhum deles é milagre para quem compreende, mas sim obra do conhecimento do uso do espírito interior, o qual está tão oculto de vós na vida quotidiana que poucos sabem se de facto possuem espírito, ou se são apenas corpo com uma mente a guiá-lo.

Capítulo XV

Dos milagres realizados por Jesus, sendo os de cura os primeiros. Da fé que Lhe permitia operar estes milagres. A cura é operada com o auxílio do espírito do homem, que obedece ao Espírito do Cristo e pode influenciar a alma e a carne.

NÃO DEVEIS DUVIDAR de que o Cristo realizou todos os milagres que vos são dados nos Evangelhos; mas deveis sempre lembrar que a Sua missão durou três anos e que tudo aquilo de que ledes não foi feito num só dia, mas em muitos dias sucessivos. E ao lerdes os evangelhos deveis receber o que Ele ensinou como vos é dado, não tal como de facto ensinou, mas segundo a memória dos que escreveram os Evangelhos. Por isso vos peço que os releiais, pois neles há muito que não está escrito em palavras mas está lá no espírito do Seu ensinamento.

Também não deveis tomar os milagres pela ordem em que estão escritos; pois sabeis que o Cristo foi primeiro apenas um mestre e não fez prodígios diante do povo. Os milagres de cura foram os primeiros. Depois começou a curar os atormentados do espírito, e depois ainda expulsou os espíritos malignos. E

depois destes vieram muitos outros milagres, como o de ressuscitar mortos e transformar água em vinho, como ouvistes; e também o dos pães e peixes multiplicados. Tudo isto foi feito pela fé, que dá a certeza de que o poder é dado a quem deseja cumprir o que se propõe.

Se compreendêsseis o que está em vós, veríeis que, se decidísseis e vos propusésseis que os mortos ressuscitassem, sabendo no íntimo que tal é propósito vindo da Vida que é Deus, então tal aconteceria. Mas não tendes fé, geração de homens débeis! Estais demasiado afastados da origem da fé para conhecerdes o que há em vós ou saber com que humildade de espírito deveis abordar a obra a que vos propusestes.

Digo-vos que os seguidores do Cristo, depois da Sua partida, ainda podiam realizar milagres: mas esse poder extinguiu-se à medida que a fé se esvaiu, e agora a fé tornou-se tão débil que um novo milagre terá de acontecer para trazer de volta a Vida e a certeza daquilo que está por trás de tudo.

Quero falar-vos primeiro da expulsão de demónios, considerada um grande prodígio no tempo da missão de Cristo. Era, como lestes, a expulsão de espíritos malignos para uma vara de porcos, ou para os vastos ares e terras. Destes milagres posso falar, pois vi e conheci tais coisas.

O PODER DE REALIZAR MILAGRES

Gostaria que compreendêsseis que, depois de o corpo ser deixado e o espírito liberto do seu cárcere, pode criar do que chamais nada aquilo que vos parece matéria do vosso mundo, mas que é apenas uma forma ou aparência do que vedes no dia-a-dia. Mas não fui claro convosco, pois mesmo aqui me é difícil lembrar as limitações que me prendiam enquanto vivi na Terra. Por isso, tentarei dizer-vos tudo de forma simples.

Os milagres feitos pelo Cristo enquanto estava ainda no corpo não são milagres para quem entende o funcionamento da fé no espírito; mas para as multidões que O seguiam, assim como para vós que agora podeis ler sobre essas coisas, tais feitos são miraculosos. Mas se o que está dentro de todos vós pudesse ser usado — esse poder a que chamais fé — então tais milagres poderiam ser realizados.

Pois, depois de o corpo ser deixado e o espírito liberto, será para quem tem fé e acredita, como sempre foi. E não só isso, mas dez vezes mais será para ele. Pois, de facto, se acreditar em si mesmo e nesse poder que nele habita, pode criar do que vos parece nada coisas que vos surgirão naturais e que podem também ser multiplicadas, como o milagre dos peixes na rede.

Mas se não tiverdes fé nem crença no que está em vós, então, se precisardes de realizar tais milagres, tereis de procurar, fora de vós, alguém que vos dê da

sua substância o que na verdade tendes em vós mesmos, mas não conseguis usar por falta de fé.

O Cristo, depois de ter ressuscitado dos mortos, tinha uma fé maior do que todos os homens que vieram antes ou depois d'Ele; e para Ele nenhum milagre era milagre: pois tudo vinha do Espírito cheio de fé, capaz de criar o que é dado para criar, ou fazer o que é dado para fazer, para que se cumpra o propósito.

Isto é estranho para o vosso entendimento; mas depois de Cristo, muitos dos santos que O seguiram voltaram a operar milagres: não com a mesma força e propósito que Ele teve, mas de uma forma que não poderia ser realizada por qualquer um que não estivesse cheio de oração e com a concessão da oração, a qual dá fé ao espírito que está no homem.

Vós pensais que a carne é real. Quero que saibais que isto também é uma imagem que passa. Os peixes que foram puxados para a rede, como João relata, eram tão reais como os peixes do mar no vosso tempo. Cristo, querendo que a crença se tornasse mais firme naqueles que seriam pregadores da fé depois que Ele partisse, foi capaz de reunir do mar aquilo que desejava, para que isto fosse um sinal para esses irmãos — isto porque havia fé no Seu espírito de que tal podia ser realizado.

Isto foi uma coisa pequena, mas para eles pareceu um prodígio, e, como tal, é recordado. Vós não conseguis compreender como, depois do espírito ser libertado do corpo, pode então agir com fé de tal modo que não era possível antes de sair da carne. Não vos posso dizer coisas mais claras. Cristo teve poder para fazer estas coisas devido ao conhecimento que tinha dentro de Si do Propósito pelo qual foi enviado ao mundo. Ele diz-vos: "PELA FÉ REMOVERÃO MONTANHAS"; e assim é: mas nada é dado àqueles que não podem receber esta mensagem de fé — essa fé que vem directamente do Espírito que está por detrás de Tudo.

Perguntaríeis porque é que aqueles santos que tinham esta fé não realizam tais prodígios depois de terem sido libertos do corpo. No entanto, os santos verdadeiramente operaram grandes milagres depois de terem deixado o corpo. Descobrireis que eles realizaram grandes maravilhas de cura e que muitos dos santos apareceram àqueles que acreditaram em visões, e a estes deram grande consolação. Sabeis também que as chagas de Cristo foram concedidas a alguns. Deveis acreditar no que está diante de vós todos os dias — que àqueles que pedem será dado. Cristo ensinou-vos isto.

Também estes santos que já partiram e estão aqui, estão à espera que os chameis. Mas poucos os chamaram. Sabeis que só a fé pode chamar-nos do nosso lado para vos darmos sinais do vosso. Assim, se entrarem num lugar pedindo mas sem acreditar, pouco receberão: mas se acreditarem, muito terão. Se vos faltar a fé, não encontrareis aquilo que procurais.

Agora, a pesca milagrosa foi realizada pela fé daqueles que estavam no barco. Foram eles, pela sua fé, que deram a substância através da qual o Espírito operou este milagre. Se estes homens não tivessem acreditado, não teria havido pesca milagrosa. Deveis compreender que estes peixes eram como outros no mar, embora tivessem sido formados pelo Espírito de Cristo como sinal realizado por meio daqueles que lançaram a rede.

Estes peixes não eram dos que já estavam no mar: mas, depois de puxados para a rede, eram de facto como os outros do mar, estando vivos aparentemente e morrendo quando eram tirados da água: também permaneceram como outros peixes e foram comidos, como ouvistes, sendo esta uma refeição que foi tirada do Espírito.

Posso contar-vos muitas coisas daqueles que agem como mensageiros do nosso lado*. Contudo, são apenas mensageiros e apenas transportam consigo aquilo que já está feito. Estes não requerem aquela força de fé que é necessária para criar aquilo que não existe, mas que pode ser e é, subitamente, gerado pela fé que trabalha do espírito para a carne.

Se não quiserdes ouvir mais sobre os milagres como agora os entendeis no funcionamento de tais (e destes podeis ler nos outros evangelhos), então falarei dos ensinamentos de Cristo e explicar-vos-ei muitas coisas que podem ser estranhas para o vosso entendimento.

*A palavra “anjo” é equivalente: (Angelos — Mensageiro)

Então contarei a perseguição de Cristo; da Sua noite no Monte das Oliveiras e do tempo antes de partir e ser pendurado na Árvore. E o significado disto tentarei mostrar-vos. Depois contarei o tempo após a Sua ressurreição, quando apareceu a alguns dos que acreditavam, e da Sua ascensão aos Céus. Não vos darei tanto daquilo que já foi escrito, mas sim aquilo que não compreendeis. E tendes a minha promessa de que ouvireis tudo o que ouvi o meu Mestre dizer: pois é para esse propósito que tentei recuperar as minhas memórias.

Perguntais de novo sobre o tempo do ministério de Cristo? Cristo, depois de ter sido batizado no Jordão, ministrou àqueles que O seguiram durante três anos completos; depois dos quais, estando o Espírito Santo infundido no mundo, o ministério continuou através da Mente de Cristo, sendo difundido entre os homens.

Capítulo XVI

Do estado de Jerusalém durante o ministério de Cristo. Dos Escribas e Fariseus. Da língua em que Jesus falava. Filipe dá o Pai-Nosso segundo a sua recordação.

Contei o meu primeiro encontro com o meu Mestre na cidade de Jerusalém, e como era perigoso para Ele apresentar-se abertamente no Templo e expulsar aqueles que não eram impedidos pelo governo do país. Já tinha pregado e feito muitas curas na Galileia, mas aqui em Jerusalém teve muito perigo e dificuldade em usar o poder que estava n'Ele. Pois, sabendo que era vigiado, teve de procurar cuidadosamente casas que pudessem ser descobertas por aqueles que O seguiam, e nesses lugares dificilmente encontrava espaço para os que acreditavam, que vinham a Ele em busca de auxílio para as suas doenças de mente e corpo.

Gostaria que pudésseis imaginar Jerusalém como era no meu tempo: uma cidade onde havia muitos poderes, cada um forte contra o outro, e muita discórdia. Cristo não se alinhava com nenhum deles; nem com o poder romano, nem com o Tetrarca da Judeia, nem com os sacerdotes do Templo: nem ainda com os ricos que, não ligando muito à religião da época, mas antes fazendo da sua religião uma forma de ganhar riqueza, tiranizavam os pobres e oprimiam os que estavam ao seu serviço.

"ESCRIBAS E FARISEUS, HIPÓCRITAS!" Já ouvistes estas palavras de Cristo. E assim era: pois estes, naquele tempo, eram os opressores dos pobres, exigindo muito serviço de todos os que pudessem dar e oferecendo pouca recompensa. Os Fariseus eram os ricos, que tinham, mais pelo comércio do que pela linhagem, grande poder na Judeia. Os Escribas, embora não tão ricos como os Fariseus, serviam-nos, sendo parte do Templo e parte da Lei. Estes eram de facto mais severos na sua opressão do que os Fariseus.

Podeis pensar, como eu, que sou grego e nasci numa terra à qual não pertencia, que do Egipto antigo vieram tais ideias ao espírito do povo. Não posso dizer se assim é: mas posso dizer-vos que, no tempo de Cristo, assim eram os Escribas e Fariseus. Sabeis como Ele invocou sobre eles a vingança que viria do Céu — isto por causa do seu orgulho e da sua opressão dos pobres.

Não posso dizer muito de mal sobre os Romanos. Eram um povo cujo pensamento era de justiça. Não eram odiados no meu tempo, como talvez pensásseis. Mantinham-se à parte, governando, mas não com crueldade ou injustiça. Digo isto porque eu, Filipe, testemunhei aquele milagre de Cristo quando foi chamado por alguns deles para ajudar o centurião. Sabeis que não houve aversão por parte de Cristo.

Tal aversão só teria mostrado àqueles que oprimiam duramente os pobres. Quero deixar claro que Cristo não, como alguns pensam, desprezava os ricos, mas apenas aqueles que não eram verdadeiros nas suas vidas. Os Seus ensinamentos chegaram até vós apenas em partes: quero apresentar-vos isto de forma mais completa para que possais compreender o seu significado.

Perguntareis que língua usava Cristo quando falava e ensinava. Ao dirigir-se aos Escribas e Fariseus, tinha de usar uma língua diferente daquela que usava com o povo: pois em Jerusalém, no meu tempo, não se falava apenas uma língua, mas três línguas.

Mas poucos tinham o hebraico, salvo os que serviam no Templo e aqueles que eram escribas e viviam entre os de alta posição, os quais usavam a linguagem do sacerdócio. Cristo podia falar a língua dos judeus, se assim o quisesse. Também conhecia e entendia o grego. Mas ao povo falava na sua própria língua, pois nela foi Ele primeiramente instruído. Ainda assim, nestas línguas havia muitas palavras comuns a ambas e algumas tinham vindo do Egipto nos tempos da servidão. Assim, o hebraico era a língua principal usada nos templos, onde tal lhes era ensinado nas Escrituras.

Perguntareis com que palavras Jesus orava ao Pai. Lede-me a oração tal como a tendes e eu a direi palavra por palavra. Ele rezava assim:

"PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS. O TEU NOME JAMAIS MORRERÁ. O TEU REINO DURARÁ PARA SEMPRE. A TUA MÃO PREVALECERÁ CONTRA OS TEUS INIMIGOS, TANTO NA TERRA COMO DEBAIXO DELA E NOS CÉUS ACIMA. QUE OS TEUS FILHOS COMAM DO PÃO QUE CAI DA TUA MÃO. QUE OS NOSSOS PECADOS, QUE SOMOS OBRIGADOS A COMETER, SEJAM APAGADOS: COMO DEVEMOS SER MISERICORDIOSOS PARA COM OS QUE PECAM CONTRA NÓS. GUARDA OS NOSSOS PASSOS DO CAMINHO DO PECADO E DO PODER DE SATANÁS, QUE ESTÁ NO CAMINHO. POIS A TI É DADO TODO O PODER E DOMÍNIO SOBRE TODOS OS HOMENS. ÁMEN."

Capítulo XVII

Filipe fala da cura do servo do centurião romano e da ressurreição de Lázaro do sono da morte.

Quero falar-vos hoje destes dois milagres; o do centurião e a ressurreição de Lázaro dos mortos. Contar-vos-ei como os vi com os meus próprios olhos e peço-vos que presteis atenção a tudo o que relato. Gostaria que, depois disto, me lesses as palavras dos evangelhos para que eu possa tornar claro o seu significado para vós: pois não duvido que, com o passar dos séculos, muito se perdeu e muito se acrescentou ao ensino de Cristo.

Já vos disse que, depois de ter encontrado Cristo, nunca mais voltei para o meu povo nem para aquela vida que seguira na juventude; mas, deixando toda a minha vida anterior, segui-O. Na noite desse dia em que O vi pela primeira vez, muitos se tinham reunido fora da cidade para O ouvir falar. Segui-os e, ouvindo, soube que a primeira parte da minha vida não passara de um sonho e que esta era o dia do despertar. Pois assim falava Cristo, de modo simples e com voz pausada, sem apressar as palavras mas dizendo cada uma para que o som entrasse no ouvido e penetrasse no coração, de modo que todos os que escutavam não estavam vivos para o que os rodeava mas perdiam-se nestas palavras que os transportavam para a Vida além.

Quero que vejais isto tal como foi. Cristo estava no meio da multidão, de pé sobre uma grande pedra que estava ali entre as árvores: e todos à volta, sentados ou de pé, escutavam não só com os ouvidos mas também com os olhos. Pois a voz de Cristo não era como nenhuma outra. Profunda e grave no seu tom; mas clara como um sino que soa pelo deserto ao entardecer.

Depois de terminar de falar, aproximei-me de um que estava junto d'Ele e perguntei se poderia entrar na irmandade do Mestre: e este homem, alto e rude de aspeto, com longos cabelos não cortados caindo-lhe sobre os ombros, falou-me com severidade, dizendo: 'És sem dúvida um homem rico e jovem, e és corajoso e de boa aparência. Como vens para junto destes que são pobres e necessitados?' E acrescentou: 'Vens aqui e perguntas-me desta irmandade. Aqui não encontrarás irmandade; pois todos os homens são irmãos. Mas se quiseres, podes seguir connosco que encontramos o Mestre, e podes aprender d'Ele. Não deves ser dos ricos, orgulhosos e altivos, vestindo roupas finas; mas como Ele é. E somos todos iguais, uns para os outros, dispostos a cumprir a Sua vontade.'

Voltei-me e baixei a cabeça, dizendo-lhe: 'Estou pronto, se Ele me aceitar. Diz-me quem és e como entraste ao serviço do profeta Jesus.' E ele, voltando-se para mim, disse: 'O meu nome é Simão, e também sou chamado Pedro; e desde o início venho com Cristo, sem dúvida no coração.'

E quando a multidão se virou e seguiu atrás de Cristo, eu também segui; e perguntando a vários onde poderia encontrar pousada para a noite, fui pelo caminho, pensando para onde me levaria esta nova vida. E agora tínhamos entrado pelas portas da cidade. E veio um correndo pelo caminho como se quisesse implorar à multidão que falasse com ele. Estes que primeiro tinham entrado na cidade, ao falar com este homem, levaram-no até Cristo. E Ele, olhando para este homem que, de cabeça baixa, parecia estar admirado, disse-lhe: "VENS ATÉ MIM. DIZ O QUE TE VAI NO CORAÇÃO."

E o homem, que estava vestido à moda romana e não como os outros na multidão, falou hesitante e com voz temerosa, dizendo: 'Tu és o profeta Jesus e eu sou romano com comando sobre cem homens. Venho a ti porque em minha

casa está alguém doente, que me serve: e está prestes a morrer se não houver ajuda. Conheço-Te pela tua fama e creio que és de facto um profeta. Mas eu, sendo de outra fé e tendo autoridade sobre muitos a quem posso mandar, não devo pedir-Te, que és judeu, para ajudar alguém como eu. Só por misericórdia Te pediria que viesses até ao meu servo (que não ofende), e salvasses a sua vida.'

E alguns na multidão murmuravam entre si, dizendo: 'Este é um romano.' Mas Cristo, voltando-Se para a multidão e sorrindo, ergueu a mão pedindo silêncio e falou assim para eles: "VÓS TENDES FÉ, MAS NÃO COMO TEM ESTE ESTRANGEIRO QUE SE APROXIMA DE MIM, SABENDO NO CORAÇÃO QUEM SOU. A VOSSA FÉ NÃO É COMO A DELE, POIS ELE HUMILHOU A SUA FÉ POR MIM." E, voltando-se para o centurião, falou novamente: "PELO QUE ME DESTES, RECEBEI DE MIM O DOM QUE TENHO PODER DE CONCEDER. ENCONTRAREIS QUE SALVASTES A VIDA DESTE VOSSO SERVO." E todos os que estavam à volta maravilharam-se com as Suas palavras.

Então o centurião, ajoelhado no caminho, quis beijar a orla do manto de Cristo: mas Ele, erguendo o homem, tocou-lhe na testa com os lábios, dizendo: "VAI E AJUDA AQUELE QUE TE AGUARDA." Não lhe disse 'Irei contigo': pois pela fé do seu senhor foi o servo curado. Este servo estava, como diz Mateus, paralítico: e assim era, pois a doença vinha de uma febre. Mas o milagre não ocorreu em Cafarnaum como ledes, mas em Jerusalém, como vos disse.

Depois de o centurião se ter dirigido para a cidade para curar o servo, Cristo e a multidão seguiram o seu caminho: e de vez em quando alguém se aproximava — uma mulher ou um mendigo — para tocar no Seu manto. E a estes Ele estendia sempre a mão, deixando-os sentir o dedo da Sua mão esquerda sobre eles. E, ao entrarmos na cidade, cada um foi para sua casa em paz.

Quando Jesus entrou, voltou o centurião, clamando a todos e dizendo que, ao chegar a casa e pousar a mão sobre o seu servo, a febre o deixou. E todos se admiraram, não pela cura em si, mas por se tratar da cura de um homem que era de uma fé diferente da de Cristo.

Já vos transmiti as palavras de Cristo como as recordo. Quero agora falar sobre aquelas que estão registadas no Evangelho de Mateus. Lestes que Cristo disse: "EM VERDADE VOS DIGO, EM ISRAEL NÃO ENCONTREI TANTA FÉ." Isto disse Ele depois de alguns judeus murmurarem contra o romano.

Mas onde faz Jesus dizer: "E DIGO-VOS QUE MUITOS VIRÃO DO ORIENTE E DO OCIDENTE E SENTAR-SE-ÃO COM ABRAÃO E ISAAC E JACÓ NO REINO DOS CÉUS: MAS OS FILHOS DO REINO SERÃO LANÇADOS NAS TREVAS EXTERIORES: ALI HAVERÁ PRANTO E RANGER DE DENTES":

então digo ‘Não é assim’: pois Cristo nunca proferiu tais palavras. Tudo isto foi transmitido por Mateus como ensinamentos. Não era este o modo de ensinar de Cristo. Ele falava sempre da forma mais simples e clara àqueles que O seguiam. Já reparastes que muito foi acrescentado. Mais uma vez vos digo que vos recordei as palavras de Cristo.

Mas onde ledes ‘E Jesus disse ao centurião “VAI, E COMO CRESTE, ASSIM TE SEJA FEITO” e o servo foi curado na mesma hora’: isto sim, foi assim, e que o centurião devia tratar daquele que o aguardava. Isto foi depois de a notícia se ter espalhado. Pois deveis compreender que foi a fé deste centurião, ao vir ao Mestre, que realizou a cura.

Quanto às outras palavras de Mateus a que me referi, deveis saber que eram ensinamentos que foram dados mais tarde, quando chegou o tempo de serem úteis.

Depois de pouco tempo, Jesus foi a Cafarnaum ensinar aqueles que já O conheciam desde antes: pois estes há muito conheciam Cristo. Aqui encontrou muitos que padeciam de doença do espírito. Para os que acreditavam, isto foi um grande prodígio, pois quem está doente do espírito não pode receber a fé que vem de dentro. Digo-vos isto: quem está doente da mente não pode usar a fé que está em si. Assim nos ensinou Cristo. Mas primeiro, tal pessoa deve receber uma mensagem da mente que crê. E então, usando o que há dentro de si, será curado.

Aqueles a quem chamais loucos vinham até Jesus, e com eles Ele pousava a mão sobre a cabeça do homem. E, falando-lhe em voz alta, chamava-o a curar-se a si mesmo. E isto fazia cair um sono sobre o homem, após o qual este ficava são de novo.

Depois de a cura na Galileia ter sido realizada, Jesus veio novamente a Jerusalém: pois aqui tinha ainda muito a cumprir antes do início da Sua paixão. Nos primeiros tempos do Seu ensino, permaneceu na Galileia, pois era fácil para Ele entrar nas sinagogas. Mas em Jerusalém havia muitos perigos; e a Sua missão tinha de criar raízes nessa cidade antes do tempo do Seu sofrimento. E também quis que em Jerusalém O conhecessem, para que, depois da Sua partida, muitos pudessem testemunhar o que eles próprios tinham visto.

Ora, estando Cristo em Jerusalém, e pouco depois de ter vindo da Galileia, trouxeram-lhe notícias de que Lázaro estava doente. Muito tinha ouvido dos discípulos acerca dos que eram da casa de Lázaro. Estes eram próximos de Cristo, seguidores desde o princípio, desde o primeiro encontro com Ele. Eram Maria e Marta, as duas irmãs de Lázaro, que viviam juntas na mesma casa. Nunca as tinha visto, mas muito ouvira falar delas pelos seguidores.

Ao receber a notícia sobre Lázaro, Cristo não se mostrou perturbado ao ouvir da doença, e todos à Sua volta se admiraram. Pois sabiam que Ele amava todos os daquela casa. Ao ouvir a notícia, Cristo disse: “AINDA NÃO CHEGOU O TEMPO DE ELE ADORMECER: ENTÃO ME CHAMARÁ.” E todos se admiraram muito, mas ninguém Lhe disse palavra.

Depois de terem passado três dias desde que chegou a notícia, Jesus disse a João: “NO QUINTO DIA, DENTRO DE DOIS DIAS, LÁZARO CHAMAR-ME-Á.” E João não lhe fez perguntas, nem ninguém que estivesse ali. Mas agora, sendo chegado o quinto dia, Cristo disse-nos: “LÁZARO CHAMOU-ME. TENHO DE IR A BETÂNIA. E QUALQUER DE VÓS QUE QUEIRA VER-LHE LEVANTAR-SE DO LEITO PODE VIR COMIGO.”

Ora, não era longe de Jerusalém a Betânia, e muitos dos que estavam com Ele estavam prontos para seguir viagem.

Quando chegámos a Betânia, Maria e Marta vieram ao nosso encontro, chorando. E, lançando os véus sobre o rosto, disseram: ‘Mestre, Lázaro morreu, e já passaram três dias.’ E Jesus, voltando-se para elas, perguntou como se dera a morte. E Marta, mulher de muitas palavras, exclamou: ‘O meu irmão Lázaro morreu de febre. Mandámos alguém a Ti e não recebeste a mensagem.’ E Jesus, voltando-se para ela, não a repreendeu, mas sorriu-lhe, pousando-lhe a mão e perguntando:

“ONDE O DEITARAM?”

Maria, que chorava, veio a Jesus, dizendo: “Segue-me, Senhor, pois acredito que podes chamá-lo do seu sono.” E assim, chegando ao túmulo, que estava fechado por uma grande pedra, Cristo pediu aos que estavam consigo que a retirassem da entrada. E Marta, de novo apressada nas palavras, falou, chorando, dizendo: “Três dias já jaz no túmulo; não podeis agora mover a pedra, pois o rosto de Lázaro já estará desfigurado pela decomposição da carne.”

E Jesus, voltando-se para ela, disse: “SILENCIA, MARTA: DEIXA QUE MARIA VENHA E FIQUE JUNTO DE MIM PARA QUE, POR MEU INTERMÉDIO, RECEBA A FÉ QUE AJUDARÁ O TEU IRMÃO.”

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

Todos os que estavam à nossa volta reuniram-se; cada um tentava espreitar para o túmulo quando a grande pedra fosse removida da entrada. E Maria permaneceu junto de Cristo, já sem lágrimas, tocando na Sua mão esquerda. E algumas das mulheres que estavam connosco desviaram o rosto com medo, não fossem ver o que estava dentro do túmulo.

Quando a pedra foi removida, ali jazia o corpo, atado como se ata os mortos, envolto em faixas e com um pano sobre a cabeça. E Jesus clamou em voz alta:

“LÁZARO, TU QUE DORMES, LEVANTA-TE, DESPERTA, E SAI NOVAMENTE. A TUA VIDA É-TE DEVOLVIDA PELA FÉ QUE ESTÁ EM MIM E EM MARIA, TUA IRMÃ.” E todos, cheios de medo, viram o morto mover-se: não lentamente, mas de repente, o homem morto sentou-se no túmulo, sacudindo o pano da cabeça como quem desperta do sono. E ali não havia decomposição da carne. Mas como alguém que se ergue da cama, assim, após três dias no túmulo, Lázaro ergueu-se.

Cristo não se moveu nem ergueu a mão. Mas, tocando em Maria, falou com aquela voz de que vos falei, uma voz clara mas profunda e forte: e, quando o morto se ergueu, muitos clamaram, uns de medo, outros de espanto. E Jesus, voltando-se para Maria, disse:

“MARIA, NÃO TEMAS. SOLTA AS FAIXAS QUE O ENROLAVAM.” E Maria desatou as faixas. E Lázaro, caindo de joelhos perante Cristo, disse: “Senhor, Tu chamaste-me. Aqui estou.”

Capítulo XVIII

Filipe recapitula a ordem dos milagres de Cristo. Fala do poder romano na Galileia; da escolha dos Doze e do carácter de cada um e dos seus sinais. Conta um milagre realizado por Jesus ao expulsar um espírito maligno.

QUERO FALAR-VOS de outros milagres da carne e ouvireis também daqueles que testemunhei e que não estão registados nos evangelhos. Pois muitos vi; e destes vos darei mais do que um, se quiserdes. Mas depois disso, deixai-me também falar dos ensinamentos de Cristo, e acompanharei convosco estes antes de escrever sobre os Seus sofrimentos.

A ordem dos milagres era esta: primeiro vinha a cura; depois a expulsão dos espíritos malignos; depois a ressurreição dos mortos. E a seguir, milagres em que muito era feito a partir do nada. E novamente, depois destes, foram os ventos e as ondas ordenados a obedecer ao Mestre. Assim se operavam os prodígios. Mas no meu tempo houve muitos de todos os tipos. Cristo ganhava força à medida que avançava na Sua missão. Cada milagre realizado dava-Lhe ainda mais poder para que pudesse fazer o seguinte.

Contarei agora dois desses milagres que não estão nos Evangelhos. O primeiro é a expulsão de um espírito maligno. O segundo é da quarta ordem de que falei. Cristo podia fazer muito onde nada havia, e dar-vos-ei um destes exemplos. Depois, darei ainda outro não mencionado nos Evangelhos: este, da quinta ordem, onde os ventos e as ondas foram chamados à obediência por Cristo. Se todos os prodígios realizados por Jesus vos fossem relatados, teríeis muitos evangelhos. Pois desde o primeiro encontro com Cristo, estes prodígios eram diários. Eram, sobretudo, para os que sofriam. Pois todos os doentes

vinham ter com Ele, alguns em segredo, outros sem medo: e os que tinham fé partiam curados desde o momento em que acreditavam n'Ele.

Já vos falei da ressurreição de Lázaro. Quero que volteis ao tempo em que Jesus estava na Galileia, antes de regressar a Jerusalém: pois nessa altura realizou muitos milagres para aqueles que sofriam do espírito. Quero que imagineis Cristo rodeado pela multidão que sempre O seguia; e, com Ele, os Doze.

Aqueles que foram escolhidos para pregar as palavras de Cristo depois de Ele partir de entre os homens deveriam cada um carregar um símbolo, que Ele lhes deu em segredo.* Cada um dos doze foi escolhido pelo seu sinal e foi retirado do meio dos outros devido à sua natureza e ao seu espírito, para assim levar ao mundo uma parte daquela verdade que deveria ser difundida entre as almas dos homens. Aqui reside um grande mistério: pois não sabeis, nem podeis compreender, como o Espírito deve ser espalhado. Contudo, assim foi ordenado quando Cristo veio ao mundo.

> *Filipe refere-se aqui, sem dúvida, ao simbolismo zodiacal com que a Igreja primitiva associou os XII Apóstolos e os IV Evangelistas.

No meu tempo, eram os romanos os governantes na Galileia. Cristo não temia os romanos nessa altura, mas antes Herodes, que governava a Judeia: e, nesses dias de que falo, Ele estava seguro na sua própria terra e podia entrar nas sinagogas, como já vos disse. Pois nessa altura os romanos não faziam caso de Cristo. Mas os judeus (Herodes sendo o principal governante) temiam Cristo, pois Ele afirmava ser o Messias esperado pelo sacerdócio. Mas vereis como também os romanos acabaram por recear que Ele pudesse influenciar os judeus contra aqueles que detinham autoridade.

Cristo andava a pregar e a curar na Galileia. Por vezes subia às montanhas e ninguém O seguia até lá. E também, enquanto os doze e aqueles que os seguiam esperavam por Cristo, acontecia que Ele aparecia de repente no meio deles, sem que ninguém soubesse de onde vinha ou para onde ia. Um dia, após ter estado ausente durante três dias, veio à tarde ao meio daqueles que descansavam após o pôr do sol; e, surgindo entre eles, ninguém se admirou, mas cada um, levantando-se, saudou Jesus. E, depois de se sentar e tomar alimento, veio ter com Ele uma mulher muito aflita. Esta mulher não podia falar, mas, deitada no chão, colocava terra sobre a cabeça e permanecia em silêncio. E Cristo, olhando para ela, disse: "FILHA, QUAL É A TUA DOR? DIZ O QUE TRAZES NO CORAÇÃO."

E ela, erguendo a cabeça do chão e falando entre lágrimas, disse: "Ó Tu que vens trazer conforto ao mundo e aos pobres; tem piedade de mim, pois muito sofro. Na minha casa está um que me expulsa por causa do mal que há nele. E este mal atormenta-o muito: pois às vezes está são; e depois o mal que há nele manifesta-se e expulsa todos os que estão em casa com a sua violência."

E Cristo, erguendo a mulher do chão, disse-lhe: “ACREDITAS, MULHER, QUE POSSO EXPULSAR O MAL DA TUA CASA E DO HOMEM QUE ASSIM É ATORMENTADO?” E ela, caindo de novo por terra, disse: “Sim, acredito; se apenas fores ter com o meu filho, então o mal deixá-lo-á.” E Cristo, tomando a mulher pela mão, disse: “LEVA-ME ATÉ TEU FILHO.” E toda a multidão se apressou a segui-los para poder ver o prodígio que estava para acontecer.

Depois de Cristo ter estado retirado e nas montanhas ter encontrado forças, foi então o tempo em que os Seus milagres foram mais poderosos. E agora, ao chegar à casa desta mulher, eis que o seu filho estava lá, sentado à porta: um jovem, forte de corpo. E ele, contorcendo-se como se sentisse grande dor, gritava em voz alta. E ninguém se podia aproximar dele. Então ela, sua mãe, cheia de medo, agarrava-se à mão de Jesus, clamando que tinha medo.

E Ele, soltando-lhe a mão, avançou até ao jovem que estava ali à porta. Não se apressou Cristo no seu passo, mas avançou devagar, olhando nos olhos do homem. E ele, como se alguém se aproximasse dele e lhe desse sono, ficou apoiado à porta, silenciado e sem mais se contorcer. E Jesus, falando com voz clara, disse-lhe: “O MAL QUE ESTÁ EM TI PODE DEIXAR-TE SE O LANÇARES FORA DE TI.” E o jovem, inclinando-se para Cristo, soltou um grande grito. E ajoelhando-se aos Seus pés, beijou-os. E, desde essa hora, o espírito que o atormentava já não mais o perturbou.

Este foi um dos muitos milagres de cura e de expulsão de espíritos malignos que vi no meu tempo. Tais espíritos não eram expulsos de modo a que o olho os pudesse ver; mas eram ordenados para que deixassem de atormentar o homem; e assim era, como vos contei. Mas sobre os sinais pelos quais estes são expulsos não vos posso falar: pois do mistério desses sinais que expulsam espíritos malignos ou que podem invocar os que são bons para o homem, tenho pleno conhecimento; mas desses não me é permitido falar-vos. Pois alguns que usaram poderes perigosos para a alma do homem descobriram certos conhecimentos destes sinais e usaram-nos sem pleno entendimento dos perigos que os rodeiam.

Sobre os sinais destes Doze que foram escolhidos por Cristo falarei mais adiante: pois na natureza de cada um destes homens havia aquilo que deveria ser usado para levar ao mundo partes daquela grande verdade que havia de chegar. Se me perguntardes mais tarde, dar-vos-ei esses significados; mas os sinais não posso revelar: esses dar-vos-ei por números. Quero que saibais por que qualidade cada homem foi escolhido e com que propósito: e mais tarde vos darei o carácter e a finalidade de cada um.

Capítulo XIX

O milagre da expulsão dos demónios para a vara de porcos. Explicação de Filipe sobre a natureza deste acontecimento.

QUEREIS SABER agora da expulsão dos demónios para a vara de porcos. Contarei esta história como a ouvi, e assim será de novo algo ouvido de outros, pois não estava com o grupo nessa altura.

Já vos disse que a expulsão de demónios não era como a cura dos que estavam doentes do espírito. Agora, os dois homens de quem ledes nos evangelhos estavam gravemente aflitos, tendo entregue as suas mentes àquilo que era pura loucura. Por esta razão, deixaram-se abertos ao mal que está sempre pronto a entrar na habitação que está vazia.

E nesses dois entrou o mal, de tal forma que se tornaram um perigo para muitos: e foram enviados para um lugar deserto, ali para permanecer. Agora, alguns destes, quando expulsos do meio dos homens, habitavam nos túmulos escavados na rocha, que ainda não eram usados para o repouso dos mortos. Assim habitavam estes dois nos túmulos; e se quiserdes compreender plenamente o que aconteceu, deveis saber que Cristo, tendo proibido a qualquer um de agir contra a Lei, ficou indignado quando alguém a desafiava.

Por isso, dizendo a esses espíritos que tinham entrado nos corpos destes dois homens que deviam sair da sua habitação, ordenou-lhes então que passassem para os corpos daquela vara de porcos que ali pastava. Fê-lo porque os corpos de porcos eram considerados impuros na terra da Judeia.

Ledes que esses espíritos impuros clamaram dizendo: ‘Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?’ Se quiserdes saber o que queriam dizer ao perguntar por que antes do tempo deviam ser expulsos e atormentados, responder-vos-ia assim: Deveis saber que queriam dizer “Por que nos expulsas de novo para sermos atormentados pelos elementos antes de estes corpos morrerem, nos quais habitamos?”

Assim permitiu Cristo que esses seres malignos passassem para a vara, pois no que era ilícito podiam habitar, sendo eles próprios transgressores da lei.

Agora, perguntaríeis “Qual é esse tormento dos elementos de que esses tinham medo?”. Há de facto tormento para esses espíritos maus ao perderem a habitação na carne: pois os que são maus anseiam por tudo o que dá prazer ao corpo; enquanto os que não são maus procuram aquilo que é da alma. E esses seres malignos que vagueiam pelos elementos encontram tormento porque não se podem alimentar senão daquilo que é impuro e pertence ao que há de mais baixo no corpo. Assim podeis ver o significado do que disseram a Cristo.

Perguntareis se esses espíritos malignos eram almas perdidas de homens ou se vinham de algo que nunca foi homem. Digo-vos: “Estas duas coisas são uma”: pois tudo o que é mau entra no homem a partir do exterior. Cada homem tem a sua parte má; e, depois de abandonar o corpo, todo o mal que há nele também é lançado fora. E tal pode seguir novamente o seu caminho.

O que é espírito — a alma, como lhe chamais — pode não ser capaz de lançar fora a parte má, se usou a sua vida na terra como não devia. Assim, pode o seu percurso ser longo até entrar na perfeição. Deveis saber que o que chamais ‘espíritos’ é parte do Espírito Total, e o caminho destes é sempre em frente. E, na viagem do espírito, a parte má tem de ser abandonada.

Lestes como, ao cair da noite, trouxeram-Lhe muitos possuídos por demónios: e Ele expulsou os espíritos com a Sua palavra e curou todos os doentes: para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías: “Ele mesmo tomou sobre Si as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças.” Compreendeis o que aqui se pretende dizer? Cristo foi enviado para dar nova força ao mundo e ajudar na expulsão do mal. Mas não deveis pensar que essas coisas más se apegavam a Cristo. Antes, foi-Lhe dado o poder de as destruir, expulsando-as de novo e libertando as almas dos homens do tormento.

Quanto ao cumprimento das profecias, perguntais se Cristo fazia estas coisas por causa desse cumprimento. Digo-vos: Não. Cristo apenas compreendia o Seu propósito de dia para dia. O que isto vos ensina é que estava ordenado um certo caminho, que Ele devia percorrer. Os profetas sabiam, mas não sabiam que sabiam, e assim foi com Cristo. Mas depois que partiu, então os que vieram depois d’Ele puderam olhar para trás e ver o caminho que Ele percorreu.

Capítulo XX

O milagre dos pães e dos peixes. O caminhar sobre o mar. O fortalecimento do espírito de Cristo.

Ledes como Jesus partiu de barco para um lugar deserto e como foi seguido por uma grande multidão, curando muitos. E o povo tinha fome. Ledes como Ele tomou os cinco pães e os dois peixes e alimentou o povo. Gostaria que tivésseis visto este milagre, que ocorreu numa fase mais avançada da vida de Cristo. Deixai que vos relate como eu o conheci.

A multidão, tendo-O seguido sob o calor do dia, estava cansada ao entardecer, e, com fome, e estando longe de qualquer povoação ou local de hospitalidade, ia-se deixando cair por terra, as mulheres trazendo consigo crianças: e algumas destas choravam com fome.

Os discípulos, indo pelo meio da multidão, perguntavam se alguém teria mantimentos que pudessem ser dados às crianças.

Encontraram um homem que trazia consigo dois pequenos peixes que tinha pescado num ribeiro antes de Cristo passar por ele. E este homem, ao ver Jesus, seguiu com os outros. E entre o povo encontraram também esses cinco pães de que ledes. Assim, tendo encontrado isto, os discípulos queriam dar essa comida às crianças.

Mas Jesus, vendo a sua intenção, chamou-os, ordenando que Lhe trouxessem os pães e os peixes. Pois disse: “NÃO PODEIS DAR ISTO SÓ ÀS CRIANÇAS. POIS VEDE! TODA A MULTIDÃO TEM FOME.” Assim, tomando a comida nas Suas mãos, colocou-a sobre uma grande pedra que ali estava, como se fosse uma mesa. Depois, colocando as mãos sobre a pedra, mandou aos discípulos que partissem os pães e os peixes e os dessem ao povo.

E à medida que cada pão era partido e cada peixe dividido, Jesus voltava a pôr a mão sobre o que restava, sendo tirada a metade de cada vez. E quando levantava de novo a mão, eis que lá estavam novamente os cinco pães e os dois peixes, inteiros como antes. E assim foi até que toda a multidão ficou saciada. E estes, clamando em voz alta, davam louvor a este grande profeta que conseguia encontrar alimento para eles no deserto.

Depois de terem comido, mandou recolher tudo o que se tinha esfarelado no chão e todos os restos e fragmentos dos peixes. E encheram cinco cestos com o que sobrou.

Perguntaríeis se era mais fácil para Jesus multiplicar aqueles pães e peixes que Lhe foram apresentados do que criar outros de novo. Sim, meu irmão, era mais fácil, embora, como direi a seguir, Cristo tivesse feito pão de uma pedra para nós no deserto. Os pães e peixes, sendo apresentados diante do povo, estes sabiam o que havia para comer, e a partir destes, pela fé que estava n’Ele, fez Ele que houvesse um número contínuo deles. Direi que Ele usou esses números, Cinco e Dois, e com eles suplicou ao Grande Poder que estava acima que desse cinco e dois de novo e de novo, até todos estarem satisfeitos.

Isto parecer-vos-á um grande mistério, e nós próprios não o compreendíamos à época. Mas agora sabemos que se a fé de um homem for forte, tão forte que nada a possa perturbar, então pode dar uma imagem daquilo que foi, mas que agora está destruído. E os que também têm fé, ainda que mais fraca, podem ver essa imagem, e ela torna-se para eles como a primeira imagem a que chamais realidade.

Depois de Cristo ter passado para o outro lado, subiu então a uma montanha para orar. Sabeis que Cristo desaparecia do nosso meio subitamente e ninguém sabia para onde tinha ido. Assim foi agora. Deixou-nos de repente; e

nós, estando com os que pescavam, lançámo-nos ao mar; e, como está escrito, Cristo voltou a aparecer de repente, e desta vez caminhou sobre as águas, como ouvistes. Para nós, parecia que Cristo não caminhava, mas flutuava sobre as águas: e todos os que estavam no barco se admiraram. Pois não estava como durante o dia, mas cheio de luz, como um espírito.

Agora Pedro, de coração ardente mas de fé fraca, clamou-Lhe como lestes. É necessário perceber o significado disto, que foi um dos últimos milagres. Cristo, estando muito exausto pelo que tinha dado aos homens durante o dia, afastou-se de nós para que a sua força regressasse.

E Ele, estando muito no Espírito e não estando totalmente encerrado no corpo, apareceu assim sobre as águas. Mas, quando a fé de Pedro, sendo fraca, o fez afundar, então o espírito de Cristo entrou de novo no Seu corpo. E a Luz deixou-O depois de entrar no barco: e ficou como sempre tinha sido.

Vistes que, nesse tempo, eu estava na companhia próxima dos discípulos. Assim foi devido à natureza da minha vida antes de encontrar Cristo. Pois era cheio de zelo pelo conhecimento e muito aprendera do meu pai sobre o culto do meu próprio país. Depois de me tornar um dos seguidores de Jesus, por isso, buscava com grande curiosidade e espanto estar com Ele.

E Ele, embora soubesse que eu tinha pouca daquela fé que tinham os que O rodeavam, que eram menos instruídos e tinham convivido menos com pessoas de posição na Judeia, sabia que eu era de espírito curioso e ansioso. E permitiu que eu estivesse muito com os irmãos. Mas foi por acaso que estava no barco com eles: pois, apressando-nos a levar Cristo para o outro lado, eu, sendo jovem, saltei primeiro para o barco para o soltar da margem. E assim continuei nessa noite com os discípulos.

Quando chegaram ao outro lado, vieram, como ledes, à terra de Genesaré, e ali os doentes rogaram a Jesus que pudessem ao menos tocar a orla do Seu manto: e todos os que tocavam eram curados por completo. Quereis que vos diga a natureza desta cura, realizada já na fase final da Sua missão. No princípio era necessário que Cristo impusesse as mãos sobre os doentes ou atormentados: mas, à medida que a Sua missão prosseguia, bastava que tocassem o Seu manto. Pois se alguém se aproximava d'Ele, a força que estava n'Ele passava para eles.

Deveis saber com isto que, à medida que o espírito de um homem se fortalece, assim cresce em luz, e assim brilha através de todo o corpo. Assim era com Jesus. À medida que o Seu espírito se fortalecia pelos Seus ensinamentos e pela Sua fé, assim a luz que estava n'Ele tornava-se mais brilhante, e aquilo que estava bem dentro d'Ele estava em todo o Seu redor no final.

Capítulo XXI

A purificação de Maria Madalena.

VOU AGORA CONTAR-VOS sobre a expulsão dos espíritos malignos de Maria, conhecida como Madalena. Este relato é do meu próprio tempo e o acontecimento deu-se pouco antes da altura em que Cristo devia ser retirado de nós.

Ledes que certo fariseu desejou que Jesus fosse cear com ele. Ora, este Simão, o fariseu, possuía grande riqueza e não se declarava abertamente seguidor de Jesus, mas dizia que este Homem que pregava e cujas palavras agitavam o povo não lhes fazia mal com os seus ensinamentos, mas antes lhes dava aquilo que os sacerdotes lhes tinham negado. Pois sabeis que a religião dos judeus era muito reservada ao sacerdócio e os que estavam fora do círculo dos sacerdotes deviam contentar-se com o pouco que lhes era dado como Lei.

Cristo, conhecendo o pensamento deste homem Simão, entrou e aceitou a refeição com ele. E havia uma mulher chamada Maria, conhecida como Madalena; e esta mulher tinha tido uma vida má, bem conhecida de todos. Era uma mulher de bela aparência e nunca tinha entrado no Templo desde criança, nem participado em festas da Judeia. Esta mulher entregara-se a uma vida depravada. Vivia para o prazer e para nada mais. E depois de muito tempo assim, caiu numa embriaguez e numa loucura, de modo que até os seus prazeres baixos a abandonaram.

Esta Maria tinha visto as multidões que seguiam Cristo. E alguns que a conheciam e sentiam compaixão por ela pediram a Jesus que lhe permitisse tocar no Seu manto, para que o mal a deixasse. E Cristo, ouvindo do seu estado, aproximou-Se dela e, pondo as mãos sobre ela, expulsou os demónios que a devoravam. Não posso afirmar, meu irmão, que esses demónios fossem sete; mas os seus pecados eram muitos.

E depois de Jesus a ter tocado, ela não mais pecou, mas passou a segui-Lo. E ninguém em todo o Seu grupo O louvou tanto, reconhecendo-O como verdadeiro Filho de Deus, como Maria.

No dia em que Cristo ceou com Simão, Maria estava diante da janela onde Ele se sentava, como quem queria entrar. E Jesus, ao vê-la, disse-lhe: “MARIA, QUERO QUE ENTRES COM OS OUTROS.” Pois Simão, conhecendo o seu passado, não a convidara a entrar em sua casa.

E ela, entrando com o véu sobre a cabeça, aproximou-se de Cristo e, ajoelhando-se diante d’Ele, como ouvistes, chorou. E depois de as suas lágrimas caírem nos Seus pés, enxugou-as com o cabelo que lhe pendia da cabeça. E, tirando do peito do seu manto um vaso de nardo, como os usados nos funerais, ungiu os Seus pés. E o doce aroma espalhou-se pela sala.

Agora Simão, como sabeis, indignou-se com Maria, não querendo que ela entrasse em sua casa. E repreendeu-a diante de Jesus. E Jesus, estando já perto do sofrimento e com o pensamento centrado no fim próximo, falou a Simão como ouvistes: “OS SEUS PECADOS, QUE SÃO MUITOS, SÃO-LHE PERDOADOS: PORQUE MUITO AMOU. MAS A QUEM POUCO É PERDOADO, POUCO AMA.”

E a Maria disse: “A TUA FÉ TE SALVOU: VAI EM PAZ.” E aos discípulos, que murmuravam, disse: “DEIXAI-A. PARA O DIA DA MINHA SEPULTURA GUARDOU ISTO. PORQUE OS POBRES SEMPRE TEREIS CONVOSCO, MAS A MIM NEM SEMPRE ME TEREIS.”

Capítulo XXII

O primeiro milagre do domínio maior sobre os elementos. Jesus transforma a água em vinho nas bodas de Caná, na Galileia.

AGORA, CRISTO começou a Sua missão como João, ensinando e pregando àqueles que estavam perto do rio Jordão, junto da cidade de Jerusalém. Assim fez por um tempo, não indo a Jerusalém nesse período. Depois foi para a Sua terra, a Galileia, e aí passou a maior parte do tempo de toda a Sua missão; isto porque o povo de lá estava disposto a recebê-Lo em suas casas, juntamente com os que O acompanhavam. E naquela terra não havia problemas com o sacerdócio.

Foi em Caná da Galileia que se realizou o primeiro dos Seus grandes milagres, como lestes no evangelho de João. Ora, nessa altura, Jesus ainda não tinha atingido a plenitude do Seu poder para realizar tais milagres, e a hora da perfeição da Sua fé ainda não tinha chegado. Este milagre aconteceu antes do meu tempo; foi quando Jesus permaneceu muito tempo na Galileia antes da Sua primeira ida a Jerusalém.

Havia um casamento em Caná da Galileia e esse casamento era de alguém da família de Maria. Depois de José, seu marido, ter morrido, ela morava em Nazaré com os outros filhos de que vos falei.

Segundo ouvi, havia muita alegria nesse casamento, e Maria pediu a Jesus, seu filho, que viesse à boda, sem saber que Ele traria consigo outros do seu grupo.

Quando os sacerdotes terminaram a cerimónia do casamento, entrou Cristo, trazendo consigo vários dos Seus seguidores: e todos na festa ficaram muito surpreendidos com tal multidão. E a todos eles foi dado o pão e o vinho, como aos outros convidados: e ninguém ousou perguntar porque haviam entrado tantos não convidados. E eis que o vinho acabou e já não havia para os convidados: pois não tinham sido preparados para tão grande companhia.

Então Maria veio até ao seu Filho, e, muito preocupada por Ele ter trazido tantos, pediu-Lhe que encontrasse mais vinho para a festa. E Jesus, que não queria que Lhe fizessem pedidos que não fossem de ordem espiritual, voltou-Se para Maria e falou como lestes. Mas, tal como tendes as palavras, não compreendeis o sentido, pois não percebem o que Ele queria dizer. Ele diria a Maria: “QUE QUERES QUE EU FAÇA POR TI, Ó MULHER? A MINHA HORA PARA TAIS COISAS AINDA NÃO CHEGOU.”

Ora, a mãe de Jesus falava do vinho que era necessário para a festa: e Jesus, que nunca antes fizera milagre assim, falou da fé que havia n’Ele e do seu poder, que ainda não era tal que pudesse realizar tais milagres. Mas estando ali uma grande assembleia, e Ele desejando que tal grupo visse o que poderia ser feito pelo poder da fé, se fé houvesse, ordenou aos que serviam o banquete que enchessem até à borda seis talhas de água.

E Maria, tendo fé em Jesus, disse-lhes: “Fazei tudo quanto Ele vos disser.” E eles encheram as talhas até ao cimo. E Jesus passou as mãos sobre cada uma das talhas de água, dizendo ao retirar a mão de cada vaso: “AGORA LEVAI O VINHO AO NOIVO.” E, como lestes, quando o mestre-sala provou a água transformada em vinho e não sabia de onde vinha (mas os serventes sabiam), chamou o noivo dizendo: “TODO O HOMEM SERVE PRIMEIRO O BOM VINHO, E, DEPOIS DE TEREM BEBIDO BASTANTE, O INFERIOR. MAS TU GUARDASTE O BOM VINHO ATÉ AGORA.”

Aqui, Cristo não podia ter a certeza de que a água se tornara de facto vinho senão pela fé. E, como prova do poder da Sua fé, realizou este milagre. E como ouvistes de João, o vinho foi servido à multidão.

Capítulo XXIII

Filipe relata o milagre do acalmar do vento por Jesus; e também o transformar de uma pedra em pão e o encher de uma bilha vazia de água para o refrigério de Tiago e Filipe.

Gostaria agora que me permitísseis falar-vos de dois outros milagres dos quais fui testemunha e de que os evangelhos que vos chegaram não falam. Já vos disse que, em todos os dias em que estive na Sua companhia, vi maravilhas operadas até chegar o tempo em que devia ser entregue àqueles que O matariam. Estes milagres eram principalmente de cura de doenças do corpo e da mente, mas testemunhei muitos outros. Esta noite vou falar-vos de um destes que aconteceu muito depois da cura do rapaz possuído por um demónio, de que vos falei no último dia: sendo este um dos milagres operados por Cristo quando já chegara ao tempo em que podia ordenar aos ventos e às ondas que Lhe obedecessem.

No dia de que falo, tinha Ele pregado na Galileia. E, ao entardecer, cansado, quis regressar à casa onde se alojava. Deveis saber que, nesse tempo, os caminhos da Galileia eram difíceis de atravessar, pedregosos e duros para os pés: e, ao final do dia, era ainda preciso percorrer uma longa distância até que o nosso grupo chegasse a Cafarnaum.

E, enquanto a multidão o seguia pelo caminho, levantou-se um grande vento, como por vezes acontece nesta terra. Este vento soprava fortemente e, tendo havido antes uma grande seca — sem chuva durante muitos dias — havia muito pó na estrada, que o vento levantava em grandes nuvens, de modo que os que caminhavam se sentiam muito aflitos.

À medida que o tempo passava, o vento tornava-se mais forte e os caminhantes, cada vez mais cansados, iam-se deixando cair pelo chão, como se não pudessem continuar. Ora, Mateus estava entre os que seguiam mais atrás. E, sendo de espírito ávido, apressou-se e, puxando Jesus pela manga, disse-Lhe: “Senhor, ajudarás estes que caem pelo caminho, pois o vento aflige-os muito?”

E Cristo voltou-Se para Mateus como se não soubesse que o vento soprava sobre a multidão. E olhando para trás, para os que estavam caídos no chão ou tinham coberto o rosto com as vestes para não deixar entrar o pó na boca ou no nariz, Jesus disse a Mateus: “POUCO AVANÇAREMOS PARA A CIDADE SE ESTE VENTO CONTINUAR.” Então, olhando para o céu acima de Si, falou em voz alta:

“ACALMA-TE, Ó VENTO, E DEIXA QUE ESTES QUE PROCURAM AS SUAS CASAS POSSAM SEGUIR O SEU CAMINHO.”

E, logo depois de ter falado, veio ainda uma grande rajada de vento. Mas nenhum pó se levantou do chão. Pelo contrário, o que já estava no ar caiu novamente. E Jesus disse a Mateus: “O VENTO AMAINA. EM BREVE TUDO ESTARÁ CALMO.” E eis que o vento foi-se tornando em rajadas menores e menos fortes; e em poucos momentos acalmou-se. E todo o grupo ficou maravilhado e louvou a Deus por o caminho se ter libertado daquele tormento.

Mas Mateus, caindo aos pés de Jesus, adorou-O; e todos os presentes ficaram espantados com o que se tinha passado: pois este foi o primeiro dos milagres do quinto grau de que vos falei. Isto causou grande murmúrio entre os irmãos, pois até então não tinham visto milagre em que os elementos obedecessem à palavra de Cristo.

Como vos tenho ensinado e mostrado, quanto mais Ele penetrava na alma daquela missão que Lhe tinha sido destinada, maior era a Sua fé de que tudo o que pedisse Lhe seria concedido.

Destes milagres poderia contar-vos muitos que não estão nos evangelhos. Recordo um deles, de que posso falar: pois só eu e mais um estávamos

presentes quando aconteceu. Isto foi numa das épocas em que Cristo se tinha retirado para o deserto, estando ainda na Sua terra.

Depois de ter estado afastado de nós durante cinco dias (pois desaparecera do nosso convívio e ninguém sabia nem perguntava para onde tinha ido), Tiago, irmão de João, saiu comigo para as montanhas, para conversar sobre a missão que, segundo Jesus, nos tinha sido confiada.

Tínhamos partido levando connosco uma bolsa com comida suficiente para dois dias, e água numa bilha de barro, como um homem pode levar às costas. Ora, ao entardecer do segundo dia, estávamos cansados. Sentámo-nos debaixo de um pequeno arbusto. Pois naquela terra havia pouca erva ou vegetação e não cresciam árvores que dessem sombra do sol.

Ali preparámo-nos para a refeição da noite, sentindo-nos muito cansados: pois muito tínhamos conversado ao longo do dia e não só o corpo, mas também o espírito, estavam fatigados. E uma tristeza abateu-se sobre nós: pois, enquanto Cristo estava connosco, ninguém se entristecia nem se cansava no espírito. Porque era d'Ele que recebíamos vida e força para suportar. Mas quando estava ausente, éramos como qualquer outro homem.

Quando abrimos a bolsa, eis que quase não restava comida, apenas um pedaço de pão.

MILAGRE DO PÃO E DA ÁGUA

E restava pouca água na bilha. E, sentados em silêncio, depois de termos comido o pouco que nos sobrava, de repente e sem termos ouvido qualquer passo, Cristo estava ao nosso lado. Olhou para nós sorrindo e disse a Tiago: "ESTAIS CANSADOS. NÃO QUEREIS COMER PARA QUE A VOSSA FORÇA VOS VOLTE?"

E Tiago, surpreendido com a súbita aparição do Mestre, levantou-se e disse: "Sim, Senhor, queremos comer, pois estamos cansados; mas vês que não temos comida. E Tu também deves estar cansado: pois estás longe de nós há muitos dias." E Jesus, sentando-se no chão junto da árvore, mandou-nos sentar também, dizendo: "PORQUE NÃO QUEREIS COMER? DESCANSAI UM POUCO E REFRESCAI-VOS."

E, pegando numa grande e rugosa pedra do chão, apertou-a entre as mãos. E pegando também na bilha, onde já não havia água, ergueu-a para o céu como se fosse uma fonte. E, pousando a pedra diante de nós, disse: "PARTE O PÃO E VERÁS QUE HÁ COMIDA PARA VÓS NO DESERTO."

E Tiago, partindo a pedra, eis que era pão nas suas mãos. E a bilha tinha água suficiente para dar de beber a nós os três que ali estávamos sentados no chão. E eu, admirado (embora já tivesse visto muito que me fazia maravilhar com o

estranho Espírito de Cristo), disse: “Mestre, à Tua ordem tudo pode ser feito, até o que parece impossível.”

E Jesus, olhando para mim, disse: “FILIPE, TENS UMA MENTE CHEIA DE RAZÃO. MAS DEPOIS VIRÁ AQUILO QUE NÃO É RAZÃO, MAS NASCE DO ESPÍRITO, QUE É A FÉ. ENTÃO TAMBÉM TU FARÁS PRODÍGIOS AOS OLHOS DOS HOMENS.”

PARTE V
UM COMENTÁRIO AOS ENSINAMENTOS DE CRISTO CONFORME DADOS NOS EVANGELHOS, JUNTAMENTE COM OUTROS SEUS ENSINAMENTOS SEGUNDO A MEMÓRIA DO PRÓPRIO FILIPE.

TAMBÉM — O RELATO DA TRANSFIGURAÇÃO

CAPÍTULO XXIV

Comentário sobre os primeiros ensinamentos de Cristo, lidos do Evangelho segundo S. Mateus. As passagens são aqui incorporadas juntamente com os comentários de Filipe.

LEDE NOS EVANGELHOS como Jesus, sentado num monte afastado das multidões, estava com os seus discípulos e ensinou-os assim:

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO, PORQUE DELES É O REINO DOS CÉUS.

Se repetisse as palavras como as conheci, diria:

BEM-AVENTURADOS OS QUE NÃO SÃO ORGULHOSOS, POIS ENTRARÃO NO REINO DO MEU PAI.

BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM, PORQUE SERÃO CONSOLADOS.

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM PAZ NA ALMA, POIS SEU SERÁ O MUNDO EM QUE HABITAM.

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FOME E SEDE DE JUSTIÇA, PORQUE SERÃO SACIADOS.

BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS, PORQUE ALCANÇARÃO MISERICÓRDIA.

BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO, PORQUE VERÃO A DEUS; E TAMBÉM OS DE ENTENDIMENTO CLARO, POIS ENTRARÃO NO REINO.

BEM-AVENTURADOS OS PACIFICADORES, PORQUE SERÃO CHAMADOS FILHOS DE DEUS.

BEM-AVENTURADOS OS PERSEGUIDOS POR CAUSA DA JUSTIÇA, PORQUE SUA É A ALEGRIA DE ENTRAR NO REINO.

BEM-AVENTURADOS SOIS QUANDO VOS INJURIAREM E PERSEGUIREM, E, MENTINDO, DISSEREM TODO O MAL CONTRA VÓS POR MINHA CAUSA.

ALEGRAI-VOS E EXULTAI, PORQUE GRANDE É O VOSSO GALARDÃO NOS CÉUS: ASSIM PERSEGUIRAM OS PROFETAS QUE VOS ANTECEDERAM.

Vós sois o sal da terra, vós a quem escolhi para o Meu propósito. Mas se vos faltar força para cumprir o Meu propósito, então sois inferiores àqueles que não escolhi.

Os Meus ensinamentos são a Luz do mundo. Aquilo que está no cimo de um monte não pode ser escondido dos que estão em baixo. A Minha luz dou-vos a vós e a todos os que estão na Minha casa. Que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus.

Não penseis que vim para destruir a lei ou os profetas: pois digo-vos que a lei, que era o Corpo, fazia parte dessa trindade que veio antes de Mim: e assim também os profetas.

Eu sou Aquele que vem primeiro do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e sou o cumprimento dessa Boa Nova trazida pelos três Mensageiros.

Em verdade vos digo: até que o Céu e a terra passem, nem um til ou um jota passará da lei até que tudo se cumpra. Pois a Lei, sendo o fundamento de tudo o que há de vir depois, faz parte dos Meus ensinamentos.

Ouvistes que foi dito pelos antigos: ‘Não matarás; e quem matar será réu de juízo.’ ‘E quem disser a seu irmão “Raca” será réu do conselho.’ Estas são coisas que os homens vos podem fazer. Mas Eu digo-vos que, se alguém desprezar o seu irmão e o considerar sem valor, então um maior do que estes que têm domínio na terra o chamará a prestar contas.

Lede que tal pessoa estará em perigo do fogo da geena. Isto é uma parábola, deveis compreender, pois em tudo falava Cristo por parábolas. Estas palavras dirigidas aos discípulos serviam de aviso contra o pecado do orgulho: e o fogo de que Cristo falava era o fogo que purifica todas as coisas e faz a alma cheia de orgulho desprezar-se a si própria.

Disse-lhes: “Ouvistes que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente.’ Mas Eu digo-vos que não resistais ao mal; antes, a quem te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.”

Aqui Cristo falava apenas do corpo, não da alma do homem, e dizia aos discípulos que não deviam revidar a quem lhes desse uma bofetada. Disse-o pensando nas querelas entre os homens e porque aqueles que O rodeavam em breve iriam juntos em missão.

Não lhes disse que se curvassem em espírito, mas que dominassem o corpo para que este não ofendesse; para que, entre outros, não houvesse discórdia, e a Palavra que era a Sua missão fosse dada ao mundo.

Outra vez onde ledes: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti: pois é melhor que pereça um dos teus membros do que todo o corpo seja lançado no inferno.” Isto recordo: pois aqui Cristo falava dos discípulos. Nós, que O seguíamos, sendo membros de um só corpo, Cristo ensinou que se algum destes ofendesse por desprezo ao que é do Espírito, então devia ser afastado do convívio, para não prejudicar a fé dos irmãos que anseiam pelo Espírito. Cristo diria aqui: “É melhor que lanceis fora um dos vossos membros do que todo o corpo seja lançado na geena.”

Perguntais se aqui Cristo ensinava que quem abusa dos dons recebidos deve perdê-los. Não era esse o ensinamento. Cristo falava daqueles que desviam as almas dos seus irmãos das coisas do Espírito. Pois nisto há grande tentação.

Diria: “AFASTA DE TI AQUELE QUE TE É PRECIOSO COMO O TEU OLHO DIREITO OU A TUA MÃO DIREITA SE ELE OFENDE DESTA MANEIRA.” Pois não era justo que alguém levasse à perda da fé nos outros: tal seria como uma doença espalhando-se entre os homens.

Sabemos que muitos mutilaram o corpo pelo Reino dos Céus, pensando assim lançar fora o membro que ofendera. Mas digo-vos: “Não era esse o sentido das palavras de Cristo. Se quiserdes encontrar o sentido profundo destes ensinamentos, deveis afastar de vós a lembrança do corpo e pensar apenas no Espírito.”

Lede como Cristo disse: “NEM TODO O QUE ME DIZ ‘SENHOR, SENHOR’ ENTRARÁ NO REINO DOS CÉUS, MAS AQUELE QUE FAZ A VONTADE DE MEU PAI, QUE ESTÁ NOS CÉUS.”

“MUITOS ME DIRÃO NAQUELE DIA: ‘SENHOR, SENHOR, NÃO PROFETIZÁMOS EM TEU NOME? E EM TEU NOME NÃO EXPULSÁMOS DEMÓNIOS? E EM TEU NOME NÃO FIZEMOS MUITAS OBRAS MARAVILHOSAS?’ E ENTÃO LHES DIREI ABERTAMENTE: ‘NUNCA VOS CONHECI. APARTAI-VOS DE MIM, VÓS QUE PRATICAIS A INIQUIDADE.’”

Não sei que sentido dais às palavras ‘naquele dia’. Cristo falava aqui do dia em que todos estes deveriam entrar no espírito, deixando para trás tudo o que é alma e corpo. E aqui Ele diria: “VÓS QUE CLAMAIS ALTO QUE ENSINAIS AS MINHAS PALAVRAS E QUE AINDA NÃO TENDES DENTRO DE VÓS O

ESPÍRITO QUE É DESTE MEU ENSINAMENTO, EM VERDADE EU NÃO VOS CONHEÇO.”

“E QUANDO VIERDES A MIM, TENDO DEITADO FORA AS COISAS DO ESPÍRITO, ENTÃO VOS DIREI: NÃO SOIS DOS MEUS: SOIS APENAS ALMA E CORPO. NÃO TENDES DENTRO DE VÓS AQUILO QUE DÁ VIDA.”

Capítulo XXV

Explicação de Filipe sobre mais ensinamentos de Jesus

LESTES como Jesus curou o leproso e lhe ordenou que a ninguém o dissesse, mas que se mostrasse ao sacerdote e oferecesse a dádiva que Moisés mandou. Tal oferta era costume no nosso tempo na Judeia. Os que eram curados deviam oferecer um dom, como sabeis.

Mas aqui Cristo queria, mais uma vez, sustentar a Lei, que era o fundamento. Em nada queria Ele que os que O acompanhavam desobedecessem aos preceitos da lei. Do mesmo modo falava sobre a autoridade dos romanos.

Lede como um dos Seus discípulos Lhe disse: ‘Senhor, permite-me primeiro ir sepultar meu pai’, e como Jesus lhe disse: “SEGUE-ME; E DEIXA OS MORTOS SEPULTAR OS SEUS MORTOS.” Isto pode ser um mistério para vós. Cristo teria dito: “Não deveis pensar que o cuidado do corpo, seja ele vivo ou morto, deva interferir com as coisas que dizem respeito ao espírito: pois o corpo, sendo apenas uma parte, e uma que será deitada fora, não tem importância. Mas o espírito, que pode ser alimentado pelo Meu ensinamento, sendo coisa viva, é de grande valor e não deveis tardar.”

No entanto, o corpo vivo precisa de cuidados. Lede como vieram ter com Jesus os discípulos de João, dizendo: “Porque jejuamos nós e os fariseus, mas os Teus discípulos não jejuam?” Isto era verdade dos discípulos de Cristo. Não eram homens dados a comer em excesso. Mas Ele ensinava-lhes que enquanto o corpo vive, deve ser alimentado para sustentar a alma.

E sempre lhes dizia: “DEVEIS COMER SE QUISERDES VIVER, E ACONSELHO-VOS QUE DEIS AO CORPO ENQUANTO ELE VOS COBRIR. POIS SE O CORPO VOS INQUIETAR PELA FOME, ENTÃO VOSSO PENSAMENTO IRÁ PARA ELE, E TAL NÃO É BOM PARA O ESPÍRITO.”

Lede que João veio sem comer nem beber, e diziam ‘Tem demónio’. O Filho do Homem veio comendo e bebendo, e diziam ‘Eis um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores’. Assim eram acusados os que se misturavam com os bebedores. Deveis lembrar-vos que João vivia no deserto e dali saiu para pregar. Cristo veio de onde não sabiam, e aconselhava os que O seguiam que comessem, ficando por vezes com aqueles que bebiam. Assim os Seus inimigos O acusavam, pois procuravam motivo para dizer que fazia mal.

Os fariseus acusaram os Seus discípulos de fazer o que não era permitido ao sábado. Ele disse-lhes: “O FILHO DO HOMEM É SENHOR ATÉ DO SÁBADO.” Com isto queria dizer que o Filho do Homem entende o sábado; pois Ele o ordenou na lei que foi dada pelo Seu mensageiro.

As palavras ‘Filho do Homem’ eram usadas por Cristo deste modo. Queria dar a entender àqueles homens que, sendo nascido de mulher, embora não como os outros filhos dos homens, ainda assim estava diante deles como um homem. Pois Cristo não veio sendo diferente na Sua mente dos outros homens, e apenas aos poucos soube que fora enviado como um Propósito do Seu Pai.

Nasceu como os outros homens: mas era diferente. Pois ao mundo veio com um propósito que Lhe foi dado e que tinha de ser cumprido. Isto Ele não sabia: mas na Sua alma tinha esse conhecimento. Por isso escolheu este título; para ensinar humildade. Pois a humildade foi o que ensinou a todos os homens.

Capítulo XXVI

O envio dos Doze e as instruções para a missão

LEDE QUE, quando Jesus chamou os doze discípulos, deu-lhes poder sobre espíritos impuros, para os expulsar; e poder para curar toda a doença e enfermidade. Sim, assim foi; e disse-lhes: “DEPOIS DE EU TER PARTIDO DO MEIO DE VÓS, ENCONTRAREIS QUE RECEBEREIS ESSE PODER.” E assim foi, quando o Espírito de Cristo se difundiu entre os homens.

Perguntastes se Judas, aquele que traiu Cristo, recebeu este poder. Vedes agora que não, pois Judas enforcou-se antes de Cristo ter partido do meio dos homens. Mas, no início, teria dado o mesmo poder a todos os doze.

Estes doze Jesus enviou, como ledes, e ordenou-lhes, dizendo: “NÃO SIGAIS CAMINHO DOS GENTIOS, NEM ENTREIS EM CIDADE DE SAMARITANOS; IDE ANTES ÀS OVELHAS PERDIDAS DA CASA DE ISRAEL.” Deveis tomar isto como parábola, e deveis tomar a Casa de Israel como a Casa de Deus. Todos os que eram purificados em espírito eram da Sua Casa. Cristo queria que os Seus ensinamentos fossem espalhados entre os filhos dos homens por todo o mundo.

Lede como Ele disse: “NÃO TEMAIS OS QUE MATAM O CORPO MAS NÃO PODEM MATAR A ALMA; TEMEI ANTES AQUELE QUE PODE DESTRUIR A ALMA E O CORPO NO INFERNO.” Aqui Cristo falava daquele homem que entrega o seu corpo e alma ao mal que o rodeia e que trabalha para a destruição tanto do corpo como da alma. Isto é difícil de tornar claro; mas vereis que Cristo aconselhava que aquele que estivesse disposto a atrair para si o mal devia ser lançado fora do convívio para que a sua influência não

corrompesse os irmãos. Já falei disto quando me perguntastes sobre as palavras de Cristo acerca do olho ou da mão que devia ser cortado.

Ora, depois de Jesus ter acabado de instruir os doze discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas cidades deles. Só depois de Ele partir a missão deles teria início. Pois primeiro tinham de aprender o significado dos Seus ensinamentos.

Capítulo XXVII

Filipe explica o pecado contra o Espírito e as suas consequências. A transmissão e retenção dos Mistérios.

Gostaria que continuásseis a ler-me aquelas passagens cujo sentido vos causou dificuldades. E, depois disso, dar-vos-ei os outros ensinamentos de Cristo como os conheci. Mas permiti-me falar-vos de tudo o que está escrito nos evangelhos e que ainda não tem o seu pleno significado revelado.

Lede como Cristo disse: “TODO O PECADO E BLASFÉMIA SERÁ PERDOADO AOS HOMENS; MAS A BLASFÉMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO NÃO SERÁ PERDOADA AOS HOMENS... MAS A QUEM FALAR CONTRA O ESPÍRITO SANTO NÃO SERÁ PERDOADO, NEM NESTE MUNDO NEM NO VINDOURO.”

Aqui Cristo fala do espírito do homem, aquilo que há dentro dele. Este espírito é santo, pois é de Deus. Tudo o que se possa chamar blasfémia na vida do corpo, ou qualquer pecado contra o corpo, por isso terá o homem perdão. Mas aquela blasfémia que atinge o espírito, por essa sofrerá no espírito.

O que é então essa blasfémia que atinge o espírito? Digo-vos: “Podeis de facto blasfemar com a língua e ainda assim não se encontrará zombaria no coração. Mas se a alma blasfemar, então blasfema contra o espírito. Se a blasfémia vier apenas pela língua e o coração for puro e não zombar do espírito, isso não traz dano e será perdoado.”

Pois, tal como o pecado no corpo atormenta o corpo, assim também o pecado contra o espírito atormenta o espírito. Pois, depois que o corpo é lançado fora, a alma sabe o que fez na vida na terra. Se chamou para si o que é mau, esse mal trabalhará contra si, assim como o mal que chamou ao corpo atormenta o corpo até à destruição.

Mas o espírito é diferente, pois não pode ser destruído. E também conhece-se a si próprio mais perfeitamente depois de ter deixado o corpo. Assim, o seu tormento vem de si mesmo.

Quereis saber o que significa o perdão e se o sofrimento cessa quando o perdão é concedido: e também como pode terminar esse tormento que não é perdoado? Antes de mais, quero que compreendais o que é o perdão.

Não deveis pensar que o Grande Espírito que está por detrás de tudo atormenta aquilo que criou, ou lhes concede perdão. Tudo isto é feito pelo próprio homem, que tem as suas três partes e as usa como entende. O perdão é a Purificação do Espírito, e assim deveis entender e usar esta palavra. Deveríeis antes dizer “Isto não será purificado” do que “Isto não será perdoado”. Mas gostaria que soubésseis que a purificação deve acontecer em algum momento, pois toda a alma que vive deve, no seu fim, ser purificada.

Mas o que Cristo vos queria ensinar é que aquele que blasfemou contra o espírito, depois de ter deixado o corpo, não será purificado como os outros, mas, ao longo de muitas eras, irá purificar-se com muito sofrimento e tormento.

Encontrareis nos evangelhos que repetidas vezes Cristo fala desse castigo que persiste no mundo que se segue ao vosso. No entanto, esta não era a forma de falar do Cristo quando eu estava na Sua companhia. Pois muitas vezes falou daquele mundo que dura para sempre: mas nunca O ouvi dizer que os tormentos e os castigos que seguem os pecados da alma nunca terão fim.

Esta era uma maneira de falar que era muito discutida entre os que O seguiam. Muitos perguntavam sobre aquilo que aguardaria todos os homens quando o corpo morresse. Mas sempre que era questionado, Cristo respondia de forma que era difícil compreender o Seu significado. Assim diria: “NÃO SABEIS DE ONDE VINDESTES NEM PARA ONDE IDES DEPOIS DE DEIXARDES O CORPO. MAS DIGO-VOS QUE OS PECADOS COMETIDOS NO CORPO SÃO COMO AS FERIDAS QUE, SENDO EXTERNAS, NÃO AFECTAM O INTERIOR. POIS ESSAS PODEM SER CURADAS PELO AR OU PELA ÁGUA. MAS AQUELAS FERIDAS QUE ESTÃO POR DENTRO NÃO SÃO ALCANÇADAS PELO AR NEM PELA ÁGUA, POIS ESTÃO NAS ENTRANHAS DO HOMEM. E SE ESSAS PARTES INTERNAS ESTIVEREM DOENTES, CERTAMENTE MATARÃO O HOMEM.”

“ASSIM ACONTECE COM A ALMA. SE O PECADO QUE COMETEIS FOR DA ALMA, ENTÃO A ALMA ENCONTRARÁ PARA SI PRÓPRIA O CASTIGO. POIS QUANDO ENTRAR EM PLENO CONHECIMENTO E SOUBER AQUILO QUE DEVERIA TER SABIDO ANTES, MAS NÃO QUIS POR CAUSA DO SEU PECADO, ENTÃO ESSA ALMA SOFRERÁ POR SI MESMA. E NÃO PODEIS SABER A DURAÇÃO DESSE SOFRIMENTO.”

Lede como os discípulos vieram ter com Jesus e Lhe perguntaram: ‘Por que falas em parábolas?’ e como Ele, respondendo-lhes, disse: “PORQUE A VÓS É DADO CONHECER OS MISTÉRIOS DO REINO DOS CÉUS, MAS A ELES NÃO É DADO. POIS AO QUE TEM, SERÁ DADO, E TERÁ EM ABUNDÂNCIA; MAS AO QUE NÃO TEM, ATÉ O QUE TEM LHE SERÁ TIRADO”.

Aqui Cristo fala novamente do espírito, e as Suas palavras são para os que estão na Sua companhia, que ouviram os Seus ensinamentos e os compreendem. Aqui Ele diria que, se um homem tem entendimento do espírito,

então mais lhe será acrescentado ao que tem. Mas se o homem se voltar apenas para as coisas do corpo, satisfazendo-se com aquilo que não é verdadeira posse, então essas coisas lhe serão tiradas. Se ele desfrutar plenamente apenas dessas coisas, acabará por perdê-las. Depois de tanto se entregar à luxúria, já não gozará dessa luxúria e ficará realmente pobre, ficando sem as coisas do corpo e do espírito.

Capítulo XXVIII

A parábola do joio. As três medidas de farinha. O grão de mostarda. O tesouro escondido no campo. O corte da jóia.

Lestes a parábola do joio entre o trigo e como o dono da casa disse aos servos que não arrancassem o joio antes da ceifa, para não arrancarem também o trigo. O significado disto seria simples, se compreendêsseis como todo o mundo e todos os outros mundos vieram a ser criados.

Pois na criação de todos estes mundos tem de haver bem e mal, luz e trevas também. Pois, se não tivésseis o mal convosco, não poderíeis compreender aquilo que chamais bem. Se não houvesse trevas, como conheceríeis e veríeis a luz?

Assim Cristo diria: “AMBOS DEVEM PERMANECER JUNTOS ATÉ AO FIM DO MUNDO, QUANDO AQUELE QUE CRIOU AMBOS DE SI MESMO OS RECOLHERÁ NOVAMENTE PARA USÁ-LOS COMO LHE APROUVER.” Mas acerca daquele dia do juízo dos homens, falou novamente em parábola. Pois nunca ouvi o Cristo falar desse tempo como se fosse um dia como os dias do vosso mundo.

Falava-nos assim: “DAQUELE QUE É MEU PAI, QUE NOS FEZ A TODOS, NADA PODEIS SABER. MAS DIGO-VOS QUE VIRÁ UM TEMPO EM QUE ELE REUNIRÁ NOVAMENTE TUDO O QUE CRIOU EM SI MESMO. E DAQUELES QUE VIVEREM NAQUELE DIA FARÁ DE NOVO PARA SI O QUE FOR DA SUA VONTADE.”

“E ELE AFASTARÁ DE SI AQUELAS PARTES QUE FOREM MÁS E DELAS FARÁ NOVAS PARTES QUE SEJAM BOAS. MAS DESTE MISTÉRIO NINGUÉM SABE, NEM MESMO OS PROFETAS OU OS MENSAGEIROS QUE FORAM ANTES DE MIM.”

Outra vez está escrito que lhes falou por parábola, dizendo: “O REINO DOS CÉUS É SEMELHANTE AO FERMENTO QUE UMA MULHER TOMOU E ESCONDEU EM TRÊS MEDIDAS DE FARINHA, ATÉ QUE TUDO FOSSE LEVEDADO.”

Aqui o Cristo diria que as três medidas de farinha são a revelação das Três Pessoas da Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A mulher toma o

fermento e esconde-o nessas três medidas de farinha que significam as três épocas em que essas revelações chegam ao mundo.

Ora, a primeira dessas foi a revelação dos Mensageiros de que já vos falei e de que ainda ouvireis no relato da transfiguração de Cristo no monte. A segunda medida de farinha é a revelação do Cristo, que é também a da Trindade. E ainda outra revelação está por vir.

O fermento que entra na farinha para fazer o pão é símbolo das gerações que passam durante o tempo destas três revelações. Pois à medida que o tempo avança, os filhos dos homens tornam-se como este pão que foi levedado. E nas três vindas serão tornados perfeitos, tal como esta mulher tornou perfeitas as três medidas no forno.

Quanto a essa terceira revelação, que ainda está por vir, Cristo não nos ensinou sobre ela: mas disse muitas vezes que certamente viria: que a primeira já tinha passado, e que esta época em que Ele veio ao mundo era a segunda; e que os que escutassem os Seus ensinamentos não deviam perguntar sobre a outra revelação que estava ainda para vir. Contudo, falou-nos disto como sendo a Revelação do Espírito.

Lestes como Ele disse: “O Reino dos Céus é como um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo; que é na verdade a menor de todas as sementes; mas, quando cresce, é a maior entre as hortaliças e faz-se árvore, de modo que as aves do céu vêm fazer ninhos nos seus ramos.”

Nesta parábola falava Ele da Sua própria vinda, que era como um grão de mostarda, surgido de algo pequeno e humilde, mas que se espalharia como uma árvore onde as aves vêm descansar nos ramos. No nosso tempo, quando ainda éramos apenas um pequeno punhado de homens, podeis ver que o mundo fora da Judeia e das terras vizinhas ainda não ouvira falar do Cristo. O Seu ensinamento poderia soar estranho aos ouvidos dos homens. Mas, nesta parábola, o Cristo fala das coisas que deveriam acontecer depois de Ele ter sido tirado do meio de nós.

Novamente Ele diz: “O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo; o qual, achando-o um homem, escondeu, e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo.”

Aqui fala Cristo do tesouro do Seu ensinamento e da Igreja que deve brotar desse tesouro escondido da Sua Palavra. Diz que o tesouro é tomado por quem o possui e escondido num campo. Com isto, quer dizer a terra da Judeia, onde os da Sua época o iriam enterrar e procurar escondê-lo de todos os homens.

Aquele que esconde o tesouro no campo representa a geração que destrói o Cristo e O entrega à morte. Mas por quem encontra esse tesouro escondido

deveis entender aqueles que, depois de Cristo ter sofrido, ocupariam o Seu lugar naquela terra, que lhes seria a mais preciosa de todo o mundo.

Pelo homem que volta a comprar o campo, jubiloso por ter encontrado o tesouro, deveis entender aqueles que, ao descobrir os tesouros da Sua palavra e o ensinamento aí escondido, voltam e resgatam o campo onde o tesouro estava oculto. Aqui o Cristo fala da Igreja que surgiria daquilo que tinha sido posto de parte num lugar secreto e que depois se tornaria o mais sagrado do mundo.

E quer dizer que a terra onde ensinou deveria ser tida na mais alta honra por todos os homens. Assim, vedes que o tesouro foi posto no campo e quem o possuía esqueceu-se dele. E ali permaneceu até muitos anos terem passado. Então, chega alguém que, conhecendo o seu valor total, resgata o campo com grande alegria, tendo vendido tudo o que possuía, para que pudesse tê-lo para si para sempre.

Pedistes-me que vos contasse uma das parábolas do Reino dos Céus que eu próprio ouvi. Se me derdes um momento, procurarei uma na minha memória. Sim: O Reino dos Céus é como uma joia que, ao princípio, era como uma simples pedra antes de o joalheiro a ter lapidado.

O joalheiro leva a pedra para o seu local de trabalho e ali a deixa algum tempo, sem saber que é de grande valor, pois parece baça e humilde na cor. Mas, ao revisitar as pedras que guarda, pega nesta e começa a lapidá-la. E, à medida que a trabalha, começa a brilhar com um fulgor maior do que todas as outras.

E esse brilho cresce tanto que, ao fim da sua tarefa, todas as outras joias ali para venda parecem meros seixos da praia diante deste tesouro maravilhoso.

Capítulo XXIX

O poder do pedido em união. Os ensinamentos de Jesus acerca do casamento e do divórcio.

Lede como Jesus disse: “SE DOIS DE VÓS CONCORDAREM NA TERRA A RESPEITO DE QUALQUER COISA QUE PEÇAM, SERÁ FEITO POR MEU PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS.” “PORQUE”, diz Ele, “ONDE DOIS OU TRÊS ESTIVEREM REUNIDOS EM MEU NOME, AÍ ESTOU EU NO MEIO DELES.”

Cristo disse isto porque tinha conhecimento do dar de uma alma à outra, o que acontece mais plenamente depois de o corpo ser deixado. Deveis compreender bem isto, pois é uma verdade de grande importância na formação de igrejas e irmandades. No dar e receber de tudo aquilo que pertence à vida de um homem há uma troca que beneficia tanto o que dá como o que recebe.

Pois, embora a alma em cada homem seja uma, é também uma centelha da Grande Alma, que é o Espírito. Assim, vereis que a formação de uma irmandade tem um significado mais profundo do que imaginais. Foi neste sentido que Cristo falou aqui.

Perguntais-me sobre o que Mateus escreveu: como os fariseus perguntaram a Jesus se era lícito a um homem despedir a sua mulher por qualquer motivo; e como Ele disse que já não eram dois, mas uma só carne: “AQUELES QUE DEUS JUNTOU, NÃO OS SEPARE O HOMEM.” (Mateus xix, 8-9)

Perguntaram-lhe: “Por que mandou então Moisés dar à mulher carta de divórcio?” E Ele disse: “MOISÉS, POR CAUSA DA DUREZA DOS VOSSOS CORAÇÕES, PERMITIU QUE REPUDIASSEIS AS VOSSAS MULHERES; MAS NO PRINCÍPIO NÃO FOI ASSIM.”

Assim era. Moisés falou do repúdio lícito de uma mulher pelo marido, caso houvesse razão que prejudicasse o homem. Cristo falava de modo diferente aqui, e sempre falou do casamento como a união de dois numa só carne.

Gostaria que vissem que aqui Ele fala dos filhos como esse laço que une homem e mulher. Ouvi os discípulos falar disto e perguntar a Jesus o significado. A estes, Cristo dizia que Moisés dera esta lei e assim era. Era lícito ao homem repudiar a mulher: mas tal separação não era possível aos olhos de Deus, que fez de ambos uma só carne.

Cristo não proibiu o divórcio: “POIS”, disse Ele, “ERA MELHOR CUMPRIR A LEI DE MOISÉS E REPUDIAR A MULHER QUE OFENDE, DO QUE PERMITIR QUE A IRA ARRUINE TODA A CASA.” “MAS”, disse também, “QUER O HOMEM PONHA FORA A SUA MULHER OU NÃO, ELE CONTINUA A SER SEU MARIDO, POIS AQUELE QUE FEZ HOMEM E MULHER PARA SE UNIREM FOI TAMBÉM QUEM FEZ O LAÇO QUE OS UNE: E SÓ ELE O PODE DESFAZER.”

Perguntais o que Cristo ensinaria sobre o casamento de novo de um homem ou mulher depois da morte do cônjuge? Ele teria ensinado que, após a morte, o laço está desfeito. Pois, depois de o corpo ser deixado, só o amor que restar entre a alma do homem e da mulher poderá uni-los. Aqui está um grande mistério.

Cristo teria ensinado que é justo e certo um homem ou mulher tomarem outro para si, se o cônjuge já passou para este lado. Teria, contudo, aconselhado que, enquanto vivessem aqueles que deram à luz filhos, não houvesse mais casamento.

O casamento é do corpo: mas aqui, do nosso lado, é diferente: pois aqui, embora haja masculino e feminino, não há novo casamento para a geração de filhos. Aqui, a união é dos que são desde o início feitos um para o outro.

Perguntais o que constitui o casamento aos olhos de Cristo: e se é necessária uma cerimónia para haver um verdadeiro casamento? Responder-vos-ia assim. Cristo teria dito: “CUMPREI A LEI”, querendo dizer aquela lei que ordena a cerimónia de que falais. Pois na terra da Judeia, no nosso tempo, nada senão a cerimónia fazia o casamento. Os que não se apresentavam debaixo do dossel não eram legalmente marido e mulher.

E mais: se fossem casados num lugar fora do Templo de Jerusalém, então deviam enviar notícia desse casamento àquela secção do sacerdócio em Jerusalém, que também eram homens da lei. Pois no nosso país o casamento era levado muito a sério, e nenhum que não tivesse enviado essa notícia ao sacerdócio da Lei era tido por casado legalmente.

Mas essa união do homem e da mulher que se faz sem a sanção da igreja é ainda assim um casamento aos olhos do Cristo: pois Ele diria: “DEVEIS TOMAR A LEI DA TERRA EM QUE VIVEIS COMO UM SÍMBOLO DA LEI QUE GOVERNA TODO O UNIVERSO. PORTANTO, DEVEIS OBEDECER AO SÍMBOLO QUE VOS É DADO, MESMO QUE SEJA APENAS UMA PARTE DO TODO.”

O Cristo não teria dito que, se um homem e uma mulher viveram juntos e tiveram filhos, isso não era casamento por não ter sido feito segundo a Lei. A tais, teria dito: “CONTINUAI COMO ESTAIS. IDE AO SACERDOTE E TOMAI SOBRE VÓS OS VOTOS FEITOS POR TODOS OS QUE SERVEM A LEI. MAS, SE NÃO O FIZERDES, SOIS AINDA ASSIM MARIDO E MULHER. POIS QUEM SE FEZ UM, PELA GRAÇA DE DEUS É UM, TANTO COMO OS QUE SÃO SANTIFICADOS PELO CASAMENTO NO TEMPLO.”

Ele diria a esses que eram casados aos olhos de Deus, vivendo juntos como marido e mulher mas sem terem recebido o casamento pelo sacerdócio, que não eram menos marido e mulher por causa disso. Mas a todos aconselhava que a lei dos homens é símbolo da Lei de Deus e, como tal, deve ser respeitada. E àqueles que haviam vivido juntos assim, aconselhava que fossem ao sacerdócio e, confessando aquilo que era pecado aos olhos da lei, recebessem o casamento sob o dossel.

Nem a infidelidade dissolve o vínculo. Escutai-me. Se um dos dois for infiel, esse pecado será punido por aquela lei que pertence só a Deus. Pois quem é infiel, seja homem ou mulher, punirá a si próprio depois desta vida.

Se perguntardes se, após uma carta de divórcio, podem casar de novo enquanto ambos estão vivos, digo-vos que não. O Cristo teria ensinado assim: “SE NA CASA HOUVER MUITA TRIBULAÇÃO POR FALTA DE HARMONIA NESSE CASAMENTO, ENTÃO É MELHOR QUE TAL MATRIMÓNIO SE QUEBRE. POIS COMO UMA PESTE PASSA DE UM PARA OUTRO, ASSIM PASSA A FÚRIA DO HOMEM. E NÃO É JUSTO NEM CORRECTO QUE ISSO SE ESPALHE ENTRE OS FILHOS DA CASA E ENTRE OS VIZINHOS À SUA

VOLTA. QUE ESTES VIVAM SEPARADOS E SANTIFICADOS PELO SOFRIMENTO QUE SUPORTARAM. POIS ENQUANTO AMBOS VIVAM, CONTINUAM A SER MARIDO E MULHER."

Se houver filhos, estes são realmente um laço. Mas, mesmo sem filhos, continuam a ser um. Assim como o filho é filho da mãe, o marido é marido da esposa.

Podeis dizer que Jesus, na Sua vida, esteve na companhia de muitos que cometeram pecados piores do que estes. Deveis compreender que Ele veio chamar os pecadores à justiça; e que tais estavam com Ele para esse fim.

O Cristo não proibiu nada que estivesse dentro da lei. O Seu ensinamento era que as leis que chamais de Natureza são leis de sentido mais profundo do que as leis de Moisés. E estas não regem apenas o corpo.

Lembrai-vos de que foi dito: "Ao que tem, será dado, e ao que não tem, até o que tem lhe será tirado." Isto também tem significado neste assunto de que falei. Pois o homem ou mulher que abandona marido ou esposa e toma outro por luxúria, fora da lei, sofrerá, depois de passar para o nosso lado, pois aquele que foi tão caro à sua carne será aborrecível ao seu espírito. Assim verá a loucura da sua vida e a sua própria cegueira.

Pois os que se unem apenas pela carne não permanecem juntos aqui, mas será como se nunca se tivessem conhecido.

Quanto ao homem ou mulher que, estando divorciados, não conseguem, por fraqueza, viver em paz entre os outros, devem procurar força para suportar, sabendo que só adquirindo força estarão aptos para continuar o seu caminho no mundo. Quero que saibam que o Cristo tinha grande compaixão por aqueles que sucumbiam à fraqueza. Mas a esses aconselhava o fortalecimento.

Não vejo que, no nosso tempo, tenhamos errado mais do que vós no vosso. De facto, tínhamos uma ideia diferente para homem e mulher: mas, pelo que percebo, o mundo não mudou, pois sofre sempre da fraqueza do espírito; e só com o fortalecimento é possível a salvação. Gostaria que me perguntassem tudo sobre isto, pois se não compreenderem, poderão surgir dificuldades no vosso tempo.

Repito que o Cristo mandou a todos que obedecessem à lei. Mas lembrai-vos que as leis que estão por trás daquelas dadas por Moisés são de maior valor. Se um homem ou mulher for casado segundo a lei e no seu casamento não houver felicidade de espírito, e se algum encontrar noutra pessoa comunhão de alma que lhe dá força e paz, deixai-me dizer-vos o que ouvi.

O Cristo falava destas coisas aos irmãos; pois alguns eram casados, como lestes. Dizia-lhes: "SE ESTAIS CASADOS, FORMÁSTEIS UM VÍNCULO POR VOSSA VONTADE. E, COMO NOUTRAS COISAS, SE FIZESTE MAU

ESCOLHA, ENTÃO DEVEIS PERCORRER O CAMINHO QUE ESCOLHERAM. E SE ELE FOR CHEIO DE ESPINHOS, DEVEIS LIMPAR-LHO COMO PUDERDES.

“POIS DIGO-VOS QUE HÁ O AMOR DO CORPO E QUE ESSE DURA APENAS PELA VIDA DO HOMEM, PARA QUE NASÇAM CRIANÇAS E O MUNDO CONTINUE.

“MAS HÁ OUTRO AMOR, O DO ESPÍRITO. E SE ENCONTRARDES TAL AMOR AINDA NA TERRA, ENTÃO NÃO É PECADO, MAS UM TESOURO ESCONDIDO DENTRO DE VÓS. MAS QUANTO ÀQUELE VÍNCULO QUE JÁ FIZESTES, ESSE É UM VÍNCULO SÓ DO CORPO. O QUE É DO ESPÍRITO PERMANECE DEPOIS QUE O CORPO É POSTO DE PARTE.

“E MESMO QUE ESTEJAIS AFASTADOS DO CORPO DAQUELE QUE VOS É PRÓXIMO NO ESPÍRITO, ISSO NÃO É VERDADEIRAMENTE UMA SEPARAÇÃO DOS DOIS. POIS OS QUE FORAM FEITOS UM PARA O OUTRO NÃO PODEM SER SEPARADOS: E ESTES GUARDARÃO O SEU AMOR DEPOIS DE O CORPO SER POSTO DE PARTE.”

Perguntais-me por que, após estes ensinamentos, continuámos nós, irmãos, sem o vínculo a que chamais casamento? Isto vinha dos ensinamentos do Cristo; não nos mandou evitar o casamento: mas disse-nos que puséssemos de parte as coisas do corpo enquanto vivêssemos, para que fosse dada maior força ao espírito depois de deixar o corpo.

Assim foi que nos esforçámos e nos reunimos como irmandade, pedindo nem esposa nem marido, se já tínhamos aquilo que vinha só do Espírito.

Capítulo XXX

Uma coleção de várias palavras e ensinamentos de Jesus segundo as memórias de Filipe, juntamente com a sua interpretação. O relato da Transfiguração contém a Revelação das Três Trindades.

(I). DA LEI LEVÍTICA EM OPOSIÇÃO À LEI DO AMOR

Lestes como certo doutor da lei perguntou a Jesus o que deveria fazer para herdar a vida eterna, e como Jesus lhe respondeu: “AMARÁS O SENHOR TEU DEUS DE TODO O TEU CORAÇÃO, DE TODA A TUA ALMA, DE TODAS AS TUAS FORÇAS E DE TODO O TEU ENTENDIMENTO; E AO TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO”; e como esse doutor então perguntou: “E quem é o meu próximo?” Ora, este homem falou ao Cristo para o tentar a dizer coisas que não eram ensinadas pelo sacerdócio.

E nisso teve o seu pagamento: pois Cristo virou-se para ele e contou a parábola do Bom Samaritano, dizendo: “DEVEIS ATENDER AO QUE VOS

DIGO E ACREDITAR QUE, SE TAL NÃO VOS É DADO PELA LEI DOS HOMENS, ENTÃO É DADO PELA LEI DO MEU PAI."

Reparais que aqui Ele fala do sacerdote: isto porque o sacerdote, na Judeia, não só dava aos povos os ensinamentos da fé, mas alguns também administravam a lei. E nessa lei estava escrito que devíeis socorrer primeiro os da casa de Israel, fosse vosso irmão ou outro distante e estrangeiro. E aquele que fosse vosso vizinho, se fosse gentio, deveis socorrê-lo, mas não antes de qualquer da casa de Israel. Assim foi que Cristo falou contra a lei do sacerdócio.

Deveis saber que, na Judeia, neste tempo, os samaritanos eram tidos em grande desprezo pelo sacerdócio, a tal ponto que não deviam receber auxílio se estivessem doentes, a não ser pela caridade dos que os rodeavam. Vedes assim que o que Cristo queria dizer era isto: "PODEIS SER UM SACERDOTE OU UM LEVITA E, MESMO ASSIM, NÃO SER SERVOS DE DEUS. POIS AS LEIS QUE INSTITUÍRAM NÃO SÃO AS LEIS DE DEUS, MAS AS LEIS DOS HOMENS."

Assim, Ele censurava o sacerdócio, que alegava ter as leis de Moisés, e que estas provinham diretamente de Jeová. O Cristo repreendia aqueles que davam tanta importância à casa de Israel. Falou simplesmente a este homem e o seu significado foi apenas o que vos disse.

(II) DOS RITOS E CERIMÓNIAS

Quereis saber o que o Mestre ensinava acerca do valor dos ritos e cerimónias e do dever do culto no Templo; isto para a formação de comunidades e a difusão da fé. Sobre estes ritos, dizia que deveriam existir em todas as comunidades e que as festas e ritos de todas as igrejas eram como a Lei, e por isso deviam ser observados e mantidos em memória por todos os da sua fé.

Mas sobre aqueles que não iam ao Templo, diria: "AQUELE QUE SE JULGA MAIS FORTE DO QUE A SUA FÉ E QUE PODE PASSAR SEM O PAI QUE O FEZ, ESSE ACABARÁ POR DESCOBRIR TANTO A SUA FRAQUEZA COMO A SUA HUMILHAÇÃO. MAS AQUELE QUE ESTABELECE UM TEMPLO DENTRO DE SI E TEM UMA COMPREENSÃO DAS COISAS DO ESPÍRITO SEM O ENSINAMENTO DO TEMPLO, TEM UMA PAZ INTERIOR QUE NENHUM RITO OU FORMA DE CULTO PODE PERTURBAR."

Contudo, dizia a todos que na formação de comunidades havia muito que servia ao homem. Pois quem adora sozinho deve ter em si um conhecimento que não é dado a muitos. Mas quem entra no templo e adora com outros, dá e recebe. E neste dar e receber há muito benefício para o espírito do homem. Não pense o homem que pode viver só dentro de si sem perder grande parte do seu alimento natural. Pois cada alma dá e recebe. E este dar e receber são partes que vêm diretamente do Todo, que é Jeová.

(III) DA ORAÇÃO E DA SUA EFICÁCIA

O Cristo ensinava que havia muitos tipos de oração. Dizia-nos: “SE ORARDES DE TODO O CORAÇÃO, A VOSSA ORAÇÃO SERÁ ATENDIDA: MAS SE ORARDES SÓ COM A LÍNGUA, AS VOSSAS ORAÇÕES SERÃO COMO GOTAS DE ÁGUA E DE NENHUMA SERÁ O BENEFÍCIO.”

Diria: “SE ORARDES, DEVEIS ORAR PELOS OUTROS COMO SE FOSSEM VÓS MESMOS. POIS SE ORARDES PELOS OUTROS E AS VOSSAS ORAÇÕES FOREM APENAS UM ACTO DE BONDADE, O BENEFÍCIO PARA ELES SERÁ POUCO. DIGO-VOS, AS LÁGRIMAS QUE UMA MÃE DERRAMA PELOS SOFRIMENTOS DO FILHO VALEM MAIS DO QUE TODAS AS ORAÇÕES FEITAS NO TEMPLO, SE ESSAS LÁGRIMAS VIEREM DO AMOR QUE A MÃE TEM POR NATUREZA AO FILHO.”

Quanto às orações pelos que partiram, Cristo teria aconselhado que tais orações fossem feitas apenas como um pensamento enviado para alcançar a alma daquele que deixou o corpo. E esse pensamento seria enviado para o seu conforto.

Mas muitas vezes, ao falar de outras fés, lembrava-nos o cuidado que o Pai que está no Céu tem pelos seus filhos. Cristo dizia-nos: “PODEIS DIZER DE ONDE VIÉSTEIS? ELE TROUXE-VOS AO MUNDO. NOVAMENTE VOS LEVARÁ: PODEIS DIZER PARA ONDE IDES? ELE CUIDA DE VÓS NO PRINCÍPIO E NO FIM: E OS QUE PARTIRAM ENCONTRARÃO O QUE NECESSITAM. PORTANTO, NÃO VOS PREOCUPEIS POR ESTES SENÃO COM AMOR. MAS DAIS O VOSSO CUIDADO ÀQUELES QUE DELE PRECISAM, AINDA NO CORPO.”

(IV) DA ALEGRIA E DA TRISTEZA

Quanto à alegria, era sempre para Cristo um motivo de júbilo. Queria que todos ao seu redor fossem tão alegres quanto possível. Dizia-nos: “PORQUE ANDAIS DE CABEÇA PESADA? NO CÉU HÁ ALEGRIA, E AQUI PODEIS FAZER UM CÉU SE ASSIM QUISERDES. SEDE SEMPRE ALEGRES, TANTO QUANTO POSSAM, POIS UM ROSTO TRISTE TORNA OS OUTROS TAMBÉM TRISTES, E DEVE SER UMA DISCIPLINA PARA VÓS SABER QUE QUEM ESPALHA A TRISTEZA OU PESO ENTRE OS OUTROS PECA, PORQUE NÃO PARTILHOU AS SUAS RIQUEZAS MAS SIM A SUA POBREZA.”

Cristo não repreendia os que choravam, mas procurava fazê-los compreender que a tristeza que mantêm à sua volta chega também aos que já partiram, tornando-lhes a vida mais difícil, pois devem ouvir o lamento dos que ainda estão na terra.

Gostaria que compreendêsseis a diferença entre tristeza e melancolia. Ele dizia: “A TRISTEZA VEM DO AMOR: MAS QUEM SE ENTREGA À

MELANCOLIA OU AO DESESPERO FOI APANHADO PELO MALIGNO, E AI DELE QUE ESTÁ PRESO NESTA REDE."

(V) DO PECADO DA IRA

Da mesma forma dizia aos que estavam com ira: "ESTE É DE FACTO UM PECADO, POIS CONSUME A ALMA." Dizia: "MEU PAI SEMEOU O CAMPO DO MUNDO E A SUA VONTADE É COLHER O TRIGO APÓS A CEIFA. MAS VÓS, NA IRA, SOIS COMO O FOGO QUE PODE ATINGIR UM CAMPO EM PLENO SOL. ESTE QUEIMA O TRIGO E ELE PERDE-SE.

"ISSO NÃO DEVE EXISTIR NO CAMPO DE MEU PAI: POIS ELE, QUE SEMEOU, NÃO QUER QUE A BOA COLHEITA SE PERCA PELO FOGO. VÓS SOIS O FOGO EM VÓS MESMOS, E NÃO SÓ VOS QUEIMAIS, MAS TAMBÉM AOS QUE VOS CERCAM. SE NÃO CONSEGUIRDES APAGAR O FOGO DENTRO DE VÓS, QUE JÁ ESTALOU, ENTÃO TEREIS DE SER APAGADOS E LANÇADOS COMO CINZA FORA DA COMPANHIA DAQUELES QUE MADURECEM PARA A CEIFA DO MEU PAI."

Entre os que O rodeavam, havia muitos que discutiam quem seria o maior entre eles, ou quem serviria o Cristo. Dizia-lhes: "CADA UM DEVE AJUDAR O SEU IRMÃO QUANDO ESTE PRECISA, MAS QUEM ESTÁ SÃO SÓ PRECISA DE AJUDA DE SI PRÓPRIO. DEVIAM SABER QUE CADA UM É O SEU PRÓPRIO CURADOR."

(VI) DO SERVIÇO PESSOAL E DA LIMPEZA

Cristo não permitia tal serviço pessoal de ninguém. Alguns estavam designados para servir quando nos sentávamos à mesa; e a estes aconselhava que cada um cumprisse a sua tarefa como Ele assumia a Sua de ensinar. Mas, na sua própria pessoa, não permitia que ninguém O servisse; aceitava de quem Lhe oferecia pousada e hospitalidade, como dádiva, mas não como serviço. Isso causava grande admiração a muitos que andavam com Ele; e quando, como lestes, a mulher chamada Maria Madalena Lhe ungiu os pés com bálsamo, os que ali estavam ficaram espantados, sabendo que Cristo não permitia sequer que Lhe lavassem os pés depois de um dia de jornada.

O Cristo queria que aqueles que estavam na Sua companhia mantivessem o corpo limpo. E desejava que tais se vestissem de forma digna. Mas se lavassem as vestes que traziam no corpo, então diria: "QUE MAIS PRECISAIS? POIS AQUELE QUE TEM VESTIDO QUE O COBRE DE MANEIRA DIGNA TEM TUDO O QUE O CORPO REQUER. ASSIM O MEU PAI VESTE AS ÁRVORES DA FLORESTA E OS ANIMAIS DO CAMPO."

O Cristo repreenderia quem viesse ao convívio por lavar e com vestes danificadas. Diria: "NÃO DEVEIS LEVAR OS OUTROS DA VOSSA COMPANHIA À NEGLIGÊNCIA: POIS ISSO É UM PECADO."

(VII) DA DOR E DO SOFRIMENTO

Quereis ouvir o que Cristo disse do sofrimento, seja do corpo ou da alma. E aqui falou dos próprios sofrimentos que lhe caberiam. Dizia: “ISTO QUE ME É DADO É COMO UM SONHO MAU QUE PASSA NA NOITE. PASSA E ROMPE NOVAMENTE A MANHÃ E TUDO O QUE SOFRESTES FICA ESQUECIDO. POIS A DOR DESVANECE MAS A ALEGRIA PERDURA. MAS DIGO-VOS: ‘NÃO PENSEIS QUE A DOR É MÁ.’ POIS SEM DOR NÃO HAVERIA ALEGRIA: E NO CAMINHO QUE SEGUIRDES NA TERRA, ENQUANTO ESTIVERDES NO CORPO, TEREIS ALEGRIA E DOR NO CORPO, E TAMBÉM ALEGRIA E DOR NO ESPÍRITO. DIGO-VOS QUE DEVEIS VALORIZAR UMA COMO A OUTRA. POIS SE NÃO DERDES PASSO AO DESESPERO E SE SUPORTARDES COM PACIÊNCIA, ENTÃO MAIOR É A VOSSA ALEGRIA DEPOIS DA DOR.”

“O HOMEM QUE JAZ DOENTE NÃO SE LEMBRA DO TEMPO ANTES DA SUA DOR. GEME NA SUA CAMA E ESQUECE OS DIAS EM QUE ESTAVA SÃO. MAS DEPOIS DE PASSADA A SUA DOENÇA, TEM PRAZER NO SEU CORPO COMO NÃO TINHA ANTES DE A DOENÇA VIR SOBRE ELE. POIS GOZA DAQUILO QUE, ANTES, LHE PARECIA TÃO PEQUENO QUE O TOMAVA COMO TOMA O AR PELO CORPO.”

“MAS TENDO SUPORTADO A DOR DO CORPO, AGORA A SUA SAÚDE É PARA ELE UMA ALEGRIA EM SI MESMA. DIGO-VOS: ‘ALEGRAI-VOS EM TUDO’: POIS ISTO VOS É DADO PARA O ENTENDIMENTO DO HOMEM INTEIRO, QUE É CORPO, ALMA E ESPÍRITO.”

(VIII) DO USO DAS COISAS TEMPORAIS

O Mestre ensinaria que quem não tem cuidado com o que o rodeia na sua vida não cuidou daquilo que há de vir: a não ser que esteja ao serviço de uma missão, como estavam os discípulos no Seu tempo. Estes eram mandados carregar o seu fardo ao ombro como os que transportaram a Arca da Aliança; e, esquecendo tudo o mais, levá-lo ao Templo do Espírito.

Mas àqueles que estavam no mundo, falava assim: “USAI BEM O QUE VOS É DADO PARA A VIDA QUE TENDES DE VIVER NO MUNDO EM QUE ESTAIS. DIGO-VOS QUE VOS SERÁ PEDIDO CONTA SE NÃO TIVERDES TRABALHADO PARA USAR O QUE ESTÁ EM VÓS. E TAMBÉM DEVEIS USAR O QUE VOS É EXTERIOR PARA AJUDAR NO VOSSO ENTENDIMENTO.”

“DIGO-VOS: ‘TUDO O QUE É BELO, AOS OLHOS E AOS OUVIDOS, VOS É DADO PARA ALIMENTAR A ALMA, PARA QUE, DEPOIS DE TER DEIXADO O CORPO, POSSA TRAZER ISTO CONSIGO PARA O REINO DE MEU PAI.’”

“DIGO-VOS: TUDO O QUE É BELO, PARA O CORPO E PARA O ESPÍRITO, TAMBÉM VOS É DADO COM UM PROPÓSITO, E QUEM USA O QUE É DO

CORPO PARA ALIMENTAR O ESPÍRITO FAZ BEM. MAS QUEM USA O QUE É DO ESPÍRITO PARA NUTRIR O CORPO FAZ MAL: POIS DEVEIS SEMPRE SUBIR DO CORPO PARA O ESPÍRITO. ISTO VOS É DADO PARA QUE ENTENDAIS A VIDA QUE HÁ-DE VIR DEPOIS."

(IX) DA MÚSICA E DO CANTO

O Mestre também nos falou do canto e da música. Do canto falava como forma de alegria e de entendimento, tanto da alegria como do sofrimento. Dizia:

"CANTAIS PARA PROCLAMAR A ALEGRIA QUE VIVE EM VÓS OU PARA CLAMAR A DOR QUE VOS AFLIGE. NÃO SABEIS O QUE DIZEIS QUANDO VOS MOVE A CANTAR. TENDES NESSE SOM QUE SAI DOS VOSSOS LÁBIOS UMA MAIOR COMPREENSÃO DO ESPÍRITO DO QUE SABEIS. POIS, AO CANTAR, O ESPÍRITO CLAMA EM VÓS, E GOZAIS DA VOSSA ALEGRIA OU ALIVIAIS A DOR QUE VOS AFLIGIU."

Dizia-nos:

"TENDES OS VOSSOS CÂNTICOS DE LOUVOR E ALEGRIA NA TERRA. MAS MAIOR SERÁ A ALEGRIA QUANDO ENTRARDES NO REINO."

Contudo, estou certo de que o Cristo tinha alegria nos cânticos da terra, pois escutava com gosto os cânticos do seu povo. E também escutava os pássaros. Mas destas coisas só ouvi fragmentos das Suas palavras. Ouvia numa festa quem tocava harpa. Mas nunca nos aconselhou a aprender a fazer tal música.

(X) DA NATUREZA E DOS DEVERES DA MULHER

Às mulheres, sempre estava pronto a aconselhar que dessem alegria a todos quanto possível. Dizia:

"VÓS, QUE TENDES MARIDOS, CASA E FILHOS, DEVÍEIS SER COMO A HARPA QUE FAZ MÚSICA: DEVÍEIS ALEGRAR E CONFORTAR O CORAÇÃO."

Quereis saber o que Cristo ensinaria às mulheres quanto a deveres espirituais, e como deveriam ser aptas como irmãs na companhia dos que O seguiam. Há muitos tipos de mulheres, meu irmão, e poucas são escolhidas para uma missão como a do Cristo. Entre nós havia sempre muitas mulheres e crianças que nos seguiam, algumas para conselho e conforto. Mas muitas não tinham a semente no coração, estando cheias de cuidados.

Outras mulheres, na nossa companhia, por vezes deviam ser afastadas por fazerem demasiado barulho e louvor, o que perturbava os irmãos. Mas àquelas que nos seguiam com sincero coração dizia Cristo:

"SEREIS MULHERES DE GRANDE ENTENDIMENTO. TENDES O VOSSO PAPEL, DIFERENTE DO DOS HOMENS: ESTAIS AQUI PARA AJUDAR E DAR CONSELHO COMO TAMBÉM OS HOMENS, MAS DE OUTRA

MANEIRA. POIS À MULHER, QUE FOI FEITA PARA SER MÃE, FOI DADO UM ENTENDIMENTO QUE NÃO É DADO AO SEU MARIDO: E DEVE USÁ-LO, NÃO POR ASTÚCIA, MAS PARA MELHOR COMPREENSÃO DO HOMEM."

Dizia também a estas:

"A MULHER TEM O SEU PAPEL. IDE NO CAMINHO DA MINHA MISSÃO COM MANSIDÃO, SONDAI OS CORAÇÕES DOS QUE VOS CERCAM, PARA QUE POSSÁIS AJUDÁ-LOS PELO ENTENDIMENTO DAQUILO QUE HÁ NO HOMEM E QUE AINDA É MULHER."

Assim teria Cristo falado convosco: pois diria:

"EM TODO O HOMEM EXISTE ESSA TERNURA QUE ESTÁ NA MULHER. CONTUDO, PELAS CARGAS QUE O HOMEM TEM DE SUPORTAR, PODE ELE ESQUECER-SE DISTO. MAS À MULHER FALTA-LHE POUCO DAQUELE QUE É O HOMEM: POIS NO PRINCÍPIO, QUANDO FOI CRIADA, VEIO ELA DO HOMEM COMO PARTE DELE, MAS NÃO COMO O TODO.

"E AINDA ASSIM, A MULHER É COMPLETA EM SI MESMA: POIS PELO SEU INTERMÉDIO É O HOMEM GERADO NO MUNDO, E SÓ ELA PODE TER PLENA COMPREENSÃO DAQUELE QUE TRAZ AO MUNDO E PODE EXPLICAR O HOMEM A SI PRÓPRIO."

Sobre a educação das crianças, o Cristo falava frequentemente a todos os que estavam na sua companhia, e dizia àqueles que têm a seu cargo as crianças que estes não são senão homens na sua infância e que estas crianças deviam estar rodeadas, na sua companhia, por pessoas capazes de acolher plenamente delas o que é bom e rejeitar o que é mau, para melhor compreensão delas.

Pois diria:

"A SEMENTE TEM EM SI A PLENITUDE DA ÁRVORE; E SE NÃO CUIDARDES DA SEMENTE, NÃO CRESCERÃO AS FLORESTAS NA SUA PLENITUDE. QUERO QUE PEGUEIS NESTES QUE SÃO JOVENS E OS GUIEIS, MAS SEM OS LIDERAR. POIS NESSE LIDERAR NÃO HÁ SENÃO O CRESCIMENTO DA FRAQUEZA E NÃO DA FORÇA.

"QUERO QUE NÃO DÊEM CASTIGO AOS VOSSOS FILHOS, EXCEPTO AQUILO QUE PROVÉM DOS SEUS PRÓPRIOS PECADOS: PORQUE TAMBÉM VÓS SEREIS ASSIM CASTIGADOS."

Aqueles que se iravam com as crianças, Ele repreendia, dizendo:

"SE O MEU PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS VOS FERISSE COMO VÓS FERIS ESTAS CRIANÇAS, ENTÃO POUCOS HOMENS FICARIAM DE PÉ NESTE MUNDO. POIS AQUELE QUE É CASTIGADO PELO MEU PAI CASTIGA-SE A

SI PRÓPRIO, E ESTA É A LEI DESDE O PRINCÍPIO DA VIDA DO HOMEM NA TERRA. E ASSIM PERMANECERÁ DEPOIS QUE ELE DEIXE O CORPO.

“POIS OS QUE TÊM DESVENTURA NA TERRA TÊM-NO DEVIDO ÀQUILO QUE ESTÁ NELES OU NAQUELES QUE OS ANTECEDERAM. E ISTO DEVE SER EXPIADO, MESMO NAS CRIANÇAS E NAQUELES QUE LHES SUCEDEM.”

Sobre o partilhar dos fardos e a purificação de todas as almas, e sobre a entrada no conhecimento, o Mestre diria que os que vivem pecaminosamente têm a sua própria punição, pois criam-na para si próprios e transmitem-na de geração em geração. Isto, dizia Ele, era uma lei; e não pode ser alterada. E é também uma lei de justiça porque este pecado só pode durar por algum tempo ao longo das gerações que seguem. E cada alma, contendo em si tudo o que é bom e mau, deve, ao deixar o corpo, encontrar essa purificação que é atribuída a todos.

Pois, no medir das gerações, tudo deve ser suportado e experimentado. E os que sofrem pelos pecados dos seus pais devem, no fim, encontrar purificação, tal como os santos. Mas para estes é questão de longa perseverança.

Desta purificação dos santos deveis vós aprender muito do que ainda não me ouvistes falar. Chamais santos àqueles que, tendo entrado no corpo, conservam no espírito aquilo que os impede de pecar, e são capazes de dar àqueles que necessitam o poder do espírito que neles reside.

Mas estes, não tendo em si conhecimento do pecado, só o podem perceber como num espelho, pela contemplação dos pecados dos outros. Da mesma forma, os que sofreram no corpo por causa da sua fé devem ser purificados do pecado que está neles ao deixarem o corpo; mas para os santos é diferente, por causa daquilo que sacrificaram pela sua fé e pela fé que há neles.

Assim, depois de ressuscitarem no corpo da sua alma, devem alcançar conhecimento do pecado aqui do nosso lado; mas não por qualquer dor ou castigo que lhes aconteça. Mas, por algum tempo, permanecem em estado de contemplação até chegarem à compreensão do que têm dentro de si.

Pois, na vida do corpo, não têm poder para compreender os pecados dos que os rodeiam, vendo-os apenas como num vidro. Mas aqui, do nosso lado, cada alma, seja ela santa ou pecadora, virá ao conhecimento da sua totalidade antes de poder entrar no Reino de Deus.

Assim, cada um sofre e aprende para que se cumpra o conhecimento que todo o homem deve ter de si mesmo. Pois, como foi dito, sois realmente membros uns dos outros: e, ao longo do tempo, todos os que passaram pelo mundo encontrarão em si tudo o que cada um contém. Pois até alcançar a realização plena de si próprio, a alma do homem não estará completa.

Aqueles que produzem o bem a partir de uma herança má recebem uma recompensa maior do que aquele que, tendo maiores dons de virtude em si, não aumenta o seu talento para ajudar os seus irmãos. Pois tal pessoa chega mais rapidamente ao pleno conhecimento e realização de si, e está assim mais preparada para desfrutar daquela paz que ultrapassa todo o entendimento.

Se observardes os elementos, vereis que depois de a tempestade passar, vem uma grande alegria nos céus e o sol brilha num céu limpo. Assim acontece com o pecador que, tendo subitamente reconhecido o seu pecado, o lança fora de si e agarra com mais empenho aquela alegria que lhe está reservada.

Quando Cristo fala da morte do corpo, fala também da vida: pois diria:

“VÓS TEMEIS A MORTE PORQUE O CORPO DECOMPÕE-SE. E ASSIM TEMEIS ESTAR NO TÚMULO, QUE NÃO É SENÃO UM LUGAR SOLITÁRIO. SABEIS QUE, EM BREVE, NÃO RESTARÁ SENÃO UM PEQUENO MONTÃO DE PÓ. MAS EU VOS DIGO QUE NESTA MORTE HÁ VIDA. POIS QUANDO O CORPO MORRE, NÃO É MAIS DO QUE ABANDONADO EM FAVOR DA MAIOR VIDA QUE ESTÁ NA ALMA. POIS NENHUMA ALMA DEIXARÁ O CORPO, SEJA ELA BOA OU MÁ, ANTES QUE CHEGUE O SEU TEMPO.”

“E SE ME PERGUNTAIS QUANDO É ESTE TEMPO, DIGO-VOS QUE É A ESTAÇÃO PLENA PARA ESSA ALMA, QUE, SE FOR BOA, PASSA PARA UM CONHECIMENTO MAIS PLENO: E, SE FOR MÁ, NÃO TENDO USADO O QUE LHE FOI DADO NESTA VIDA, ENTÃO PASSA PARA O LUGAR ONDE LHE SERÁ DADO O CONHECIMENTO DA SUA PRÓPRIA FRAQUEZA.”

Quereis que vos fale mais uma vez do que Cristo disse sobre o pecado? Aqui diria Ele:

“O HOMEM, NA SUA JORNADA PELO MUNDO, PECA POR DUAS RAZÕES: OU POR AQUILO QUE ESTÁ FORA DELE E A QUE DÁ ABRIGO, OU POR AQUILO QUE ESTÁ DENTRO DELE E QUE SE MANIFESTA. SE AQUILO QUE É MAU NO HOMEM SE MANIFESTA, ENTÃO, DO SEU PECADO, VIRÁ A SALVAÇÃO: POIS PELO CONHECIMENTO DE SI MESMO É QUE ELE GANHA.”

“MAS SE ELE DÁ ABRIGO AO MAL EXTERIOR, POR CAUSA DA SUA PREGUIÇA, ENTÃO DEVERÁ ENTRAR NA VIDA QUE ESTÁ POR VIR: MAS NO REINO NÃO ENTRARÁ ENQUANTO NÃO TIVER CONHECIMENTO DAQUILO DE QUE É FEITO.”

Aos publicanos e pecadores falava Cristo como se fossem crianças que, por não terem conhecimento, pecavam por ignorância. Mas desta ignorância dizia Ele que não vinha da falta de poder para adquirir conhecimento, pois isso lhes fora concedido: mas por livre vontade escolheram aquelas coisas que só lhes davam um prazer passageiro ao corpo. E, não cuidando da alma, tornaram-se

como bestas. No entanto, bestas não eram por necessidade, mas por escolha própria. Com tais pessoas Ele argumentava, dizendo:

“ENCONTRAIS AQUILO QUE PENSÁIS SER PRAZER NAS COISAS DO CORPO QUE SÓ PODEIS GOZAR POR UM MOMENTO. MAS NA VOSSA CEGUEIRA NÃO CONSEGUIS VER QUANTOS FORAM PARA O TÚMULO SENDO COMO VÓS, TENDO PERDIDO ESSE PODER DE GOZAR E TRAZENDO SOBRE SI SOFRIMENTOS MUITO MAIORES DO QUE OS PRAZERES QUE PROCURARAM?”

“VÓS QUE NASCEIS NO MUNDO MELHORES DO QUE OS ANIMAIS, NÃO DAI VALOR ÀQUILO QUE PODE DAR PRAZER ÀS VOSSAS ALMAS. MAS, EM VEZ DISSO, ENTRAIS NOVAMENTE NO ESTADO DO ANIMAL POR VOSSA PRÓPRIA VONTADE E TAMBÉM POR CAUSA DA VOSSA PREGUIÇA.”

Àqueles que serviam, aconselhava Ele que servissem os seus senhores fielmente. Dizia:

“SE ENTRARDES NO MERCADO E VEDES UMA TÚNICA QUE DESEJAIS, ENTÃO TROCAIS POR ELA UM CERTO PREÇO. ASSIM DEVE SER TAMBÉM SE SERVIS: OS VOSSOS SENHORES. POIS SE ALGUÉM NÃO DER A TÚNICA, NÃO PODE RECEBER O PREÇO. MAS ACHEI POR BEM QUE NENHUM HOMEM VOS TOME O PREÇO E VOS TIRE TAMBÉM A TÚNICA.

“E CUIDAI QUE DEIS O TRABALHO DOS VOSSOS CORPOS AOS VOSSOS SENHORES. MAS NÃO PODEIS NEGOCIAR AS VOSSAS ALMAS TAMBÉM. GUARDAI ISSO NA MEMÓRIA. E NÃO TENHAIS INVEJA DOS RICOS OU DAQUELES QUE ESTÃO ACIMA DE VÓS.

“POIS ESTES TAMBÉM TERÃO A SUA POBREZA, TAL COMO VÓS: SEJA NESTE MUNDO OU NA VIDA QUE VIRÁ DEPOIS. POIS O MEU PAI DÁ A CADA HOMEM O MESMO CONHECIMENTO E AS MESMAS RIQUEZAS E POBREZA: PORQUE TODAS AS COISAS DEVEM SER CONHECIDAS PELA ALMA ANTES QUE POSSA ENTRAR NO REINO.”

Muitas vezes falou o Cristo da Sua vida como estando em todas as coisas vivas ou criadas, sendo esta a vida do Pai e do Espírito que são um só com a d’Ele próprio. Como tendes lido, assim seriam as palavras:

“LEVANTAI A PEDRA E ALI ME ENCONTRAREIS.

CORTEI A MADEIRA E ALI ESTOU EU.”

Diria Ele a nós:

“EU ESTOU NO FOGO E ESTOU NA ÁGUA E SOB A TERRA TAMBÉM ME ENCONTRAREIS. E EM TUDO O QUE BROTA DA TERRA EU ESTOU, E EM TUDO O QUE VIVE, SEJA A ÁRVORE DA FLORESTA OU O ANIMAL:

SEJA UM INSETO OU SEJA O LEÃO QUE RUJE PELO DESERTO, ALI ESTOU EU TAMBÉM. PORQUE EU SOU A VIDA:

E ASSIM O É O MEU PAI, E ASSIM O É O ESPÍRITO QUE VEM DEPOIS DE MIM.

PORQUE ESTES TRÊS SÃO UM E, TODAVIA, SÃO TRÊS TAMBÉM.”

Gostaria que agora lêsseis os evangelhos com atenção; pois neles vereis muitas coisas que, antes dos meus escritos, não podíeis compreender.

Lede como o Mestre diz: “PEDI E SER-VOS-Á DADO; BUSCAI E ACHAREIS; BATEI E ABRIR-SE-VOS-Á.”

Ele falava também do assombro da alma daquele que encontrou: e como esse assombro conduz o homem ao Reino dos Céus. Mas quero que saibais que esta palavra ‘assombro’ que o Cristo aqui usa não tem o mesmo significado que a vossa palavra. Pois por ‘assombro’ Ele entende ‘louvor’; significando que a alma humana procura o que está escondido: e, ao encontrá-lo, maravilha-se, e, por esse espanto diante do poder de Deus que está acima dele, irrompe em louvor.

Este é o significado aqui: pois ouvi o Cristo falar disto. Ele disse que quem procura, encontra, e depois de encontrar, o seu coração irrompe em assombro e clama a Deus. E assim, pelo conhecimento da sua ignorância, entrará no Reino.

ADENDA À PARTE CINCO

A história de Filipe sobre a Transfiguração de Cristo no monte. Para ser lida em ligação com a sua Introdução, na qual explica a natureza da Trindade Cristã e a Cristandade de Jesus; também com a sua narrativa da Ascensão de Cristo.

CONTAREI o significado do relato da Transfiguração de Cristo, se assim o quiserdes. Como está nos Evangelhos, tendes o símbolo do que foi, mas não o seu significado. Se quereis que vos fale sobre isto, dai-me aquelas coisas que são um mistério para vós na narrativa: pois agora conheceis muito do que tornará isto mais claro para vós.*

- Aqui foi lido em voz alta o capítulo xvii do Evangelho segundo São Mateus e foi pedido que Filipe desse a sua própria versão com a explicação do simbolismo na narrativa.

Meu irmão, vou agora contar a história como a ouvi. Isto aconteceu depois de Cristo ter estado ausente de nós durante vários dias e de ter regressado de novo. Pedro, sendo de espírito inquieto e curioso acerca dos feitos do Mestre, falou a Jesus, dizendo: “Mestre, vais embora, e não sabemos para onde vais; e voltas, e não dizes a ninguém para onde o Espírito te levou. Queres que tenhamos mais conhecimento disto por ti?”

E Cristo respondeu-lhe, dizendo: “VOU NOVAMENTE EM BREVE, E VIRÁS COMIGO E TAMBÉM JOÃO.” E Tiago, ouvindo as palavras, disse: “Não queres que eu também vá?” E Cristo não lhe respondeu.

Passados três dias, Jesus falou a Pedro, dizendo: “ESTÁS PRONTO?” E Pedro respondeu-Lhe: “Sim, Senhor; o que me ordenares, isso farei.” E Ele chamou também João, dizendo: “CHAMA TIAGO, TEU IRMÃO: POIS CHEGOU O MOMENTO EM QUE DEVEMOS IR PARA O DESERTO.”

Nesse momento estava lá toda a multidão que tinha estado a ouvir as palavras de Cristo. E Ele, afastando-se dos outros, disse aos três: “FAZEI O CAMINHO COMIGO PARA O MONTE.” Assim, todos partiram, e eu fiquei para trás com a multidão, a pensar que mistérios seriam revelados aos três primeiros escolhidos.

Quando estes voltaram com Cristo, havia grande tumulto por causa do jovem possesso de um demónio, de que já ouvistes falar, e que foi expulso por Cristo. E, depois de regressarmos à cidade à noite, perguntei a Pedro que tipo de viagem fora aquela ao monte. Mas nenhum deles queria falar disso: pareciam cheios de assombro, e mesmo assim não contavam a ninguém o que tinham visto.

Mas, depois de Cristo ter ascendido aos Céus, então João contou a todos nós que lá estávamos sobre essa outra ascensão no monte. Só vos posso contar o relato como João o contou, e também Tiago e Pedro, que testemunharam o mesmo, e, no entanto, não o mesmo.

Agora João disse que subiram aquela íngreme montanha com o Cristo, e Ele não disse palavra a ninguém. Mas quando se aproximaram do cume—pois ao cume não puderam subir, sendo este uma rocha árida—então Cristo ordenou-lhes que se sentassem. E sobre cada um caiu um grande cansaço, e adormeceram.

E nesse sono, João ouviu a voz do Cristo, dizendo: “VÊ!” E, erguendo-se do seu sono, João viu diante de si o Cristo; não como Ele era em carne, mas como espírito, cheio de luz lhe pareceu. E ao Seu lado estavam dois outros, um de cada lado. E Cristo falou a João, dizendo: “ESTES SÃO DOIS QUE VIERAM ANTES DE MIM PARA ME PREPARAR O CAMINHO.”

E João, muito temeroso, disse: “Quem são estes, Mestre?” E Cristo falou, dizendo: “ESTES SÃO MOISÉS E ELIAS: ESTES DOIS, QUE SÃO UM; E

QUE NÃO VIRÃO MAIS DEPOIS QUE EU DEIXE DE ESTAR CONVOSCO NO CORPO.”

E João, caindo de joelhos, inclinou-se e adorou. E toda a montanha encheu-se de ruídos como o trovão nos céus. E depois disso, a visão desapareceu dos olhos de João; e eis que estava ali no chão, e a cada lado estavam Tiago e Pedro. E Cristo ajoelhava ao longe, com as mãos estendidas para os céus.

Esta era a narrativa contada por João. Quero que agora ouçais as outras duas narrativas, como nos foram contadas. Depois darei a explicação como a conheço. Já vos disse o que João contou do que viu e ouviu na montanha. Agora vou relatar-vos a narrativa de Pedro, e depois a de Tiago.

Deveis saber que foi João o primeiro a falar do que chamais ‘transfiguração’ no monte; isto depois de Cristo ter sido recebido nos céus: pois também só João e outros dois, sendo Tiago e Pedro, viram isto. Pois João, estando muito maravilhado depois de Cristo ter subido aos céus, desejou contar este outro prodígio que ocorrera no monte. E depois de João ter falado, então falou Pedro, e depois dele Tiago. Sabeis que todos estes subiram com Cristo à montanha e já vos disse que João adormeceu nesse lugar perto do cume, assim como Tiago e Pedro.

Agora Pedro, ao falar depois de João sobre este prodígio que lhe sucedera, não era como João: pois tinha menos fé no coração; e assim falou: “Depois de adormecer na montanha, muito cansado pela subida ao cume, caí num sono em que sonhei um sonho diferente dos que vêm à noite: era quase como se tivesse tido uma visão.”

“Ali vi o Cristo vestido com uma túnica resplandecente—não como a que usava quando nos ensinava, mas cheia de luz, de tal modo que o Seu corpo era transparente como água. E de cada lado d’Ele estava um; também eles cheios de luz, mas com menos brilho do que o do Mestre.”

E no meu sonho, exclamei: “Senhor, porque estás vestido não como um homem, mas como um espírito? E quem são estes que estão contigo?” E Cristo, falando com a voz que costumava usar, respondeu-me: “PEDRO, TU ESTÁS CHEIO DE ASSOMBRO. ESTES DOIS QUE ESTÃO AO MEU LADO SÃO OS QUE VIERAM ANTES DE MIM. SÃO OS MEUS MENSAGEIROS.”

E eu, ansioso, disse-Lhe: “Senhor, diz-me os nomes destes.” E Ele, falando de novo, disse: “ESTA É A LEI QUE FOI PRIMEIRO ANTES DE MIM: ESTE É MOISÉS, O PROFETA. E ESTE OUTRO, A ALMA QUE FOI O MEU SEGUNDO MENSAGEIRO, ESTE É ELIAS. ESTES DOIS VIERAM PRIMEIRO E AINDA OUTRO VEIO DEPOIS.”

E eu, muito maravilhado, disse ao Mestre: “Queres então que aqui no cume da montanha construamos três templos para Ti: pois este é um Lugar Santo.”

E enquanto falava, o sonho desvaneceu-se diante dos meus olhos e acordei. E ali, no cume da montanha, estávamos nós três, tal como tínhamos adormecido. E ao longe, Cristo ajoelhava com as mãos erguidas ao Céu. E ao acordar, não sabia se tinha dormido ou se me fora dada uma visão.

Agora vos contarei a narrativa de Tiago depois de Pedro ter falado. Tiago também falou desse sono pesado que caiu sobre ele na montanha. Mas não falou, como Pedro, de um sonho. Pois Tiago disse que, ao acordar de repente do seu sono, viu diante de si a mesma visão que João e Pedro tinham visto.

Cristo estava lá, de pé na montanha, e com Ele estavam os outros dois, como já ouvistes. Todos estes três estavam cheios de uma luz maravilhosa. Mas Tiago falou de grandes ruídos nos céus, como se ouve quando vem a trovoada: e ele, não estando a dormir, mas como se fosse pleno dia, ficou aterrorizado tanto pelos ruídos como pela luz em redor. E, não ousando falar nem perguntar nada, prostrou-se com o rosto em terra. E, estando assim com a cabeça inclinada, ouviu uma Voz vinda do trovão.

E a Voz falou e disse: “ESTE É O MEU CORPO QUE VEDES DIANTE DE VÓS. E DEPOIS DELE VIRÁ AINDA OUTRO. POIS PRIMEIRO VEM O ESPÍRITO E DO ESPÍRITO É FORMADO O CORPO. E DEPOIS DISSO DEVE VIR A ALMA, QUE TAMBÉM É ESPÍRITO. PORQUE ESTES TRÊS SÃO UM E AINDA ASSIM SÃO TRÊS.”

“TAMBÉM ASSIM SÃO OS MEUS MENSAGEIROS. POIS AQUI VEDES DOIS, QUE FORAM ENVIADOS PRIMEIRO PARA ANUNCIAR. E AINDA OUTRO ESTEVE CONVOSCO, EMBORA NÃO O TENDES RECONHECIDO. E ESTES TRÊS SÃO UM: MAS SÃO TAMBÉM TRÊS.”

E Tiago, muito assustado, exclamou: “Senhor, tenho medo! Diz-me quem era esse terceiro que trouxe a Tua mensagem?” E a Voz falou de novo, dizendo: “FOI AQUELE QUE VEIO DO DESERTO E PREPAROU O CORPO DO SEGUNDO DESTAS TRINIDADES PELO BAPTISMO, QUE É UM SÍMBOLO DA PURIFICAÇÃO DO CORPO ANTES DO SEPULTAMENTO. ESTE FOI O TERCEIRO QUE VOS TROUXE ESTA MENSAGEM E PREPAROU O CORPO PARA O SOFRIMENTO QUE HÁ-DE VIR.”

E Tiago inclinou de novo a cabeça, cheio de medo. E quando voltou a erguer os olhos, eis que a visão desaparecera; e já não se ouviam mais ruídos na montanha. E João e Pedro dormiam como antes.

Agora quereis saber o significado de tudo isto, e em especial desta visão no monte. Quero que compreendais que a mensagem tem um significado. Foi como o alicerce de um edifício. Se construirdes uma casa sobre a terra, tendes de tornar firme a base antes de levantardes todas as pedras superiores.

Pois há três Revelações do Espírito; e cada uma destas três divide-se em três partes. Estes mensageiros que foram antes do Cristo eram o Corpo da Revelação de Deus que está na origem de tudo.

Depois vem a Revelação do Cristo, que era a Alma dessa Revelação maior. E nos tempos futuros virá ainda uma terceira Revelação, que é a do Espírito.

Moisés veio primeiro: foi ele quem deu as Leis. Este era o Corpo. Depois veio Elias, aquele que trouxe a Mensagem do Messias que começava com a dádiva da lei; ele era a Alma dos três Mensageiros na primeira Revelação. Este falava em palavras estranhas e cheias de mistério. Por fim veio João Baptista, ele sendo o mais próximo do Cristo. Ele era o Espírito dessa Revelação. Todos estes três são um só, e, no entanto, os Três assumem diferentes funções.

Disse que Elias era a Alma dos três mensageiros. Agora, esta mensagem de que falo não era a Mensagem da Vinda, mas aquela que deveria seguir-se à entrega das Leis até à vinda de João Baptista, o que era uma promessa. A mensagem era uma só mensagem em três partes, começando com Moisés; e a Lei preparou o caminho para aquilo que se seguiria.

Estes três foram os primeiros da Trindade. E aquele que foi o último dos três falou dessa outra Trindade que viria. Cada um que trouxe essa mensagem teve o seu papel: e tudo apontava para essa outra mensagem, da qual João primeiro falou. Estes são os Três Mensageiros, e nenhum virá depois do Cristo.

Nisto é-vos revelado muito do mistério da Trindade. Quero que vejais que nestes mensageiros está uma Trindade como em Cristo que veio de Deus, e depois d'Ele o Espírito Santo.

E ainda outra Trindade virá, que não vos pode ainda ser revelada.

Assim foi com os três primeiros Mensageiros: primeiro o Corpo; depois a Alma; e depois o Espírito. Mas com a segunda das Trindades foi diferente. Pois aqui era primeiro o Espírito que é Invisível [isto é, a Paternidade, cf. * no Apêndice VIII]; depois, o Corpo que é visível aos homens [isto é, a Plenitude, cf. **]; e depois destes a Alma, que é tanto espírito como também aquilo que é espírito e corpo juntos, ou seja, a MENTE [isto é, o Grande Consolador, cf. ***]. Esta vem por último, porque permanece até hoje, mas não pode subsistir em forma visível. Por isso foi dada ao mundo depois de o corpo ter sido destruído [isto é, a descida do Espírito Santo, cf. ****].

Essa Visão na montanha, que só três viram, traz novamente um significado dentro de si. Assim também acontece com a Ascensão do Cristo, que também só foi testemunhada por três dos presentes. Estes viram com os seus próprios olhos o Seu elevar-se. Os outros aceitaram-no apenas pelo testemunho desses três. Agora, esta transfiguração no monte foi apenas uma antevisão dessa outra transfiguração quando Cristo se elevou da terra e entrou no Céu. Aqueles que viram a visão na montanha foram advertidos a não contar a ninguém até

que Cristo tivesse desaparecido: porque essa antevisão da Ascensão ao Céu não devia ser dada aos homens antes de estar chegada a hora.

Pois sabeis que há tempo e estação para todas as coisas; e assim foi em cada passo do caminho percorrido por Cristo. Nem Ele sabia a Si mesmo para onde o passo seguinte O levaria. Pois só tinha consciência do Propósito que estava consigo.

Esta Sua transfiguração foi dada a estes três para o aumento da sua fé, e para que tivessem maior poder espiritual para ensinar outros. A eles, pois, que necessitavam, foi dada esta visão.

Há um grande mistério no curso da história do mundo: e ainda há mais por vir, que conduzirá os filhos dos homens a uma compreensão maior do Espírito e das coisas do Espírito.

Deveis compreender que o Sangue de Cristo, ainda sepultado na terra, é outro mistério. Mais não vos direi por agora. Mas no fim, quando tudo estiver cumprido do que vos tenho dito, então vos darei mais do significado desta mensagem que vos enviei.

PARTE SEIS

(**Capítulo XXXI**)

A NARRATIVA DA PAIXÃO DO SENHOR

Jesus faz a Sua última entrada em Jerusalém e avisa os discípulos do que está para vir. Filipe fala de Judas. Os sacerdotes enfurecem-se com o tumulto popular. Jesus profetiza a dispersão do Seu Espírito. Toma refeição com João, Tiago e Judas. Os sacerdotes procuram ocasião para o acusar. Jesus expulsa os cambistas do Templo.

(Dado por Filipe na Quinta-feira Santa, 1925)

Meu irmão, estou hoje aqui para começar a escrever sobre a Paixão do Senhor Cristo. Dar-vos-ei toda a narrativa desde o momento em que Cristo veio da Galileia pela última vez e entrou em Jerusalém. Agora, antes de Cristo ter deixado a Sua terra, meditava muito; e muitas vezes desaparecia do nosso meio, sem sabermos porquê. Pois Ele não nos falara do Fim. Mas, quando nos preparávamos para partir para Jerusalém, falou finalmente do que Lhe ia acontecer. Falou do cumprimento da Sua missão entre nós, dizendo-nos que rogara ao Pai que Lhe fosse dada força: pois, dizia Ele, aquilo que viria seria dor e vergonha, o que faria muitos zombarem d'Ele.

Neste tempo Judas estava connosco, e ninguém poderia saber que havia mal nele. Este Judas, como sabeis, tinha a seu cargo o dinheiro para uso dos irmãos. Foram-lhe confiados esses fundos por causa da sua extrema

honestidade: pois era honesto em tudo. Quero que saibais que espécie de homem era este. Era um homem nascido em Cafarnaum, filho de um escriba daquele lugar, que era um homem de certa riqueza. Ardente no seu zelo pelos ensinamentos de Cristo era Judas: homem que dizia sempre tudo o que lhe ia no coração: não dado à ira ou a causar perturbação entre os irmãos, mas sempre pronto a clamar contra aqueles que zombavam da missão de Jesus.

Este homem tinha entrado na irmandade por volta da minha vinda, e ficou muito satisfeito por ter sido escolhido como um dos doze. Não deveis pensar que Cristo sabia desde o início que Judas faria o que fez: pois isto Ele não soube até ter entregue a bolsa a outros. Quando Jesus o chamou à Sua missão, foi Judas o mais efusivo no seu louvor, e também se esforçava por trazer outros à fé, com muito zelo e esforço pessoal.

Mas Judas tinha uma natureza a que custa abandonar as coisas que tornam a vida agradável. Por isso tinha mais dificuldade que os outros em assumir para si as tarefas diárias e necessidades de todos os que seguiam Cristo.

Era amigo do dinheiro, embora honesto: e por isso foi escolhido para tratar das compras e de arranjar alojamento para nós. Assim conhecia muitos em Jerusalém que não eram da fé.

Por esta altura o Cristo sofria muito em espírito: e, depois de tudo ter passado e Ele já não estar connosco, lembrei-me que por vezes olhava entre nós como se procurasse alguém que devia ser escolhido para algum serviço ou para cumprir algum dever especial: isto vindo do seu conhecimento interior de que um de nós o trairia. Mas não sabia qual dos homens seria escolhido até ao momento da última ceia connosco. Pois o conhecimento lhe veio depois de orar ao Pai no jardim.

Então fizemos a viagem para Jerusalém, pois Cristo disse-nos: “CHEGOU O TEMPO: AGORA DEVO IR A JERUSALÉM, POIS MUITAS COISAS IRÃO ACONTECER QUE SURPREENDERÃO MUITOS. E ALI SE CUMPRIRÁ O QUE FOI ESCRITO DESDE O PRINCÍPIO.”

Não sabíamos que houvesse algum perigo especial em Jerusalém, além dos que já conhecíamos. Pois sempre os escribas e fariseus se aproximavam de Cristo, fazendo-Lhe perguntas que pudessem levá-Lo perante o Conselho. Qualquer um que ensinasse doutrinas contrárias ao sacerdócio não era bem visto por eles.

Quando chegámos perto da cidade de Jerusalém, Cristo estava muito alegre e levantou-Se da tristeza que O tinha acompanhado enquanto esteve na Galileia. Mandou-nos sentar e tomar a refeição do meio-dia, pois o dia estava muito quente e já víamos a cidade. E a dois dos jovens deu instruções para irem à cidade, onde encontrariam uma casa e perto dela uma jumenta e um jumentinho atados. Ordenou-lhes que os trouxessem até nós.

Todos na companhia ficaram contentes por ver Cristo regozijar-Se por entrar na cidade, pois estávamos tristes devido à Sua tristeza nos últimos tempos. E Judas, aquele que O havia de trair, estava sempre junto d'Ele e manifestava alegria ainda mais ruidosa do que qualquer outro do grupo. E quando os jovens voltaram após terem encontrado o jumentinho e a jumenta, Cristo mandou-os sentar e comer, pois disse: "AINDA NÃO É TARDE, E ESTE É O MOMENTO EM QUE ENTRAREI NA CIDADE PARA CONQUISTAR O MAL QUE LÁ ESTÁ: E ESSE MAL SERÁ REALMENTE VENCIDO EM TODA A TERRA DA JUDEIA, EMBORA EU NÃO VOLTE A ENTRAR EM JERUSALÉM."

E perguntámos-Lhe: "Senhor, então ficarás sempre nesta cidade depois de venceres o mal nela?" E Cristo disse-nos: "SIM, ALI FICAREI PARA SEMPRE: E TAMBÉM POR TODA A JUDEIA SEREI ESPALHADO COMO SEMENTE É ESPALHADA. E ESSA SEMENTE ESPALHAR-SE-Á DE NOVO POR TODO O MUNDO." E não compreendíamos estas coisas que Cristo dizia. Mas ninguém Lhe perguntou, pois em seus corações tinham apenas alegria pelo que Ele dizia: nunca antes falara assim connosco. Sempre foi Cristo alegre, salvo quando os que O tentavam O interrogavam, mas nunca como naquele dia. Pois agora não era como um homem com tristeza no coração, mas como quem sabe que a vitória está na sua mão.

E, quando chegou a tarde e o calor já não era tão intenso, Cristo mandou-nos levantar e ir com Ele até à cidade; e olhando para o jumentinho e a jumenta, disse: "ENTRAREI NA CIDADE MONTADO NA JUMENTA; PREPARAI-A, POIS ASSIM ESTÁ ESCRITO QUE DEVE SER FEITO." E os que estavam com Ele puseram as suas vestes sobre a jumenta, para que ela fosse preparada para montar; e Cristo sentou-Se nela e começámos a entrar na cidade.

Todos os que iam connosco estavam cheios de alegria e chamavam outros que estavam pelo caminho, dizendo-lhes que se juntassem a nós; pois muito haveria de acontecer ao chegarmos à cidade. E estes, sendo uma grande multidão, gritavam e arrancavam ramos das árvores próximas para afastar as moscas do Mestre; e tantos foram os que colheram ramos, que nem todos podiam aproximar-se d'Ele. Por isso espalharam os ramos pelo caminho. Também algumas mulheres tiraram os seus véus e mantos e estenderam-nos diante do Mestre.

E Ele, sentado sobre o animal, que era grande e branco como são os da nossa terra, sorria à multidão. E o Seu rosto tinha um brilho que não era como a luz do dia comum de um homem. Mas a alegria que havia dentro d'Ele resplandecia como o sol nos céus.

Ao chegarmos à porta da cidade havia uma grande multidão reunida, e os guardas da porta admiravam-se de ver tal número de pessoas a gritar e a acompanhar Cristo, que vinha montado na jumenta. E Ele mandou todos que O

seguissem para dentro da cidade: e ao passarmos pelas ruas, muitos juntaram-se a nós, de modo que os que estavam em casa vinham às portas e janelas, curiosos para ver o que se passava.

Judas tinha ido adiante à cidade para preparar tudo para nós. E ele, vindo ao nosso encontro, encontrou-nos à porta da cidade e juntou-se aos gritos dos outros, guiando-nos até à casa que tinha sido preparada para Cristo. Era uma casa numa zona humilde da cidade. Era uma casa onde Cristo já tinha sido recebido anteriormente: pois a família de Lázaro, tendo parentes em Jerusalém, tinha feito um acordo para que, se Cristo lá fosse, O recebessem sempre.

Depois de Cristo ter entrado na casa, os que O seguiram ficaram ao redor, gritando por algum tempo; mas, como a noite se aproximava, cada um foi-se embora e, ao fim de algum tempo, restavam poucos diante da casa. E, depois disto, Cristo tomou a refeição com os que estavam dentro. E João estava com Ele, assim como Tiago e Judas. Estes três entraram com Ele na casa; e João contou-nos que Cristo estava cansado e não queria comer com outros: pois, depois da viagem, estava de novo abatido em espírito e recaíra na tristeza que antes sentira. E João, perguntando-Lhe porque estava tão pesaroso, Cristo respondeu-lhe: “NÃO PODEIS COMPREENDER AQUILO QUE O ESPÍRITO SABE. POR UM TEMPO ELE ALEGRA-SE, VENDO O QUE ESTÁ LONGE; E POR OUTRO TEMPO ENTRA NOVAMENTE NA FADIGA E ENTÃO CHEGA AO CONHECIMENTO DAQUILO QUE HÁ-DE LHE ACONTECER NO DIA SEGUINTE.”

Durante todo o tempo em que Cristo esteve em Jerusalém, até ao dia em que foi traído, pregou às multidões como antes. Mas a entrada na cidade foi logo conhecida e os que tinham autoridade irritaram-se com esta agitação entre o povo. Quero que compreendas que os Romanos não participaram na perseguição do profeta Jesus; os que eram contra Ele eram do Seu próprio povo e da classe sacerdotal, os quais faziam as leis. Eles indignavam-se que este homem, que até então não lhes tinha mostrado respeito nem às suas regras, voltasse à cidade a excitar a multidão. E aqueles que se juntaram à multidão, não sendo seguidores de Jesus, foram repreendidos—e isto foi feito pelo sacerdócio no Sábado.

Foi feito um anúncio público de que quem provocasse tumultos na cidade, reunindo grandes multidões, seria responsabilizado pela lei; e que quem pregasse em lugares públicos seria igualmente chamado à responsabilidade. Podeis ver que assim Cristo não pôde ensinar mais nas sinagogas. Por isso procurou os lugares fora da cidade e chamava para Si aqueles que queriam ouvi-Lo, levando-os para os jardins à volta da cidade, para que ninguém O molestasse. Mas, desde que entrou em Jerusalém, o sacerdócio manteve vigilância sobre Ele, enviando entre os ouvintes alguns dos seus, que eram espiões, para tentarem encontrar culpa n’Ele.

Deveis saber que qualquer homem que afirmasse ser líder do povo ou ter algum poder em milagres ou em curar, era considerado, pelas leis da Judeia, como um feiticeiro ou mágico. Mas como os Romanos eram os governantes da terra, as leis do sacerdócio não eram plenamente aplicadas. Percebeis que desde o início houve vigilância sobre Cristo e todos os que O seguiam: e o sacerdócio, já antes irritado por Ele ensinar nas sinagogas como se tivesse autoridade, queria encontrar um motivo para O levar perante o Conselho.

E o Sumo Sacerdote, muito irritado, ordenou em segredo que os seus servos mantivessem essa vigilância; e se algum encontrasse motivo para prender o profeta Jesus, ser-lhe-ia dada uma recompensa. Isto foi feito em segredo por medo dos Romanos, pois estes eram justos e não permitiriam que alguém sofresse sem motivo. Por isso, os sacerdotes temiam o governador romano e tratavam disto sem o seu conhecimento.

Assim, durante algum tempo, Cristo ensinou nos jardins em redor de Jerusalém. Todos os dias era vigiado pelos espiões enviados pelos sacerdotes, e em cada dia em que falava, era questionado e tentado. E alguns entre nós perguntavam-se quando se cumpriria aquilo que Cristo dissera, quando as Suas palavras conquistariam toda a cidade e o sacerdócio.

Já relatei as palavras do Mestre ao expulsar do Templo aqueles que ali vendiam e compravam, no tempo em que fui primeiramente atraído para a Sua companhia: pois Ele não queria que qualquer lugar que devesse ser sagrado fosse usado como mercado. O sacerdócio sabia bem que, dentro do recinto do Templo, havia grande comércio, mas nada faziam para impedir isso, tendo grande respeito pelo comércio.

Mais uma vez, nesse tempo, num certo dia ao meio-dia, Cristo, tendo falado ao povo fora da cidade, entrou no Templo. E vendo ali os que faziam negócios—os que vendiam pombas e outras oferendas—indignou-se por tal continuar. E, gritando para eles, tomou de um homem próximo, que levava consigo um cordeirinho pela estrada, um chicote; e com este expulsou os cambistas que ali estavam. Soltou as pombas, derrubou as mesas e gritou aos seus seguidores que o ajudassem.

Isto provocou grande tumulto no Templo, e os sacerdotes presentes vieram ver o que se passava. Mas Jesus, depois de expulsar os cambistas, passou pela multidão e entrou na casa onde se hospedava. Grande foi a agitação, e esta expulsão dos cambistas do Templo foi o início do tempo em que o Cristo já não podia andar em segurança em público.

Perguntareis porque razão o Cristo, que não era dado à ira, se mostrou tão zangado com eles. Ele também se indignou com o sacerdócio, por terem dado abrigo no Templo a tais pessoas: pois estes, do mais baixo do povo, eram conhecidos pela sua desonestidade, pelos impostos e oferendas que faziam ao sacerdócio para terem licença para o seu comércio. Assim, por um comércio

corrupto, era profanada a Casa de Deus e o tesouro do Templo enriquecido por meios injustos.

Capítulo XXXII

O conflito entre a autoridade romana e a sacerdotal judaica. Jesus é persuadido a ir a Betânia. Fica com Lázaro até à Páscoa. Dos preparativos para a Festa. Há desentendimento com Judas. Da Última Ceia em casa do Conselheiro José de Arimateia; do sinal da boa vontade do Mestre para com Judas e das palavras da Eucaristia. Vão para o Getsémani.

Agora sabeis que o Cristo estava em perigo se continuasse a pregar publicamente: pois os sacerdotes e o sumo sacerdote Caifás odiavam-no, receando que Ele pudesse juntar muitos seguidores, enfraquecendo assim a autoridade do Sinédrio. Explico isto porque, para compreenderdes a situação das nossas leis, é preciso saber que os judeus tinham as suas leis e os romanos as deles. Mas os judeus podiam condenar um homem, mas não o podiam condenar à morte sem o consentimento do governador romano.

Agora, Pilatos, que era o governador em nosso tempo, era um homem de justiça severa e odiado pelo sacerdócio, que também o odiava. Mas ambos temiam-se mutuamente e não queriam que surgisse qualquer motivo de conflito entre eles. O sacerdócio não queria que surgisse qualquer profeta não sancionado pelo Templo. Assim, depois de Cristo ter expulsado os cambistas, decidiram encontrar motivos para O condenar.

Naquele tempo, um homem podia ser condenado por roubo, ou por tomar para si uma autoridade que não lhe pertencia. Assim, pela lei judaica, Cristo seria digno de morte por ter interferido no Templo, como referi. Mas não seria assim pela lei romana. O sacerdócio poderia exigir que fosse levado para fora da cidade e apedrejado até à morte, como era costume na Judeia. Mas, sem o aval dos Romanos, isso não podia acontecer.

Ora, se Pilatos tivesse de julgar um judeu considerado digno de morte, teria de o interrogar diante do povo, numa sala ao ar livre, chamada o Pavimento, onde Cristo foi julgado. E sabeis que, desde que Jesus entrou na cidade com grande multidão e expulsou do Templo os protegidos do sacerdócio, era digno de morte pela lei judaica. Assim, sabendo nós do grande perigo em que o Mestre se encontrava, rogámos-Lhe que, por algum tempo, deixasse de pregar em Jerusalém e ficasse em Betânia com Lázaro, Marta e Maria, que eram muito queridos por Cristo.

Assim, rogámos a Cristo que fosse para Betânia, faltando apenas uma semana para a Festa da Páscoa, e lá ficasse até irmos todos juntos para Jerusalém para a Festa dos Ázimos. Mas Jesus, estando muito angustiado em espírito, não queria sair da cidade. Temia que o sacerdócio dissesse que fugira por

medo deles. Contudo, perante os nossos insistentes pedidos, acedeu a ir para Betânia: e nós, os doze, fomos com Ele.

Jesus ficou com Lázaro e Maria. Mas, como sabeis, no último dia antes da Festa, quando deveria voltar a Jerusalém, tomou refeição na casa de Simão, o Leproso. E Maria, chamada Madalena, trouxe um vaso de perfume precioso, ungindo-Lhe os pés; depois, como era costume, quebrou o vaso. Secou os pés do Mestre com o cabelo. Esta unção feita por Maria Madalena foi apenas em honra de Cristo; mas, como sabeis, Ele falou disto como se tivesse sido feito para a Sua sepultura.

Depois de entrar em Jerusalém montado na jumenta, Cristo caiu, como sabeis, numa disposição melancólica. Meditava frequentemente sobre a Sua missão, como se não tivesse a certeza de que iria cumprir o que tinha vindo fazer. Para nós isto era estranho; pois antes disso sempre estivera pleno de serenidade e alegria que nunca O abandonavam. Nunca, nesses dias, duvidava do rumo da Sua missão. Por isso, quando falou a Maria do Seu enterro, soubemos que ainda temia o que Lhe poderia acontecer ao voltar a Jerusalém.

No dia seguinte, depois de ter comido com Simão, partimos todos juntos com a casa de Lázaro e Maria Madalena para a cidade, para a Festa da Páscoa. E quando chegámos a um outeiro com vista para a cidade, Cristo sentou-Se. Estava cansado de espírito e chorou sobre a cidade, sabendo agora que iria entrar nela pela última vez.

A véspera da Páscoa aproximava-se e Cristo disse a Tiago e João que fossem adiante, para que preparassem a refeição antes de entrarmos na cidade. E estes perguntaram-Lhe onde queria que fosse preparada a Ceia. Mas Ele respondeu apenas: “PREPARAI PARA ESTA NOITE: O AMANHÃ TRATARÁ DE SI.”

E Judas perguntou-Lhe com insistência se não deveria ir com Tiago e João: pois até ali tinha sido ele a tratar de todos os preparativos de alojamento para os discípulos. Mas Jesus mandou-o ficar, dizendo-lhe que precisava dele e que Tiago e João tinham ouvido a Sua ordem. Assim, Judas ficou desgostoso e murmurou, pois esta tarefa sempre fora sua. E não aceitou de bom grado entregar a Tiago e João o dinheiro necessário. E Jesus, vendo que Judas estava zangado, repreendeu-o, dizendo: “DISSE-TE QUE PRECISO DE TIAGO E JOÃO PARA ESTE FIM. NÃO QUESTIONES AQUILO QUE TE MANDEI.”

No segundo dia da Páscoa, tendo Jesus permanecido em casa durante a refeição, perguntámos-Lhe onde seria celebrada a Ceia: e Ele respondeu, dizendo: “IDE À CIDADE E VEREIS UM HOMEM QUE LEVA UM CÂNTARO. SEGUI-O E ELE VOS GUIARÁ À CASA ONDE, NUM QUARTO SUPERIOR, SE PREPARARÁ A PÁSCOA.”

Junto à porta estava um homem com um cântaro de água; e Judas disse ao Mestre: “Será este o homem? Devo segui-lo para onde me levar?” E Cristo respondeu: “NÃO, JUDAS, OUTRO TRABALHO TE SERÁ DADO. DEVEIS FICAR AQUI ATÉ SERDES CHAMADO.” E mandou Tiago e João que partissem; e, chamando o homem do cântaro, disse-lhe que conduzisse os discípulos à casa já pronta para Ele. Assim, sem questionar, estes dois partiram. Ora, a casa onde Cristo celebrou a Ceia da Páscoa era a casa daquele que mais tarde foi meu querido pai em Deus, José de Arimateia. E José, sendo membro do conselho do Sinédrio, não queria que se soubesse publicamente que seguia o Mestre.

Quando chegou o momento, os doze foram com Jesus. Mas eu, não sendo um deles, permaneci com os outros irmãos.

A ÚLTIMA CEIA

Entraram então na casa de José. Só os doze participaram naquela Ceia, pois o meu querido pai, nessa altura, não se atrevia a receber abertamente o Cristo: e por isso muito se arrependeu depois de tudo terminado.

O que vos posso contar da Ceia é o que ouvi de João: pois Pedro não conseguiu falar disso durante muito tempo após o fim de tudo, devido à sua negação do Cristo. João contou-me que o espírito do Cristo estava em grande angústia, o que pesava sobre os discípulos; e Judas estava ainda mais irritado por lhe ter sido retirada a tarefa e por João e o seu irmão Tiago estarem, um à direita e outro à esquerda do Cristo, João reclinando-se no braço do Mestre para Lhe dar conforto.

Quando Cristo lhes falou do que estava para Lhe acontecer, em grande tristeza, inclinou-se sobre a mesa, pedindo a Judas que metesse a mão no prato diante dele e desse ao Mestre da comida que ali estava. Isto foi feito por Cristo para que Judas não se ofendesse: pois era uma honra servir Cristo e Ele raramente permitia tal a alguém. Mas Judas, ainda enfurecido, disse a Jesus: “Mestre, dizes que um de nós Te trairá. Bem sabes que sempre Te servi fielmente e que ninguém tem fé tão ardente como a minha. Serei eu, então, aquele que Te trairá?”

E Cristo, olhando-o com grande tristeza, respondeu a Judas: “SIM, JÁ TENS NO TEU CORAÇÃO AQUILO QUE CONSTITUI A TRAIÇÃO.” E Judas, muito indignado, saiu da sala. Perguntas-me se Cristo podia ler os pensamentos dos homens. Digo-te: sim e não. O Mestre podia perceber os propósitos dos homens, mas, neste momento, não tinha conhecimento certo do que Judas estava prestes a fazer. Foi no início da ceia que disse aos discípulos: “UM DE VÓS HÁ-DE TRAIR-ME.”

Depois de Judas ter saído, Cristo caiu numa tristeza ainda maior. Então partiu o pão e deu a cada um vinho para beber. Mas Ele próprio só bebeu água. E, tomando o pão, partiu-o em pedaços. E a cada um dos onze deu uma porção desse pão*, dizendo: “TOMAI E COMEI TODOS. ISTO É EM MEMÓRIA DO CORPO DO HOMEM QUE É LANÇADO FORA E SE DECOMPÕE. DEVEIS COMER O PÃO DEPOIS DE EU PARTIR E LEMBRAR O QUE VOS DISSE.”

- Ver Apêndice VIII, p. 238.

E, pegando num cálice de um dos discípulos, voltou a falar: “ESTE VINHO É O SANGUE QUE VOU DERRAMAR. SE VOLTARDES A CELEBRAR A PÁSCOA, LEMBRAI-VOS DO QUE VOS DIGO. POIS EU SOU O CORPO: O MEU PAI É O ESPÍRITO: E A ALMA, ESSA VIRÁ ATÉ VÓS DEPOIS DE EU PARTIR. PORTANTO, QUANDO VOS VOLTARDES A SENTAR PARA A CEIA DA PÁSCOA, PARTI O PÃO E BEBEI O CÁLICE EM MEMÓRIA DE MIM: PORQUE EU SOU O CORPO.”

E depois de acabarem a ceia, cantaram o Salmo da Festa da Páscoa e saíram juntos para o Monte das Oliveiras. Mas Judas não ia com eles. E nós, que não éramos dos Doze, ficámos à porta à espera do Mestre, e seguimos com os outros.

Capítulo XXXIII

Jesus ora no jardim enquanto os discípulos dormem. Judas trai Jesus com um beijo. Pedro corta a orelha de um soldado e Jesus cura a ferida. Jesus é levado perante Anás. Pedro nega o Mestre. Jesus é levado a Caifás e decide-se que Ele seja apresentado ao governador romano.

Agora, o Cristo quis que seguíssemos o caminho que atravessa o ribeiro Cedron e conduz ao jardim chamado Getsémani. Mandou-nos a todos sentar junto ao ribeiro, e não quis que alguém O acompanhasse ao jardim, a não ser Pedro, Tiago e João. Sabeis que estes três estiveram com Cristo na montanha quando Ele se transfigurou. Estes três também viram a ascensão de Cristo aos Céus.

E ali, no jardim, como no monte, caiu sobre eles um pesado sono. E Cristo afastou-se e orou. E ninguém sabia qual era a Sua oração ao Pai. Mas todos os que estavam com Ele podem testemunhar que, depois daquela oração no jardim, o Seu espírito recuperou da tristeza, e durante todo o tempo da traição, do julgamento e no caminho até ao lugar da Sua morte, não houve tristeza n’Ele, mas uma calma e paz em que a dor não podia entrar.

Cristo repreendeu os três por terem adormecido enquanto Ele orava. Mas não com raiva: pois o Seu espírito estava leve, e quando saiu até nós, que esperávamos junto ao ribeiro, havia alegria no Seu rosto.

Então ouvimos um som como de muitos a aproximar-se ao anoitecer: pois já era crepúsculo. E, quando essa multidão se aproximou, vimos que eram sacerdotes, oficiais e soldados armados com espadas; os sacerdotes levavam bastões, como fazem no exercício da justiça. E, sentados junto ao ribeiro, ouvimos dizerem uns aos outros: “Onde está o homem?” E Jesus, levantando-Se do lugar onde estava sentado, falou em voz alta: “SOU EU.” E, ao falar, vimos Judas ao lado do Cristo, beijando-O no rosto e dizendo “Rabi!” Então percebemos o que tinha acontecido; e todos nós, levantando-nos, rodeámos Cristo.

Pedro, de temperamento impulsivo, correu para esses homens. Cheio de medo e raiva, tirou a espada de um deles e cortou a orelha de um soldado romano. Jesus, voltando-Se para Pedro, repreendeu-o, dizendo: “Não deixes que o pecado da ira te consuma, Pedro. Feriste este homem por raiva.” E tocou na orelha do soldado, que deixou de ter dor e deixou de sangrar. Já manchara as vestes do homem de sangue. E Pedro, voltando-se para Jesus, disse: “Mestre, não me repreendas, pois sabes bem que foi por amor a Ti que o fiz.” E Jesus disse a Pedro: “ÉS DE ÂNIMO IMPULSIVO, PEDRO. E NÃO DEIXES QUE O ORGULHO, QUE É UM PECADO, TE CONSUMA. ANTES QUE O GALO CANTE DUAS VEZES ESTA MANHÃ, ME NEGARÁS TRÊS VEZES.” E Pedro calou-se, sem acreditar nas palavras de Jesus.

E Judas, tendo traído o seu Mestre, saiu pelo meio da multidão, sem que ninguém soubesse para onde foi. Mas depois ouvimos dizer que foi ter com o Sumo Sacerdote, pedindo que o dinheiro que havia recebido, quando estava irado, pudesse ser devolvido ao Templo. Mas isso foi-lhe recusado. E ele, saindo dali muito abatido de espírito, afastou-se dos homens, e durante muitos dias ninguém soube do seu paradeiro. Depois de tudo estar consumado, foi encontrado num campo afastado da cidade com uma corda ao pescoço; mas ninguém soube ao certo como morreu.

Depois de Cristo ser preso, a multidão dispersou, cheia de medo, e Ele foi levado pelos soldados à casa de Anás, o sacerdote. Foram atrás d’Ele Pedro, Tiago e João, e soube que Anás interrogou Cristo sobre as razões da Sua prisão; as acusações eram de incitar o povo ao tumulto na cidade, de pregar doutrinas falsas contrárias ao ensino do Templo, e de ter expulsado violentamente os que serviam o sacerdócio tanto na troca de moedas como na venda de pombas para sacrifício e oferendas. Mas perante Anás não houve acusação de que Ele tivesse dito ser o Filho de Deus: pois tal seria falso testemunho, acrescentado mais tarde às restantes acusações, para que Cristo fosse totalmente condenado.

Quando esteve perante Anás, Cristo não demonstrou medo nem tristeza; portou-se com segurança e calma. Não respondeu a quem O questionava, a não ser para confirmar o que era verdade. E Anás, muito confuso pela postura de Jesus, enviou-O para a prisão naquela noite, dizendo-Lhe que no dia

seguinte seria levado a Caifás, e avisando-O de que, se surgissem mais testemunhos contra Ele, então seria levado ao governador romano no Pavimento.

[Foi-vos dito que Herodes podia prender e até mandar matar João, pois este estava sob a jurisdição do sacerdócio, tendo instituído um rito tido como cerimónia religiosa. Mas com Jesus foi diferente. Ele não baptizava e nada fizera que o colocasse sob jurisdição religiosa. Só podia ser condenado à morte como infrator civil: por isso teve de ser entregue a Pilatos. A acusação de blasfémia não era suficiente para o poder do Sinédrio. Podiam julgá-Lo e interrogá-Lo, mas não condená-Lo.*]

*Este parágrafo foi acrescentado por Johannes.

Na manhã seguinte, depois de Cristo ter sido levado perante Anás, foi mantido na prisão até ser levado a julgamento perante Caifás. Ora, Anás já era um homem de idade avançada e tido como alguém que não podia julgar com clareza os que lhe eram apresentados. Por isso, mandou Jesus ao Sumo Sacerdote, pois as acusações não eram suficientes para o julgar segundo as leis do sacerdócio. Já vos disse que Jesus só foi acusado de blasfémia quando esteve perante Caifás para julgamento.

Naquela manhã, antes do sol estar demasiado forte para qualquer ajuntamento do povo, foi reunido o Conselho para ouvir a acusação. Não penseis que este julgamento foi como os outros: pois os sacerdotes já há muito vigiavam Cristo, e esta prisão fora planeada desde o dia em que expulsou os cambistas do Templo; e a acusação já estava preparada em pergaminho, para que não restasse dúvida a Caifás sobre o conteúdo das acusações.

O Conselho do Sinédrio reuniu-se na casa de Caifás: e, estando todos reunidos, ninguém podia entrar, salvo os soldados que guardavam Cristo ou os que viessem prestar testemunho contra Ele. E os discípulos, que tinham velado fora da prisão durante a noite, agora estavam juntos na casa de José, meu querido pai: todos, exceto Pedro—pois este, ansioso por notícias do julgamento, apressou-se à casa de Caifás, onde lhe foi permitido ficar junto daqueles que queriam testemunhar contra Cristo, no átrio exterior.

Ora, Pedro esquecera-se do que Cristo lhe dissera, que antes de o galo cantar duas vezes, O negaria três vezes. Mas esta frase já afligia o coração de Pedro; pois temia que, ao dizer isto, Cristo acreditasse que ele, Pedro, O iria trair. Assim foi que Pedro correu à casa de Caifás, suplicando para ser admitido na entrada, dizendo que era dos que viriam testemunhar contra o prisioneiro.

Pedro tinha cortado a orelha de um servo. E entrando no átrio, entre muitos que eram inimigos de Jesus, ouviu-os falar sobre o que acontecera na noite anterior. Alguns comentavam a insolência dos seguidores de Cristo, dizendo que um deles ferira um soldado da guarda. E um deles dirigiu-se a Pedro

dizendo: “Este é certamente um dos que seguiam Jesus de Nazaré, pois fala como um galileu.” E Pedro, assustado pelo que fizera, e sendo de espírito rápido, respondeu de imediato: “Eu sou dos que aqui vieram testemunhar contra o prisioneiro. Como podeis pensar que era da sua companhia?”

Eu, Filipe, estando na casa de José nesse momento, só posso contar o que ouvi do próprio Pedro, que disse que a primeira pessoa a falar-lhe foi uma mulher que entrou como testemunha contra Cristo. Pedro bem quisera calar o que dissera, mas contou-me que todos os presentes estavam contra ele e que, ao ouvirem o seu falar galileu, lhe foram perguntando, um a um.

Veio então outro perguntar-lhe se não era dos que viram Jesus ser preso e viram um dos seus seguidores cortar a orelha de um dos guardas—apontando Pedro como um desses testemunhos. E Pedro, temendo a punição por ter ferido um soldado, disse: “Não, não conheço esse Jesus.” E novamente apareceu outro que disse ter visto a prisão de Jesus e ouviu-O dizer blasfémia, afirmando ser Filho de Deus. E este homem, voltando-se para Pedro, disse: “Tu conheces o Cristo, pois foste tu que pegaste na espada e cortaste a orelha de um dos soldados romanos.”

E Pedro, novamente cheio de medo, porque tal o podia levar à morte, gritou: “Eu vim aqui como testemunha contra o homem Jesus. Dizeis mentira se afirmam que sou da sua companhia.” E nesse instante o galo cantou, e Pedro lembrou-se das palavras de Cristo. Esquecendo-se da razão pela qual lá estava, saiu da casa de Caifás e veio para casa do meu Pai, onde estavam os outros dez, confessando o que dissera e chorando pelo pecado cometido na pressa.

Perguntareis porque Pedro não foi preso ao ter cortado a orelha do soldado. Se o sacerdócio prendesse alguém por ofensa religiosa ou civil, devia chamar a guarda romana. Esses soldados estavam presentes não ao serviço do sacerdócio, mas do governador romano, e serviam apenas para levar o prisioneiro à casa do Sumo Sacerdote ou à prisão. Não podiam usar violência contra Jesus ou qualquer dos Seus companheiros, a não ser que dessem motivo aos romanos.

Sabei também que grande multidão rodeava Cristo quando deixou o jardim; e, ao ser beijado por Judas, os soldados aproximaram-se de Jesus, rodeando-O e afastando os que O seguiam: e Pedro, sendo maltratado por um deles e indignado, tirou a espada de outro que estava próximo e cortou a orelha do homem que o tinha tratado com rudeza. Cristo repreendeu Pedro, como ouvistes, dizendo ao homem ferido que quem usa a espada, pela espada perecerá. E Pedro teria sido levado ao governador romano se este homem o tivesse acusado. Mas havia muito tumulto entre o povo e poucos soldados. Por isso, não causaram maior alvoroço e ficaram satisfeitos em levar o homem que

procuravam. E, devido à confusão entre o povo, o governador proibiu mais distúrbios. Assim Pedro escapou ao castigo.

Agora, Cristo foi levado para a casa de Caifás, e todos os presentes eram do sacerdócio, exceto os soldados que traziam o prisioneiro. Cristo apresentou-se como na noite anterior: calmo e sereno, sem medo ou vergonha do que Lhe tinha acontecido. Primeiro foi lida a acusação, e o Sumo Sacerdote interrogou-O sobre se Ele era Jesus, o Nazareno, que provocara distúrbios entre o povo e tumulto no Templo ao expulsar os cambistas e os vendedores de oferendas para o sacerdócio. E a Caifás, Jesus nada respondeu. Mas também não consentiu à acusação com qualquer inclinação de cabeça. Os que O viram testemunharam que parecia como quem sonha e não percebe o que o Sumo Sacerdote Lhe dizia.

Então, aqueles que ali estavam, após deliberarem entre si, chamaram da entrada aqueles que se ofereciam como testemunhas. Eram de várias espécies. Alguns eram cambistas, muito irritados com Ele. Outros tinham escutado os Seus ensinamentos apenas por curiosidade e escarneciam das Suas palavras, sem desejo de as ouvir verdadeiramente. Nenhum destes, porém, apresentara testemunho que pudesse condenar Jesus à morte, até que surgiu um que disse que o Cristo falara da destruição do Templo.

Esta era uma acusação grave segundo a lei judaica. Mas quando esse homem voltou a falar, dizendo que o Cristo Se chamara a Si mesmo Filho de Deus, então ficou sujeito à pena de morte por blasfémia. E Jesus, que até então nada dissera, falou: "VÓS DIZEIS QUE ME CHAMEI FILHO DE DEUS. SIM, ASSIM É: E ASSIM CHAMO A TODOS AQUELES QUE ME TÊM SEGUIDO POR TEREM COMPREENDIDO A VERDADE." Nada mais disse, mas todos os presentes, interrompendo-O com gritos, clamavam: "Ele chama a Si mesmo Filho de Deus. Portanto, é digno da pena de morte."

Então Caifás, pensando em sujeitar Jesus à lei dos Romanos, falou ao Cristo, fazendo-Lhe muitas perguntas, como: "Disseste que podias destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias. És, pois, um feiticeiro e falso profeta que desencaminha o povo?" E a estas palavras o Cristo não quis responder: pois nunca respondia a quem O interrogasse por escárnio. E o Conselho estava agora perturbado, porque o Cristo não respondera a nenhuma das acusações: nem fizera algo que pudesse dar ao Governador razão para O prender ou condenar à morte.

E, após longa deliberação, foi decidido que Pilatos fosse instado a julgar o Cristo no Lithostrotos (ou Pavimento), o tribunal a céu aberto, à vista do povo, para que todos vissem que era feita plena justiça aos que, segundo a lei judaica, fossem levados a Pilatos. Se a acusação fosse romana, o julgamento seria feito pelo tribunal romano. Mas, sendo a acusação judaica, e sendo Ele entregue por esta razão a Pilatos, o julgamento teria de ser feito no Pavimento.

E isto devia ocorrer cedo, antes de o sol estar alto, ou ao entardecer, quando o calor já tivesse diminuído.

Ora, o dia do julgamento de Jesus foi aquele em que se oferecia o Cordeiro, e nisso se pode ver um símbolo. Foi no quarto dia da festa da Páscoa que o Cristo foi levado perante Pilatos.

Podeis perguntar como tal curso de ação beneficiaria o sacerdócio, dado que Jesus nada fizera contra a lei romana. Os sacerdotes sabiam bem que o Cristo não podia ser condenado segundo a lei de Roma; mas, sendo a festa da Páscoa, os Romanos costumavam conceder favores aos Judeus. O sacerdócio esperava que o Governador aceitasse trocar prisioneiros, libertando um como era costume, e entregando outro em troca do profeta Jesus, que causara agitação entre o povo e fora acusado de blasfémia e de ofensa ao Templo.

Chegada a hora marcada, Pilatos entrou no Pavimento, como era costume durante a festa, e houve grande tumulto entre o povo, que estava retido fora do tribunal pelos guardas: pois muitos estavam prontos a apresentar mais acusações contra o Cristo. Os sacerdotes haviam diligenciado encontrar uma acusação que O levasse à morte. Tinham convidado muitos para o julgamento e pedido que apoiassem Caifás, de modo que o Pavimento estivesse repleto desses homens.

Se o Governador considerasse um homem digno de morte, devia aplicar-lhe a pena. E, se o acusado fosse homem de honra, deveria ser morto à espada — pelas mãos dos oficiais da guarda romana. Mas, se fosse um homem desonrado no seu crime, então seria crucificado, como os ladrões e os que cometeram crimes relacionados com dinheiro ou provocaram distúrbios entre o povo.

Capítulo XXXIV

Do julgamento de Jesus por Pilatos e da sua condenação. Jesus é flagelado. Caminha para o Gólgota carregando a cruz. A túnica inconsútil é dada ao soldado que crava os pregos. João, Maria Madalena e Maria, Mãe do Cristo, estão junto à cruz. Cristo morre à sexta hora. O seu lado é trespassado para confirmar a morte. José de Arimateia recolhe o Sangue num cálice de madeira.

TENDO ENTRADO PILATOS no Pavimento, chegaram também o sacerdócio e os membros do Conselho, e com eles Caifás. E estes apresentaram a acusação contra o Cristo. Depois retiraram-se do tribunal, ficando o prisioneiro entregue a Pilatos, guardado apenas pelos soldados. Ninguém mais podia aproximar-se. Pilatos interrogou Jesus quanto às acusações, dizendo: "Estais acusado de causar tumulto entre o povo, de terdes derrubado as mesas dos

que pagam tributos no Templo; e também de blasfémia. Deveis responder a estas acusações." Mas o Cristo nada respondeu.

Pilatos voltou a dirigir-Lhe a palavra, lembrando que, sendo a festa da Páscoa, era costume libertar um prisioneiro aos Judeus, e que, se Ele negasse as acusações, poderia ser libertado imediatamente. Mas o Cristo nada respondeu a Pilatos, a não ser quando foi acusado de blasfémia, ao que disse: "VÓS DISSESTES ESSA PALAVRA." Todos os presentes testemunharam que o Cristo não demonstrava temor nem angústia durante o julgamento: nem sequer inclinou a cabeça perante Pilatos, mantendo-se sereno, como quem tinha certeza de que nenhum mal Lhe sucederia.

Depois de interrogar Jesus, Pilatos voltou-Se para a multidão e disse: "Não encontro culpa neste homem. Quereis que o liberte? É essa a vossa vontade?" E todos os que estavam ali gritaram: "Não Jesus, o Nazareno, que se diz nosso Rei!" E Pilatos, voltando-Se para Jesus, perguntou-Lhe: "Chamas-te realmente o Rei dos Judeus?" E Jesus não respondeu. Então Pilatos disse: "Quereis que vos liberte, então, o homem chamado Barrabás — esse que é ladrão e homem de má vida? Conheceis a acusação que pesa sobre ele." E a multidão clamou: "Sim, liberta o homem Barrabás!" Pilatos voltou a falar: "Que farei então com Jesus? Aquele que não fez mal algum?" E eles gritaram: "Crucifica-O! Crucifica-O!"

Depois de acalmado o tumulto, o Governador voltou-se para o povo e disse: "Este homem não cometeu qualquer mal segundo a lei romana; nem encontro nele culpa alguma que justifique um castigo. Mas, sendo esta a festa da Páscoa, e sendo costume conceder-vos uma graça, assim Roma vos concederá o que pedis. Pergunto-vos, pois, mais uma vez: estais dispostos a que o sangue deste homem justo seja derramado, e que seja libertado entre vós aquele que é ladrão e homem de vida vil?"
E o povo gritou com força: "Crucificai-o! Crucificai-o! Barrabás! Dai-nos Barrabás!"

Ora, esse homem Barrabás era um ladrão notório e já fora julgado anteriormente. Era conhecido por se envolver com as mulheres mais depravadas da cidade e era temido pelos mais respeitáveis, sendo, por isso, desejável a sua remoção, pois representava um perigo para a comunidade. Assim, ouvindo de novo o clamor da multidão exigindo que Jesus fosse crucificado, o Governador mais uma vez deteve-se e perguntou ao Cristo se Ele se chamara realmente Rei dos Judeus. Mas o Cristo ainda assim não respondeu.

Então Pilatos disse-Lhe: "Deveis subir a este lugar onde estou sentado, para que aqueles que clamam possam ver-vos."
E o Cristo subiu os degraus até ao lugar onde Pilatos estava sentado no trono, acima da multidão.

E Pilatos, levantando-se do assento, disse:
"Eis o Homem que quereis ver crucificado. Não encontro culpa nele. Digo-vos: quereis que vos liberte antes esse ladrão?"
E eles clamaram novamente: "Barrabás! Barrabás! Crucificai o homem Jesus!"

Então Pilatos, dirigindo-se a um dos soldados, ordenou-lhe que trouxesse água numa bacia. Estava muito inquieto e não sabia se deveria impor à multidão a libertação de Jesus ou se deveria fazê-lo em segredo; ou ainda, se crucificasse Barrabás, se isso não causaria um tumulto entre os judeus. Pois o sacerdócio falara-lhe da agitação que Jesus provocara, e Pilatos sabia que eles desejavam a Sua morte.
Tendo, pois, o soldado trazido a bacia de água conforme Pilatos ordenara, o Governador lavou as mãos diante do povo, dizendo:
"Lavo as minhas mãos diante de vós, para que vejais que Roma não é culpada do derramamento do sangue deste homem justo. Pergunto-vos uma vez mais: quereis que vos liberte este homem que chamais Rei dos Judeus?"
E novamente a multidão gritou que Jesus devia ser crucificado.

Era costume que, na festa da Páscoa, o prisioneiro a ser libertado fosse conduzido ao Pavimento para que Pilatos lhe soltasse as amarras. Assim, Barrabás foi trazido da prisão, e Jesus foi levado pela guarda de volta à parte do cárcere onde se encontravam os condenados à morte e onde eram flagelados.

Ora, durante a festa, não era costume executar malfeitores. Aqueles que deviam morrer eram mantidos presos até que todos os que haviam subido a Jerusalém para a festa tivessem partido. Mas com Jesus, o sacerdócio determinara que não houvesse tempo para mudança de opinião entre o povo. Pois, devido à calma e dignidade divina com que o Cristo Se portava, temiam que muitos pudessem mudar de ideia e exigir a Sua libertação por Pilatos: e sabiam que o Governador estava disposto a isso.
Por isso, quiseram que a execução tivesse lugar sem demora.

Já havia na prisão, nesse tempo, dois ladrões que deveriam ser crucificados ou apedrejados ao fim da festa. Pediram então que, considerando os sentimentos daqueles que seguiam Jesus e o receio de que houvesse tumulto durante a celebração, esses homens fossem levados imediatamente à execução. Para isso não era necessário o consentimento do Governador, pois já estavam sob custódia militar.

Assim, tendo obtido apressadamente a autorização para que os três homens fossem conduzidos ao monte da morte sem provocar novo alvoroço na cidade (pois muitos ficariam indignados se soubessem que uma execução se realizava no dia em que o cordeiro era imolado), os oficiais, depois de flagelarem Jesus, levaram apressadamente o grupo de prisioneiros ao lugar chamado Gólgota.

Os soldados que guardavam Jesus quiseram escarnecer d'Ele, irritados porque Ele não lhes respondia quando O insultavam. Pois só trocava palavras com os dois ladrões condenados com Ele.

Por isso, antes da flagelação, retiraram-Lhe as vestes e colocaram-Lhe sobre os ombros um manto escarlate que havia na prisão.
Na cabeça, colocaram-Lhe uma coroa feita da sarça que cresce em redor de Jerusalém, cujos espinhos são longos e agudos.

Puseram-Lhe um junco na mão e escarneceram d'Ele, dando-Lhe bofetadas no rosto e dizendo:
"Salve, ó poderoso rei da Judeia!" — e outras tantas zombarias.
Cuspiam-Lhe, e ofereceram-Lhe vinho amargo para beber. Mas Jesus nada lhes respondeu.

Durante todo o tempo que passou na prisão, bebera apenas um pouco de água e comera um bocado de pão, falando apenas com os dois que com Ele iriam morrer, aos quais ofereceu consolo e esperança na felicidade que viria depois do sofrimento.

E agora, depois de os soldados cessarem de escarnecer do Cristo, tiraram-Lhe o manto vermelho. Mas deixaram-Lhe sobre a cabeça a coroa de espinhos.
Foi então atado, como era costume, a um grande poste contra a parede, e flagelado. Assim também os outros dois que deviam sofrer com Ele.
E depois da flagelação, Jesus estava muito enfraquecido. As Suas dores eram grandes, de modo que, quando chegou a hora de ser levado, mal se sustentava sobre os pés.

Mas não soltou um gemido, nem se queixou do que Lhe foi imposto sofrer.

Era então a hora que chamais quatro da manhã. Era costume executar os prisioneiros cedo, e esta não era hora habitual para tal ato; mas fê-lo o sacerdócio por ordem especial, a fim de evitar tumulto entre o povo.
Quando os prisioneiros foram levados, foi entregue a cada um a sua cruz, para a levar aos ombros até ao monte fora da cidade.
O caminho conduzia-os pela porta que levava a Gólgota, o lugar do crânio, assim chamado por muitos ali terem sofrido a morte.
Essa porta era conhecida como "O Caminho do Mal", pois por ela passavam todos os que iam para a morte.

Quando os soldados saíram da prisão, esperava-os uma grande multidão, que clamava:
"O homem Jesus! Crucificai Aquele que se diz nosso Rei!"
E o Cristo não se comportava como costumava: pois a cruz era um fardo pesado, e Ele cambaleava sob o seu peso, embora nada dissesse.

Nesse tempo, os discípulos estavam dispersos. Mas Maria Madalena e João tinham saído das suas casas para seguir com o Cristo, ainda que o povo

gritasse contra Ele e seria grande o alvoroço se alguém próximo d'Ele ou dos Seus seguidores se aproximasse. Maria, a mãe de Jesus, viera a Jerusalém para a festa da Páscoa, pois vários dos seus filhos viviam naquela cidade. E ela, profundamente aflita com o que acontecera a Jesus, cheia de confusão perante esse filho que escolhera um modo de vida tão estranho, não sabia, no seu íntimo, se Ele era de facto seu filho ou o Messias, como acreditara aquando do Seu nascimento. Não suportava a ideia de O ver, agora que sabia que Ele iria sofrer.

Mas, ao ouvir os clamores da multidão, saiu sozinha e ficou a observar o povo, temendo que acabasse por ver o rosto do seu filho. Pois sentia dor por Ele, embora há muitos anos não estivesse com Ele. E quando a multidão passou, Maria viu o rosto de Jesus. E, vendo-O vacilar sob o peso da cruz, aproximou-se. E, ao contemplar o Seu rosto, soube com certeza que Ele era verdadeiramente Aquele em quem primeiro acreditara: pois não parecia sofrer ou estar em agonia, mas sorria sob o peso da cruz que carregava.

E Maria, querendo limpar-Lhe o rosto com o seu lenço, aproximou-se ainda mais. Mas os que O guardavam não permitiram que ela se aproximasse. Assim, seguiu com os outros até ao lugar onde Ele haveria de sofrer.

Tendo percorrido metade do caminho, Jesus caiu de novo sob o peso da cruz. E os soldados chamaram um homem que ali estava, entregando-lhe a cruz para que a levasse por Ele. Esse homem era Simão de Cirene.
E, depois de retirarem a cruz de Jesus, os soldados à Sua volta açoitaram-n'O com cordas pesadas e feriram-n'O com as lâminas das suas espadas, para que se apressasse a caminhar com os outros até ao lugar marcado.

E, ao chegarem ao monte, colocaram as cruzes no chão, como era o costume. Cada um dos condenados foi deitado sobre a sua cruz e pregado pelas mãos nos braços da cruz, atando depois os pés, que também foram pregados. Em seguida, as cruzes foram erguidas nas covas cavadas para elas, de modo que, uma vez levantadas, os pés dos condenados ficavam a pouca distância do solo.

João e Maria Madalena — ela que tinha ungido os pés de Jesus — estavam ali próximos. E Maria trouxera consigo vinhos doces que, se permitido, poderiam dar algum sono aos condenados: pois era costume que os parentes dos prisioneiros lhes trouxessem algo para beber antes de serem pregados. Mas, dada a agitação da multidão, os soldados não permitiram que ninguém se aproximasse das cruzes. Apenas um deles deu a Jesus de beber do vinho avinagrado que era consumido pelo povo.

Era permitido que qualquer um que tivesse acusação contra um condenado escrevesse tal acusação por cima da cruz. O sacerdócio pedira que se escrevesse sobre a cabeça de Jesus: "Jesus, o Blasfemo." Mas Pilatos não o permitiu. Em vez disso, mandou escrever: "Jesus, o Rei dos Judeus", e foi essa

inscrição que os soldados colocaram, para que todos os que passassem zombassem d'Ele.

Pilatos, confuso quanto à execução de Jesus, esperava que o povo acabasse por pedir a Sua libertação. Tal parecia possível, pois havia entre o povo muitos que tinham sido curados por Ele, e muitos também que tinham escutado os Seus ensinamentos.
E dizia-se — embora não o possa afirmar com certeza — que a esposa de Pilatos rogara-lhe que libertasse Jesus de Nazaré. Muito se falou disso, e muitos diziam ter visto o mensageiro que fora até Pilatos. Acreditava-se que, ao meio-dia, ela tivera um sonho.

Maria, mãe do Cristo, seguira com os outros, mas não pôde suportar ver os soldados pregarem-n'O à cruz. Caindo por terra, desmaiou. E os que estavam com ela cuidaram dela. E João, vendo o que se passava, veio ao seu encontro e permaneceu com ela até que tudo se consumasse.

Era costume que a guarda permanecesse junto aos crucificados até que estes morressem. Se ainda estivessem vivos ao cair da noite, quebravam-lhes as pernas para apressar a morte.

Os soldados tomaram as vestes que Jesus usara e dividiram-nas entre si enquanto esperavam, zombando d'Ele e chamando-Lhe "O Rei dos Judeus", dizendo: "Agora destrói o Templo e reconstrói-o como prometeste."
Entre os Seus mantos havia uma túnica, que muitas vezes O vira usar. Era de cor púrpura, tecida sem costura. Essa túnica fora-Lhe dada por Maria Madalena. Por ela, os soldados lançaram sortes, e caiu ao homem que cravara os pregos nas Suas mãos e pés.

Pela terceira hora, Jesus teve sede e pediu de beber. Um dos soldados embebeu um pano em vinho azedo e ofereceu-Lhe aos lábios: mas Ele não bebeu.

E, pela sexta hora, o Cristo clamou em voz alta:
"MEU DEUS, MEU PAI, RECEBE-ME: PORQUE NÃO ME ABANDONASTE."
Estas foram as palavras que proferiu: pois o Cristo já não tinha dúvida de que era o Filho de Deus. E, com estas palavras, entregou o espírito, tombando a cabeça sobre o peito.

Agora, as palavras que tendes nos Evangelhos foram assim transmitidas por serem o relato comum entre o povo, de que Jesus, antes de morrer, invocara dessa maneira o nome de Javé. Mas apenas aqueles que estavam sob a cruz sabiam que estas não foram as palavras exatas. Pois, já muito próximo da morte, a Sua voz era fraca e baixa.

João não ouviu o seu Mestre falar: pois nenhum dos que O seguiam era permitido aproximar-se. Apenas os soldados e o centurião ouviram o que Ele dissera. Mas sobre isso houve muita discussão.

Podeis estranhar que eu, Filipe, saiba o que Ele disse. Enquanto ainda estávamos no corpo, aceitávamos o que nos fora transmitido nos Evangelhos; mas aqui aprendemos que o Cristo nunca soube tão bem como naquele momento, sobre a cruz, qual era a missão para a qual o Pai o escolhera. Pois então estava o Seu Reino muito próximo.

José de Arimateia encheu-se de vergonha por, sendo membro do Sinédrio — aquele que condenara o Cristo — ter temido professar publicamente a sua fé. Acolhera os discípulos depois de o Cristo ter sido preso, mas fizera-o em segredo.
Agora que tudo estava consumado, foi tomado por tamanha dor que saiu da sua casa e dirigiu-se ao lugar da execução, esquecendo que poderia ser visto. E ele, com João, Maria Madalena e Maria, mãe do Cristo, estavam presentes quando Jesus entregou o espírito.

Um dos soldados, querendo saber se Jesus estava de facto morto, cravou-lhe a lança no lado. E do ferimento jorrou sangue. E José, meu Pai no Espírito, ao ver um vaso de madeira no chão — do qual um dos soldados bebera — correu e recolheu nesse recipiente o sangue que brotava do lado de Cristo, do ferimento que ficava bem junto ao coração.
Ora, isto foi, na verdade, um acontecimento espiritual: pois a alma do meu Pai, na sua agonia, saiu do corpo, e o que foi feito, foi-o fora da carne. Esta ferida quase atravessara o coração de Cristo e fora infligida antes de o espírito abandonar o corpo.

(Nota: Filipe fala sempre de José de Arimateia como seu “Pai no Espírito”, pois José era o chefe do grupo missionário do qual Filipe fazia parte, o qual fundou a primeira igreja cristã em Glastonbury, na Britânia. Não havia entre eles laço de sangue.)

Depois de o Sangue ter sido, pela fé, recolhido por meu amado Pai naquele cálice que os soldados usavam para o vinho, e que ele verdadeiramente apanhara do chão, os soldados aproximaram-se. Pois a hora ia alta e queriam quebrar as pernas dos crucificados para apressar a morte: era assim que, se os prisioneiros ainda estivessem vivos passado certo tempo, lhes quebravam as pernas para que morressem rapidamente.
E ao chegarem a Jesus para cumprir tal ordem, encontraram-n’O já morto: pois a Sua cabeça pendia sobre o peito como quem dorme.

E agora, tendo estado o tempo muito quente durante o caminho dos prisioneiros até ao Gólgota, levantou-se de súbito um grande vento e o céu tornou-se muito escuro. Todos podiam ver que se aproximava uma tempestade. Tão rapidamente surgiu essa tormenta que não houve tempo para quebrar as pernas dos dois ladrões antes de ela atingir o seu auge, com grande escuridão, trovões e relâmpagos. E os que ali estavam encheram-se de

temor, crendo que aquilo era sinal de que o Cristo fora crucificado injustamente.

A tempestade espalhou-se por toda a cidade de Jerusalém; e tal foi a força do vento que soprou por entre o Templo e rasgou o grande véu que pendia sobre a entrada. Os sacerdotes estavam todos reunidos e testemunharam esse infortúnio: pois nunca tal acontecera antes. E muitos tomaram isso como sinal de que o Cristo era, de facto, o Filho de Deus — recordando-se alguns da grande Estrela que fora vista aquando do Seu nascimento.

A tempestade fez com que aqueles que tinham condenado o Cristo se enchessem de medo, e houve grande inquietação entre os sacerdotes no Templo, temendo que se espalhasse a notícia de que o véu fora rasgado pelo vento — o que poderia causar alvoroço entre o povo. Pois este confiava grandemente na sabedoria do sacerdócio, e poderia duvidar deles ao saber que o véu do Templo fora rasgado por força da natureza.

Depois de ter recolhido o Sangue no Cálice*, meu Pai disse-nos a todos que fôssemos para sua casa, dizendo que cuidaria do corpo de Jesus. Mas João não quis ir, pois esperava que lhe fosse permitido ungir o corpo antes que os soldados o levassem para a vala comum dos criminosos. E Maria Madalena, que possuía muitas riquezas, trouxera consigo perfumes preciosos, mirra, incenso e bálsamo, para que João pudesse ungir o corpo. Por isso, não quiseram abandonar o lugar.

* *Um cálice de madeira de oliveira, reputado por ser aquele que José levou consigo para a Bretanha e no qual o Sangue Real (Sangreal) teria sido recolhido, esteve durante séculos à guarda de uma antiga família perto de Aberystwyth, no País de Gales. Ao longo da Idade Média, foi tido em grande reverência como recipiente de cura. Hoje, resta apenas a base, pois a borda foi consumida por muitos que nela morderam.*

Meu amado Pai apressou-se a regressar a casa, levando na mão o Cálice onde, pela fé, havia recolhido o Sangue do Cristo. E aqui está um grande mistério: pois ele levava-o e, ao mesmo tempo, não o levava aos olhos dos homens.

Com efeito, quando, na sua grande angústia, saíra de casa e se colocara junto ao Cristo em sofrimento, o seu espírito escapara do corpo, e foi nessa condição que fez o que vos relatei.

Recolheu o Sangue no Cálice e levou-o para casa. E, depois de o esconder secretamente na sua própria câmara, foi ter com os discípulos.
Estes perguntaram-lhe ansiosamente o que havia acontecido depois de ele ter saído.

E meu Pai disse-lhes: “Tudo está consumado, salvo o sepultamento. E cuidarei para que o Cristo não tenha vergonha no leito onde repousará. Pois faço isto

em vergonha de mim mesmo, que antes não tive coragem de me juntar abertamente a vós."

E José partiu, cheio de tristeza, à casa de Pilatos, o Governador, para pedir autorização para levar o corpo de Jesus e sepultá-lo. Estava encharcado pela chuva e batido pelo vento. Era costume, após tais execuções, que os corpos fossem lançados numa vala profunda num lugar reservado para esse fim, chamado "Campo de Sangue".

Mas, se alguém pedisse o corpo de um prisioneiro, isso só podia ser concedido como graça pelo Governador, se fosse sua vontade.

Ora, Pilatos tinha ordenado a morte do Cristo por temor ao sacerdócio, que há muito desejava o fim da Sua missão. Assim, quando viu chegar meu querido Pai, em tal desordem e molhado pelas intempéries, Pilatos ficou muito surpreso, pois sabia que ele era membro do Sinédrio.

E José de Arimateia falou a Pilatos, dizendo:
"Bem sabeis que sou um dos membros do Conselho que consentiram na morte de Jesus, o profeta. Peço-vos agora que me permitais levar o corpo e depositá-lo no meu túmulo novo, nunca antes usado. Pois fui dos que não tiveram força para seguir o Cristo abertamente enquanto viveu. Mas agora me arrependo, ao ver as coisas que por Ele foram feitas, e por Deus, que é também o meu. Pois verdadeiramente creio que Ele era o Messias."

E Pilatos, que relutara em mandar matar o Cristo — pois considerava-O um homem justo —, e vendo também que José se arrependia e sofria grandemente por aquilo que permitira sem protesto, deu-lhe ordem para tomar o corpo, se assim o desejasse.

Assim, meu Pai regressou com o capitão da guarda ao lugar da execução, e ali encontrou que os soldados tinham já retirado o corpo de Jesus da cruz e deitado no chão, proibindo João e Maria de O ungirem.
E o capitão ordenou aos soldados que entregassem o corpo de Cristo a José.
E ele, com João e Maria Madalena, levou-o um pouco mais além, para poderem ungi-l'O e envolvê-l'O nos lençóis de linho que Maria preparara.
E, ao levantarem o corpo de Cristo, ficaram maravilhados: pois ainda estava quente, embora sem vida.

Não havia sofrimento no Seu rosto, mas um sorriso, como se dormisse.
Não havia suor nem sangue sobre a pele, salvo as marcas nas mãos e pés, e o sangue que ainda escorria da grande ferida aberta pela lança.
O sangue ainda fluía; e a princípio, José julgou que o Cristo ainda vivesse.
E Maria, ajoelhada junto ao corpo, ungiu-O, derramando doces óleos e incenso nas feridas, lavando com os cabelos as manchas de sangue.
E o rosto do Cristo não era o de um morto, mas de quem dorme: pois a cor não

O havia deixado, e os lábios não estavam contraídos. Nem os olhos haviam saltado da órbita, como sucede com os que morrem crucificados.

Maria, depois de envolver o corpo no lençol de linho, quis também envolver a cabeça com um pano.
Mas José, aproximando-se, disse:

“Esse pano não será posto sobre a cabeça do Mestre. Envolverás a Sua cabeça com o lenço manchado com o Sangue que eu recolhi no Cálice.”
Ora, isto possui um significado interior, que mais adiante vos revelarei: pois diz respeito a uma visão interior que foi dada a meu Pai.

Naquele tempo, alguns julgavam-no louco pelo que dizia; mas nós, que o conhecíamos, viemos a entender mais tarde que ele vira aquilo que estava oculto aos nossos olhos.

O lenço colocado sobre a cabeça do Cristo foi aquele que meu amado Pai trouxera; mas ninguém podia ver nele senão as lágrimas que ele próprio ali derramara.

Depois de tudo isto se cumprir, vieram alguns dos discípulos ao local, e, vendo que tudo já estava feito, alguns quiseram contemplar novamente o rosto do Cristo.

Mas meu Pai não o permitiu, dizendo:
“Pequei muito por não ter seguido o Mestre às claras. Mas vós também pecastes por não terdes vindo, nenhum de vós — salvo João — para estar junto d’Ele na Sua agonia.”

E chamou Pedro e Tiago, dizendo:
“Vós sempre estivestes mais próximos do Cristo: por isso acompanhai-nos ao lugar do Seu sepultamento.”
E disse a Tiago que levasse os pés; e a Pedro ordenou que levasse a cabeça. E podeis tomar isto como símbolo de que Pedro haveria de carregar a cabeça da Igreja que se seguiria aos ensinamentos do Mestre.

E João e Maria Madalena acompanharam meu Pai até ao sepulcro, para que tudo fosse preparado. E, quando ali chegaram, encontraram que mulheres que tinham sabido do sepultamento haviam trazido especiarias e as tinham espalhado no interior, bem como flores que depositaram onde Ele repousaria, de modo que dali se erguia um suave perfume. E já era tarde, e a noite caíra subitamente; e alguns dos presentes tinham acendido tochas, e começava a formar-se uma grande multidão.

Então Pedro e Tiago colocaram o corpo no sepulcro com pressa, receando que houvesse muito pranto e clamor entre as mulheres. Depois de espalharem ervas e especiarias uma segunda vez e de recitarem as palavras que o Cristo lhes deixara como oração, muitos dos que ali estavam rolaram a pedra que

fechava a entrada do túmulo. E era preciso agora afastarem-se. Pois Pilatos prometera a José, ao conceder-lhe o corpo, que uma guarda seria colocada junto ao túmulo, com receio de que a multidão, perturbada pela rasgadura do véu do Templo, se revoltasse e violasse o sepulcro.
O sacerdócio espalhara o rumor de que tal acontecimento fora causado por espíritos malignos que haviam saído de Jesus.

Capítulo XXXV

José de Arimateia leva os três discípulos com Maria Madalena à sua casa e quer lavar-lhes os pés. Mostra a Pedro e João o Cálice contendo o Sangue de Cristo. Este exala um doce perfume e emite uma luz rosada. Todos adoram o Mistério.

Depois de tudo estar cumprido, meu Pai levou consigo Pedro, Tiago e João, com Maria Madalena, até à sua casa; e, tendo entrado, pôs pão e vinho sobre a mesa para eles, servindo-os ele mesmo.
Trouxe também uma bacia de água e quis lavar os pés dos discípulos com as próprias mãos. Mas estes recusaram.
Mas José disse:

"Isto faço em arrependimento diante do Mestre: pois, a partir de agora, serei o servo de todos os que tiveram força para seguir o Messias."
(Foi por isso que, depois de termos fundado a nossa boa Casa, escolhemos meu Pai como a pedra angular da mesma — o que, no princípio, ele recusou.)

E, depois de terem comido e bebido do vinho, José chamou Pedro e João; e, levando-os ao seu quarto, mostrou-lhes o Cálice.
Mas eles estavam pesados de espírito e temiam tocar naquele Objeto tão sagrado aos seus olhos.
Mas ainda não vos revelei por completo o mistério do Cálice.

José colocou o Cálice sobre a mesa no seu quarto e mandou Pedro e João aproximarem-se. E todos os três que ali estavam podem testemunhar que o Sangue era de cor rosada e límpido como cristal; e que, depois de ajoelharem junto d'Ele por algum tempo em oração, um perfume precioso emanou do Cálice — semelhante ao que brotara do sepulcro, onde as mulheres haviam deixado perfumes.

E, depois de o quarto se encher com tal fragrância, uma chama surgiu do Cálice, da mesma cor que o Sangue, de modo que toda a superfície irradiava uma tonalidade rosada.

E tal maravilha tem, desde esse mesmo entardecer, sido concedida a todos os que contemplam o precioso Objeto com fé e crença nos Mistérios do Cristo.

Mas desse sinal, os três nunca falaram a homem algum até ao momento em que, como já ouvistes, a Rosa se transformou de Sangue em Pedra.

Capítulo XXXVI

Filipe explica a verdadeira natureza da Ressurreição do Corpo de Cristo, no qual a Carne está harmonizada com a Alma e o Espírito e não está sujeita à corrupção. Os discípulos estão divididos por medo e falta de entendimento.

O dia em que o Cálice exalou pela primeira vez o doce perfume foi, como sabeis, o dia após a crucificação do Cristo. E os que estavam com José ficaram muito admirados com o milagre que se manifestara.
Agora vos explicarei o significado disso e também da Ressurreição do Cristo: pois não compreendereis por que razão o corpo que é deixado na morte se levanta do túmulo juntamente com a alma e o espírito.

Já vos disse que o Corpo de Cristo não parecia o de alguém morto, mas sim o de alguém que dormia em paz: e que a cor não abandonara o Seu rosto, de tal modo que os que ali estavam hesitavam em envolvê-l'O em panos e colocá-l'O no túmulo, ou se, depois de a lança ter perfurado o lado e o sangue ter escorrido, ainda restava vida dentro d'Ele.

Isto parecia ainda mais estranho por ter morrido na cruz. Pois os que sofriam essa morte mostravam rostos desfigurados pela agonia, e frequentemente os olhos saltavam das órbitas.

Mas os olhos do Cristo estavam abertos, e não como os olhos de alguém desperto, mas como os de quem caminha em sonho.

Quando ouvirdes o relato da Ressurreição, compreendereis o sentido deste levantar do corpo, que não é como o despertar que aguarda todos os que atravessam para o nosso lado da vida.

No homem há três partes, e aquele que sobe de um estado para outro deixa para trás o que já não lhe serve.
Há três partes no Homem, e três estados em que ele deve existir.

A Vida Eterna de que o Cristo falava é a Vida do Espírito — que jamais morre, pois é de Deus e é o próprio Deus.
No Cristo, havia de facto três partes, como em todos os homens: mas essas três eram uma só; e nenhuma parte d'Ele, por mais pequena, podia morrer ou ser como o corpo dos homens — isto é, matéria sujeita à decomposição.
Pois em tudo o que era o Cristo havia Alma e Espírito, assim como a matéria que é o Corpo.

Por isso, no Seu corpo havia vida mesmo depois de a alma e o espírito O terem deixado.
E o espírito e a alma puderam voltar a entrar nesse corpo, porque o corpo vivia.

Assim foi também com o Sangue que foi recolhido do lado de Cristo: cada gota continha Corpo, Alma e Espírito; e foi capacitado, quando necessário, para manifestar um sinal àqueles que dele precisavam.
E assim é agora, quando a Pedra que antes foi Sangue jaz sob a terra. Está viva. É Corpo, Alma e Espírito do Cristo.

Mas de tais mistérios nada sabíamos quando, no início, as notícias chegaram até nós — e estávamos cheios de temor, sem saber o que tudo aquilo significava.

Alguns entre nós duvidaram por causa do aparente fracasso da missão do Mestre; e outros tinham fé maior, por causa das maravilhas que aconteceram depois de o Seu espírito ter partido.

Depois que o Cálice deu o primeiro sinal, isso não foi contado a ninguém além dos que estavam no quarto.
Mas, após a segunda manifestação da Rosa, isso foi revelado a todos os discípulos fiéis.

Mas não a todos: pois houve alguns que, desde o princípio, se encheram de medo, depois que Ele foi preso no jardim — temendo que os fariseus lhes roubassem aquilo de que viviam.

Estes eram sobretudo os mais abastados entre os seguidores dos ensinamentos do Mestre, que, sabendo que meu amado Pai (que dera secretamente a sua casa ao Cristo) tivera receio de professar a sua fé publicamente, entenderam que para sua segurança deviam ou abandonar a cidade, ou, permanecendo nela, afastar-se da companhia dos outros discípulos.
Assim vedes que houve uma cisão entre os irmãos, e esta divisão perdurou até que o Cristo ressuscitou.

Capítulo XXXVII

A primeira visita ao sepulcro, que é encontrado selado e vigiado. A segunda manifestação da Rosa. Maria Madalena vê o Cristo sair do Cálice. No terceiro dia, visita o túmulo e encontra a pedra removida e os panos como haviam sido colocados. Vê o Senhor Ressuscitado. Os discípulos voltam ao túmulo e retiram os panos. Pilatos evita as consequências da remoção do Corpo de Cristo.

No dia seguinte à primeira manifestação da Rosa, ao nascer do sol, os discípulos Tiago e João, juntamente com Pedro e Maria Madalena, desceram

até ao sepulcro: e encontraram tudo como antes estava, com os soldados que haviam sido colocados por Pilatos guardando a entrada.
Ora, estes soldados eram judeus — não romanos — pertencentes a uma guarda especial ao serviço do Templo, embora vestissem indumentária romana. Eram forçados a servir no exército romano ao serviço do sacerdócio judeu. Se alguém fosse condenado pelo Governador, por recomendação do Conselho, era essa guarda que vigiava o condenado.

Depois de os que tinham estado na casa de José e contemplado o Cálice terem visitado o sepulcro e regressado, foram de novo chamados a reunir-se. Pois haviam falado entre si sobre o prodígio, e alguns pensavam que o seu luto e a comoção do dia lhes haviam causado uma visão.
E agora, entrando outra vez na câmara, meu Pai, sentindo-se indigno de levantar o pano do Cálice — por ter tido medo de manifestar o seu amor pelo Cristo —, pediu a João que o retirasse.

E, tendo isso sido feito, todos se ajoelharam diante da mesa.
E eis que, após alguns momentos, o Cálice brilhou em vermelho pela segunda vez, e dele surgiu um doce perfume, enchendo o aposento com o seu odor.
E Maria exclamou de repente:
“Vede o Cristo a erguer-Se do Cálice!”
E ninguém mais viu isso, senão Maria.

Mas desde esse dia, em certos momentos — dos quais ainda não falei — tal visão foi concedida, mas sempre a um só de cada vez.

Agora, a cada dia após o sepultamento do Cristo, os discípulos iam até ao túmulo logo cedo; e com eles ia meu amado Pai.
Mas ele não se aproximava da rocha, por causa da dor que carregava no coração, tanto pela sua anterior timidez em relação ao Mestre, como por ter sido motivo de divisão entre os irmãos.

Durante muito tempo depois destes acontecimentos, meu Pai permaneceu abatido; e, não fosse a custódia da Pedra que fora Sangue, teria julgado a si mesmo tão culpado quanto Judas.

Agora deveis ouvir como, no terceiro dia após o sepultamento do Cristo, os discípulos encontraram a pedra removida da entrada do túmulo; e dentro, nada além dos panos com que o corpo fora envolto.

Entre todos os que choravam, nenhum sofria tanto como João, salvo Maria Madalena.
Ela tinha estado com Maria, mãe do Cristo, tentando consolá-la.
Isso era na casa de outra Maria, irmã de Lázaro: pois elas tinham vindo a Jerusalém depois de saberem do julgamento do Cristo.
Tinham subido para a festa da Páscoa e permaneceram na cidade após a crucificação.

Maria, mãe de Jesus, estava cheia de perplexidade diante de tudo o que acontecera e não sabia em que acreditar. Pois sempre vivera em espanto perante esse Filho que lhe viera de modo tão misterioso. E, embora amasse o Cristo, estivera separada d'Ele por muitos anos e não sabia se devia acreditar naqueles que O viam como simples homem, ou se devia crer que Ele era de facto o Messias.

MARIA MADALENA VISITA O SEPULCRO

E quando chegou a terceira manhã, Maria Madalena desceu ao sepulcro antes dos outros: pois secretamente trouxera preciosos perfumes, esperando poder ungir o túmulo se os soldados lho permitissem.
Ela sabia que o túmulo estava selado e guardado, mas acreditava que, se lhe fosse possível derramar os frascos de perfume junto à entrada, Aquele que estivesse dentro saberia da sua oferenda.
Por isso, levantou-se muito cedo e saiu em segredo, levando os frascos escondidos nas suas vestes.

E, quando chegou furtivamente ao sepulcro, viu de longe que os soldados estavam a dormir. Pois ainda o sol não nascera e a luz mal iluminava o céu.
Vendo os guardas adormecidos, não hesitou: correu para o sepulcro.
E, ao aproximar-se da entrada, viu que a pedra fora removida.
Isto vos conto por ouvir dizer, pois Maria foi a primeira a chegar e é ela quem nos conta segundo o que viu com os próprios olhos.
Falou-nos do grande espanto ao ver a pedra retirada da entrada e de como, temendo que Pilatos tivesse entregue o corpo de Cristo ao sacerdócio, apressou-se a entrar no túmulo.

Maria diz que ali viu os panos como haviam sido dispostos no envolvimento do corpo, e o lenço ainda atado como fora colocado sobre a cabeça.
E, ao ver isto, soltou um grito e deixou cair os frascos de unguento que trazia escondidos.

Com receio de ter acordado os guardas, ergueu os olhos: e viu dois seres, um à cabeceira e outro aos pés do lugar onde o corpo estivera.
Mas estes não eram como os homens, e sim cheios de luz, como os espíritos.
Maria, tomada de temor, fitou-os e eles apontaram para os panos e disseram-lhe:
"Vai e procura-O: pois Ele não está morto, mas despertou."

Isto contou Maria, mas ninguém mais viu aqueles seres dentro do túmulo.
E então ela afastou-se para avisar os discípulos.
E os soldados, que estavam fora, ainda dormiam.
Ao atravessar o jardim, encontrou um homem que lhe falou apressadamente —

assim disse ela —, e olhando para ele reconheceu o Cristo.
E estendendo-Lhe as mãos, Ele desapareceu de sua vista.

Encontrou então outros que vinham ao sepulcro: eram meu Pai, João e Pedro.
E Maria contou-lhes com urgência o que lhe havia acontecido e suplicou que a acompanhassem ao túmulo.

E, ao chegarem, ficaram tomados de grande temor.
Mas os soldados ainda dormiam.
E João e Pedro entraram no túmulo e encontraram tudo como Maria dissera.
E todo o recinto estava impregnado com o perfume das especiarias que se haviam derramado dos frascos partidos.

E houve grande espanto entre todos.
E apressadamente, por temor dos soldados, João recolheu os panos do sepulcro e levou-os para fora.
E, ao saírem, os soldados ainda dormiam: e com grande pressa levaram os panos de volta à casa de José.

Capítulo XXXVIII

Os prodígios após a Ressurreição de Jesus. Os panos de linho revelam marcas misteriosas. Os sacerdotes procuram o corpo na casa de José e confiscam o pano. Jesus aparece no caminho de Emaús. José vê-O junto ao Cálice e ouve palavras de perdão.

Assim que o dia estava plenamente chegado, espalhou-se a notícia de que o corpo do profeta Jesus fora roubado durante a noite pelos Seus discípulos. E grande temor caiu sobre todos os seguidores de Jesus, receando que o sacerdócio levasse o assunto ao Conselho e procedesse a buscas nas casas de todos os que haviam estado com o Cristo.

Mas este receio cessou, pois Pilatos, ouvindo da agitação entre a guarda judaica — que temia ser acusada de negligência —, ordenou que não houvesse mais perturbação entre o povo. E disso muito se falou no Templo. Ficou então decidido que uma vigilância seria mantida sobre os seguidores do profeta Jesus. E assim teve início a perseguição aos cristãos na Judeia.

OS PANOS MISTERIOSOS

Direi agora das maravilhas que ocorreram depois de o Cristo ter saído do túmulo.
Os panos que estiveram no sepulcro foram tomados por aqueles que ali haviam entrado e entregues a José, para que os guardasse com segurança.
Ora, coisas estranhas tinham acontecido com esses panos.

O lenço que estivera sobre a cabeça do Cristo estava manchado de suor e sangue, e sobre ele havia outra marca — semelhante aos olhos de um homem — como se quase tivessem queimado um buraco no fino linho.

E sobre o pano que envolvera o corpo havia outras marcas: como que das chagas, dos pés, das mãos e do corpo.
Parecia como se o Cristo tivesse ressuscitado e passado através do tecido: pois num dos lados havia marcas, e no outro nada.

Muito se falou disto entre os irmãos reunidos em segredo na casa de José. Mas ninguém sabia dizer o que realmente acontecera ao corpo do Cristo, salvo Maria Madalena; e ninguém além dela e das outras mulheres podia afirmar com certeza que o corpo realmente ressuscitara, pois até então nenhum outro O vira.

Sabendo disso, a família de Lázaro — que ainda permanecia em Jerusalém — veio também ver os panos.
Lázaro, aquele que havia sido ressuscitado dos mortos, disse aos que se maravilhavam das marcas que, após ter morrido e sido sepultado, adormecera e tivera visões de um lugar formoso onde repousava. Mas pensara tratar-se apenas de sonhos.

E disse que, depois de o Cristo pronunciar o seu nome, sentiu um grande tremor no corpo e soube que devia erguer-se.
Mas, por não entender que estivera morto, julgou que ainda repousava doente, como antes de falecer.

Levantou-se como quem se ergue de um leito, e não passou através dos panos — foi como qualquer homem que dorme e desperta.

Mas ninguém sabia onde estava o corpo do Cristo.
Alguns diziam que o sacerdócio o retirara em segredo, pois tinham a sua própria guarda junto ao túmulo.
Mas todos sabiam que essa guarda fora chamada a responder por ter permitido que os discípulos entrassem e levassem o corpo — assim pensava o sacerdócio.

Os cristãos já não podiam circular com segurança; havia espiões sobre eles, e tinham de estar atentos se quisessem permanecer na cidade.
O sacerdócio decidiu então que a casa de meu Pai deveria ser vasculhada, na esperança de que o corpo ali estivesse oculto, ou de que se descobrisse um monte recém-erguido no jardim.

Assim, os irmãos foram apanhados de surpresa quando os guardas — juntamente com os dois homens que tinham vigiado o sepulcro — vieram e revistaram a casa de José.

Grande foi o temor. E Maria, irmã de Lázaro, tomou o Cálice que fora selado por José e, envolvendo-o no lenço que cobrira a cabeça de Jesus, escondeu-o nas suas vestes.

Mas o pano que envolvera o corpo ela não pôde ocultar.
Esse foi levado ao Templo, onde causou grande espanto entre os que o viram. Foi confiscado em segredo pelo sacerdócio, que temia que as marcas visíveis nele causassem nova agitação entre o povo — pois já circulava a história de que o corpo do profeta Jesus desaparecera, e muitos não sabiam o que crer. Havia ainda os que duvidavam se Aquele que realizara tais milagres não seria, de facto, o Messias.

Assim, houve muita confusão e tristeza entre os discípulos por o pano ter sido levado pelos sacerdotes.

A CAMINHO DE EMAÚS

Depois de tudo isto, um dos discípulos que estivera em viagem até Emaús veio apressadamente à casa de meu Pai.
Relatou que, ao entardecer do dia em que ele e outro companheiro haviam partido, um homem juntara-se a eles no caminho e lhes falara de tudo o que se passara em Jerusalém.

Esse homem era desconhecido — um jovem de grande sabedoria — e escutava com atenção tudo o que lhe contavam sobre o Cristo.

Ao chegarem à aldeia, convidaram-no a cear com eles.
Estavam numa pousada humilde, onde não havia outros hóspedes.
E, quando todos se sentaram à mesa, instalou-se um grande silêncio.
E, após algum tempo, uma luz pareceu irradiar pelo aposento; e, olhando para o homem que viajara com eles, reconheceram o Cristo: pois o Seu rosto mudara, e já não era o de um homem, mas de um espírito resplandecente de luz.

E Ele partiu o pão e ofereceu-lhes de beber, dizendo:
“ESTA É A SEGUNDA VEZ EM QUE COMO DO BANQUETE DA MEMÓRIA.”

Quereis saber quem eram estes dois que encontraram o Mestre no caminho de Emaús.

Um deles, como sabeis, é citado como discípulo do Cristo; mas deveis entender que aqui “discípulo” não designa apenas os Doze, pois todos os fiéis do Cristo assim eram chamados.
O outro companheiro era uma mulher — como não é dito por João — mas assim foi.
Essa mulher era Maria, irmã de Lázaro, que viajara com o discípulo até Emaús,

pois a irmã deste estava muito doente, e Maria, dotada de poder de cura, quis ajudá-la.

Maria relatou que o Cristo resplandecia com uma luz maravilhosa, e que o Seu rosto não era o de um homem.
Mas o outro discípulo nada disse sobre isso, embora soubesse ser Ele o Cristo: pois, ao ver o pão ser partido e o vinho ser servido pelas Suas mãos, o rosto do desconhecido transformou-se no do Cristo, tal como ele O conhecera.

O Cristo, como sabeis, fora visto pela primeira vez por Maria Madalena no jardim.
E — meu irmão — o relato que Maria nos deu foi de que ouvira aqueles que estavam sentados no túmulo falarem com ela, mas que não escutara voz alguma, nem soubera de onde vinham as palavras.
E, quando se afastou deles apressadamente, viu o Cristo, e novamente ouviu palavras sem som.
As palavras que o Cristo lhe disse foram:
“QUEM BUSCAIS? IDE E DIZEI AOS QUE ESTÃO CONVOSCO QUE O CRISTO VIVE.”

Mas Maria Madalena não compreendeu plenamente o que se passara, pois acreditou ter tido uma visão no Lugar Santo.
Estava apressada e cheia de espanto e maravilha, e não sabia se devia crer ou não naquilo que tinha visto.

Capítulo XXXIX

O Cristo aparece a muitos durante quarenta dias e depois é elevado aos céus. Ele promete permanecer com os que guardarem os Seus ensinamentos, pois é o Espírito Santo enviado após Ele. Visões do Cristo ocorrem na casa de José. O Cálice e o Pano sagrado são guardados em segredo. José vê o Cristo junto ao Cálice e ouve palavras de perdão.

Depois do encontro em Emaús, o Cristo foi visto por muitos durante o espaço de quarenta dias. E, passado esse tempo, foi elevado aos céus à vista dos homens. Mas ensinou-nos que permanece com todos os que acolhem os Seus ensinamentos, para sempre: pois Ele é o Espírito Santo que foi enviado após Ele.

Estas visões do Cristo ocorreram muitas vezes na casa de meu Pai: pois ali estava o Cálice e também o Pano que envolvera a Sua cabeça. E sendo estas coisas parte d’Ele, Ele se aproximava delas.
Esses objetos foram guardados, depois das buscas na casa de José, numa câmara no andar superior, para maior segurança. O Cálice foi selado, e em volta dele foi enrolado o lenço.

E depois que os dois de Emaús voltaram a Jerusalém e contaram o que se passara, meu querido Pai subiu sozinho à câmara alta para orar. Pois o seu coração permanecia cheio de tristeza por ter escondido a sua fé no Cristo.

José conta que, enquanto orava naquele dia — depois de Maria ter relatado o que sucedera na ceia de Emaús —, tomou o precioso Cálice do seu esconderijo e o colocou sobre a mesa diante de si.
E disse que, ao orar, pedindo ao Cristo que lhe perdoasse a fraqueza do coração, o aposento se encheu de um perfume maravilhoso de incenso.
E, olhando em redor, viu o Cristo, que estava junto ao Cálice com a mão sobre a sua cabeça — embora ele não sentisse o toque.

E José ouviu estas palavras ditas pelo Cristo:
"ESTAIS PERDOADO: POIS, ENQUANTO LUTARDES, CAMINHAREIS PARA MIM. LUTAI POR MIM, E SEREIS BEM-AVENTURADO. POIS ESTE SANGUE QUE TOMASTE DO MEU LADO HÁ DE GUIAR-TE."

Capítulo XL

Jesus aparece aos Onze num aposento fechado. Os pescadores regressam à Galileia. Filipe vai com eles e vê o Cristo na margem do lago. O Cristo toma alimento com eles e desaparece.

Já ouvistes como, estando as portas fechadas na casa de José, o Cristo entrou e falou com Pedro.
Isto aconteceu dois dias depois de o Cálice ter emanado o perfume e Jesus ter aparecido a meu Pai.
O Cristo apareceu subitamente no meio dos Onze que ali estavam reunidos em conselho; e olhou-os nos olhos como fazia quando pregava na Galileia.
Estava vestido com as mesmas roupas que conhecíamos; e parecia de carne e osso, como qualquer outro homem.

E o discípulo João, o amado do Cristo, falou primeiro, vendo-O antes dos outros e chamando-Lhe “Mestre.”
E o Cristo disse a Pedro:
“A PAZ ESTEJA CONVOSCO — A VÓS QUE SOIS O FUNDAMENTO DO CONHECIMENTO QUE HÁ DE VIR.”
E ainda a Pedro:
“DAI ALIMENTO AOS QUE PRECISAM, AOS QUE SÃO COMO OS CORDEIROS NO REDIL.”

Todos os que estavam presentes podem testemunhar que viram o Cristo assim e ouviram-n’O falar — embora não com uma voz audível, mas como se o pensamento lhes fosse transmitido diretamente ao espírito.
Depois de ter falado, o Cristo desapareceu.
Dizem que se tornou como uma nuvem, e depois já não havia nada.

Destas manifestações só vos posso falar por ouvir dizer, pois eu estava na Galileia quando o Cristo apareceu na casa de meu Pai.
Mas vi-O quando foi tirada do mar aquela grande quantidade de peixes, como João relatou.
Muito sofria eu por não poder estar com os Doze e participar da sua missão: mas, quando podia, acompanhava-os para ouvir os seus conselhos.
Pois decidira entregar a minha vida à difusão da Sua Palavra.

E agora, os que eram pescadores na Galileia tiveram de voltar para retomar o barco: pois muitos deles estavam em grande necessidade.
A irmandade usara tudo quanto tinham em comum; e, depois do julgamento e morte do Cristo, muitos dos que antes tinham riqueza temiam ser vistos entre os irmãos e só ajudavam com pequenas dádivas, às escondidas.
Assim, voltou à Galileia um grupo daqueles que lançavam as redes.

Já ouvistes por João que o Cristo foi visto na margem do lago.
Era uma noite de vento, e os que estavam no barco tiveram dificuldades em lançar as redes corretamente.
Quando estas foram lançadas, Pedro disse aos outros que vira o Cristo em pé na margem.
Mas, nesse momento, só Pedro O viu.
E os outros, ocupados com os barcos, recolheram as redes depois de as lançarem.
E eis que havia nelas uma grande quantidade de peixes.

E, ao remarem para a margem, ali estava o Cristo à espera.
Eu, Filipe, vi-O — e foi esta a primeira vez que O vi depois da Sua ressurreição.
Parecia-me como sempre fora: com a túnica que conhecíamos, de pé como costumava estar, com a cabeça erguida e um sorriso no rosto.
Vi-O então como homem, não como espírito, e tal como eu O recordava.
E, no entanto, à medida que O fitava, parecia haver uma luz pálida a mover-se com Ele — assim me pareceu —, de modo que a Sua carne parecia quase translúcida, e não como a carne dos vivos.

E quando chegámos à margem, todos saíram dos barcos e se prostraram com o rosto em terra.
Mas o Cristo ordenou-nos que nos levantássemos e preparássemos a refeição.
E, com temor e alegria, preparamo-la.
E o Cristo aproximou-Se. Era como carne e osso, como qualquer homem.
E falou connosco — embora não ouvíssemos uma voz, entendíamos as palavras.
Pareceu-me que Ele partilhou da refeição.
E, depois de partir o pão connosco, desapareceu da nossa vista — não como alguém levado embora, mas como quem se dissolve no ar diante dos olhos.
Sentíamos que Ele estivera de novo entre nós, mas não podemos afirmar, pois

talvez tenha sido um sinal ou um símbolo.
Só posso dizer o que acreditamos ter visto.

Depois de os peixes terem sido tirados da água, houve muita conversa entre os irmãos sobre a aparição do Cristo: pois quase vinte pessoas O tinham visto e tinham comido com Ele.
Desses, alguns O viram como homem; outros, como espírito cheio de luz.
E ninguém podia dizer ao certo quando Ele aparecia ou quando desaparecia.
Houve, pois, muita discussão entre nós.

Digo-vos que vi o Cristo entre os que estavam na margem, e para mim Ele era como sempre fora, vestido como O conheci.
E, quando saímos dos barcos, trazendo o peixe, e eu me aproximei d'Ele, pareceu-me como antes de sofrer.
Mas quando falou, não sabia dizer se a Sua voz foi ouvida pelos meus ouvidos ou se as Suas palavras chegaram-me sem som.

E depois, quando a refeição foi preparada e nos sentámos à mesa, então, ao partirmos o pão, recordo-me de que O vi de forma diferente. Pois o Seu corpo parecia brilhar com uma grande luz e os Seus olhos eram como chamas de fogo.

E depois disso, a luz desvaneceu. E, como um homem pode ser visto numa névoa densa, assim Ele pareceu, até que desapareceu e ninguém mais O viu.
Ora, alguns dos que estavam presentes viram esta luz desde o início. João, que tinha visto mais do que todos os outros, testemunhou que, para ele, o Cristo apareceu desde o princípio como estando cheio de uma luz maravilhosa.

Capítulo XL

Das aparições posteriores do Cristo, que se tornam mais espirituais durante os quarenta dias, à medida que Ele se afasta do Seu estado terreno. A Rosa volta a resplandecer diante de toda a assembleia. O Cristo materializa o Seu corpo tal como fora quando sofreu, como sinal para o discípulo incrédulo, Tomé.

Agora vos contarei como o Cristo voltou a aparecer na casa de meu Pai. Muitas vezes veio ter connosco; por vezes quando toda a assembleia estava reunida, e outras vezes quando apenas um ou dois estavam presentes. Mas nunca permaneceu muito tempo entre nós, salvo naquela noite de que falei, quando se deu a pesca milagrosa.

E agora, mais uma vez, apareceu-me enquanto eu passeava com outro no jardim de que vos falei, quando contei a traição do Cristo. Tinha ido até lá certa tarde, em grande angústia de espírito, sem saber no que acreditar. Pois, enquanto o Cristo esteve comigo, nunca duvidei, desde aquele primeiro dia em

que O vi no mercado. Mas depois de Ele partir de entre nós, muito meditei no meu coração sobre todas essas coisas que aconteceram, perguntando-me se o Seu corpo teria sido realmente levado pelo sacerdócio, duvidando, crendo e voltando a duvidar.

E agora tinha ido ao jardim em lembrança daquela noite em que os soldados O levaram. E, meditando em tudo o que sucedera, caminhava com o outro que viera comigo até ao lugar onde o Cristo tinha orado afastado de todos os demais. Sentei-me em silêncio sobre uma pedra e fechei os olhos. E, ao abri-los novamente, vi o Cristo, que estava ao meu lado.

O outro discípulo que me acompanhava ficou espantado, pois também viu o Cristo. E, caindo de joelhos, escondeu o rosto nas mãos. Mas eu, não tendo medo, olhei para Ele. Estava cheio de luz; e não havia dor no Seu olhar. Falou comigo (pois o outro não ouviu as palavras), dizendo: “FILIPE, VAI E ENCONTRA A PAZ QUE VEM AOS QUE CREEM.” E eis que desapareceu.

No dia em que se celebrou a Festa da Memória na casa de José, fui até lá. E houve grande surpresa entre os que estavam reunidos. Contaram ao meu Pai — que não tinha presenciado o acontecimento, pois sucedeu enquanto os onze estavam em conselho — como, enquanto conversavam, o Cristo se apresentou no meio deles, sendo como um espírito cheio de luz: e como lhes dissera: “A PAZ ESTEJA CONVOSCO.”

E como ouvistes, Tomé, chamado Dídimo, não quis acreditar que fosse o Cristo. Este Tomé era homem cheio de fé e zelo pela missão. Mas sempre, nos conselhos dos Onze, insistia para que nada fosse pregado às multidões que pudesse abalar-lhes a fé pela sua natureza maravilhosa.

Assim, alguns aconselhavam que se falasse abertamente dessas aparições do Cristo, e Tomé insistia que tal só prejudicaria a missão, dizendo que, enquanto os milagres realizados por Jesus tinham sido vistos por muitos que não eram Seus seguidores, estas visões, presenciadas apenas pelos Seus discípulos, poderiam ser tomadas por loucura por muitos. E mais, estava certo de que os sacerdotes usariam tais relatos contra os cristãos.

Ora, quando o Cristo apareceu entre eles, todos se ajoelharam. Pois parecia um espírito. Mas Tomé, que não O tinha visto como os outros, disse que não acreditaria que fosse realmente o Cristo, a menos que pudesse tocá-Lo e senti-Lo. Disse isto meio com medo e meio com raiva por não O conseguir ver como os outros.

E diante dos olhos de todos, o Cristo transformou-se. Já não parecia um espírito, mas sim como estava na Cruz, vestido apenas com um pano à volta dos rins. E, inclinando-Se para Tomé, que estava amedrontado, disse: “POUSA A TUA MÃO SOBRE AS MINHAS FERIDAS: ESTENDE A TUA MÃO E SENTE A FERIDA QUE FOI FEITA NO MEU FIM.” E Tomé, muito assustado, estendeu

a mão e tocou nas feridas do lado do Cristo, dizendo: “Senhor, eu creio.” E imediatamente Ele desapareceu dos Onze e ficaram sozinhos na sala.

Tudo isto ouvi logo após ter acontecido. Causara grande espanto e comoção, e o meu Pai falava com os Onze quando entrei.

E o meu Pai contou como várias vezes, estando ele no seu quarto com o Santo Cálice, aquela Figura lhe tinha aparecido. Não a via por muito tempo, e logo desaparecia. Por isso, houve muita discussão entre os irmãos. E muito temiam que notícias destes acontecimentos chegassem ao sacerdócio. Pois sabiam que estes seriam severos com qualquer um que tentasse reavivar a memória do Cristo entre o povo. Pois, após a retirada do pano da casa de José, todos sabiam que teria de haver segredo, se alguém quisesse permanecer na cidade.

Ora, era o dia da Festa da Memória e muitos estavam reunidos naquele cenáculo onde fora celebrada a primeira Festa. E nesse dia, José, sentindo que todos tinham agora direito a provar a doçura do Cálice, colocou-o sobre a mesa. E, depois de termos passado algum tempo em oração silenciosa, o Cálice adquiriu uma cor rosada e dele emanou perfume. Este foi o primeiro dos milagres realizados pelo Cálice fora do quarto do meu Pai.

E agora devo dizer-vos que, à medida que os quarenta dias passavam, o Cristo aparecia com mais frequência. Vinha muitas vezes ao quarto onde estávamos reunidos: mas não como no início. Pois no princípio era como um homem. Mas, com o decorrer dos quarenta dias, era visto apenas como um espírito cheio de luz. Ao início, alguns viam-No como homem e outros como espírito. Mas, à medida que os dias avançavam, parecia mais como uma nuvem ao pôr do sol — e, no entanto, sabíamos que era Ele. E, à medida que o fim desse tempo se aproximava, falava-nos poucas palavras, ou nenhuma: pois parecia que se afastava cada vez mais de nós. Isto pode parecer-vos estranho. Mas quando um homem sai do seu corpo, primeiro ainda o vê na sua imaginação: e assim aparece. Mas, ao prosseguir, esquece o seu corpo e reconhece-se como espírito. E com o Cristo, essa transformação deu-se rapidamente.

E agora ouvireis a última visão que se teve do Cristo, e de uma que a precedeu. Isto foi quando um grupo de irmãos estava reunido em Betânia, na casa de Lázaro e Maria.

Nesse tempo, discutia-se muito entre nós onde e quando deveria começar a missão: pois temia-se que, se alguém pregasse abertamente em Jerusalém, pudesse ser preso pela guarda dos sacerdotes. Assim, foi aconselhado que, como o Cristo começara a pregar na Galileia, assim também o início da Sua missão deveria ser lá. E houve muito debate sobre como isso se faria.

Ora, quando os Onze, com outros discípulos, tinham ido a Betânia visitar os amigos de Jesus (e entre estes, a família de Lázaro, que sempre foi fiel), quando os discípulos já tinham entrado e tomado alimento, começaram a falar

sobre essas dúvidas que tanto lhes afligiam o espírito — se a primeira missão deveria ser na Galileia ou em Jerusalém.

E, de repente, houve uma grande Luz dentro da sala. E soubemos que era o Cristo. E ouvimos uma Voz que nos falava, mas não conseguíamos ver-Lhe o rosto com clareza por causa do fulgor que O envolvia. E Ele disse: “IDE À GALILEIA E LÁ ME VEREIS DE NOVO. E, DEPOIS DISSO, PERMANECEI EM JERUSALÉM ATÉ QUE VOS VENHA UM QUE NÃO SOU EU E TODAVIA SOU EU, MAS QUE VOS SERÁ DADO COM UM SINAL DE FOGO. NÃO COMECEIS A OBRA QUE TENDES A FAZER ATÉ QUE VOS SEJA DADO ESSE SINAL.”

Todos estavam maravilhados e temerosos perante a grande Luz: e alguns apenas ouviram a Voz. Aqueles que a ouviram foram João e Pedro, Tiago e Maria, que era irmã de Lázaro. E João testemunhou as palavras que foram ditas.

Depois disso, os irmãos partiram para a Galileia, e com eles todos os que puderam deixar a cidade de Jerusalém: mas outros permaneceram, como ouvireis, havendo dois grupos.

Filipe fala de José de Arimateia: também acerca do mistério do Corpo do Mestre. Aproxima-se o tempo da última visão d’Ele, e os irmãos formam dois grupos, um dos quais vai para Betânia e o outro para a Galileia. A Ascensão de Cristo é vista por Pedro, Tiago e João.

Quereis saber por que motivo os Mistérios do Sangue que foi recolhido por José não são mencionados nos Evangelhos que possuís. Isto é assim porque sobre eles o Cristo não falou. Ele falou-nos do Espírito Santo, que era uma maravilha maior; mas da Rosa do Santo Sangue não falou, nem nos ordenou que disséssemos tal coisa a ninguém.

Quereis saber se Ele falou da Sua ascensão. Sim e não, meu Irmão. Falou-nos da Sua ida para o Pai. Mas não nos disse que veríamos isso com os nossos olhos. Quando vos tiver contado a narrativa, sabereis que tal foi visto claramente apenas por um — João — e parcialmente por três, e por mais ninguém.

Quereis perguntar se nessa altura eu já era conhecido de José e se pressentia a amizade que viria a surgir. Direi que já estivera várias vezes na sua companhia e falara com ele, como outros discípulos; mas não sabia que voltaria a estar com ele.

O meu Pai cresceu na fé desde o momento em que o Cristo foi julgado. E, depois de Ele ter sofrido, não admitia uma palavra de dúvida de ninguém. Pois estava cheio de arrependimento por ter guardado a sua fé em segredo. E mesmo após o tempo em que estive com ele na Gália, muitas vezes me repreendia pela minha mente duvidosa. Pois eu não tinha o dom de ver o que

era invisível, como o meu Pai tinha: e por isso a minha fé era mais lenta. E agora ele ultrapassou-me.

Disse que ninguém sabia para onde tinha sido levado o corpo do Mestre. Nem eu sabia tudo o que os Onze pensavam sobre este assunto, pois não era um deles, sendo eles os apóstolos do Cristo e reunindo-se em conselho entre si. Mas alguns diziam que, tal como Lázaro fora ressuscitado do túmulo, também o Cristo fora ressuscitado; mas que passara através das vestes que ficaram para trás.

João, que tinha o dom da visão, sabia que o Cristo ressuscitara com o Seu corpo. Mas acreditava que isso fora apenas um milagre, e que o corpo teria de morrer uma segunda vez antes que o Espírito subisse ao Céu.

Mas depois de o Cristo ter aparecido muitas vezes aos discípulos — sendo por alguns visto como fora e por outros como espírito cheio de luz — acreditava-se que era de facto o Cristo, mas que o corpo tinha sido roubado pelos sacerdotes. Isso acreditavam por causa do desaparecimento súbito e da luz que envolvia a figura do Cristo.

Assim, podeis ver que ninguém compreendia verdadeiramente a verdade que estava por detrás de todas estas coisas: pois ninguém podia crer que um corpo — o qual começa a decair mesmo antes de ser sepultado — pudesse ressuscitar na sua matéria tal como fora visto pelos homens. Contudo, isso só foi compreendido depois de o Cristo ter ascendido com o Seu corpo ao Céu e o Espírito Santo ter vindo como línguas de fogo sobre os Doze.

OS DISCÍPULOS VÃO PARA O MONTE

Ouvistes como, em certos momentos, os discípulos iam para um lugar deserto e ali, numa caverna na encosta da montanha, o Cristo lhes aparecia e os ensinava acerca dos mistérios da fé. Assim era; pois às vezes os Onze saíam para buscar conselho e meditação; e sempre que se reuniam em oração silenciosa, o Cristo lhes aparecia. Essa caverna ficava nas colinas fora da cidade, e muitas outras ali existiam. Havia uma de grande profundidade onde iam frequentemente, tal como outros grupos de discípulos, quando queriam meditar sobre os acontecimentos desses dias.

O Cristo dissera aos Onze, na casa de meu Pai, que deveriam partir para a Galileia e que ali O veriam novamente. E assim se decidiu que assim seria feito. E prepararam-se para a jornada. Mas por esse tempo havia muito receio entre os discípulos em Jerusalém: pois já tinha começado a sua perseguição e eram vigiados pela guarda do sacerdócio.

Estes, estando certos de que o corpo do Cristo fora levado pelos discípulos para que um milagre ainda maior fosse mostrado aos irmãos, estavam

resolvidos a que mais nenhum tumulto tivesse lugar na cidade, e que os cristãos não pudessem reunir-se em lugares públicos, nem falar nas suas casas em grande número. Pois isso era tido como perigoso.

OS DISCÍPULOS FORMAM DOIS GRUPOS

Assim, muitos dos irmãos ficaram perturbados e procuraram conselho junto dos Onze. E estes temiam partir para a Galileia e deixar os irmãos em tão grande perigo. Por isso, pouco antes de se completarem os quarenta dias, decidiu-se que os irmãos, juntamente com algumas mulheres e outros que não temeram seguir o Cristo abertamente, se dividissem em dois grupos: metade iria para a Galileia, conforme lhes fora ordenado, e a outra metade permaneceria em Jerusalém, para cuidar e ajudar os irmãos ali.

Entre os dois grupos, foi difícil escolher quem deveria ir para a Galileia e quem deveria permanecer na cidade. Assim, os que eram pescadores e tinham redes a cuidar partiram para a Galileia, e os restantes ficaram. E entre os que ficaram estavam Pedro, Tiago e João. Pois, sendo embora pescadores, eram mais próximos do Cristo do que quaisquer outros, e deviam permanecer com os que necessitavam de ajuda e conselho. Com eles também ficaram Lázaro e Maria, de Betânia. E eu também estava com eles, eu, Filipe, que vos fala. E posso testemunhar aquilo que foi o Fim, e que foi visto como uma visão se vê: — por aqueles que têm o olho que percebe as coisas que não pertencem a este mundo, mas ao Espírito que criou todos os mundos que existem.

Agora, com os que foram para a Galileia, ia Maria Madalena. E, tendo passado já alguns dias desde a partida desse grupo, os discípulos que permaneceram em Jerusalém viram o Cristo mais uma vez. Isto não foi na casa de José, mas no monte chamado das Oliveiras: e ali, numa tarde depois do pôr do sol, João, com outro discípulo e também comigo, caminhava pela montanha. E subitamente uma Luz brilhou diante de nós.

E nós, sabendo que era hábito da visão do Cristo manifestar-se primeiro como Luz, caímos de joelhos. E, de repente, vimo-Lo. Eu, Filipe, vi-O de pé no chão, de modo que Lhe via o rosto tal como o conhecera. Contudo, já não parecia um homem, mas um espírito que estava no ar à nossa volta.

E, enquanto Ele falava, eu compreendia as palavras que d'Ele vinham, embora nenhum som chegasse aos meus ouvidos e não soubesse em que língua eram ditas. E Ele falou, dizendo-nos:

"IDE A BETÂNIA E LÁ ME VEREIS NOVAMENTE. POIS CHEGA O MEU TEMPO, E ENTÃO NÃO ME VEREIS MAIS."

E depois disto, descemos do monte e nenhum de nós proferiu palavra, até que, ao chegarmos à casa, João disse: "Amanhã iremos a Betânia."

Ora, por esse tempo, também aqueles outros da companhia que tinham ido para a Galileia foram informados de que veriam o Cristo se subissem a um alto monte que lá havia. E essa mensagem chegou-lhes de modo estranho. Pois, estando reunidos para a oração ao entardecer, uma voz lhes falou, dizendo: **“Vereis o Mestre, como vos foi prometido, se subirdes ao monte que é o lugar designado.”**

E eles, muito admirados — pois todos ouviram as palavras, embora nenhum tivesse visto o Cristo — partiram naquela mesma noite para o monte. Mas antes devo contar o que aconteceu em Betânia, e depois aquilo que se passou na Galileia, à mesma hora.

Na manhã seguinte à fala de João, aqueles que estavam com ele — sendo Pedro, Tiago, e três outros dos Onze, e eu, Filipe, estando também presente — descemos até Betânia. E ao entardecer, quando chegou o tempo de nos sentarmos para a refeição, fomos à casa de Lázaro e Maria para que lhes déssemos a conhecer a razão pela qual tínhamos vindo à vila de Betânia.

E depois de contarmos a nossa história, enquanto estávamos sentados à mesa, Maria levantou-se dizendo: **“Fui instruída pelo Mestre, nos tempos em que ainda estava entre nós, a ir até às colinas aqui perto, a um lugar onde há um pequeno prado verde e uma nascente que desce da montanha. E ali deveria orar. Vamos, pois, cumprir a vontade do Mestre: e partamos para o lugar que Ele escolheu para oração.”**

Mas Pedro respondeu-lhe, dizendo: **“Já é tarde, e a nossa companhia viajou sob o calor do dia e está cansada. Permaneçamos aqui até à manhã, e então partiremos para o lugar de que falas.”** Mas Maria insistiu que se cumprisse o mandado do Cristo. Pois disse que Ele sempre a mandara a esse lugar aprazível quando o seu coração se enchia de dúvidas. Assim, afirmou: **“Se Ele tiver algo a dizer-nos, será nesse lugar que nos falará.”**

Todos estavam cansados, e ainda assim houve debate entre os irmãos. Mas então João falou, dizendo que Maria tinha um saber interior do Cristo, e que Ele a guiara a falar assim. Assim se decidiu que toda a companhia partiria nessa noite para o monte, para orar. O lugar situava-se a uma pequena elevação acima da vila, sendo um pequeno campo verde com um riacho a correr, cheio de ervas e muito sossegado, onde raramente vinha alguém.

E, tendo a companhia chegado ao local, beberam da nascente, pois estavam muito fatigados. E depois de terem descansado e cantado um salmo, sentaram-se na relva e cada um meditou por um tempo. E, durante a noite, por vezes alguém falava, e outras vezes permanecíamos todos juntos em oração. Mas ninguém dormiu. Pois a noite estava clara e as estrelas brilhavam no céu, e todos esperavam que o Cristo lhes aparecesse ali.

Quando começou a romper a aurora sobre o monte, João disse: **"O Cristo vem agora, pois ouvi os Seus passos."** E todos se ergueram e ficaram atentos. Ainda havia pouca luz no céu. Mas então uma luz mais intensa brilhou sobre a companhia que estava sentada no chão à espera: e eis que o Cristo estava no meio de nós.

Posso contar-vos tal como o vi. Primeiro houve uma Luz maior que a da aurora. Depois, dessa Luz surgiu o Cristo: não como O conhecêramos, mas como um Fogo. Não trazia manto que eu pudesse ver, mas em Seu redor havia um fogo branco. E através desse Fogo eu via-Lhe o rosto.

Todos estavam tomados de assombro com essa visão, que não era como as outras tinham sido, mas mais maravilhosa ainda. E contudo, não sei dizer se de facto era a figura do Cristo que eu via, ou se via verdadeiramente o Seu rosto através do Fogo. Ali permaneceu por largo tempo, segundo todos acreditámos. Mas ninguém podia dizer quanto tempo permaneceu no meio de nós. Depois, o Seu rosto desapareceu, mas a luz permaneceu. E isso foi tudo o que eu vi até a luz também nos deixar. Mas Pedro, Tiago e João viram algo diferente; e ouvireis agora o que cada um contou naquele momento.

Tiago disse que, depois de termos deixado de ver o Cristo, Ele ainda permaneceu ali por algum tempo, e depois foi elevado do chão. E pareceu a Tiago que uma nuvem envolvera o Cristo. E Ele subiu nessa nuvem e ergueu-Se ao céu, até desaparecer da sua vista. Disse também que havia luz em todo o Seu ser, e depois de ter subido alto nos céus, parecia-lhe uma estrela. E Tiago afirmou que não viu senão o Cristo.

O relato de Pedro é diferente. Disse que o Cristo permaneceu por um tempo depois de O termos visto, e que estava cheio de uma luz de grande brancura: e que, depois de contemplar todos os que estavam sentados em volta, ergueu-Se do chão com a Luz; mas não com uma nuvem à volta, como dissera Tiago.

E Pedro afirmou que, quando o Cristo chegou à altura do cume do monte, viu com Ele mais três — os mesmos que tinha visto no momento da transfiguração. E todos estes subiram aos céus e, segundo o seu olhar, pareciam como nuvens ao pôr do sol. Mas nem Tiago nem Pedro ouviram palavras.

Agora João deu ainda outro relato de tudo isto: disse que o Cristo permaneceu ali por algum tempo como O vimos, e que depois de certo momento estavam com Ele mais três. Pois dessa vez não estavam apenas aqueles dois que vira na montanha, mas outro também, que ele reconheceu como sendo João, o Baptista.

E depois de ver que todos os quatro estavam cheios de luz, aquele que era Moisés tomou o Cristo pela mão direita, aquele que era Elias tomou-O pela mão esquerda, e João, que batizava, tocou-Lhe o cimo da cabeça. E esses três

então elevaram-se do chão, juntamente com o Cristo, e subiram aos céus. E João disse também que conseguiu vê-los por longo tempo, até parecerem nuvens finas. E enquanto subiam, João ouviu uma voz que lhe falou e disse:

"ESTES SÃO O PRIMEIRO E O SEGUNDO, E AINDA OUTRO HÁ-DE VIR: POIS ESTES SÃO TRÊS, E OS TRÊS SÃO UM."

Capítulo XLII

Filipe narra o que sucedeu aos que foram para a Galileia e da visão que testemunharam à mesma hora.

Ora, os que viajaram para a Galileia criam que estavam a cumprir a vontade do Cristo ao fazer tal jornada. E José de Arimateia foi com eles. Assim partiram, sem qualquer intenção própria, aguardando o que pudesse acontecer. Durante quatro dias repousaram na Galileia, antes do momento em que o Cristo foi elevado ao céu em Betânia, e até então não tinham visto sinal algum.

O Cristo não lhes aparecera e começaram a questionar-se quanto ao significado da mensagem que haviam recebido. Aqueles que tinham barcos ocuparam-se com o seu ofício, para ganhar o pão de cada dia; e as mulheres da companhia oravam e velavam, esperando o que pudesse suceder.

Na véspera do dia em que o Cristo foi levado ao céu sobre o monte de Betânia, os pescadores tinham ido ao mar com os seus barcos, lançando as redes, tal como na noite em que o Cristo lhes aparecera. Pescaram durante a noite, e, próximo da meia-noite, apanharam uma grande quantidade de peixes, de tal forma que tiveram de regressar à margem.

Estando ocupados a descarregar os peixes em terra, veio até eles Maria Madalena, muito admirada por causa de uma maravilha que lhe fora concedida. E após ela vieram os outros discípulos que estavam com ela.

Maria contou como, durante as vigílias da noite, estivera em oração, pois o sono não a alcançava. Estava há muito ajoelhada, quando, eis que uma Luz atravessou o seu quarto — ao princípio julgou ser o luar, pois a lua estava cheia nessa época. Mas depois percebeu que não era da lua, pois a Luz enchia todos os cantos da câmara.

Não viu figura alguma do Cristo, mas uma Voz lhe chegou aos ouvidos, dizendo:

"LEVANTA-TE, MARIA: VAI ATÉ AO MAR E CHAMA OS QUE LÁ TRABALHAM. POIS ESTA NOITE DEVEREIS SUBIR À MONTANHA ONDE ANTERIORMENTE FUI VISTO POR AQUELES QUE ESTÃO EM JERUSALÉM. LÁ ME VEREIS."

E, depois disso, um perfume maravilhoso de mirra e incenso encheu todo o aposento.

E, após a Luz se extinguir, Maria ergueu-se para cumprir a ordem da Voz. E chamou todos os que com ela tinham vindo, estando José entre eles, e pediu-lhes que fossem com urgência até à margem. Ora, a montanha ficava a grande distância da costa, e quem quisesse alcançar o cume não lá chegaria antes do amanhecer. Foi nessa montanha que os três haviam visto o Cristo transfigurado. Mas, embora todos soubessem que uma maravilha ali ocorrera, ninguém sabia ao certo o que fora, pois os três tinham guardado silêncio sobre isso.

Depois de Maria ter contado o seu relato aos pescadores, alguns hesitaram. Pois Maria era mulher de coração ardente, e sabiam que facilmente acreditaria. Mas a esses que duvidavam falou José, dizendo que tinham vindo para obedecer ao Mestre e que deviam atender aos sinais — sendo este o primeiro que lhes fora dado. Assim, todos concordaram e subiram à montanha.

Quando ali chegaram, era quase amanhecer, e a luz da lua já se tinha ido. Estando a companhia naquele Lugar Santo, oraram e esperaram. E à mesma hora em que o Cristo foi visto em Betânia, sucedeu um milagre na Galileia, sobre o monte: pois, quando o céu começou a tingir-se de rosa com a manhã, eis que, enquanto oravam, perceberam que outra Luz estava no meio deles.

Essa Luz era como a que Maria vira, e não tinha forma de homem, mas parecia uma nuvem ou neblina. E o mesmo perfume estava à sua volta. E a Luz permaneceu ali por algum tempo e, enquanto os que se encontravam sentados observavam a maravilha, eis que, como uma nuvem que sobe aos céus levada pelo vento, assim subiu a Luz da terra para o alto. E todos os que viram ficaram maravilhados e observaram até que ela foi levada aos céus.

Alguns disseram ter visto mais de uma luz. Mas outros disseram que apenas uma viram. Contudo, todos testemunharam essa única subir aos céus até parecer uma nuvem de branquidão pura e luminosa. E depois disso, nada mais se viu, nem se ouviram palavras.

Tendo-se cumprido estas coisas, soube-se entre os discípulos que já não veriam mais o Cristo, e que o tempo da missão começara. Por isso, os que estavam na Galileia começaram a regressar um por um a Jerusalém. E o meu Pai veio com Maria Madalena: pois ambos viram as luzes que subiram ao céu. Viram quatro luzes, como também quatro tinham sido vistas em Betânia. E muito discutiram sobre isso, pois não conseguiam compreender o significado daquela visão.

Capítulo XLIII

Da Festa de Pentecostes. Matias é escolhido como o décimo segundo Apóstolo. O Espírito Santo desce sobre os doze, e eles falam em línguas.

Quando todos tinham regressado à cidade, e os que estiveram em Betânia também voltaram, houve muita conversa entre eles sobre o que devia ser feito quanto à missão: pois em Jerusalém não podiam pregar abertamente por medo do sacerdócio.

Ora, a Festa de Pentecostes estava próxima. E, quando o dia se aproximava, foi decidido que se devia escolher um para ocupar o lugar de Judas, o que traíra. E foi ordenado que se tirassem sortes entre toda a companhia e, depois, entre os Onze, quando estivessem reunidos em conselho: e que no Dia de Pentecostes fosse escolhido aquele que substituiria Judas. E, tendo sido lançadas as sortes entre toda a companhia, dois foram escolhidos: Matias e Simão (não José) Barsabás. E foi-lhes dito que um deles deveria preparar-se para ocupar o seu lugar no conselho. Pois no Dia de Pentecostes seria tomada a decisão, e ambos deveriam vigiar e orar.

Ora, no Dia de Pentecostes, quando os Onze estavam reunidos em conselho, elevaram oração a Deus, pedindo que os guiasse na escolha. E, lançadas as sortes, coube a Matias; e ele foi chamado ao aposento. E agora foi-lhe comunicado aquilo que fora dado aos outros onze. Isto era a explicação dos Mistérios da Trindade e do Espírito Santo. Pois só os Onze haviam sido instruídos quanto ao significado destas coisas.

E depois de Matias se sentar à mesa do conselho, Pedro falou a todos os que ali estavam reunidos, dizendo-lhes do Cristo e do significado da sua missão. E todos, sentados à volta da mesa, escutavam Pedro. E depois disso, mandou-os orar e aguardar a Vontade de Deus.

E então, estando todos em oração, levantou-se um grande Vento. E nesse dia reinava grande calmaria e calor; e o céu estava limpo, sem sinal de tempestade. Por isso todos se espantaram e saíram do recolhimento da oração quando esse vento poderoso se ergueu: pois não era como a rajada que precede uma tempestade, mas de uma força imensa, tal que ninguém podia manter-se de pé. Era como esses ventos que assolam os desertos. E o vento, ao soprar sobre eles, fê-los balançar nos assentos à volta da mesa.

E no meio da rajada viram-se estranhas porções de nuvem, que surgiram através do vento e se pousaram, uma a uma, sobre a cabeça de cada um dos presentes. Essas nuvens tinham a forma de ovos de ave, e, depois de repousarem sobre cada cabeça, tornaram-se como línguas de fogo de grande brancura — semelhantes à Luz que fora vista antes da aparição do Cristo. E todos ficaram tomados de temor e não proferiram palavra.

Mas, depois de o Vento ter cessado e cada um ter visto a luz sobre a cabeça dos outros, Pedro abriu a boca e disse:

“ESTES SÃO OS MENSAGEIROS DO CRISTO, ORDENANDO-NOS QUE SAIAMOS A TODOS AQUELES A QUEM DEVEMOS LEVAR OS SEUS ENSINAMENTOS.”

Capítulo XLIV

Filipe fala ainda do seu próprio testemunho da Ascensão do seu Mestre. Testemunha a universalidade do ensinamento de Cristo, abrangendo tudo quanto o precedeu. As filosofias encontram na Sua missão o seu cumprimento espiritual. Filipe encerra o seu Evangelho com uma interpretação do Mistério da Fé.

E então, as luzes que estavam sobre as cabeças de todos desvaneceu-se lentamente e nada mais ficou no aposento: e ninguém podia compreender o significado de tudo quanto acontecera. Mas Pedro, saindo para fora, encontrou um homem da terra da Grécia. E ao deter esse homem para lhe falar das palavras que lhe vinham à mente, percebeu que conseguia falar na sua própria língua — da qual não tinha qualquer conhecimento. Pois estes homens apenas sabiam falar a língua da Judeia.

E depois disso, vários outros dos discípulos falaram com pessoas de outras nações diferentes das suas. E cada homem descobriu que podia falar a língua que necessitava. Mas isso não durou: pois ao fim de algum tempo, nenhum homem falava senão a sua própria língua.

Ora, todos os doze deram este relato dos acontecimentos, e todos falaram disso depois de descobrirem que lhes tinham sido dadas línguas; e o mesmo foi dito a todos os que pertenciam à companhia. Pois aqui havia um sinal certo de que lhes fora dado poder para espalhar a missão por todas as terras, e uma graça especial vinda de Deus. E ninguém mais temia partir para a sua tarefa. Pois todos sabiam que tinham sido escolhidos.

Quereis saber se eles tinham conhecimento prévio do que viria. O Cristo dissera-lhes que, depois da Sua partida, Outro viria até eles, e para essa vinda vigiavam. Mas também lhes fora dito que isso não aconteceria até que o número dos Doze estivesse completo. Não sabiam que espécie de sinais lhes seriam dados: mas depois de verem as línguas de fogo, souberam que isso era o que fora prometido. Mas a fala de que vos falei veio sobre eles com espanto.

O TESTEMUNHO DE FILIPE

Depois que o Cristo foi elevado aos Céus diante dos olhos de ambas as companhias de que vos falei, houve muito debate entre nós quanto ao que isso significava. Pois alguns tinham visto apenas a Visão e as Nuvens que subiram após o desaparecimento do Cristo; e outros viram mais do que isso, enquanto Pedro, Tiago e João — como sabeis — viram o Cristo ser recebido nos Céus.

Quero falar mais do que eu próprio vi. Falei disso apenas brevemente, pois primeiro vos dei aquilo que era de maior importância. Naquele tempo, eu era firme na fé, mas por vezes duvidava de muitas coisas e não podia seguir os milagres que se tinham realizado, como fazia o meu amado Pai.

Depois de termos orado no monte, e quando surgiram os primeiros sinais da alvorada, veio entre nós aquela Luz pálida que não era da lua nem das estrelas. Ora, essa Luz não tinha forma de homem. Antes, parecia uma nuvem que deslizava desde as montanhas: e, ao princípio, era pálida como qualquer nuvem. E, contudo, todos a viram.

Depois de repousar entre nós por algum tempo, começou a brilhar mais intensamente, como as estrelas brilham quando chega a escuridão, e resplandeceu com uma luz semelhante a fogo branco.

E então a Luz tomou forma — não de imediato a forma de homem, mas como uma coluna. Depois pudemos ver os membros e a Cabeça. E todos souberam que devia ser o Cristo.

E então Ele permaneceu ali como envolto numa névoa: e podíamos ver o Seu rosto — não como era no tempo em que falava connosco, mas como se uma alegria e serenidade maravilhosas se tivessem abatido sobre Ele. Nenhuma palavra ouvi da Sua boca, pois estava cheio de assombro e espanto. Mas vi isto com os meus próprios olhos, e sei e posso testemunhar que era, de facto, o próprio Cristo.

Permaneceu no nosso meio por cerca de quinze minutos, e a luz do dia começou a crescer. E à medida que a luz aumentava, a figura do Cristo tornava-se mais pálida. E, depois de alguns instantes, vi apenas a nuvem outra vez, que se afastava do chão e subia aos céus. Enquanto estava entre nós, era como uma sombra: ora visível, ora invisível. Era como uma luz intermitente que nos mostrava a Sua forma; mas não como um homem — como um espírito.

E posso afirmar que havia outras três pequenas nuvens, altas no céu, e que essa — que fora a figura do Cristo — se juntou às outras nos céus. E tudo começou a ganhar tons rosados com o nascer do sol, e flutuaram fora da minha vista. Mas das coisas que Pedro, João e Tiago contaram, não posso falar — pois só esses três as viram.

Contei-vos aquilo que vi — eu, Filipe, que não era homem da Judeia, mas grego. E deveis tomar as minhas palavras como vindas de alguém que viu e, no entanto, nem sempre creu. Pois estas coisas são como os sonhos que passam diante dos olhos da mente durante a noite, e depois se dissipam pela manhã.

Mas não estou instruído em todos os significados destes mistérios. E embora não tenha avançado tanto como o meu amado Pai, foi-me confiada a guarda daquilo que é o princípio de uma nova Trindade sobre a terra; e sou encarregado de velar por ela e fazê-la chegar aos olhos dos homens. Muito mais deveria dizer disto no tempo devido.

Depois que o Cristo foi tirado de entre nós, firmou-se entre os irmãos a certeza de que já não O veríamos mais, nem voltaríamos a ter d'Ele uma visão como a que tivemos. Mas sabíamos que, tal como as línguas desceram sobre os Doze em Pentecostes, assim a força viria a todos para a Missão.

Lutei muito dentro de mim, meu Irmão, para aceitar a orientação que me fosse dada, sem fazer perguntas. Mas a minha mente era instável: pois desejava aquilo que fora concedido aos que tinham lugar mais elevado que o meu. Contudo, no amor pelo Cristo, nunca falhei. Pois n'Ele vi tudo o que tinha vindo antes d'Ele, em todos os grandes ensinamentos do mundo. E a isso acrescia uma força e uma fé maravilhosas, que cresciam diante dos meus olhos a cada dia.

E decidi em meu íntimo que havia de escrever estas coisas que vi. No meu primeiro evangelho — que foi queimado em Atenas, como vos disse — não se encontrava tudo quanto agora vos dei, embora ali houvesse muito da história do Cristo, como a ouvi.

Aqueles que escreveram os quatro Evangelhos que hoje tendes, conheciam o Cristo como vo-lo descrevi: mas como o conheciam apenas por ouvir dizer (por serem de tempos posteriores ao Seu chamamento), não quiseram escrever o que não testemunharam. Por isso não tendes o relato de como o Cristo esteve nas terras da Grécia e do Egipto.

OS MISTÉRIOS DO ESPÍRITO

Quero agora dar-vos o sentido deste mistério, como o compreendi depois de ter deixado o corpo. O conhecimento que é dado ao mundo, para que haja crescimento e o fruto possa surgir, é como as estações do ano. Quando chega o tempo próprio, aquilo que fará crescer as almas dos homens é enviado até elas.

Assim foi com o Mistério do Cristo. Antes da Sua vinda, houve o inverno. E depois do inverno, o brotar da primavera nos corações dos homens, à medida

que crescia o saber das grandes Filosofias. Mas em nenhuma delas havia conhecimento do Espírito, que é Vida e Amor ao mesmo tempo.

Esses dois — Vida e Amor — ainda não tinham vindo ao homem antes do tempo do Cristo, porque os anos que passaram sobre o mundo antes da Sua vinda serviram apenas para o desenvolvimento da Mente e da Alma do homem, mas não para lhe dar o conhecimento do Espírito que está dentro dele.

Vereis, se lerdes o que está escrito sobre estas coisas, que em todos os ensinamentos anteriores ao Cristo, o homem não procurava a felicidade que vem à alma depois de o corpo ser deixado. Antes, esperava-se um obscurecimento da mente após a queda da carne. A vinda do Cristo ensinou que o Espírito dentro do homem não pode morrer: que trabalha para a Luz e não para as trevas: que, depois de a carne ser posta de parte, o Espírito tem mais vida do que antes e brilha com luz mais intensa.

Epílogo do Evangelho segundo Filipe, o Diácono
(tradução fiel e corrida para português europeu)

Agora quero que saibas que o “fogo que dura para sempre” não é senão um sinal e um símbolo dado ao homem — para mostrar que aquilo que faz parte da Vida Maior que está por detrás de Tudo não pode ser destruído, mas deve perdurar. E tal como o fogo, perdura até que o homem purifique tudo o que é impuro à sua volta, conservando apenas aquilo que contribui para a sua perfeição.

O Cristo teria ensinado isto, mas não com estas palavras claras com que agora te falo: pois Ele falava sempre por parábolas e por símbolos, porque as almas dos homens não estavam preparadas para receber este conhecimento de outra forma.

Agora direi mais sobre este grande mistério. DEUS, que é Jeová, está por detrás de tudo o que vive: e envia ao mundo o Conhecimento e a Compreensão tal como uma fornalha lança chamas. E estas três Trindades de que falei são como três grandes chamas que saíram do Espírito.

A primeira delas foi apenas como uma chama que queima a matéria que deseja consumir, e anunciou a vinda de um fogo mais pleno. A segunda, da qual escrevi, é como uma chama maior que penetra a Matéria. E esta terceira, que ainda há-de vir, purificará toda a Matéria do mundo e deixará apenas aquilo que é a PRÓPRIA VIDA.

Mas isto não será senão dentro de muitas gerações. E não vos é dado saber como isso será revelado. E fui enviado para vos dizer que aquilo que está oculto na terra, quando for revelado, causará comoção no coração dos homens — não só na vossa terra, mas por todo o mundo.

Pois esse Sangue que é a Rosa Sagrada do Cristo tem Vida, como Ele tinha. E os milagres que por Ele serão realizados não só serão vistos pelos homens, mas penetrarão os seus corações e dar-lhes-ão uma compreensão mais profunda.

E agora, meu Irmão, dei-te aquilo que me foi dito que devia escrever. Gostaria que, à medida que o trabalho prosseguir, me peças conselho e orientação. E desejo que me voltes a falar, se algo do que te disse te parecer obscuro. E despeço-me, pedindo-te que me recordes nas tuas orações: pois estamos em comunhão íntima.

FILIPE

[Fim do Evangelho segundo Filipe, o Diácono]

Apêndice I

Acerca de Maria, Mãe de Jesus

(Testemunho de João)

É verdade que Maria era uma mulher de Nazaré. Era filha de um pastor que ali vivia — um pequeno proprietário de gado. A família era pobre e Maria foi criada da forma mais simples. Era a mais nova dos irmãos e nela não havia nada que indicasse que viria a ser a mãe do Cristo.

Maria foi escolhida para este propósito por causa da sua natureza extremamente passiva. Desde tenra idade foi servidora dos outros da família e sempre se portou com grande paciência, sem jamais se queixar por ter de servir. Isto perdurou até aos seus catorze anos. Nessa altura, a família não prosperava. O pai adoecera; e, embora a maioria dos filhos já tivesse saído de casa, Maria era ainda o pilar do lar.

A mãe, agora muito pobre e dependente do marido, ficou sem meios de sustento após a sua morte. Os outros filhos tinham partido para o mundo e restavam apenas ela e Maria. Surgiu então a oportunidade de Maria entrar ao serviço de um rico mercador em Jerusalém, parente distante de seu pai. Partiu com grande temor, e, se não fosse pela extrema necessidade da mãe, não teria deixado a sua terra natal.

A ligação com Belém não era com ela, mas com o seu senhor em Jerusalém. Familiares dele viviam lá, e foi por essa razão que José a levou para esse lugar quando se indignou contra ela.

Quero agora explicar como José e Maria se juntaram. Ela vivia em Nazaré quando ele a conheceu. Ele era um homem com mais do dobro da sua idade quando casou com ela. Apaixonou-se por ela quando ainda era uma criança.

Após a morte do pai dela, pediu-a em casamento e ofereceu-se para cuidar dela e da mãe. Ela recusou, não tendo desejo de casar. José seguiu-a até Jerusalém e, quando o patrão a expulsou por causa da sua gravidez, ele então se apresentou, oferecendo-se para cuidar dela e protegê-la, e para casar com ela depois do nascimento da criança. Vedes agora que ele guardava amargura no coração por ela o ter rejeitado inicialmente, e por só o ter aceite quando se encontrava em vergonha e aflição — ou assim ele pensava.

Depois da Crucificação, supunha-se que Maria era descendente de David. Havia um nome na sua família que apontava nesse sentido — um nome raro na Judeia naquele tempo e pouco comum na Galileia. Esse nome era **Jessé**. Maria descendia por linha materna de uma linhagem nobre. Havia tradições de que a família de Maria fora outrora poderosa na terra. Reivindicavam essa ascendência, embora tivessem caído em desgraça. Depois da crucificação, os Apóstolos recolheram tudo quanto puderam sobre este ponto, e a tradição tornou-se facto aceite. Maria era, em linha indireta, da Casa de David — e não o era pelo lado paterno. O nome da sua mãe era Ana, ou Hanna (esta era a pronúncia na Judeia).

Eis que a história está agora completa até ao momento da chegada a Belém. Deveis imaginar a situação: José ainda amava Maria como antes, mas estava indignado por ela o ter recusado e incrédulo quanto à conceção divina da criança; Maria, humilde, aceitando a única proteção que encontrara, mas plenamente convicta da sua inocência, pois tivera a visão do anjo que a avisara de que isso aconteceria, e estava segura no seu coração de que era a mãe do Messias esperado.

Esse era, naturalmente, o tema nos lábios de todos na Judeia naquele tempo. Maria tornou-se ainda mais passiva, aceitando a sua vergonha sem sentir desonra. Uma convicção interior de que era a Escolhida livrava-a de qualquer dúvida.

Apêndice II

Sobre a constelação do Messias e o dia e ano do nascimento de Cristo

Há duas dificuldades notórias na recuperação de memórias passadas por via do subconsciente. A primeira é a recuperação de nomes de pessoas e lugares, sujeita a confusão por associação com impressões latentes na mente do agente vivo; e a segunda é a rememoração de tempos e datas com alguma precisão.

Esta última é, de longe, a maior dificuldade, e não há grande dúvida quanto às razões que estão na origem desse fenómeno bem observado.

A medição do tempo é física e controlada fisicamente. Pela constante associação com os períodos de dia e noite alternados e com as estações do ano, bem como por eventos notáveis ligados a certos momentos, nós, mortais, desenvolvemos um sentido relativamente preciso da sucessão dos intervalos temporais. A nossa rotina de vida está tão dependente destes ciclos que instintivamente agimos em sintonia com eles, tendo consciência suficiente da sua ocorrência.

Mas se o funcionamento normal do cérebro for suspenso, como sucede em estado de sonho ou sob o efeito de algum narcótico ou anestésico, a relação da nossa consciência com o esquema temporal terreno altera-se indefinidamente, podendo até ser totalmente apagada por algum tempo. Sob o efeito do ópio ou do haxixe, um momento pode parecer quase uma eternidade ou, inversamente, um longo período pode parecer comprimido.

Parece, pois, que o sentido da medição precisa do tempo depende do funcionamento harmonioso de duas ordens de consciência: a que chamamos intelectual e aquela que poderíamos designar como intuitiva — que se relaciona com as realidades subjetivas, mais do que com as atualidades objetivas da vida.

Estas comunicações de Filipe presumem vir de alguém que, há já muitos séculos, vive num estado de consciência tão afastado da experiência terrena que perdeu os elos que, no nosso caso, regulam a perceção do tempo. Esses elos, ou seja, os mecanismos internos de contagem e perceção temporal, ficaram em suspensão por falta de uso. Mas, se ele quiser reavivar as suas memórias da experiência terrena, terá de restaurar o seu sentido de tempo, a sua noção de proporção cronológica, para nos transmitir a sequência correta e os intervalos reais dos acontecimentos que pretende narrar. E parece que isto não é tarefa fácil nem simples para ele.

Numa questão tão importante como a da verdadeira data do Nascimento do Nosso Senhor, é naturalmente de extrema relevância que ele consiga recuperar os meios certos de medição e assim ligar o seu conhecimento dos acontecimentos à escala temporal do mundo. Mas é precisamente isso que ele não consegue fazer; pois, tendo estado desligado da escala temporal terrena durante tanto tempo, acha quase impossível ajustar as suas impressões mentais a ela.

É por isso chamado outro espírito em seu auxílio — a mente de alguém que, em vida, pode ter observado de forma muito mais rigorosa do que Filipe os tempos e as estações do mundo terreno, e que assim adquiriu a capacidade de manter consigo, mesmo depois da morte, o poder de restaurar à vontade a proporção ideal entre a consciência terrena e a supraterrestre. Esse é Johannes, o doutor judeu da tradição rabínica, que habitualmente controla a mão e a mente do médium.

Johannes disse (com data de 4 de Junho de 1926):
"Posso falar-vos melhor do que Filipe sobre o tempo. Quando as almas passam para aqui, já não conseguem medir o vosso tempo. O único método de que dispõem é pedir ajuda aos guias que mantêm contacto próximo com o mundo."

Depois acrescenta, sobre o nascimento:
"Ouvi o que Filipe vos contou. Permitir-me-eis, mais tarde, rever convosco o relato do Nascimento? Creio que está quase certo, mas há alguns pontos que gostaria de corrigir. Filipe não tem culpa. Esta parte da tarefa deve ser cumprida por um dos guias auxiliares."

O autor pergunta então a Johannes se poderia confirmar a data do nascimento. Johannes responde:
"Sim, posso dizer-vos. No vosso calendário, foi a 27 de Julho. Estou seguro disto. Foi no auge do calor na Judeia. Deveis entender que o ano não começava como o vosso. A contagem era diferente. Os meses não estavam divididos da mesma forma."

Questionado quanto à hora do nascimento, Johannes respondeu:
"A criança nasceu às três da manhã. É a hora em que, de facto, Ele foi libertado para o mundo. O cálculo de Filipe não está longe, mas esquece-se de que, por volta das quatro da manhã, já seria quase impossível ver as estrelas no céu oriental. Dei-vos a hora como a calculei. Mais tarde, dar-vos-ei a constelação com precisão. Penso que neste ponto Filipe está bastante correto. O tempo é o que o dificulta. Ele não consegue medir dias e meses. É melhor recorrer a mim nestas questões."

A data de 27 de Julho dá-nos, então, a constelação de que Filipe fala, três anos antes do início da vossa era cristã — ou seja, no ano 3 a.C.

Análise do relato de Filipe sobre a constelação

Em 29 de Novembro de 1924, Filipe escreveu:
"As estrelas vistas nessa altura eram cinco, e esse número encabeça a constelação… A leste de Belém viram a estrela, mas a sul da Cidade Santa."

Foi desenhado um diagrama mostrando uma formação cruciforme de estrelas. Os braços da cruz terminavam ambos em estrelas duplas, com os números 5.9 e 4.3 indicados. Ainda não surgiu explicação satisfatória para esses números.

Filipe acrescenta:
"Era o tempo do Caranguejo. Encontrareis essas estrelas ali; mas não como as desenhei, pois estão mais afastadas."

O autor do estudo não estava familiarizado com a disposição das estrelas da constelação zodiacal de Câncer, atualmente signo de verão, mas é necessário lembrar que desde o ano 3 a.C. — data provável do Nascimento — o Sol recuou quase um signo inteiro no seu movimento precessional. Naquele tempo, encontrava-se em Leão, durante a estação em que hoje se encontra em Câncer. Isso tornaria o Caranguejo o signo heráldico da manhã, já que o Sol estaria então pouco abaixo do horizonte oriental. Até aqui, portanto, Filipe oferece uma orientação astronómica razoável.

Consultando um bom atlas estelar, foram identificados dois grupos de estrelas na constelação de Câncer que correspondem aproximadamente àquelas indicadas nas extremidades dos braços da cruz desenhada por Filipe. Entre estes, o grupo à direita do observador é o mais importante. É conhecido pelos romanos como **Praesepe**, ou "A Manjedoura". Trata-se de um facto curioso. A linha que liga os braços da cruz, se prolongada, toca o horizonte num ponto a sul de Jerusalém, aparentemente junto a Belém, vila que fica quase diretamente a sul da cidade. Aqui temos, segundo o testemunho de Filipe, um símbolo celeste da **Manjedoura** onde Cristo nasceu, apontando na hora do Seu Nascimento diretamente para o local do Seu nascimento.

Filipe indicava as 4 da manhã como hora da Natividade. Johannes corrige e diz 3 da manhã. Assumindo que o nascer do Sol em latitude 31 ocorre por volta das 5 da manhã no dia 27 de Julho, e estando o Sol em Leão, parece plausível que Câncer estivesse apenas visível no horizonte oriental por volta das 3 da manhã.

Existem ainda outras dificuldades que surgirão quando considerarmos os planetas mencionados por Filipe como estando nesta "constelação". O sinal esperado era uma congregação de estrelas e, nas palavras de Filipe:

"Não era uma constelação tal como as encontrareis nos livros dos antigos astrónomos, os quais liam os astros e os fixaram nessas linhas que hoje desenhais."

Sobre o facto de o aglomerado da "Manjedoura" (Praesepe) se encontrar no braço da cruz, Filipe comentou o seguinte:
"Sim, isso é o que estava escrito em relação ao nascimento do Cristo. Sabeis que nos céus estão escritos todos os grandes acontecimentos do mundo. Assim foi que o nascimento na manjedoura se situava por cima do lugar onde o Cristo nasceu."

Sem conseguir relacionar o simbolismo do Caranguejo com a ideia da Sagrada Natividade, foi perguntado a Filipe: *"Porque não foi o Signo da Virgem o núcleo da configuração estelar?"* Ao que Filipe respondeu:
"Fazeis aqui uma pergunta muito sensata, e vou responder-vos. Pensais que, sendo o nascimento esperado de uma virgem, esse sinal devia ter sido escolhido para a vinda do Cristo. Mas não foi escolhido por causa do

significado daquele outro sinal, no qual estavam a manjedoura e os jumentos."

(Existem duas pequenas estrelas conhecidas como Aselli que estão colocadas de forma a "olhar" para o aglomerado Praesepe.)

**"A Virgem não era virgem no sentido em que deu à luz um filho, o símbolo do Pai que está acima de tudo. Mas o Caranguejo é símbolo d'Aquele que é todo-poderoso: pois nele tendes a única criatura que pode andar para trás e para a frente. É símbolo d'Aquele que Foi, que É, e que Há de vir.

Vede que este é o sinal da Vida que é eterna: pois está tanto antes como depois do nascimento em Belém. Está claro para vós, Irmão? O signo de Virgem é um que denota uma mulher que viveu imaculada, e tal seria adequado para quem fosse uma santa. Sob esse signo nasceu João."**

A CONJUNÇÃO PLANETÁRIA

Filipe indicou um agrupamento de três planetas dentro da constelação:

1. A **Lua**, na cabeça da cruz
2. **Marte** (Ares), no centro ou intersecção dos braços
3. **Vénus**, na base

Questionado sobre o significado destes, Filipe respondeu:
"Estes são os sinais que estavam próximos quando o Cristo nasceu. O significado de Vénus é o advento daquela luz que trouxe Beleza aos filhos dos homens. O significado de Ares é aquele que provocaria guerra para que a luz pudesse brilhar. E o significado de Luna, que está acima, é o da Água, que é do Espírito. Sabeis que está escrito nos evangelhos: *'Aquele que nasce da água e do espírito'*. Luna está acima de todos os outros nesta constelação."

Foi então perguntado a Filipe: *"Que significam as estrelas duplas? Que símbolos encerram?"*
Ele respondeu:

"Isso também será para vós um mistério. Devo dizer-vos que são símbolos da Vinda e da Partida do Cristo. São símbolos do Corpo e do Espírito, do Homem e do Deus. E significam que Ele vem do Oriente e parte para o Ocidente. Notastes que Ele parte pelo lado oposto àquele por onde veio — Ele que é 'Corpo e Espírito — o Pai e o Filho.'"

Segundo o diagrama de Filipe, o eixo da cruz estaria aproximadamente numa linha apontando entre as estrelas **Cástor e Pólux**, da constelação Gémeos. A posição de Vénus seria quase verticalmente inferior, com a Lua e Marte

situados entre ambas. Presume-se, a partir da descrição de Filipe, que o momento do nascimento seria aquele em que a Lua se alinharia com os outros dois planetas. A linha que ligaria os braços da cruz apontaria para Belém, e o eixo vertical para baixo. Mas quanto a este último, tudo dependeria da posição real da Lua e de Vénus, determinando a inclinação do eixo. Os braços, claro, estariam sempre fixos. Ares (Marte) está claramente colocado no centro, entre os dois grupos de estrelas que marcam a constelação do Caranguejo.

Segundo a tradição antiga, o boi e o jumento olham para dentro do estábulo onde o Cristo nasce. Isto pode ter ligação com um símbolo astronómico. O signo do Caranguejo (Câncer) é associado à tribo de **Zabulon**, cujo emblema simbólico é *"um habitante do mar"* (Génesis 49:13), ou noutros textos, *"um habitante da caverna"*.

"Ele vem do Oriente e parte para o Ocidente", diz Filipe, e é claro tanto no seu evangelho como noutros escritos que ele quer dizer que o Evangelho de Cristo teria o seu desfecho e plenitude no mundo ocidental.

Em ligação com o símbolo do "habitante da caverna", recordamos a lenda ou tradição do nascimento do Senhor num estábulo ou gruta, conforme se lê em certos livros apócrifos.

A CONSTELAÇÃO DO MESSIAS

DADOS ASTRONÓMICOS

Os pontos fortes do relato de Filipe, à luz da astronomia, parecem resumir-se assim:

1. Indicou-nos o signo ascendente adequado à hora da madrugada, numa estação do ano compatível com a data sugerida.
2. Colocou a Lua e Vénus em posições normais, dependendo apenas da data.
3. Apontou dados notáveis sobre as estrelas de Câncer, absolutamente desconhecidos antes.
4. Forneceu um sistema de simbolismo engenhoso e certamente interessante.

Surgiram dificuldades quanto à data proposta para o nascimento e faltava encontrar um alinhamento especial de planetas — estes três — em Câncer entre os anos 9 a.C. e 1 a.C. Sabe-se que **Vénus** poderia aparecer em Câncer nesse período não mais tarde do que Setembro, mas **Marte** só esteve em Câncer duas vezes entre 14 a.C. e 1 d.C., nomeadamente em **10 a.C.** e **8 a.C.**

Além disso, **Johannes parece estar errado pelo menos por um ano** ao afirmar que o nascimento ocorreu a 27 de Julho de 3 a.C. Tal data não se concilia com a afirmação de Filipe sobre a posição da Lua na constelação.

A Lua estaria, evidentemente, no seu último quarto — uma crescente minguante, cerca de três dias antes da conjunção com o Sol. Mas em 27 de Julho de 3 a.C., a Lua estava numa fase completamente diferente. **Se Johannes tivesse dito 2 a.C., teria sido uma indicação perfeita.** E seria necessário recuar alguns anos para encontrar uma coincidência tão boa. É possível, portanto, que tenha cometido um erro de um ano.

Nota técnica explicativa
(Recontagem retrógrada)

1. De 25 de Dezembro de 1 d.C. até 27 de Julho do mesmo ano: 1 ano
2. De 27 de Julho de 1 d.C. até 27 de Julho de 1 a.C.: 1 ano
   Total: 2 anos e 5 meses, o que poderia ser facilmente interpretado como “três anos” — possível origem do erro. — *F. B. B.*

Um estudante de astronomia confirmou que Marte esteve em Câncer apenas em 10 a.C. e 9 a.C. Assim, somos levados a considerar que Johannes poderá ter errado por cinco ou seis anos, e que os arqueólogos bíblicos podem estar mais próximos da verdade ao supor, como fazem alguns, que o nascimento terá ocorrido entre **8 a.C. e 6 a.C.** Em muitos seminários teológicos, a data **6 a.C.** é atualmente aceite como a mais provável.

O COMETA OU ESTRELA ERRANTE

Restava ainda uma possível confirmação: o relato de Filipe sobre a grande estrela **“que era apenas uma errante nos céus.”** Essa estrela — que ele admite ser um **cometa** — estaria situada **verticalmente acima da Lua**, e portanto também alinhada com os restantes planetas.

Se desejares, posso continuar com a tradução da descrição astronómica da Estrela errante ou com mais interpretação simbólica das posições dos planetas.

Agora, a questão é saber se existe algum registo de um cometa notável para um dos anos entre 9 a.C. e 1 a.C. Ou se os períodos dos cometas regulares os trariam ao periélio num desses anos e na época do ano que Johannes indicou?

Toda a questão só poderia ser resolvida por uma investigação cuidadosa ou pelo parecer de alguém de autoridade incontestada no domínio da ciência astronómica. Não ousaríamos assumir que os nossos informadores extraterrenos tenham conseguido transmitir com um grau substancial de

exatidão aquilo que desejavam comunicar. Por outro lado, não devemos duvidar do seu desejo de serem verídicos, sabendo como sabemos quão intensamente difícil é a tarefa que lhes cabe ao transmitir detalhes de acontecimentos temporais a partir de uma esfera onde todo o conhecimento dos tempos e estações terrestres normalmente desapareceu. É, portanto, com particular satisfação que oferecemos agora a tão procurada verificação do relato de Filipe sobre a Constelação do Messias.

VERIFICAÇÃO DA FIGURA CELESTE DADA POR FILIPE POR UM ASTRÓNOMO AMERICANO DE RENOME

Já se terá notado que os conselhos de Johannes e a opinião daqueles que consultámos não chegaram a um verdadeiro consenso quanto à data da Natividade determinada pela posição das estrelas. Como mencionado anteriormente, o ano 6 a.C. é aceite entre estudantes de teologia, provavelmente por motivos históricos.

Foi, por isso, com grande satisfação que, através da intervenção de um amigo comum, um dos nossos principais astrónomos acedeu gentilmente a fazer um exame rigoroso de toda a questão com base nos dados fornecidos pelo relato de Filipe.

Este astrónomo, cujo nome deve permanecer confidencial por razões pessoais, deu-nos a sua opinião por escrito, sendo esta a seguinte:

“Há três datas dentro de um intervalo de cem anos nas quais tal configuração poderia ocorrer. Uma delas é o ano 6 a.C., e a data é **27 de Setembro**. As outras duas são, respetivamente, 70 a.C. e 25 d.C.; ambas estão claramente fora da margem de referência para o início da nossa era.”

A escala anexa indica o momento aproximado em que se verificou esta conjunção. Podemos chamá-la de **6–7 a.C.**

A conjunção destes três planetas no signo do Caranguejo é recorrente, e tende a repetir-se, em média, a cada **31,4 anos**. Contudo, nem sempre é visível em forma perfeita. Haverá aproximações ao agrupamento ideal.

Ao apresentar esta solução, o nosso astrónomo acrescenta uma nota muito interessante sobre a recorrência da figura no ano de graça de **1932**:

“Penso que as datas estão aproximadamente corretas. É interessante notar que a configuração se repete este ano. Há duas datas — **30 de Julho de 1932** e **28 de Agosto de 1932**. A 28 de Agosto, a configuração é particularmente próxima.”

Apêndice III ao Evangelho de Filipe, o Diácono

SOBRE O SANGREAL

Nos escritos de Filipe recebidos antes da entrega do seu Evangelho, a história do **Sangreal** surge como um fio constante na sua narrativa. Aparece espontaneamente como um elemento essencial ao seu relato, apesar de nunca ter sido um tema proeminente nos pensamentos ou estudos de nenhuma das duas pessoas envolvidas na tarefa de registar esses escritos. Pode ainda afirmar-se com plena verdade que nenhuma delas havia anteriormente feito qualquer estudo aprofundado da literatura do Santo Graal, e o presente autor apenas possuía um conhecimento superficial da teia de lendas cristãs e pagãs inseridas nos textos das românticas medievais da Demanda.

Foi, por isso, uma surpresa intensa descobrir que a história de José de Arimateia levando o Sangue de Jesus num cálice de madeira estava entrelaçada no relato evangélico como parte integrante do mesmo. E a primeira reação foi de certo pesar pelo facto de um tema tão alheio à narrativa bíblica tradicional estar ali inserido de forma tão íntima, tornando-se praticamente impossível separá-lo do corpo principal da história evangélica. Mas lá estava ele, e, por mais incómodo que fosse, teria de ser tratado com justiça e não poderia ser ignorado.

A história de Filipe, conforme anteriormente apresentada, relata que **José de Arimateia** levou o Sangue para sua casa, ocultando o cálice na sua câmara privada; e que mais tarde mandou fazer um relicário de fino lavor em metal precioso para proteger esse tesouro. Um dia, ao abrir esse relicário para venerar a relíquia sagrada do seu Mestre, fica aterrorizado ao descobrir que o cálice desaparecera, e no chão do relicário jazia uma **estranha joia**, como um berilo límpido, atravessado por um **veio de cor vermelho-sangue**.

A voz de Cristo diz-lhe então que tenha bom ânimo, pois aquela jóia é o Seu Sangue, **consolidado em forma permanente** para que possa perdurar através dos séculos, até ao tempo em que a Fé esteja desvanecida e seja necessário um novo Sinal para restaurar ao mundo — que agoniza em dúvida e confusão — a plenitude de uma fé quase extinta.

Foi impossível abalar a certeza com que esta narrativa foi apresentada. O facto é afirmado e reiterado vezes sem conta: que **a joia do Sangreal está preservada, enterrada em segurança debaixo da terra**, aguardando o Dia designado para a sua revelação, como o **último e maior dos milagres do Cristo Vivo**.

O local do seu ocultamento não é descrito de forma obscura. Está situado naquele que, mais do que qualquer outro, é sagrado para a grande nação evangelizadora do Ocidente como **berço da primeira missão cristã à ilha da Bretanha**: ou seja, em **Avalon**, agora conhecida como **Glastonbury**, onde a

tradição antiga afirma que **José de Arimateia construiu a primeira igreja cristã em solo oferecido pelo príncipe nativo Arviragus**.

Embora a base histórica da vinda de José seja escassa, não estamos entre aqueles que desprezam a tradição, nem simpatizamos com a escola modernista de crítica que se ri da simplicidade dos que atribuem peso à lenda da missão de José, considerando-a uma invenção monástica medieval, criada para aumentar o prestígio de uma casa religiosa desejosa de superar os seus rivais na disputa por relíquias capazes de conferir maior autoridade espiritual.

A tradição não pode ser inventada, e neste caso ela está amplamente difundida e é estranhamente consistente. Além disso, esta pretensão é reforçada pelo facto indiscutível de que, desde tempos bastante antigos, **a prioridade da missão de José à Bretanha foi reconhecida em determinados grandes Concílios da Igreja.**

É, aliás, bastante provável que a arqueologia venha ainda a provar a existência desta fundação cristã primitiva, ao revelar vestígios de um assentamento com um plano arquitetónico que só pode associar-se a épocas remotíssimas. Já existe razão suficiente para se crer que assim será. Certos dados já foram recuperados que claramente apontam nessa direção, e a qualquer momento, escavações adicionais num local ainda muito pouco explorado poderão confirmar o que já foi descoberto. Os dados em causa sugerem que a descrição de Guilherme de Malmesbury quanto à forma da primeira capela **não foi, de modo algum, uma invenção** sua ou de algum escriba posterior supostamente responsável por interpolações.

Este ponto não nos deve preocupar demasiado. O que nos deve preocupar é a veracidade do Milagre do Sangraal. Para a razão, toda a história pode parecer fantástica, e a incorporação de tal tema na mais sagrada de todas as narrativas poderia parecer à mente religiosa algo supersticioso ou até mesmo blasfemo, não fosse o facto de ser tratado por Filipe de uma forma que exclui qualquer suspeita de superstição ou blasfémia, no que diz respeito ao seu tratamento do tema. Pois Filipe escreve num estado de grande e quase apaixonada sinceridade, revelando uma convicção profunda que dificilmente deixará de ser transmitida aos seus leitores.

E a visão de Filipe sobre o miraculoso não é supersticiosa. Bem longe disso, ele apresenta sempre uma visão fundamentada e admissível até pela ciência mais recente no domínio da “metapsíquica”. Pois aqui temos o registo de um mistério explicável com base estritamente análoga aos restantes milagres de Cristo — tanto os realizados por Ele durante a parte final da Sua missão como aqueles que se manifestam através d'Ele no corpo espiritual após a ressurreição. Ou seja, o Milagre do Sangraal é da mesma natureza dos acontecimentos supranormais que, como crentes sinceros nas narrativas evangélicas aceites por toda a Igreja, já estamos obrigados a admitir. Na

perspetiva de Filipe, todos estes milagres são demonstrações do domínio do espírito e da alma sobre a matéria, e do controlo da matéria pelos poderes da alma que, no caso de Jesus, adquiriu domínio sobre todas as condições materiais grosseiras associadas à utilização do tabernáculo carnal. Ele diria que o Corpo de Cristo foi tão espiritualizado pela pureza da Sua vida que cada átomo da Sua carne, cada gota do Seu sangue, era harmoniosamente controlada pela Alma e pelo Espírito do Mestre.

E quem ousaria contestar essa afirmação à luz do que estamos agora a começar a compreender através do estudo que a ciência faz das possibilidades da "lei metapsíquica"? Filipe está bem consciente destas descobertas modernas. Ele apela ao nosso próprio conhecimento dos factos da lei psíquica ou metapsíquica e nós, conhecendo pela nossa própria experiência a realidade destes fenómenos — como a 'materialização', 'desmaterialização', produção de 'apportes', corpos tangíveis, luzes e perfumes — tudo, por assim dizer, vindo do espaço vazio, somos levados a admitir que a analogia entre esses 'milagres' da sua história e os acontecimentos atuais do nosso tempo é tão próxima que chega a constituir identidade.

Se aceitarmos a ideia de que o propósito da missão de Cristo foi vencer a morte e trazer à luz a imortalidade, não vemos nada de irreverente ou irracional em supor que o Seu método foi demonstrar a possibilidade, em todos os homens, do domínio da carne pelos poderes do espírito (ou da alma), pelos meios mais práticos — nomeadamente, a prova no Seu próprio corpo de que, como filho do homem, podia demonstrar de várias formas os resultados atingidos por tal poder. E assim é-nos dado um motivo para os constantes milagres por Ele realizados — um motivo que, pensamos, Lhe é mais honroso do que assumir que foram feitos apenas para atrair ouvintes ao Seu discurso ou para manter viva a sensação da Sua autoridade como mestre.

À luz das analogias modernas, não há nada de incongruente com a razão na crença de que o Mestre podia e efetivamente dissolvia, à vontade, as partículas materiais da Sua carne na sua substância mais subtil; e pensamos que os elementos mais vitais do sangue seriam o meio mais pronto para exibir esse poder. A substância eterizada, sendo obediente à Sua vontade, poderia condensar-se novamente em qualquer forma simbólica — e aqui temos uma sugestão sobre a verdadeira natureza de muitos dos mistérios do Graal.

Não há fronteira fixa para as maravilhas da ciência do espírito: não há casa intermédia onde os seus estudiosos possam refugiar-se contra o temor do que é desconhecido ou incompreensível. Os poderes do espírito são ilimitados, e em Jesus esses poderes estavam plenamente encarnados. Assim, o Milagre do Sangraal não é mais impossível do que qualquer outro milagre da fronteira entre o espírito e a matéria que a ciência moderna está agora a explorar com reverência e grande atenção.

A razão deve, no fim, inclinar-se ao estudo das coisas místicas, e quando isso acontecer, a era do materialismo estará próxima do fim. A superstição desaparecerá. E todos os males que esses dois monstros gémeos geraram perecerão com os seus criadores.

Quanto à história da recolha do sangue de Cristo no cálice por José — haverá algo inerentemente improvável neste ato? A resposta é 'não'. Os registos da fé religiosa atestam que se atribuía grande virtude ao sangue de um profeta. Desde tempos antigos que era costume conservar tal sangue, pelas virtudes que se acreditava que possuía. Ainda hoje, encontra-se guardada num cofre de um banco em Beirute uma antiquíssima redoma contendo o sangue de alguém que se diz ter sido um grande profeta ou mestre, e a ela é atribuído um valor que se equipara ao de uma pedra preciosa famosa.

A Igreja Cristã sempre atribuiu elevado valor às relíquias consideradas conter o sangue de Cristo e dos santos, e, novamente, associa-lhes virtudes místicas de cura. Glastonbury é o lar de uma das mais definidas tradições deste tipo. Segundo a tradição mantida no mosteiro, José teria trazido consigo duas pequenas ânforas de prata, uma contendo o Sangue e outra o Suor de Cristo, e estas teriam sido sepultadas com ele no seu túmulo, na bifurcação dos caminhos no lado sul da Ecclesia Vetusta.

Os frascos simbólicos estão representados nos vitrais medievais ainda existentes na janela da capela-mor sul da Igreja de São João, em Glastonbury, e podem também ser vistos esculpidos num escudo de pedra na balaustrada da igreja de São Benigno. Ambos estão associados ao Crucifixo e, no caso do vitral, à Rosa Mística, cujas pétalas vermelho-sangue se espalham sobre o escudo. Filipe utiliza frequentemente o símbolo da Rosa quando fala da joia do Sangraal.

Um eminente estudioso das lendas do Graal observou que a história de Filipe realça os elementos verdadeiramente cristãos do mito, descartando os pagãos. A Pedra, a Luz Rosada e o Perfume de Incenso são as três características principais da tradição verdadeira do Sangraal na sua forma mais antiga conhecida. Em Glastonbury, a lenda do Incenso sobreviveu ao longo dos séculos e está associada a vários episódios da história da casa religiosa e à vinda de homens santos.

Curiosamente, reaparece nos nossos dias. O *Churchman's Guide* refere-se a isso como um fenómeno efetivamente observado até ao ano da graça de 1910. Por essa altura, foi publicado um artigo no *Daily Chronicle* no qual se registavam diversos casos em que visitantes das ruínas notaram uma fragrância belíssima, de carácter semelhante a incenso, cuja origem nunca foi identificada. Há bastantes testemunhos independentes sobre este fenómeno, que se tornou motivo de especial interesse para numerosos visitantes e peregrinos deste antigo santuário.

Filipe não considerou apropriado incorporar a explicação completa do Mistério do Sangraal no texto do seu Evangelho. Nas suas próprias palavras, que aqui citamos, diz ele:

“É justo que este mistério seja compreendido, mas não o deveis incluir no Evangelho; tomai uma folha em branco, e nela vos escreverei em palavras simples o mistério do Sangraal. Isto devo dar-vos, bem como a razão da fé de Artur no Santo Cálice: pois foi por ele que foi enviado de volta ao Mundo.”

Fiel à sua promessa, tentou a elucidação do mistério, como o seguinte registo testificará. Ao que ele escreveu foi acrescentado algum comentário por outros escribas, recebido pela mesma mão. Estes serão identificados pelas iniciais no início de cada parágrafo citado. Filipe diz:

“Meu Irmão, gostaria agora que me permitisses falar do mistério que está na raiz desta história do precioso Sangue do Cristo. Deveis considerar isto como uma narrativa separada do Evangelho, pois diz respeito ao que veio antes do Cristo e ao que virá depois d'Ele e permanecerá por todos os tempos.”

“Agora quero que saibais que o precioso Sangue do Cristo é um dos muitos símbolos que foram dados ao mundo desde os tempos primordiais. Este é o símbolo da Festa que dá nova vida àquele que foi exaurido pelo seu labor. A Videira é o símbolo disso; mas a Videira apenas representa o corpo, e à alma não dá consolo, mas sim, confusão. Mas este é o Sangue do Deus — a Vida que vem da grande Força que está por detrás.”

Nos tempos antigos, e ainda hoje em certas terras onde o homem é ainda apenas uma criatura instintiva, acredita-se que o sangue de outro homem pode conferir força dobrada se for bebido, e que o sangue de um guerreiro pode tornar outro num combatente. Assim vedes que este sinal foi dado desde tempos remotos.

E quando o símbolo da Ceia foi instituído por Cristo, também este foi tomado por aqueles que O seguiram como um sinal igual aos que já haviam existido antes.

DO ACTO DE JOSÉ

Agora sabeis — pois já vos disse — que há alguns que parecem vivos como os demais homens, mas que conseguem afastar-se dos seus corpos e, por algum tempo, tornar-se como nós, espíritos: mas, ao contrário de nós, podem regressar aos seus corpos e tornar-se novamente homens vivos. Assim era o meu querido Pai desde o início. Quando se ocupava dos seus afazeres terrenos e do trabalho, era como os outros, embora não tivesse boa memória para as coisas do dia-a-dia que diziam respeito aos que estavam com ele.

Mas por vezes deixava o corpo. E após o seu regresso tornava-se inspirado e falava como quem tinha penetrado no mundo que é o limiar deste.

Assim, quando, na sua grande agonia, ele se aproximou e permaneceu junto de Cristo enquanto Este sofria, o espírito de José libertou-se do corpo e, no espírito, realizou os atos que vos foram relatados.

Recolheu o Sangue no Cálice e levou-o para casa, onde o guardou até ser levado para o nosso lado e transformado na Pedra, como já vos disse. Mas destas coisas não podia reter memória. Movia-se, executando as suas tarefas como quem sonha. No entanto, não estava em transe.

Assim foi que, depois de Cristo ter sido retirado da cruz, José, tendo recolhido o Sangue do lado de Cristo, foi em espírito até à sua casa e ali depositou o cálice. Mas, num instante, regressando ao corpo, cumpriu os ofícios que vos relatei.

José sabia que tinha feito esta coisa: mas ninguém o viu, salvo João, que, do lugar onde estava, podia ver os pés da Cruz. João testemunhou perante todos nós que viu isto acontecer.

Vedes, então, que desde o início este Graal ou cálice era uma realidade e, no entanto, não o era — ou seja, uma realidade espiritual, mas não material. Manifestava-se apenas nos momentos em que nos ajoelhávamos em adoração, ou quando surgia grande dificuldade entre nós. Assim era uma pedra e nada mais quando “dormia”: pois era necessário que o Espírito nela entrasse para que emanasse luz e fragrância doce.

E isso não pode acontecer a menos que as almas dos homens sejam movidas de tal forma que irradiem a sua luz interior, para que esta encontre a outra Luz que vem de fora.

Assim deveis compreender que o que José vos disse é verdadeiro em todos os seus pontos: pois o seu espírito fez aquilo que o seu corpo não poderia ter feito. E vereis também que o Santo Cálice é uma realidade, e, no entanto, no vosso sentido, não o é: pois só em certos momentos, quando há necessidade, se pode manifestar. E agora podeis compreender em parte o mistério dos contos de Artur. Sabeis que há épocas em que alguém vem ao mundo que, sendo menor do que o Cristo, possui contudo as mesmas propriedades. Assim foram os Três Mensageiros. Assim também os Profetas. E todos aqueles que têm o dom de ver e ouvir além deste mundo possuem algo dessa mesma propriedade.

Ora, Artur era um homem e um rei; e também era alguém que viera da Grande Força que está por trás de tudo. Ele, Artur, conhecia todo o mistério do Graal: pois foi-lhe revelado — ou melhor, ele veio ao mundo com esse conhecimento. Sabia que o Sangue não existia na Terra senão como símbolo: e que, para que

fosse mostrado, teria de haver uma cerimónia ou reunião dos crentes, para que emitissem o seu espírito e assim chamassem o Espírito a si.

Mas nenhum dos seus cavaleiros sabia disto, salvo Galahad. Pois estes, tendo no coração as crenças de Cristo, guardavam também as crenças anteriores a Ele. Assim sabeis que tomaram para si símbolos que já haviam sido usados no meu país, a Grécia, e em muitos outros. E tomando tudo isso com o ensinamento de Artur, formaram uma nobre companhia, na qual existia todo o conhecimento deste mistério, salvo o conhecimento do que Artur era e do que poderia provocar a manifestação do San Graal.

Lembrastes-me que esta Pedra era uma joia real no sentido terreno. Foi trazida a José pelo Espírito do próprio Cristo. É por isso que é tão preciosa: pois onde está o Espírito, deixa algo de Si. O Espírito não é matéria como o corpo do homem. O Espírito é um conjunto de átomos infinitamente pequenos (como o grão de mostarda), cada um deles com vida interior própria. Onde o Espírito está, ali hão de estar dispersas algumas dessas vidas. E se o Espírito assim o desejar, mais pode ser concedido àquilo que Lhe é precioso.

Pois aquilo a que chamais vida é, na verdade, apenas o Espírito; e sem o movimento desse espírito nada pode ser realizado na terra ou nos céus. E aquilo a que se chama o Espírito nunca morre, mas recria-se a si próprio como o faz o ano ao surgir a primavera. Vedes o símbolo disso na minha própria terra, na Morte de Narciso.

E vede-Lo de novo na história do San Graal quando o Rei Ferido volta à vida: pois esta é uma verdade que está na raiz das coisas e deveis compreender que ela se manifesta de uma forma ou outra em todos os tempos. O Rei Ferido, que é do tipo de Narciso, é o símbolo do inverno, roubado da sua fertilidade. Essa é a ferida que o faz desfalecer.

Agora tendes a interpretação daquilo que vos disse ao afirmar: “Assim é o Sangue de Cristo debaixo da terra: é o Corpo, a Alma e o Espírito.” O Corpo é a Pedra: a Alma é aquele que desperta a Pedra e lhe dá entrada ao Espírito. Assim tendes de novo a Trindade: a Pedra que é apenas matéria; a Alma, que é a alma do Homem e opera através da Mente; e o Espírito, que entra ao chamado da Alma. Dei-vos o relato do meu querido Pai. Desejo que compreendais, por isso, que aquilo que vos é invisível pode, ainda assim, estar presente — e ser de uma essência mais real do que todas as coisas visíveis aos vossos olhos.

Por esta razão é verdade que o Sangue foi retirado do lado de Cristo, embora ninguém o tenha visto salvo aquele a quem foi confiada essa missão.

E esta Verdade foi manifestada na minha presença muitas vezes: pois a Pedra, quando transportada no manto de José, era como as outras pedras: tinha em si uma vida tal como em todas as coisas criadas: mas não um espírito. Por vezes

era vista em visão, mas não por olho mortal. Quando a Pedra foi finalmente colocada num Cálice de ouro, o Irmão chamado Petrus também a viu: mas foi o único homem a quem essa visão foi concedida de forma substancial. Vários a viram, mas apenas em visão. Falo daqueles que viram Cristo erguer-se do cálice antes que o Sangue se tornasse Pedra. João não viu a figura de Cristo: mas foi o primeiro a ver o brilho da Rosa e a sentir o doce aroma.

(Nota: É claro que a tradição da recolha do sangue de Cristo num cálice era acreditada na Igreja primitiva. Não só as muitas relíquias acreditadas do Santo Sangue o atestam, com o aval da Igreja, mas também, no tipo antigo de Rood ou Crucifixo, o Cálice aparece aos pés da figura de Cristo e o sangue escorre para ele. Tal pode ser visto, por exemplo, no grande Crucifixo da Catedral de Lucca.)

(João) "Há uma necessidade na alma humana que requer alimento para se manter viva, assim como o corpo necessita de comida. Essa necessidade da alma é o desejo de conhecer as verdades fundamentais e o significado do Universo. À medida que o cérebro do homem se torna mais desperto com o desenvolvimento do intelecto, essa necessidade torna-se mais aguda. Mas como há véus que devem ser descerrados entre os pliegues do Universo, há sempre a necessidade do Símbolo, que coloca a mente e a alma num estado de serenidade, permitindo-lhes vislumbrar a verdade interior."

As religiões do mundo sempre existiram através de símbolos. O homem que nega o seu Deus e recusa olhar para além da sua própria mente consciente é aquele que rejeitou os símbolos — lançou-se de novo nas trevas e recusou olhar pelas janelas da sua alma.

O Cristianismo não teve necessidade de símbolos enquanto a Figura de Cristo estava entre o povo: pois o próprio Cristo era um símbolo do Deus que está por detrás. Mas quando Ele foi recolhido para a Luz maior, houve então, por um tempo, trevas: e uma nova luz tornou-se necessária para que a Fé não morresse completamente. Pois a Fé não pode viver apenas de tradição ou de história. Tem de haver um sinal tangível ou visível, se é para perdurar.

SIMBOLISMO DA EUCARISTIA

A Ceia da Eucaristia foi o símbolo sugerido pelo próprio Cristo. Mas na fundação da Igreja, depois de os Apóstolos se terem aconselhado entre si, muito foi acrescentado ao banquete simples e despojado que Cristo pretendia. Cristo queria que estivesse água sobre a Santa Mesa: mas no novo ritual, o vinho foi substituído à água. Qualquer serviço ou ritual centrado num símbolo tem o poder de retirar, por um momento, o véu que cobre o interior do Universo.

Assim, o Ritual do Santo Sacramento é, na verdade, a apresentação do Corpo e do Sangue de Cristo sobre a mesa, mesmo que o instante em que a Luz da Vida entra seja infinitamente breve.

Contei-vos o que sucedeu na Última Ceia. Cristo tomou a água que estava sobre a mesa e bebeu dela. Não proibiu os discípulos de beberem o vinho que ali se encontrava. O símbolo do vinho tinto pareceu mais apropriado ao ritual: e como, nessa Última Ceia, o vinho estava sobre a mesa e todos, exceto Cristo, o beberam, o vinho foi tomado como símbolo do Banquete desde os primórdios da fundação cristã.

O vinho foi então aceite… mas devo falar do San Graal e daquele momento em que José recolheu o Sangue do lado de Cristo. O Sangue que jorrou do Seu lado era Vida, e é símbolo da Vida. É um símbolo ainda maior do que o Pão e o Vinho: pois é parte da Vida Maior que enviou Cristo ao mundo.

Tornei-vos claro que o ato não tem de ser visível. Pode ser mental. Em momentos de grande emoção, o Pensamento pode criar uma realidade maior do que a ação pode alcançar. Tentei mostrar-vos também o poder do Símbolo.

José não teria sido autorizado a aproximar-se da cruz e recolher o sangue num vaso: mas a sua agonia, o seu remorso e a sua emoção foram tais que ele criou, para si mesmo, a possibilidade. Isso concedeu-lhe a visão real que transportou consigo até à morte. Ele tomara o Sangue da Vida do lado de Cristo: e quando se concentrava suficientemente no seu pensamento, conseguia torná-lo numa coisa material e visível.

Quero mostrar-vos que, novamente no seu pensamento, ele criou a Pedra que hoje representa o Graal. Está sepultada na Abadia de Glastonbury. A cripta onde o Cálice foi depositado carregava a emoção e o pensamento de José, e com isso, trazia também VIDA — um fragmento da Vida Maior por detrás.

O símbolo da Pedra tem grande significado. José sabia que devia partir em missão e deixar a Judeia. E inquietava-o pensar que esse tesouro tão precioso se pudesse perder se uma única gota do Sangue contido naquele Cálice fosse derramada. Tal pesava-lhe no espírito. E assim, com oração e fé, o milagre ocorreu pela segunda vez. O seu pensamento tomou forma duradoura na Pedra.

A Pedra, mais uma vez, é símbolo de Vida e de Sabedoria. A Pedra Filosofal e a Pedra do Graal são uma e a mesma. A Pedra do Graal continha a Vida que lhe dava o poder de brilhar. Mas, após o tempo dos primeiros cristãos, a fé foi-se obscurecendo, e os homens voltaram a usar a Pedra com propósitos mais materiais. Procuraram ganhos terrenos a partir do símbolo, como o faziam em tempos pré-cristãos.

Esse ganho não lhes foi concedido porque, quando o Pensamento cria uma Substância visível, esta pode trazer benefícios que ajudam a mente e a alma —

ou, consoante o caso, também podem prejudicá-las. Mas os homens não devem procurar ganho material daquilo que é criado a partir do intangível.

Quanto à antiguidade do símbolo da Pedra, falaria primeiro da Pedra transportada no Ritual do Graal. Aí, a Pedra perdeu o seu pleno significado. Era transportada como símbolo de Vida: mas era tida mais como símbolo de Sabedoria Viva do que como o próprio Sangue de Cristo.

Na busca pelo Cálice do Graal, houve muitas desilusões, e só Artur e os que estavam em Glastonbury conheciam as circunstâncias reais. E nenhum dos que procuravam o Graal imaginava que uma Pedra contivesse uma porção da Vida de Cristo.

Esta crença nada tinha a ver com a Pedra do Ritual, que era transportada apenas como uma das maravilhas concedidas ao mundo por Deus. Todo o ritual deve tratar do Nascimento, Morte e Ressurreição. Cristo e o Seu Nascimento e Morte enquadram-se nas crenças pré-cristãs; e neste nascimento, fertilidade e morte têm parte. Cristo foi enviado ao mundo para cumprir o Seu percurso como todos os homens devem. O Seu nascimento, morte e ressurreição representam as estações do ano. E o Ritual do Graal não se afastou da tradição que ali esteve desde o princípio do mundo.

Desejo recordar-vos que, ao falar do Santo Graal, não deveis confundir a Pedra de José com o Cálice da Última Ceia. Esse cálice não possuía força vital especial. A Pedra do Graal é Vida em si mesma.

O Cálice da Última Ceia não está impregnado da Vida Verdadeira. É uma relíquia sagrada e carrega consigo muito da associação humana e Divina com Cristo. Mas não possui a qualidade vital concreta que era o Mistério central da Pedra.

A vida nessa Pedra correspondia, na sua forma visível, à vida e mente de José enquanto viveu: e, ao longo da história dos milagres por ela realizados, dependia sempre de um meio humano através do qual se pudesse manifestar.

Falai do San Graal como um Pensamento e uma Emoção tão fortes que criaram um Sinal tangível e visível, o qual, contendo Vida real, podia viver quando o ser humano nas suas proximidades estava apto a tomar sobre si essas condições.

(B.W.) Os sinais espirituais que entram no mundo surgem necessariamente em forma material. Assim foi ao longo dos séculos. A fé cria a força que torna possível conferir visibilidade ao que é inteiramente imaterial.

Por isso José, crendo devotamente que preservava o precioso Sangue, pela sua fé perfeita e simplicidade deu poder suficiente ao Espírito para criar o seu símbolo e torná-lo parcialmente visível aos olhos dos homens. Digo 'parcialmente'; pois, como disse antes, o Sangue de Cristo não foi retirado do

Seu lado por José num cálice, mas antes foi desmaterializado e levado para sua casa, onde apareceu sob a forma de um cálice e mais tarde de uma pedra.

O brilho do Santo Graal e o doce aroma de incenso são puramente obra da fé. A matéria está ali — não de modo permanente, mas como testemunho da fé, ela manifesta-se de tempos a tempos.

Existe um cálice de ouro de grande antiguidade em Glastonbury e há cinco pedras nele incrustadas, como vos foi dito. A pedra central é capaz de assumir as qualidades do Graal: e, além disso, é a própria pedra transportada por José de Jerusalém para Inglaterra.

José foi um dos primeiros místicos que conseguiram exteriorizar o seu corpo-alma sem consciência da mudança ocorrida. Isto dificilmente pode ser chamado de sonho: pois, num certo sentido, foi efetivamente realizado. Dificilmente consigo exprimir as condições exatas. O mundo espiritual está tão intimamente tecido no material que é difícil separar os dois.

O corpo e a alma do homem são um e indivisíveis enquanto ele vive, e no entanto um continua a existir sem consciência do outro. Isto é símbolo dos dois estados a que chamamos condição de estar vivo e condição de morte. Os dois são indivisíveis: pois o homem está morto e vivo ao mesmo tempo. A sua alma pode sair do corpo sem ter consciência disso.

(M.F.A.) O Santo Graal representa aquela porção dos mistérios cristãos que se centram no Cálice. Este Cálice simboliza o vaso humano que contém o espírito sagrado da Vida, capaz de curar.

A lenda descreve a vinda do Cálice ao Ocidente, para aí auxiliar a realização do destino humano através do seu poder vivificante. Cria na humanidade uma metamorfose pelo ajuntamento daqueles que estão dispostos a serem transformados pela obtenção de uma nova forma, composta por matéria mais subtil e refinada, sensível a um modo de vida mais elevado.

Nada pode impedir essa mudança, uma vez verdadeiramente iniciada. Assim poderá ser formado o Corpo da Ressurreição. A partir da forma exterior, ele desenvolve-se progressivamente à medida que se opera a mudança de substância: levando assim à evolução de um novo veículo no qual uma futura humanidade, a seu tempo, encarnará.

O caminho, sendo mostrado por Um apenas, torna possível, pelo esforço sincero de alguns, que todos possam dar esse passo seguinte, e o modo de existência superior será então alcançado. Para o possuidor deste Corpo Imortal, abrem-se reinos de bem-aventurança. Ninguém poderá impedir ou obstruir a sua obra uma vez que esteja plena e perfeitamente formado.

À medida que a alma se entrega à Verdade suprema, torna-se capaz de revelar essa Verdade aos outros e de ser útil no mundo exterior. Mistérios interiores do

Ser desvendam-se, e torna-se possível visitar reinos dentro de reinos à vontade; o Eu Central atinge a união com o Eu Divino que não tem Princípio nem Fim, cujo poder é o nosso poder, quando a nossa vontade se encontra em unidade consigo mesma.

Nas profundezas do solo de Avalon repousa uma pedra poderosa. Sob essa pedra descansa o Graal, no lugar onde foi há muito depositado, aguardando o regresso à Terra dos fiéis e da sua obra, para se tornar a Bênção que deve ser. Ninguém pode apressar o tempo; mas quando o tempo for chegado, a revelação despertará o mundo para esse modo de vida superior e os poderes das trevas, que durante tanto tempo triunfaram sobre o Bem, serão destruídos; e para aqueles que tiveram força para resistir às suas forças, será encontrada sustentação que lhes permitirá vencer os seus efeitos nocivos no mundo exterior.

Apêndice IV.
SOBRE O MOMENTO DA CRUCIFICAÇÃO E DA FESTA DA PÁSCOA

Foi muito difícil obter de Filipe uma afirmação clara sobre o dia e a hora da Crucificação. Finalmente, João veio em seu auxílio, e num escrito datado de 4 de Junho de 1926, ele diz:

"A crucificação teve lugar por volta das três horas da tarde, no primeiro dia da Páscoa. Foi muito cedo nesse dia que Cristo foi levado perante Caifás, e foi entre o meio-dia e a uma hora que foi apresentado a Pilatos. Portanto, mal foi possível levá-l'O de volta à prisão e flagelá-l'O antes de iniciar a caminhada até ao Gólgota. Ouvi Filipe e quis esclarecer isto. Agora sabeis a hora em que tudo aconteceu. Os prisioneiros chegaram ao Gólgota por volta das três horas. Era quase quatro quando foram erguidos na cruz.

É verdade que não se realizavam execuções durante as Festas. A urgência desta, por receio de motim, levou a que fosse executada tão rapidamente. Foi ação do sacerdócio, que tinha todo o poder em assuntos de natureza religiosa. Quando se tratava de crime civil, o caso era distinto. Este foi um caso excecional. Os ladrões foram levados para disfarçar a notoriedade da execução de Jesus. Em circunstâncias normais, não teriam sido executados antes de terminados os nove dias."

João foi então questionado sobre os 'nove dias'.

"Falei da Páscoa no sentido de que havia cinco dias da Festa, dois dias de preparação antes, e dois depois, durante os quais o banquete nas famílias continuava. Para nós, era a Festa dos nove dias."

DA DISPERSÃO DO ESPÍRITO DE CRISTO

‘Em que dia foi sacrificado o Cordeiro?’

“No terceiro dia (dos nove).”

‘Filipe disse que restavam cinco dias após isso.’

“Ele falava da Festa, como vos expliquei — não da cerimónia religiosa em si.”

‘Poderias descrever as preparações dos primeiros dias?’

“As preparações consistiam na preparação do Cordeiro e do Pão para o primeiro dia. Havia vários pequenos rituais realizados em cada lar antes de começar a Festa: a separação das entranhas, a disposição da lã, que no meu tempo era pendurada à entrada da casa para saudar os convidados.”

Apêndice V.
DA DIFUSÃO DO ESPÍRITO SANTO DE CRISTO

(C.) “Tenho este significado, dado a um que falou, mas não convosco anteriormente.

Cristo, no tempo da Sua amarga angústia, clamou não pela dor do corpo, mas pela amarga aflição do Espírito. Este foi repartido em muitas partes, e estas tornaram certa a entrada do Espírito Santo quando desceu sobre aqueles que seguiam Cristo.

Conheceis a Palavra que agora se encontra nas Escrituras Sagradas:

‘REPARTIRAM AS MINHAS VESTES, DEITANDO SORTES.’

Isso foi apenas o sinal da partilha do espírito de Cristo: e foi entre os soldados, o povo do mundo ocidental, que Ele foi assim dividido.

Isto significa que a Luz da Fé seria levada para o Ocidente.

Cristo, na Sua Essência, voltou ao Pai, mas muito do Seu Espírito foi retirado, para que os simples irmãos pudessem levar a mensagem às gerações dos homens. Não foi o sacrifício do corpo. Foi a perda do Espírito que tornou aquela Morte a mais santa e elevada.”

Apêndice VI.
DE MARIA MADALENA E MARIA DE BETÂNIA, IRMÃ DE LÁZARO E MARTA

Verifica-se que a narrativa de Filipe não permite confusão entre a identidade de Maria Madalena e Maria, irmã de Lázaro. Mas, segundo uma antiga tradição aceite por muitos dos principais Padres da Igreja desde o tempo de Tertuliano, estas seriam uma e a mesma pessoa.

A fusão das duas personalidades pode inferir-se da passagem (colocada entre parênteses na nossa versão autorizada) que encabeça o capítulo XI do Evangelho segundo São João. Aí lemos:

“Estava então enfermo certo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. (Era aquela Maria que ungiu o Senhor com bálsamo e Lhe enxugou os pés com os cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfermo).”

A mulher da cidade da Galileia ‘que era pecadora’, cuja ministração a Jesus é narrada em Lucas VII, 37-50, parece claramente ser Maria Madalena, pois o capítulo seguinte trata da sua purificação. Essa unção, segundo Lucas, deu-se na casa de Simão, o fariseu.

A versão de Filipe não especifica o lugar nem a região onde isso ocorreu, mas afirma que sucedeu pouco antes de o seu Mestre sofrer. Tem-se, naturalmente, admitido que houve duas unções — a primeira no início do ministério de Cristo, a segunda pouco antes da traição. Filipe conheceria apenas a segunda diretamente, pois a primeira teria acontecido antes de ele se juntar ao grupo de Cristo.

Os nossos tradutores, seguindo uma tradição firmemente estabelecida, usaram o nome de Maria Madalena nos seus resumos. Mas sempre existiu uma corrente de opinião que defendia que a irmã de Lázaro não era a Madalena. Para aceitar a visão tradicional, seria necessário supor que Maria, por causa da sua vida pecaminosa, teria sido expulsa de sua casa em Betânia, viajado até viver na Galileia, e mais tarde reconciliada com os seus irmãos, readmitida na família.

Com todo o respeito pela tradição genuína, devemos ter em mente que este não é de todo o único caso de identidade confundida devido à partilha do mesmo nome entre duas ou mais pessoas; e isto levou mais de uma vez a uma suposição que, com o tempo, se tornou tradição amplamente aceite. Assim sucedeu com Filipe, o Evangelista, cujos labores missionários têm sido confundidos com os do apóstolo São Filipe.

Apêndice VII.
SOBRE A CASA DA ÚLTIMA CEIA

Filipe fala com certeza quanto a esta casa com o cenáculo, afirmando ter pertencido a José de Arimateia, a quem chama seu "Pai", no sentido de que ele, Filipe, foi mais tarde um dos membros da missão de que José foi o líder — primeiro em Aix-en-Provence e depois na Bretanha.

Contudo, esta narrativa entra em conflito com uma tradição bem estabelecida da Igreja, de venerável antiguidade, que atribui a posse desta casa ao pai e à mãe de Marcos. Epifânio regista que se situava no Monte Sião e que escapou à destruição de Jerusalém por Tito. Tem sido considerada como a única casa restante que pode ser identificada em ligação com a narrativa evangélica, e, após a crucificação, tornou-se o local de reunião geral dos discípulos. São Cirilo e São Jerónimo aceitam esta tradição.

Foi nesta casa que Jesus apareceu aos discípulos, e foi também aqui que o Espírito Santo desceu no Pentecostes. Também nos é dito, no livro dos Atos (cap. 12), que São Pedro, ao ser libertado da prisão por um anjo, dirigiu-se à casa de Maria, mãe de Marcos, onde muitos estavam reunidos em oração.

Não há, porém, necessariamente contradição entre as duas histórias se supusermos que Marcos e sua mãe eram residentes, talvez membros do agregado familiar de José, um homem abastado, sendo ele seu senhorio ou empregador. A maioria dos primeiros convertidos ao Cristianismo era constituída por pessoas de condição humilde.

Apêndice VIII.
AS PALAVRAS DO MISTÉRIO

(1) Referência à página 133.
O MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE
(Conforme apresentado no *Pistis-Sophia*, um evangelho gnóstico do século II d.C.)

- **A Paternidade** (*PATROTES*, no Mistério).
- **A Plenitude** (*PLEROMA*, no Mistério = O Cristo).
- **O Grande Consolador** (*MEGAS PARAKLETOS*, no Mistério).

Todos estes são considerados presentes na sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo. A sua natureza co-igual é indicada pelo número misterioso **1059**, que é igual para todos.

**** Isto é, a descida do Espírito Santo — que era a Mente libertada de Cristo — não poderia ocorrer enquanto Ele estava ainda na carne.

(2) Referência à página 146.

O MISTÉRIO DO PÃO PARTIDO

(No rito eucarístico grego)

No mistério grego, *ARTOS* (O Pão) é chamado *KLASTON* (= Partido), e ambos têm, por gematria, o número **671**, sendo múltiplos de onze. E *TO KLASTON* (O Partido) tem o número **1041**, que é também o número de *SOMA* = O Corpo. É um simbolismo belo e perfeito.

Os cálculos (por valores alfabéticos gregos) demonstram que:

- ARTOS = 671
- KLASTON = 671
- TO KLASTON = 1041
- SOMA = 1041

O simbolismo aqui liga o Pão partido com o Corpo de Cristo, em número e essência espiritual.

Apêndice IX.
SOBRE A TRANSMISSÃO DOS ESCRITOS

Há duas funções claramente distintas envolvidas na receção da memória e do conhecimento da Experiência Passada da Raça, que subsiste no Tesouro eterno da Supra-Mente, a qual regista e coordena toda a história da Humanidade e decreta o seu progresso com base nas lições assimiladas da experiência passada.

Estas duas funções são por vezes encontradas reunidas numa mesma pessoa. Designamos tais pessoas por “médiuns”. Contudo, mais frequentemente, estas funções manifestam-se quando há uma associação mental ou espiritual entre duas ou mais pessoas agindo em plena harmonia. Quando esta harmonia se verifica de forma verdadeira, realiza-se a verdade da palavra de Cristo: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles” (Mateus 18:20) e ainda:

“Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto vos tenho dito” (João 14:26). A nossa aceitação destas palavras não é mera adesão reverente à palavra de um Mestre amado, com fé mas sem entendimento. É a aceitação, com total compreensão, de uma verdade científica comprovada pela experiência e acolhida com pleno assentimento intelectual.

Agora, quanto a estas duas funções necessárias à Visitação do Espírito do Conhecimento e da Memória: uma é mental, a outra física. Uma é não-

manifesta, a outra manifesta-se através do organismo corporal. A componente física — onde se inclui, por exemplo, o poder de escrever mensagens inconscientemente, inspiradas por uma fonte desencarnada — é um dom natural e nada tem a ver com o carácter pessoal do agente. O agente é apenas um canal para a transmissão de forças espirituais de natureza independente.

A função mental, por outro lado, depende da presença de uma atitude mental bem definida por parte de um dos envolvidos. A esta predisposição mental deve associar-se um elemento emocional — de natureza entusiasticamente espiritual — orientado por um ideal bem marcado. Isso cria o canal de "simpatia mental" necessário à verdadeira invocação do Conhecimento que reside na Mente do Espírito.

Tal entusiasmo espiritual esteve presente quando as Memórias monásticas foram evocadas e puderam expressar-se pela mão e, em certa medida, pelo cérebro do médium. Mas esse médium afirmou sempre que, sem a associação do colaborador que mantinha o contacto com as Memórias da Abadia de Glastonbury, nada conseguia obter do conteúdo específico que contribuía para o conjunto de conhecimentos detalhados que se tornavam acessíveis quando ambos estavam presentes e em plena sintonia de propósito.

Da mesma forma, a Sra. Dowden sempre afirmou que nada conseguia obter de Filipe sem a presença do Sr. Bond, com a sua mão tocando na dela. Repetidamente declarou estar convicta de que, no seu caso, deveria ser reconhecida uma "mediunidade dual", pois o seu acompanhante sempre influenciava o conteúdo das comunicações de forma específica.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS A ESCRITOS RECEBIDOS POR INSPIRAÇÃO

Nos rolos de proclamações proféticas do Antigo Testamento, não devemos esperar encontrar muitos registos que sugiram a receção de escritos diretamente influenciados por uma agência espiritual de forma inconsciente ou "automática"; pela simples razão de que, a menos que o 'profeta' fosse também um escriba treinado, seria mais provável que recebesse impressões por audição ou visão — o que hoje chamaríamos de perceção clarividente ou clariaudiente. Numa nação pouco escolarizada, em que a maioria não sabia escrever, a ideia de um uso involuntário da mão para comunicações espirituais não surgiria naturalmente.

Contudo, podemos recorrer às Escrituras para encontrar precedentes deste tipo de comunicação espiritual. Em II Crónicas 21:12, menciona-se um escrito que chega ao rei Jeorão, sete anos depois da morte do profeta Elias. Como aprendemos em II Reis 3:15, o seu aliado Josafá, rei de Judá, procurou a ajuda do profeta Eliseu quando havia o risco de serem entregues nas mãos do rei de Moabe. Eliseu pediu um harpista, e enquanto este tocava, "a mão do Senhor

veio sobre Eliseu". Voltando à passagem em Crónicas, encontramos: "E veio-lhe um escrito de Elias, o profeta, dizendo: Assim diz o Senhor, Deus de David, teu pai: Porque não andaste nos caminhos de Josafá, teu pai... mas fizeste com que Judá e os habitantes de Jerusalém se prostituíssem... o Senhor ferirá o teu povo com grande praga, etc."

É evidente que aqui a expressão "a mão do Senhor" representa o poder concedido para escrever o rolo profético. E não se trata do registo de uma voz ou visão, mas sim do poder da "mão de Javé".

Mais uma vez, em I Crónicas 28:11, David entrega ao seu filho Salomão o modelo do Templo que este deverá construir. Trata-se do "modelo de tudo quanto tinha no espírito" (v. 12), e no versículo 19 David declara:

"Tudo isto, disse ele, me fez entender o Senhor por escrito da sua mão sobre mim, a saber, todas as obras deste modelo."

E no capítulo 29, versículo 16, David, louvando a Deus pelas ofertas dadas para o Templo, afirma:
"Senhor, nosso Deus, toda esta abundância que preparamos para edificar uma casa ao teu santo nome vem da tua mão e é toda tua."

É possível que a narrativa sobre Moisés em Êxodo 32:15, relativa à feitura das duas Tábuas da Lei, deva ser interpretada de modo semelhante; embora, nesse caso, a arte inspirada dos escultores Bezaleel e Aoliabe seja colocada ao serviço de Moisés para a execução das Tábuas (cap. 31:2–6). Quando Moisés desce do Monte com as duas Tábuas gravadas nas mãos, vê-se que estão escritas de ambos os lados: e a escrita é a escrita de Deus, gravada sobre as tábuas.

Bezaleel e Aoliabe são mencionados como sendo inspirados. Bezaleel é "cheio do Espírito de Deus, em sabedoria, em entendimento, em ciência e em todo o artifício... na obra das pedras lavradas", etc. Ele é encarregado de fabricar o Tabernáculo da congregação, a Arca do Testemunho, o Propiciatório que está sobre ela e todo o mobiliário do Tabernáculo. Podemos, pois, concluir que as duas Tábuas do Testemunho fazem parte da sua obra para Moisés.